

"Um dos poucos livros que sobreviverão  
à época em que foram escritos."

*New Stateman*

# O ZERO ED INFINITO

ARTHUR  
KOESTLER

  
Amarilyls

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

# O ZERO E O INFINITO

# O ZERO E O INFINITO

ARTHUR KOESTLER

Tradução de  
André Pereira da Costa





Copyright © Arthur Koestler 1940

Título original alemão: *Sonnenfinsternis*  
Traduzido da edição inglesa (*Darkness at Noon*)

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

*Capa:* Depto de Arte da Editora Manole  
*Editor-gestor:* Walter Luiz Coutinho  
*Editor:* Enrico Giglio  
*Produção editorial:* Marcia Men

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Koestler, Arthur, 1905-1983.  
O zero e o infinito / Arthur Koestler; tradução de  
André Pereira da Costa. – Barueri, SP : Amarilys, 2013.

Título original: *Darkness at noon*.  
ISBN 978-85-204-3594-6

1. Ficção húngara 2. Prisioneiros políticos -  
Ficção 3. União Soviética - História - Ficção  
I. Título.

12-15683                      CDD-894.511

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura húngara 894.511

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores. É proibida a reprodução por xerox.

Amarilys é um selo editorial Manole.

A Editora Manole é filiada à ABDR - Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

1ª edição brasileira - 2013

Editora Manole Ltda.

Av. Ceci, 672 - Tamboré

06460-120 - Barueri - SP - Brasil

Tel. (11) 4196-6000 - Fax (11) 4196-6021

[www.manole.com.br](http://www.manole.com.br) / [www.amarilyseditora.com.br](http://www.amarilyseditora.com.br)

[info@amarilyseditora.com.br](mailto:info@amarilyseditora.com.br)

# ÍNDICE

[O Primeiro Interrogatório](#)

[O Segundo Interrogatório](#)

[O Terceiro Interrogatório](#)

[A Ficção Gramatical](#)

Os personagens deste livro são fictícios. As circunstâncias históricas que determinaram suas ações são reais. A vida de N. S. Rubashov é uma síntese das vidas de muitos homens que foram vítimas dos denominados “Julgamentos de Moscou”. Vários desses homens o Autor conheceu pessoalmente. Este livro é dedicado à memória deles.

Paris, outubro de 1938 - abril de 1940

*“Quem impuser uma ditadura e não matar Brutus, ou quem fundar uma república e não matar os filhos de Brutus, governará somente por pouco tempo.”*

Maquiavel, *Discursos*

*“Meus caros, não se pode viver totalmente sem compaixão.”*

Dostoievski, *Crime e Castigo*

# O PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

# 1.

*“Ninguém pode governar sem culpa.”*  
SAINT-JUST

A porta da cela bateu com força atrás de Rubashov.

Ele se encostou à porta por alguns segundos e acendeu um cigarro. Sobre a cama, à direita, havia dois cobertores razoavelmente limpos, e o colchão parecia recém-forrado de palha. O lavatório à sua esquerda não tinha tampa, mas a torneira funcionava. O vaso ao lado acabara de ser desinfetado, não fedia. As paredes de ambos os lados eram de tijolo maciço, o que abafava o ruído de batidas, mas o ponto por onde penetrava o encanamento de calefação e esgoto fora emboçado e percutia muito bem; além disso, o próprio cano de calefação parecia ser bom condutor de som. A janela ficava na altura dos olhos; era possível ver o pátio lá embaixo sem ter que se pendurar nas grades. Até aí estava tudo em ordem.

Ele bocejou, tirou o casaco, dobrou-o e o pôs sobre o colchão a modo de travesseiro. Olhou o pátio. A neve refulgia, amarelecida pela dupla luz da lua e dos lampiões elétricos. Em volta do pátio, ao longo dos muros, fora aberta uma trilha estreita na neve para os exercícios diários. A aurora ainda não surgira; as estrelas continuavam a cintilar, claras e frias, apesar dos lampiões. No alto da muralha externa, que se erguia do lado oposto à cela de Rubashov, um soldado com o fuzil de través dava seus cem passos para cima e para baixo; a cada passada batia os pés, como se estivesse em um desfile militar. De vez em quando a luz amarelada dos lampiões faiscava em sua baioneta.

Tirou os sapatos, sempre à janela. Apagou o cigarro, largou a guimba no chão perto da cabeceira da cama, e permaneceu sentado no colchão por alguns minutos. Retornou à janela. O pátio estava silencioso; a sentinela fizera meia-volta; por sobre a torre de artilharia avistava-se uma nesga da Via Láctea.

Rubashov se estirou no catre e se enrolou num dos cobertores. Eram cinco horas e muito pouco provável que alguém aqui precisasse se levantar antes das sete no inverno. Estava com muito sono e, pensando bem, concluiu que dificilmente seria levado a interrogatório em menos de três ou quatro dias. Tirou o *pince-nez*, deixou-o sobre o piso de lajotas ao lado da guimba do cigarro, sorriu e fechou os olhos. Assim bem aquecido, envolto no cobertor, estava se sentindo protegido; pela primeira vez em meses não tinha medo de sonhar.

Quando, minutos depois, o carcereiro apagou a luz externa e olhou pela vigia para dentro da cela, Rubashov, que havia sido Comissário do Povo, dormia, de costas para a parede, com a cabeça sobre o braço esquerdo estendido para fora da cama; só a mão, que pendia solta da extremidade do braço, se contraía no sono.

## 2.

Uma hora antes, quando os dois oficiais do Comissariado do Povo para Assuntos Internos batiam à porta para prendê-lo, Rubashov sonhava que estava sendo preso.

As batidas foram ficando mais fortes e Rubashov fez um esforço para despertar. Ganhara prática em se livrar de pesadelos, desde que há anos o sonho de sua primeira prisão se repetia periodicamente e transcorria com a regularidade de um relógio. Às vezes, graças a uma enorme força de vontade, ele conseguia deter o mecanismo e escapar do sonho, mas desta vez não teve sucesso; as últimas semanas o haviam exaurido, ele suava e respirava com dificuldade durante o sono; o relógio trabalhava, o sonho prosseguia.

Ele sonhava, como sempre, que esmurravam sua porta, e três homens esperavam do lado de fora para prendê-lo. Podia vê-los pela porta fechada, ali de pé, vestindo os uniformes novos e bem talhados dos guardas pretorianos da ditadura alemã; nos quepes e nas mangas exibiam sua insígnia: a cruz agressivamente pontiaguda; nas mãos livres portavam pistolas grotescamente grandes; as tiras e correias do fardamento cheiravam a couro novo. Agora estavam no quarto, à beira de sua cama. Dois deles eram rapagões rudes do campo, de lábios grossos e olhos de peixe; o terceiro era baixo e gordo. Diante da cama, armas em punho, respiravam pesadamente sobre Rubashov. O silêncio era total, a não ser pelo resfolegar asmático do gordo baixinho. Nesse momento alguém, num andar mais acima, deu a descarga e a água veio descendo direto pelos canos das paredes.

A corda do relógio estava acabando. As batidas soavam mais alto; do lado de fora, os dois homens que tinham vindo prender Rubashov batiam na porta e sopravam as mãos

enregeladas alternadamente. No entanto Rubashov não conseguia acordar, mesmo sabendo que agora se seguiria uma cena particularmente aflitiva: os três continuam à sua cabeceira enquanto ele tenta vestir o roupão. Porém, a manga está virada pelo avesso e ele não consegue passar o braço por ela. Tenta em vão até ser colhido por uma espécie de paralisia: não é capaz de se mexer, embora tudo dependa de ele conseguir enfiar o braço pela manga do roupão a tempo. Essa impotência angustiante dura alguns segundos, durante os quais Rubashov geme sentindo a fria umidade nas têmporas; as batidas na porta lhe invadem o sono como um rufar distante de tambores; seu braço sob o travesseiro se contrai no esforço febril de encontrar a manga do roupão; até que, finalmente, é libertado pela primeira coronhada contundente no ouvido...

Com a sensação costumeira, vivida e revivida uma centena de vezes, desse primeiro golpe - do qual se originava sua surdez - Rubashov acabava despertando. Por algum tempo ainda se sentia trêmulo e a mão, espremida sob o travesseiro, continuava em busca da manga do roupão; pois, como regra, antes de acordar totalmente, ele ainda tinha que passar pela última e pior etapa. Consistia numa sensação vaga e alucinante de que esse despertar era o sonho real e de que, na verdade, ele continuava deitado no chão úmido de pedra da cela escura, o balde a seus pés e, perto da cabeça, o jarro de água e migalhas de pão...

Desta vez também, por alguns segundos, a perplexidade se manteve, a dúvida se sua mão tateante iria tocar no balde ou se toparia com o interruptor da lâmpada de cabeceira. Então a luz se fez e rompeu a penumbra. Rubashov respirou fundo várias vezes e, como um convalescente, cruzou as mãos sobre o peito, desfrutando a deliciosa sensação de liberdade e segurança. Enxugou a testa e a parte posterior da cabeça, meio calva, com o lençol, e piscou com a já recobrada ironia para a foto

colorida do Nº 1, o líder do Partido, pendurada sobre a cama na parede do quarto - e nas paredes de todos os quartos ao lado, acima e abaixo do seu; nas paredes das casas, da cidade, do imenso país pelo qual ele havia lutado e sofrido, e que agora novamente o acolhia em seu regaço amplo e protetor. Rubashov agora estava totalmente desperto; mas as batidas na porta continuavam.

### 3.

Os dois homens que tinham vindo prender Rubashov se entreolharam no patamar escuro da escada. O porteiro Vasily, que os levara até em cima, ficou parado à porta do elevador ofegando e tremendo de medo. Era um velho magro; sobre a gola puída do sobretudo militar que jogara por cima do camisolão de dormir via-se uma grande cicatriz vermelha que lhe dava um aspecto escrofuloso. Era o resultado de um ferimento no pescoço recebido na Guerra Civil, durante a qual combatera no regimento de resistência comandado por Rubashov. Depois Rubashov foi mandado para o exterior e só ocasionalmente Vasily teve notícias dele pelos jornais que a filha lia todas as noites. Ela lia para ele os discursos que Rubashov fazia nos Congressos; eram longos e difíceis de entender, e Vasily jamais conseguiu identificar neles a voz do comandante barbudinho que sabia blasfêmias tão lindas que faziam sorrir até a Virgem Santa de Kazan. Geralmente Vasily dormia no meio daqueles discursos, mas sempre acordava quando a filha, ao chegar às frases finais e aos aplausos, erguia solenemente a voz. A cada encerramento protocolar, “Viva a Internacional! Viva a Revolução! Viva o Nº 1”, Vasily aduzia um contrito “Amém”, bem baixinho para que a filha não escutasse; em seguida tirava o paletó, fazia discretamente o sinal da cruz e, esmagado pelo remorso, ia se deitar. Na parede sobre sua cama havia um retrato do Nº 1 e ao lado uma fotografia de Rubashov como comandante das forças de resistência. Se descobrissem essa foto, ele provavelmente também seria levado.

Estava frio, escuro e tudo muito silencioso na escada. O mais jovem dos dois homens do Comissariado para Assuntos Internos propôs arrebentar a tiros a fechadura. Vasily se encostou à porta do elevador; não tivera tempo de

calçar direito os sapatos, suas mãos tremiam tanto que não lhe permitiram amarrar os cadarços. O mais velho foi contra; a prisão deveria transcorrer discretamente. Ambos sopraram as mãos enregeladas e reiniciaram a pancadaria na porta; o mais jovem batia com a coronha do revólver. Alguns andares abaixo uma mulher berrou com voz estridente.

- Diga a ela para calar a boca - ordenou o jovem a Vasily.
- Silêncio - gritou Vasily. - Aqui é a autoridade.

Imediatamente a mulher ficou quietinha. O jovem então resolveu fustigar a porta com as botas. O barulho ressoou por toda a escadaria; finalmente a porta se abriu e foi ao chão.

Os três se postaram diante da cama de Rubashov, o mais moço com a pistola na mão, o mais velho em posição de sentido; Vasily se manteve alguns passos atrás; encostado à parede. Rubashov, ainda enxugando o suor da nuca, olhou-os com ar sonolento.

- Cidadão Rubashov, Nicolas Salmanovich, nós o estamos prendendo em nome da lei - disse o jovem. Rubashov procurou os óculos sob o travesseiro e tentou se aprumar. Agora com os óculos, seu rosto tinha a expressão que Vasily e o oficial mais velho conheciam de antigas fotografias e retratos coloridos. O mais velho se mantinha em posição de sentido; o mais jovem, que crescera em meio a novos heróis, deu mais um passo em direção à cama; os outros perceberam que ele estava prestes a dizer ou a fazer algo brutal para disfarçar seu constrangimento.

- Afaste essa arma, camarada - disse-lhe Rubashov. - Então, o que querem comigo?

- Você ouviu muito bem, está preso - disse o jovem. - Vista-se sem fazer escândalo.

- Têm um mandado de prisão? - quis saber Rubashov.

O oficial mais velho tirou um papel do bolso, entregou-o a Rubashov e retornou à posição de sentido.

Rubashov leu-o com atenção.

- Muito bem - disse em seguida. - Nunca há um responsável por essas coisas; que o diabo os carregue.

- Vista-se rápido - disse o rapaz.

Via-se que a brutalidade não era mais uma máscara, mas sim algo natural nele. Que bela geração nós produzimos, pensou Rubashov. Lembrou-se dos cartazes de propaganda nos quais a juventude era sempre representada com uma face sorridente. Sentiu-se cansado.

- Passe aí o meu roupão, em vez de ficar zanzando com esse revólver - falou para o jovem oficial, que enrubesceu, mas permaneceu calado. O mais velho entregou o roupão a Rubashov que enfiou o braço pela manga.

- Dessa vez não custou tanto, pelo menos - disse com um sorriso nervoso. Os três não entenderam, mas não falaram nada. Observaram-no saindo da cama devagar e juntando as roupas amarrotadas.

O prédio ficara silencioso após o grito estridente e isolado da mulher, mas eles tinham a sensação de que todos os moradores se achavam bem acordados em suas camas, prendendo a respiração.

Então ouviram alguém num andar de cima dar a descarga e a água descer direto pelos canos.

## 4.

À porta da frente do prédio estava estacionado o carro em que vieram os oficiais, um modelo americano novo. Ainda estava escuro; o motorista acendeu os faróis; a rua estava adormecida ou fingia estar. Eles entraram no carro, primeiro o jovem, em seguida Rubashov e depois o oficial mais velho. O chofer, também uniformizado, ligou o motor. Passada a esquina, acabava o asfalto; ainda estavam no centro da cidade; em torno havia grandes edifícios modernos de nove e dez andares, mas as ruas eram autênticos caminhos de roça com lama congelada e um fino salpicado de neve entre as rachaduras. O motorista dirigia em velocidade muito baixa e o estupendo sistema de molas do automóvel gemia e rangia feito um carro de boi.

- Mais depressa - disse o jovem, que não suportava o silêncio no carro.

O motorista deu de ombros sem se virar. Lançara um olhar vago e de poucos amigos para Rubashov quando este entrou no carro. Rubashov já havia sofrido um acidente antes; o homem ao volante da ambulância olhara para ele desse mesmo modo. A lentidão e os solavancos pelas ruas mortas, sob a luz tremeluzente dos faróis, eram algo difícil de aguentar.

- Falta muito? - perguntou Rubashov, sem olhar para os companheiros.

Quase acrescentou: "até o hospital".

- Uma boa meia hora - respondeu o mais velho.

Rubashov tirou do bolso um maço de cigarros, pôs um na boca e automaticamente fez o maço circular. O mais jovem recusou abruptamente, o mais velho pegou dois e deu um ao motorista. O motorista tocou no quepe e ofereceu o isqueiro a todos, controlando o volante com uma das mãos. Rubashov se sentiu mais leve; ao mesmo tempo isso o

deixou irritado. Bela hora para ficar emotivo, pensou. Mas não teve como resistir à tentação de falar e despertar um pouco de calor humano à sua volta.

- Coitado do carro - disse. - Esses carros estrangeiros custam uma nota, e basta seis meses nas nossas ruas para que eles se acabem...

- Nisso você está certo. Nossas ruas são muito atrasadas - disse o oficial mais velho. Pelo seu tom de voz Rubashov percebeu que ele havia entendido o desabafo. Sentiu-se como um cão para o qual alguém acabava de jogar um osso; resolveu não falar mais. De repente, entretanto, o jovem falou quase agressivamente:

- E por acaso elas são muito melhores nos estados capitalistas?

Rubashov teve que rir.

- Você já saiu daqui alguma vez? - perguntou.

- Eu sei perfeitamente como são as coisas por lá - disse o rapaz. - Não precisa me contar histórias a respeito.

- Por quem exatamente você me toma? - Rubashov replicou com toda calma. Mas, sem conseguir se conter, acrescentou: - Você deveria realmente estudar um pouco da história do Partido.

O jovem se calou e cravou os olhos nas costas do motorista. Ninguém falava. Pela terceira vez ele deixara morrer o motor resfolegante e o ligara novamente, soltando um palavrão. Seguiram sacolejando pelas periferias; nada havia mudado na fachada das casas miseráveis de madeira. Sobre suas silhuetas retorcidas pairava a lua, pálida e fria.

## 5.

Em todos os corredores do novo presídio modelo ardia a luz elétrica. Caía tristemente sobre as galerias de ferro, as paredes nuas caiadas, as portas das celas com os cartões contendo o nome do preso e os buracos negros das vigias. Essa luz desbotada, esse som estrídulo e sem eco dos passos sobre o chão de lajotas já lhe eram tão familiares que Rubashov, por alguns instantes, fantasiou que estava sonhando novamente. Tratou de se convencer de que nada daquilo era real. “Se eu puder acreditar que estou sonhando, será de fato um sonho”, pensou.

Tentou tão intensamente que quase ficou tonto; logo, porém, brotou dentro dele uma vergonha asfixiante. “Tenho que passar por isso”, pensou. “Por isso tudo. Até o fim.” Chegaram à cela 404. Sobre a vigia havia um cartão com seu nome, Nicolas Salmanovich Rubashov. “Prepararam tudo com cuidado”, pensou; a visão de seu nome no cartão lhe causou uma impressão inexplicável. Quis pedir ao carcereiro mais um cobertor, mas a porta já se fechara às suas costas.

## 6.

Em intervalos regulares o carcereiro espiava a cela de Rubashov pela vigia. Rubashov se deitara tranquilamente no catre; só sua mão de vez em quando se contraía durante o sono. No chão de lajotas, ao lado do catre, descansavam o *pince-nez* e uma ponta de cigarro.

Às sete da manhã - duas horas após ter sido trazido para a cela 404 - Rubashov foi acordado por um toque de clarim. Não tinha sonhado, e sentia as ideias claras. O clarim repetiu três vezes a mesma sequência estrepitosa. As notas tremidas ecoaram e morreram; restou um silêncio pernicioso.

O dia ainda não clareara totalmente; os contornos da latrina e do lavatório eram atenuados pela luz mortiça. A grade era um borrão negro recortado contra a vidraça encardida da janela; no alto, à esquerda, um vidro partido havia sido tapado com um pedaço de jornal. Rubashov se sentou, alcançou o *pince-nez* e a ponta do cigarro do chão ao lado da cama e se deitou novamente. Botou o *pince-nez* e conseguiu acender a guimba. O silêncio persistia. Em todas as celas pintadas a cal daquele vespeiro de concreto, os homens se levantavam simultaneamente de seus catres, praguejando e andando às tontas, embora nas celas de isolamento nada se ouvisse - a não ser, de tempos em tempos, passos se afastando pelo corredor. Rubashov sabia que estava numa cela de isolamento e que nela ficaria até ser fuzilado. Correu os dedos pela barbicha pontuda, fumou seu resto de cigarro e se deitou imóvel.

“Então, serei fuzilado”, pensou Rubashov. Piscando os olhos, observou o movimento do dedão do pé, que despontava verticalmente na ponta da cama. Sentia-se aquecido, seguro e bastante cansado; não via problema em cair direto num sono mortal, aqui e agora, contanto que o

deixassem sob o calor dessas cobertas. “Quer dizer que eles vão fuzilar você”, disse consigo mesmo. Mexeu devagar os dedos dos pés dentro da meia e lhe veio à cabeça um verso que comparava os pés de Cristo a um corço branco num espinheiro. Esfregou o *pince-nez* na manga num gesto que era familiar a todos que o conheciam. No calor da coberta sentia-se quase completamente feliz e com medo de uma única coisa: ter que se levantar e se mover. “Então você será destruído”, disse a si mesmo à meia voz enquanto acendia outro cigarro, apesar de só lhe restarem três. Os primeiros cigarros, com o estômago vazio, às vezes provocavam nele uma leve sensação de embriaguez; e já se encontrava naquele estado peculiar de excitação que conhecia de experiências anteriores ante a proximidade da morte. Ao mesmo tempo tinha consciência de que sua condição era censurável e até inadmissível com base em certo ponto de vista – ponto de vista que, no entanto, não se sentia inclinado a adotar nesse momento. Ao contrário: observando o movimento brincalhão dos seus dedinhos dos pés dentro da meia, sorriu. Viu-se envolvido por uma onda tépida de simpatia pelo seu corpo, do qual em geral não gostava, e por uma agradável sensação de compaixão pela própria e iminente destruição. “A velha guarda está morta”, disse consigo mesmo. “Nós somos os últimos. Seremos destruídos. Pois a juventude dourada, como os limpadores de chaminés, todos ao pó retornarão...”. Tentou recordar a música do “ao pó retornarão”, mas só a letra lhe vinha à cabeça. “A velha guarda está morta”, repetiu, tentando lembrar suas fisionomias. Só conseguia se lembrar de alguns deles. Do primeiro presidente da Internacional, que foi executado como traidor, só lhe vinha à memória o colete quadriculado por cima da barriga proeminente. Ele nunca usava suspensórios, sempre cintos de couro. O segundo Primeiro-Ministro do Estado Revolucionário, igualmente executado, roía as unhas nos momentos de perigo... “A História haverá de reabilitá-lo”, pensou Rubashov, sem

muita convicção. O que sabe a História sobre roer unhas? Enquanto fumava, pensava nos mortos, e na humilhação que antecederia a morte dos dois. Apesar de tudo, não conseguia ter ódio do Nº 1 como deveria. Olhara muitas vezes para o retrato colorido do Nº 1 pendurado sobre sua cama e tentara odiá-lo. Ele e os companheiros lhe tinham dado muitos apelidos, mas no final foi mesmo este o que pegou: *Nº 1*. O horror que emanava do Nº 1 vinha da possibilidade de ele estar certo, e de que todos aqueles que ele assassinara tivessem que admitir, mesmo com a bala na nuca, que ele bem poderia estar com a razão. Não havia certeza; restava-lhes apenas recorrer a esse oráculo zombeteiro chamado História, que só dava sua sentença quando a queixada do consulente há muito tinha virado pó.

Rubashov teve a impressão de estar sendo observado. Sabia, sem olhar, que uma pupila colada ao buraco da vigia estava examinando o interior da cela; com efeito, passado um instante, a chave girava na pesada fechadura. Demorou um pouco até a porta se abrir. O carcereiro, um velhote baixinho de chinelos, postou-se à porta:

- Por que ainda não se levantou? - perguntou ele.
- Estou doente - disse Rubashov.
- O que você tem? Não vai poder ver o médico até amanhã.
- Dor de dente - disse Rubashov.
- Dor de dente, é? - repetiu o carcereiro, arrastando-se para fora e batendo a porta.

“Agora pelo menos posso ficar aqui deitado em paz”, pensou, mas isso não lhe trazia mais prazer. O calor abafado do cobertor se tornara desagradável e Rubashov o jogou para longe. Tentou mais uma vez observar os movimentos dos dedos dos pés, mas isso o entediou. No calcanhar de cada meia havia um furo. Ele quis remendá-los, mas só de pensar em ter que bater à porta e pedir agulha e linha ao carcereiro o fez desistir da ideia; a agulha

muito provavelmente seria negada. Sentiu uma súbita e urgente necessidade de um jornal. Tão intensa que era capaz de sentir o cheiro da tinta de impressão e ouvir o ruído do farfalhar das páginas. Talvez uma revolução tivesse estourado na noite passada, ou um chefe de estado houvesse morrido, ou algum americano teria descoberto um jeito de neutralizar a força da gravidade. Sua prisão não devia ter sido publicada ainda; no interior do país ela seria mantida em segredo por algum tempo, porém no exterior a comoção logo vazaria, iriam imprimir fotografias de dez anos atrás desenterradas dos arquivos do jornal e se publicaria um monte de absurdos a seu respeito e do Nº 1. Agora já não queria um jornal, mas desejava saber o que se passava na cabeça do Nº 1. Via-o sentado à sua mesa de trabalho, os cotovelos fincados, pesado e soturno, ditando algo compassadamente a uma estenógrafa. Enquanto isso, outras pessoas andariam para lá e para cá, soprariam anéis de fumaça ou brincariam com uma régua. O Nº 1 não se mexia, não brincava, não fazia anéis de fumaça... Rubashov deu-se conta, de repente, de que estivera andando para lá e para cá nos últimos cinco minutos; que levantara da cama sem se perceber. Fora vencido mais uma vez pelo velho ritual de jamais pisar nas bordas das lajotas, cujo padrão ele já conhecia de cor. Mas seus pensamentos não abandonavam o Nº 1 nem por um segundo, o Nº 1, que, sentado à mesa e ditando, impassível, foi se transformando aos poucos em seu próprio retrato, na tão conhecida foto colorida pendurada sobre todas as camas ou móveis de cada sala do país e que encarava as pessoas com seus olhos gelados.

Rubashov andava pela cela, da porta à janela e daí de volta, entre catre, lavatório e a latrina, seis passos e meio para um lado, seis passos e meio para o outro. Da porta voltava pela direita, da janela pela esquerda: era um antigo costume da cadeia; quem não mudasse a direção da virada,

logo acabava zozinho. O que se passava na mente do Nº 1? Rubashov imaginou um corte transversal daquele cérebro, habilmente pintado com aquarela cinza numa folha de papel esticada e fixada por percevejos sobre uma prancheta. As circunvoluções de matéria cinzenta, ampliadas como entranhas, enroscando-se umas nas outras como serpentes musculares, tornando-se vagas e indistintas como as nebulosas espiraladas em mapas astronômicos... O que haverá nas circunvoluções cinzentas ampliadas? Sabia-se tudo a respeito das nebulosas distantes, mas sobre as circunvoluções cinzentas, nada. Essa é provavelmente a razão pela qual a História é mais um oráculo que uma ciência. Quem sabe mais tarde, muito mais tarde, isso seja ensinado por meio de tabelas estatísticas, complementadas por tais cortes anatômicos. O professor traçará no quadro uma fórmula algébrica representando as condições de vida das massas de determinada nação em determinado período de tempo: “Aqui os senhores veem os fatores objetivos que condicionam esse processo histórico”. E, apontando com a régua para uma paisagem cinzenta enevoada, entre o segundo e o terceiro lóbulo do cérebro do Nº 1: “Agora aqui se vê o reflexo subjetivo desses fatores. Foi isso que no segundo quarto do século XX levou ao triunfo o princípio totalitário no Leste da Europa”. Até que esse estágio fosse alcançado, a política continuaria sendo diletantismo sangrento, mera superstição e magia negra...

Rubashov ouviu o som de pessoas marchando pelo corredor. Seu primeiro pensamento foi: “agora vai começar a tortura”. Parou no meio da cela, escutando, o queixo projetado para diante. Os passos em ritmo de marcha se detiveram defronte a uma cela vizinha, ouviu-se uma voz baixa de comando, as chaves tiniram. Em seguida, silêncio.

Rubashov se postou, rígido, entre a cama e a latrina, prendeu a respiração e ficou à espera do primeiro grito. Lembrou-se de que o primeiro grito, em que o terror ainda

predominava sobre a dor física, geralmente era o pior; o que se seguia já era mais suportável, a pessoa se acostumava e depois de algum tempo era até capaz de tirar conclusões a respeito do método de tortura usado com base no tom e no padrão dos gritos. No final, a maioria das pessoas se comportava da mesma maneira, por mais diferentes que fossem em temperamento e voz: os gritos iam enfraquecendo, transformavam-se em lamento e respiração entrecortada. Em geral, a porta batia logo em seguida. As chaves tinham novamente; e o primeiro grito da próxima vítima muitas vezes acontecia antes mesmo que ela fosse tocada, à simples visão dos homens na soleira da porta.

No meio da cela, Rubashov esperou o primeiro grito. Limpou os óculos na manga e disse a si mesmo que dessa vez ele também não gritaria, acontecesse o que acontecesse. Repetiu essa frase como se rezasse um terço. Ali de pé ficou aguardando: o grito não veio. Então ouviu um leve retinir, uma voz murmurou algo, a porta da cela se fechou. Os passos se encaminharam à cela seguinte.

Rubashov foi até a vigia e olhou para o corredor. Os homens pararam do lado oposto à sua cela, diante do número 407. Lá estavam o velho carcereiro e dois serventes arrastando uma tina de chá, outro carregando uma cesta com fatias de pão preto, e dois guardas uniformizados com pistolas. Não se tratava de tortura; estavam servindo o café da manhã...

O 407 recebia seu pão. Rubashov não podia vê-lo. Presumivelmente estaria guardando a posição regulamentar, um passo para trás da porta; Rubashov só conseguia ver seus antebraços e suas mãos. Os braços eram bem finos; como duas varas paralelas, estendiam-se da porta para o corredor. As palmas das mãos do invisível 407 estavam curvadas para cima, formando uma concha. Depois de pegar o pão, fechou as mãos e recuou para a escuridão da cela. A porta se fechou.

Rubashov se afastou da vigia e retomou a caminhada pela cela. Acabou de esfregar os óculos na manga, pendurou-os no nariz, respirou fundo e aliviado. Assoviou uma canção à espera do café da manhã. Lembrou-se com certo desconforto daqueles braços magros e das mãos curvadas que o remetiam vagamente a algo que não conseguia definir. Os contornos das mãos estendidas e até as sombras sobre elas lhe eram familiares - familiares e, no entanto, perdidas na memória como uma velha canção ou o cheiro de uma viela em um porto.

## 7.

O séquito destrancava e trancava as portas das celas, mas não ainda a dele. Rubashov voltou à vigia, para verificar se finalmente estavam vindo; ansiava por um chá bem quente. A tina fumegava, com finas fatias de limão flutuando à superfície. Tirou o *pince-nez* e pressionou o olho de encontro à vigia. O alcance da sua vista abrangia quatro celas do lado oposto: da 401 à 407. Sobre as celas corria uma estreita galeria de ferro; para além dela havia mais celas, as do segundo andar. O grupo retornava pelo corredor, vindo da direita; evidentemente serviam primeiro os números ímpares, depois os pares. Agora estavam diante do 408; Rubashov via apenas as costas dos dois homens de uniforme com os coldres presos ao cinturão de couro; o restante da comitiva ficava fora de vista. A porta bateu; agora todos vinham para a 406. Rubashov viu mais uma vez a tina fumegante e o servente com a cesta de pão na qual restavam poucas fatias. A porta da cela 406 se fechou instantaneamente; estava desocupada. O grupo veio se aproximando, passou por sua porta e se deteve diante da 402.

Rubashov começou a bater na porta com os punhos. Viu que os dois serventes que levavam a tina se entreolharam e voltaram-se para sua porta. O carcereiro, entretido com a fechadura da porta do 402, fingiu não escutar. Os dois homens de uniforme se posicionaram de costas para a vigia de Rubashov. Agora o pão estava sendo entregue no 402; o grupo tornou a andar. Rubashov bateu mais alto. Tirou um pé de sapato e deu com ele na porta.

O mais alto dos dois homens de uniforme se virou, olhou com indiferença para a porta da cela de Rubashov e voltou as costas novamente. O carcereiro trancou a porta do 402. Os serventes com a tina de chá hesitaram. O homem de

uniforme que se virara disse algo ao carcereiro, que deu de ombros e, balançando as chaves, veio se arrastando até a porta de Rubashov. Os serventes o seguiram com a tina; o que cuidava da cesta de pães disse alguma coisa pela vigia ao 402.

Rubashov recuou um passo da porta e esperou que a abrissem. A tensão dentro dele repentinamente desapareceu; já não se importava que lhe dessem ou não o chá quente. A tina não fumegava mais no trajeto de volta e as fatias de limão à tona do líquido amarelo-claro agora pareciam moles e murchas.

A chave girou em sua porta, em seguida uma pupila esbugalhada apareceu na vigia e sumiu outra vez. A porta se escancarou. Rubashov se sentou na cama para calçar o sapato. O carcereiro manteve a porta da cela aberta para que um grandalhão de uniforme entrasse. Tinha a cabeça redonda e totalmente raspada, e uns olhos sem expressão. Seu uniforme rangia de tanta goma; assim como as botas; Rubashov sentiu o cheiro de couro do seu cinturão. O homem estacou junto à latrina e correu os olhos pela cela, que parecia ter diminuído de tamanho com sua presença.

- Você não fez a limpeza da cela - disse a Rubashov. - Certamente conhece o regulamento.

- Por que vocês me ignoraram no café da manhã? - quis saber Rubashov, examinando o oficial através do *pince-nez*.

- Se quiser discutir comigo, terá que se levantar - disse o oficial.

- Eu não tenho a mínima vontade de discutir e nem de falar com você - disse Rubashov, dando o laço no sapato.

- Então da próxima vez não bata na porta, do contrário as medidas disciplinares cabíveis lhe deverão ser aplicadas - disse o oficial, olhando ao redor mais uma vez.

- O prisioneiro não tem esfregão para lavar o chão - disse ao carcereiro.

O carcereiro falou alguma coisa para o servente encarregado do pão, que sumiu pelo corredor a toda pressa.

Os outros dois ajudantes permaneceram na soleira da porta aberta olhando para dentro da cela com curiosidade. O segundo oficial se postara no corredor, com as pernas abertas e as mãos para trás, de costas para a cela.

- O prisioneiro também não tem onde comer - disse Rubashov, ainda amarrando o sapato. - Imagino que estejam querendo me poupar do problema de uma greve de fome. Admiro esses seus novos métodos.

- Você está enganado - disse o oficial, olhando-o com indiferença.

Ostentava uma enorme cicatriz na cabeça raspada e a fita da Ordem Revolucionária na lapela. "Quer dizer que ele esteve na Guerra Civil", pensou Rubashov. Mas isso já tem muito tempo e hoje não faz a menor diferença...

- Você está enganado. Só ficou de fora do café da manhã porque havia informado que estava doente.

- Dor de dente - disse o carcereiro, sempre encostado à porta. Continuava de chinelos, seu uniforme estava amarrotado e manchado de gordura.

- Como preferir - disse Rubashov.

Veio-lhe à ponta da língua perguntar se a última proeza do regime consistia em submeter os enfermos a jejum compulsório, mas se conteve. Já estava enjoado de tanta encenação.

O servente do pão voltou correndo, arfando e brandindo um pano de chão imundo. O carcereiro arrancou-lhe o pano das mãos e o jogou a um canto perto da latrina.

- Deseja mais alguma coisa? - perguntou o oficial sem ironia.

- Deixe-me em paz e acabe logo com essa palhaçada - respondeu Rubashov.

O oficial se virou para sair, o carcereiro balançou o molho de chaves. Rubashov foi à janela, dando-lhes as costas. Quando a porta se fechou lembrou-se de que esquecera o principal e de um salto retornou à porta.

- Papel e lápis - gritou pela vigia.

Tirou o *pince-nez* e enfiou o olho no buraco para ver se eles se voltavam. Gritara bem alto, mas o séquito descia pelo corredor como se ele não tivesse dito nada. Sua última visão foi a do oficial, de costas, com a cabeça raspada e o largo cinturão de couro e o revólver no coldre.

## 8.

Rubashov retomou sua caminhada pela cela, seis passos e meio até a janela, seis passos e meio de volta. A cena o deixara impressionado; recapitulou-a nos mínimos detalhes enquanto esfregava o *pince-nez* na manga. Procurou se aferrar ao ódio que sentira durante alguns minutos pelo oficial com a cicatriz; pensou que assim poderia reunir forças para o próximo embate. Em vez disso, deixou-se mais uma vez abater pela costumeira e fatal tendência a se colocar no lugar do oponente, e ver as coisas pelos olhos do outro. Ele, Rubashov – um barbudinho arrogante, em atitude obviamente provocadora – sentado num catre, calçando o sapato por cima da meia suada... Claro que esse homem Rubashov tinha seus méritos e um belo passado, mas era bem diferente vê-lo na tribuna de um congresso e na enxerga de uma cela. Então é este o lendário Rubashov, pensou Rubashov fazendo-se passar pelo oficial de olhos inexpressivos. Berrando pelo café da manhã como um garotinho de escola, sem sequer sentir vergonha. A cela por limpar. Buracos nas meias. Intelectual choramingas. Conspirou contra a lei e a ordem: se por questão de dinheiro ou de princípios, pouco importa. Não fizemos a revolução para gente excêntrica. Na verdade, ele ajudara a fazê-la; naquela época, era um homem; mas agora, velho e moralista, está pronto para ser liquidado. Talvez ele já fosse assim, mesmo naquela época; havia muita bolha de sabão na revolução que depois reventaria. Se ainda lhe restasse um mínimo de amor-próprio, limparia a cela.

Durante alguns segundos Rubashov se perguntou se deveria mesmo esfregar o chão. Parou hesitante no meio da cela, em seguida botou novamente o *pince-nez* e foi à janela.

O pátio agora estava sob a luz do dia, uma luz acinzentada tingida de amarelo que, não muito favoravelmente, prometia mais neve. Era por volta das oito - apenas três horas haviam transcorrido desde que ele entrara pela primeira vez na cela. Os muros que cercavam o pátio lembravam um quartel; com grades de ferro em todas as janelas, as celas por trás delas eram escuras demais para que se pudesse ver seu interior. Era impossível saber até mesmo se alguém se punha diretamente à janela, olhando, como ele, a neve lá embaixo no pátio. Era bonita a neve, assim, levemente congelada; quebraria-se caso alguém pisasse nela. De ambos os lados da trilha em torno do pátio, à distância de dez passos dos muros, ela fora amontoadada formando parapeitos irregulares. No alto da muralha do lado oposto a sentinela fazia sua ronda, para lá e para cá. Ao dar a volta, soltou uma cusparada em amplo arco sobre a neve; em seguida se debruçou na rampa para ver onde ela caíra e congelara.

A velha doença, pensou Rubashov. Revolucionários não deveriam pensar pela cabeça dos outros.

Ou quem sabe deveriam? Ou melhor, devem?

Como alguém pode transformar o mundo identificando-se com todas as pessoas?

E de que outra maneira pode transformá-lo?

Onde acharia um motivo para agir aquele que entende e perdoa?

Onde não acharia?

“Vão me matar”, pensou Rubashov. “Meus motivos não irão interessá-los”. Encostou a testa no vidro da janela. O pátio continuava branco e sossegado.

Assim ele permaneceu por um bom tempo, sem pensar, sentindo na testa o frescor do vidro. Aos poucos, foi se dando conta de um ruído leve, mas persistente na cela.

Virou-se, prestando atenção. As batidas eram tão baixas que de início não foi capaz de distinguir de qual parede estavam vindo. Parou para escutar. Então começou ele

também a bater, primeiro na parede próxima à latrina, na direção do 406, mas ali não obteve resposta. Tentou a outra parede, que o separava do 402, perto da cama. Aqui teve resposta. Rubashov sentou-se confortavelmente no catre, de onde podia manter um olho na vigia, o coração disparado. O primeiro contato é sempre altamente excitante.

O 402 agora batia com regularidade; três vezes a intervalos curtos, em seguida uma pausa, depois de novo três vezes, mais uma pausa, e novamente três vezes. Rubashov repetiu a mesma série para demonstrar que estava ouvindo. Ficou ansioso para descobrir se o outro conhecia o “alfabeto quadrático”<sup>1</sup> – do contrário, haveria muita trapalhada até ele aprender. A parede era grossa, com pouca ressonância; era preciso chegar a cabeça bem para perto para ouvir claramente e, ao mesmo tempo, manter-se atento à vigia. O 402 evidentemente tinha bastante prática; tamborilava na parede de maneira perceptível e veloz, provavelmente com algum objeto duro, como um lápis. Enquanto memorizava os números, Rubashov, meio fora de forma, procurava visualizar o quadrado de letras com as vinte e cinco casas – cinco fileiras horizontais com cinco letras em cada uma. O 402 bateu inicialmente quatro vezes – o que correspondia à quarta fileira: de **Q** a **U**; depois uma vez; portanto, a primeira letra da fileira: **Q**. Em seguida fez uma pausa; depois quatro batidas – de novo a quarta fileira; em seguida cinco pancadinhas – a última letra da fileira: **U**. Depois, uma vez e após uma breve pausa, cinco pancadinhas, ou seja: a quinta letra da primeira fileira: **E**. Mais três batidas na parede (a terceira fileira) e então mais duas: **M**. Rubashov entendeu.

Q U E M?

“Sujeito pragmático”, pensou Rubashov; quer logo saber com quem está lidando... Segundo o figurino revolucionário,

ele deveria ter começado com um item político; depois daria notícias; depois falaria de comida e cigarro; só bem depois, dias mais tarde, e olhe lá, é que se apresentaria. Entretanto, a experiência de Rubashov até então se limitara a países em que o Partido era perseguido, não perseguidor, e seus membros, por razões conspiratórias, só se conheciam pelos primeiros nomes - e mesmo esses eram trocados com tanta frequência que perdiam todo o sentido. Aqui, evidentemente, era diferente, e Rubashov hesitou em dar a conhecer seu nome. O 402, impaciente, bateu de novo: Q U E M?

“Por que não?”, pensou Rubashov. Tamborilou seu nome completo - NICOLAS SALMANOVICH RUBASHOV - e esperou o efeito.

Durante muito tempo não houve resposta. Rubashov sorriu; podia imaginar o choque que o vizinho havia tomado. Esperou um minuto, mais outro; finalmente, deu de ombros e se levantou do catre. Retomou a caminhada pela cela, mas a todo o momento parava para escutar. A parede permanecia muda. Esfregou o *pince-nez* na manga, foi lentamente, com passos cansados, até a porta e olhou pela vigia.

O corredor estava vazio; as lâmpadas propagavam uma luz baça, esmaecida. Não se ouvia o mais leve ruído. Por que o 402 teria emudecido?

Provavelmente por medo; tinha medo de se comprometer por causa de Rubashov. Talvez o 402 fosse um médico ou um engenheiro apolítico, que tremia só de pensar em seu perigoso vizinho. Com certeza sem experiência política, ou não teria perguntado o nome logo de saída. Presumivelmente metido em algum caso de sabotagem. É óbvio que está preso já há algum tempo, aperfeiçoou seu método de comunicação e está obcecado pelo desejo de provar sua inocência. Ainda acredita ingenuamente que sua culpa ou inocência subjetiva tenha alguma importância, sem a menor noção dos interesses

superiores que estão realmente em jogo. Com toda certeza estará agora sentado no catre, redigindo seu centésimo protesto às autoridades, que jamais o lerão, ou a centésima carta à mulher, que jamais a receberá; em desespero, terá deixado crescer a barba - uma barba preta à Puchkin -, desistiu de tomar banho e adquiriu o hábito de comer as unhas e ter fantasias eróticas. Nada é pior na prisão do que a consciência da própria inocência; ela impede a adaptação e mina o moral... De repente o batuque recomeçou.

Rubashov sentou-se rapidamente no catre; mas já havia perdido as duas primeiras letras. O 402 agora tamborilava rápido, mas com menos clareza, estava obviamente muito excitado.

... M FEITO!

“Bem feito.”

Por essa ele não esperava. O vizinho era um reacionário. Detestava os heréticos opositores, acreditava que a História avança nos trilhos segundo um plano infalível e um infalível maquinista, o Nº 1. Acreditava que sua prisão fora apenas um grande mal entendido, e que todas as catástrofes dos últimos tempos - da China à Espanha, da fome ao extermínio da velha guarda - não passavam de acidentes lamentáveis ou causados pelas tramas diabólicas de Rubashov e seus amigos opositores. A barba à Puchkin do 402 havia desaparecido; agora ele tinha a barba feita e a fisionomia de um fanático; mantinha sua cela meticulosamente arrumada e estritamente de acordo com o regulamento. Não fazia sentido brigar com ele; esse pessoal é impermeável. Mas também não fazia o menor sentido romper com o único e talvez o último contato com o mundo.

QUEM?, Rubashov bateu devagar e claramente.

A resposta veio em espasmos:

NÃO É DA SUA CONTA.

COMO PREFERIR, Rubashov respondeu, e se levantou para retomar a perambulação pela cela, dando a conversa

por encerrada. Mas as batidas recomeçaram, dessa vez bem mais altas e vibrantes - o 402 obviamente estava recorrendo a um sapato para dar maior ênfase às palavras:

VIVA O IMPERADOR!

Então é isso, pensou Rubashov. Ainda há contrarrevolucionários autênticos - e nós que achávamos que atualmente eles só existiam nos discursos do Nº 1, como bodes expiatórios para seus fracassos. Mas ainda restava um, um legítimo álibi para o Nº 1, em carne e osso, urrando, conforme esperado: viva o Monarca...

AMÉM, bateu Rubashov, quase às gargalhadas. A resposta foi imediata, e mais alta ainda, se é que era possível:

PORCO!

Rubashov estava se divertindo. Tirou o *pince-nez* e bateu com a haste de metal, para dar uma entonação compassada e elegante:

NÃO ENTENDI DIREITO.

O 402 parecia histérico. Martelou CACHORR' -, mas não completou o O. Com a ira repentinamente controlada, bateu:

POR QUE O PRENDERAM?

Que singeleza mais tocante... A fisionomia do 402 passou por uma nova transformação. Virou a de um jovem oficial da Guarda, bonitão e meio estúpido. Talvez até usasse monóculo. Rubashov bateu com o *pince-nez*:

DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS.

Breve pausa. O 402 estava evidentemente buscando alguma resposta sarcástica. Ela veio, afinal:

BRAVO! OS LOBOS SE DEVORAM.

Rubashov não replicou. Já se divertira o suficiente e recomeçou a perambular. Mas o 402 estava mesmo a fim de conversar. E bateu:

RUBASHOV...

Ah, isso já estava descambando para a intimidade.

SIM?, respondeu Rubashov.

O 402 pareceu hesitar; em seguida enviou uma frase bem longa:

QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ DORMIU COM UMA MULHER?

Com certeza ele usava óculos; provavelmente estava batendo com eles e seu olho devia estar piscando nervosamente. Rubashov não sentiu repulsa. Pelo menos o homem se mostrava tal qual era; o que era bem mais interessante do que se batucasse na parede manifestos monarquistas. Pensou por um instante, e só então respondeu:

TRÊS SEMANAS.

A resposta foi imediata:

CONTE-ME TUDO.

Bem, agora a coisa realmente fora longe demais. O primeiro impulso de Rubashov foi pôr fim à conversa; mas aí se lembrou de que o homem poderia vir a ser muito útil como elemento de ligação com a cela 400 e seguintes. A da esquerda se achava aparentemente desocupada; ali a cadeia se rompia. Rubashov puxou pela memória. Ocorreu-lhe uma antiga canção de antes da guerra, que ouvira quando era estudante, em algum cabaré onde moças vestindo meias pretas dançavam cançã. Suspirando resignadamente, bateu com o *pince-nez*:

SEIOS NÍVEOS QUE CABEM EM TAÇAS DE CHAMPANHE...

E torceu para que fosse o tom correto. Aparentemente era, pois o 402 exigiu:

VÁ EM FRENTE. DETALHES.

O 402, agora, estaria sem dúvida quase arrancando nervosamente o bigode. Tinha certamente um bigodinho com as pontas para cima. Diabos o carreguem; aquele homem era sua única ligação; era preciso acompanhar seu ritmo. Sobre o que conversam os oficiais à mesa? Mulheres e cavalos. Rubashov esfregou o *pince-nez* na manga e bateu conscienciosamente:

## COXAS DE ÉGUA SELVAGEM.

Parou, exausto. Nem com toda a boa vontade do mundo poderia fazer melhor. Mas o 402 parecia bem satisfeito.

GRANDE RUBASHOV!, bateu entusiasmado. Sem a menor dúvida ele estaria rindo à solta, mas não se ouvia nada; devia estar batendo nas próprias coxas e torcendo o bigode, mas não se via nada. A abstrata obscenidade da parede muda deixava Rubashov sem jeito.

CONTINUE, insistiu o 402.

Não dava mais. É SÓ - Rubashov tamborilou laconicamente, arrependendo-se de imediato. O 402 não deveria ser contrariado. Felizmente ele parecia não se sentir contrariado, batendo sem parar com o monóculo:

CONTINUE - POR FAVOR, POR FAVOR...

Rubashov agora já estava novamente em forma, a ponto de não precisar mais ficar contando os sinais; transformava-os automaticamente em percepção acústica. Na verdade, tinha a impressão de perceber o tom de voz com que o 402 implorava por mais material erótico. A súplica se repetiu:

POR FAVOR, POR FAVOR...

Com toda certeza o 402 ainda era moço - provavelmente crescera no exílio, provinha de alguma velha família de militares e retornara ao país natal com passaporte falso - e se encontrava, evidentemente, bastante atormentado. Estaria sem dúvida arrancando o bigode, teria posto de novo o monóculo e seus olhos deviam estar cravados desesperadamente na parede branca.

MAIS - POR FAVOR, POR FAVOR.

... Desesperadamente de olhos cravados na parede muda e branca, olhando fixamente para as manchas de umidade que, pouco a pouco, assumiam os contornos daquela mulher de seios como taças de champanhe e coxas de égua selvagem.

CONTE MAIS - POR FAVOR.

Talvez estivesse ajoelhado no catre com as mãos em concha - como o preso da cela 407 para receber sua fatia

de pão.

E então, finalmente, Rubashov descobriu a qual experiência esse gesto o remetia - o gesto suplicante das mãos magras estendidas da *Pietà*...

## 9.

*Pietá...* A galeria de artes plásticas de uma cidade no sul da Alemanha numa tarde de segunda-feira. Não havia nela uma só alma, além de Rubashov e o rapaz com quem ele fora se encontrar; a conversa entre ambos transcorreu num sofá redondo de veludo no centro de um salão vazio, cujas paredes suportavam toneladas de roliços corpos femininos pintados por mestres flamengos. Era o ano de 1933, durante os primeiros meses de terror, pouco antes da prisão de Rubashov. O movimento havia sido derrotado, seus membros, proscritos, eram perseguidos e espancados até a morte. O Partido não era mais uma organização política; não passava de uma massa de carne de mil braços e mil cabeças sangrando. Assim como os cabelos e as unhas de um homem continuam a crescer após sua morte, o movimento ainda prosseguia em células, músculos e membros individuais do Partido morto. Por todo o país existiam pequenos grupos de sobreviventes da catástrofe que seguiam conspirando na clandestinidade. Encontravam-se em porões, bosques fechados, estações ferroviárias, museus e clubes esportivos. Mudavam continuamente de lugar para dormir, assim como de nomes e de hábitos. Conheciam-se apenas pelos primeiros nomes e não trocavam endereços. Cada um entregava a própria vida nas mãos do outro, e ninguém confiava minimamente em ninguém. Imprimiam panfletos nos quais tentavam convencer a si mesmos e os demais de que ainda estavam vivos. Vagavam à noite pelas estreitas ruas de subúrbio e escreviam nas paredes as velhas palavras de ordem, para provar que estavam vivos. Subiam ao amanhecer nas chaminés das fábricas e hasteavam a velha bandeira, para provar que ainda estavam vivos. Somente umas poucas pessoas viam os panfletos enquanto eles os distribuíaam às

pressas, pois tremiam ante a mensagem dos mortos; ao cantar do galo, as palavras de ordem sumiam dos muros e as bandeiras eram removidas das chaminés; mas sempre ressurgiam. Por todo o país havia pequenos grupos de pessoas que se consideravam “mortos em férias”, e que dedicavam o resto de suas vidas a provar que ainda as possuíam.

Não se comunicavam uns com os outros; as fibras nervosas do Partido foram rompidas e cada grupo estava à própria mercê. Porém, pouco a pouco, recomeçaram a estender seus tentáculos. Caixeiros-viajantes respeitáveis chegavam do exterior, com passaportes falsos e baús de fundo duplo; eram os Mensageiros. Geralmente eram capturados, torturados e decapitados; outros tomavam seus lugares. O Partido continuava morto, não conseguia se mexer nem respirar. Porém, seus cabelos e suas unhas não paravam de crescer; os líderes no exterior estimulavam seu corpo rígido, provocando contrações espasmódicas nos membros.

A *Pietà*... Rubashov esqueceu o 402 e continuou a dar seus seis passos e meio para cima e para baixo; viu-se de novo no sofá de veludo da galeria, que cheirava a pó e cera de assoalho. Viera direto da estação até o local do encontro e chegara minutos antes da hora marcada. Estava absolutamente seguro de não ter sido observado. A maleta, que continha amostras das mais recentes novidades em material odontológico de uma firma holandesa, ficara no banheiro. Sentou-se no sofá, admirando os volumosos corpos flácidos nas paredes, e esperou.

O rapaz, conhecido pelo nome de Richard, e que estava então na direção do Partido naquela cidade, chegou alguns minutos atrasado. Ele nunca vira Rubashov e Rubashov também nunca o vira. Já percorrera dois salões vazios quando o viu no sofá. Sobre seus joelhos havia um livro: o *Fausto*, de Goethe, na edição integral da Reclam. O rapaz notou o livro, olhou bem ao redor e se sentou ao lado de

Rubashov. Era tímido e ficou na beira do sofá, a pouco mais de meio metro de distância de Rubashov, com o chapéu em cima dos joelhos. Era serralheiro e estava vestindo seu terno preto de domingo; sabia que um homem de macacão chamaria demasiada atenção num museu.

- Tudo bem? - disse. - Queira, por favor, me desculpar pelo atraso.

- Certo - disse Rubashov. - Vamos primeiramente analisar seu pessoal. Você trouxe uma lista?

O rapaz balançou a cabeça.

- Eu não carrego listas comigo - disse. - Tenho tudo na cabeça, endereços e tudo mais.

- Ótimo - disse Rubashov. - Mas, e se o pegarem?

- Quanto a isso - respondeu Richard -, dei uma lista a Anny. É minha mulher, entende.

Ele engoliu em seco, seu pomo de adão subia e descia na garganta; e então pela primeira vez encarou Rubashov. Rubashov viu seus olhos inchados, com os globos oculares ligeiramente esbugalhados encobertos por uma teia de veias vermelhas; o queixo e as faces denunciavam uma barba de três dias por sobre o colarinho preto do traje domingueiro.

- Anny foi presa ontem à noite, entende - ele disse olhando para Rubashov; e Rubashov leu em seus olhos a esperança tênue e ingênua de que ele, o Mensageiro do Comitê Central, pudesse operar um milagre e ajudá-lo.

- Foi? - disse Rubashov esfregando o *pince-nez* na manga. - Quer dizer que a polícia está de posse da lista completa?

- Não - disse Richard -, minha cunhada estava no apartamento quando foram buscá-la, entende, e Anny conseguiu passar a lista para ela. Está segura; minha cunhada é casada com um policial, mas está do nosso lado.

- Ótimo - disse Rubashov. - Onde você estava quando sua mulher foi presa?

- Foi assim - disse Richard. - Eu não dormia no meu apartamento havia três meses, entende. Tenho um amigo que é projetorista de cinema e posso contar com ele; quando a sessão termina, vou dormir na cabine. Dá para entrar direto da rua pela saída de incêndio. E com cinema de graça... - Fez uma pausa e engoliu em seco. - Anny sempre ganhava entradas grátis desse meu amigo, entende, e quando a sala escurecia ela olhava para cima para a cabine de projeção. Ela não podia me ver, mas eu conseguia ver nitidamente seu rosto sempre que a tela se iluminava...

Rubashov ficou estático. Na parede em frente estava um *Juízo Final*: querubins de cabelos cacheados e rotundos traseiros pairavam tocando trombetas em plena tempestade. À esquerda de Richard, um bico de pena de um mestre alemão; Rubashov só conseguia ver parte do quadro - o restante ficava escondido pelo encosto do sofá e a cabeça de Richard: as mãos esguias de Nossa Senhora, curvadas para cima, em forma de taça, e um fragmento de céu vazio coberto de riscos horizontais. Não dava para ver mais porque, embora Richard estivesse falando, sua cabeça permanecia imóvel, na mesma posição, sobre o pescoço avermelhado ligeiramente inclinado.

- É mesmo? - disse Rubashov. - Quantos anos tem sua mulher?

- Dezessete - disse Richard.

- É? E o companheiro, qual a sua idade?

- Dezenove - respondeu Richard.

- Têm filhos? - quis saber Rubashov esticando um pouco a cabeça, mas sem conseguir ver o restante do desenho.

- O primeiro está a caminho - disse Richard, sempre imóvel, como um molde de chumbo.

Após uma pausa, Rubashov deixou que ele fornecesse a lista dos membros do Partido. Consistia em cerca de trinta nomes. Fez algumas perguntas e anotou vários endereços no caderno de encomendas da firma holandesa de material

odontológico. Escreveu-os nos espaços que tinha deixado em branco numa longa relação de dentistas e respeitáveis cidadãos locais copiada do catálogo telefônico. Quando terminaram, Richard falou:

- Camarada, agora eu gostaria de fazer um breve relatório das nossas atividades.

- Ótimo - disse Rubashov. - Estou ouvindo.

Richard fez seu relato. Inclinou-se ligeiramente, sentado a pouco mais de meio metro de Rubashov, no estreito sofá de veludo, e pousou as mãos grandes e vermelhas nos joelhos do terno de domingo. Sem mudar de posição uma única vez, falou das bandeiras nas chaminés, das inscrições nos muros e dos panfletos deixados nos banheiros da fábrica, no tom formal e objetivo de um contador. À sua frente os anjos tocando trombetas flutuavam na tempestade; às suas costas uma invisível Virgem Maria estendia as mãos esguias; de todas as paredes seios, coxas e ancas colossais o encaravam fixamente.

Seios que cabiam em taças de champanhe vieram à cabeça de Rubashov. Ele parou em cima da terceira lajota preta a partir da janela, para ouvir se o 402 continuava batendo na parede. Nenhum som. Rubashov foi olhar pela vigia para o 407, que estendera as mãos para pegar o pão. Viu a porta cinzenta de aço de sua cela com a pequena vigia preta. Como sempre, a luz elétrica ardia no corredor, que estava deserto e silencioso; mal dava para acreditar que seres humanos viviam por detrás daquelas portas.

Enquanto o jovem de nome Richard fazia seu relatório, Rubashov não o interrompeu. Dos trinta homens e mulheres que ele reunira após a catástrofe, só sobraram dezessete. Dois, um operário e sua garota, haviam se jogado pela janela quando iam ser presos. Um desertara - desapareceu da cidade. Dois eram suspeitos de espionar para a polícia, mas nada ficara comprovado. Três tinham saído do Partido em protesto contra a política do Comitê Central; dois deles fundaram um novo grupo de oposição, o terceiro se juntou

aos Moderados. Cinco haviam sido presos na noite anterior, entre eles Anny; era sabido que pelo menos dois desses cinco não estavam mais vivos. Assim restavam dezessete, que continuavam a distribuir panfletos e a pichar muros.

Richard contou isso tudo nos mínimos detalhes, de modo que Rubashov pudesse entender todas as relações pessoais e as motivações que eram especialmente relevantes; ele não sabia que o Comitê Central tinha seu próprio representante no grupo, o qual, muito tempo atrás, já havia informado Rubashov sobre a maior parte dos fatos. Não sabia também que esse homem era o seu amigo projecionista, em cuja cabine costumava dormir, e muito menos que ele mantinha relações íntimas com sua Anny, presa na noite anterior. Nada disso Richard sabia; mas Rubashov sabia. O movimento estava em ruínas, mas sua Divisão de Informações e Controle permanecia atuante; era talvez a única seção que funcionava, e à época era dirigida por Rubashov. Disso também o jovem de pescoço grosso de terno domingueiro não sabia; ele só sabia que Anny fora levada e que era preciso seguir panfletando e pichando muros; e que Rubashov, como um camarada do Comitê Central do Partido, era merecedor da confiança que se devota a um pai; mas que não ficava bem demonstrar tal sentimento nem se deixar trair por uma eventual fraqueza. Pois quem era frouxo e sentimental não servia para a missão e tinha que ser afastado - excluído do movimento, condenado à solidão e às trevas do mundo exterior.

Do lado de fora da cela passos se aproximavam. Rubashov foi à porta, tirou o *pince-nez* e colou o olho à vigia. Dois guardas com cinturões de couro conduziam um jovem camponês pelo corredor; atrás deles vinha o velho carcereiro com seu molho de chaves. O camponês estava com um olho inchado e tinha sangue seco no lábio superior; ao passar, esfregou com a manga o nariz sangrando; sua fisionomia era totalmente inexpressiva. Mais adiante, já fora do alcance da vista de Rubashov, a porta de uma cela foi

aberta e logo trancada novamente. Em seguida os guardas e o carcereiro retornaram sozinhos.

Rubashov andava de lá para cá na cela. Viu-se sentado no sofá redondo de veludo ao lado de Richard; escutou de novo o silêncio que se instalara depois que o rapaz concluiu seu relatório. Não se mexia; sentado, com as mãos sobre os joelhos, esperava. Parecia alguém que acabara de se confessar e aguardava a sentença do padre confessor. Durante longo tempo Rubashov não falou nada. Então disse, afinal:

- Certo. Isso é tudo?

O rapaz fez que sim com a cabeça; seu pomo de adão subia e descia.

- Várias coisas não estão claras no seu relatório - disse Rubashov. - Você mencionou repetidamente folhetos e panfletos que vocês mesmos fizeram. Nós conhecemos esse material, e seu conteúdo foi duramente criticado. Há diversas frases que o Partido não pode admitir.

Richard olhou-o assustado; e enrubesceu. Rubashov notou que a pele do seu rosto foi ficando quente enquanto a teia de veias vermelhas nos olhos inchados se adensava mais.

- Por outro lado - prosseguiu Rubashov -, temos repetidamente enviado nossos materiais impressos para distribuição, inclusive a edição especial em tamanho reduzido do órgão oficial do Partido. Vocês receberam essas remessas?

Richard indicou que sim. O rubor não abandonava seu rosto.

- Mas vocês não distribuíram o nosso material; ele sequer é mencionado em seu relatório. Em vez disso, puseram em circulação materiais produzidos por vocês mesmos, sem controle ou aprovação do Partido.

- Ma-mas nós tivemos que fazer isso - Richard fez um grande esforço para falar.

Rubashov olhou atentamente para ele através do *pince-nez*; não tinha percebido que o rapaz gaguejava. “Curioso”, pensou, “já é o terceiro caso em quinze dias. Temos um número surpreendente de anormais no Partido. Ou isso se deve às circunstâncias em que trabalhamos - ou então é o próprio movimento que promove uma seleção de deficientes...”

- Você pre-precisa entender, ca-camarada - disse Richard cada vez mais aflito. - O to-tom do material de propaganda de vocês era errado, po-porque...

- Fale devagar - Rubashov interrompeu abruptamente e em tom cortante -, e não vire a cabeça para a porta.

Um rapaz alto com o uniforme preto da guarda do regime entrara na sala com a namorada, uma loura de seios fartos; ele a abraçava pelos vastos quadris, enquanto ela descansava o braço no ombro dele. Os dois não prestaram atenção em Rubashov e seu companheiro e pararam, de costas para o sofá, diante dos anjos de trombetas.

- Continue falando - disse Rubashov com voz calma e baixa; automaticamente foi tirando do bolso o maço de cigarros.

Aí se lembrou de que não era permitido fumar em museus e devolveu o maço ao bolso. Richard, como que paralisado por uma descarga elétrica, olhava fixamente para os dois.

- Continue falando - Rubashov repetiu calmamente. - Você gaguejava quando criança? Responda sem olhar para lá.

- Às ve-vezes - Richard conseguiu falar com enorme esforço.

O jovem casal foi percorrendo a série de quadros. Detiveram-se à frente do nu de uma mulher gorda, estendida num divã de cetim e olhando para o espectador. O homem murmurou algo presumivelmente engraçado, pois a garota riu e deu uma rápida olhadela para as duas

criaturas sentadas no sofá. Seguiram adiante, até uma natureza-morta que retratava faisões e frutas.

- N-não é melhor sairmos logo daqui? - Richard perguntou.

- Não - respondeu Rubashov, temendo que, ao se levantar, o rapaz, nervoso como estava, chamasse muita atenção. - Eles logo irão embora. Estamos de costas para a luz; não podem nos ver claramente. Respire lenta e profundamente várias vezes. Isso ajuda.

A garota continuou rindo e o casal seguiu devagar até a saída. De passagem, ambos viraram na direção de Rubashov e Richard. Já estavam deixando a sala quando a garota apontou o dedo para o bico de pena da *Pietá*; os dois pararam para examiná-lo.

- Per-perturba tan-tanto assim quando eu ga-gaguejo? - Richard perguntou baixinho, olhando para o chão.

- É preciso se controlar - disse Rubashov laconicamente. Agora não podia permitir que nenhuma sensação de intimidade invadisse a conversa.

- Eu vo-vou me-melhorar num instante - disse Richard, com o pomo de adão subindo e descendo compulsivamente.

- Anny sempre ria de mim por causa disso, entende.

Com o casal no salão, Rubashov não podia dar prosseguimento à conversa. As costas do jovem uniformizado o colocavam bem junto a Richard. O perigo comum ajudou o rapaz a vencer a timidez, a ponto de aproximar-se um pouco mais de Rubashov.

- Mesmo assim ela gostava de mim - ele continuou, cochichando numa outra espécie de agitação, mais controlada. - Eu nu-nunca soube muito bem como lidar com ela. Ela não queria ter o filho, ma-mas não tinha como se livrar dele. Ta-talvez não façam nada de mal com ela, assim grávida. Já dá para se notar claramente, entende. Você acha que eles batem em mulheres grávidas, ta-também?

Com o queixo, Richard apontou para o jovem de uniforme. No mesmo instante o rapaz virou repentinamente

a cabeça em sua direção. Por um segundo os dois se olharam. O jovem de uniforme falou qualquer coisa para a garota em voz baixa; ela também virou a cabeça. Rubashov levou novamente a mão ao maço de cigarros, mas dessa vez esqueceu-o ainda no bolso. A garota disse algo e foi arrastando o rapaz com ela. O casal saiu lentamente da galeria, o homem especialmente hesitante. Ouviu-se a garota rindo de novo do lado de fora e seus passos em retirada.

Richard virou a cabeça e acompanhou-os com os olhos. Ao se mexer, possibilitou a Rubashov uma melhor visão do desenho; agora dava para ver os braços magros da Virgem Maria até a altura do cotovelo. Eram esguios, uns braços de menina, levemente erguidos em direção à haste invisível da cruz.

Rubashov olhou para o relógio de pulso. O rapaz se afastou um pouco mais no sofá.

- Precisamos chegar a uma conclusão - disse Rubashov.  
- Se entendi bem, você falou que propositalmente não distribuiu nosso material por não concordar com o que ele continha. Porém, nós também não concordamos com os conteúdos dos seus folhetos. Você há de compreender, camarada, que determinadas consequências advirão.

Richard voltou os olhos avermelhados para ele. Em seguida baixou a cabeça.

- Você mesmo sabe que o material que enviaram estava cheio de disparates - disse em voz baixa. De repente parara de gaguejar.

- Eu não sei nada disso - Rubashov retrucou secamente.

- Vocês escreveram como se nada tivesse acontecido - disse Richard no mesmo tom cansado de voz. - Desmantelaram o Partido, e vocês simplesmente redigiram frases sobre nossa inquebrantável determinação de vitória, as mesmas mentiras dos comunicados da Grande Guerra. Todo mundo a quem mostramos esse material só fazia cuspir. Você deve saber perfeitamente disso.

Rubashov olhou para o rapaz, agora inclinado para diante no sofá, os cotovelos nos joelhos e o queixo enfiado entre os punhos vermelhos, e respondeu secamente:

- Já é a segunda vez que você me atribui uma opinião que eu não defendo. Devo lhe pedir que pare de fazê-lo.

Richard olhou para ele com os olhos inchados e uma expressão de incredulidade. Rubashov prosseguiu.

- O Partido vem passando por um duro teste. Outros partidos revolucionários já passaram por provas ainda mais duras. O nosso diferencial é justamente essa "inquebrantável determinação". Hoje, quem se mostrar delicado e fraco não pode pertencer às nossas fileiras. Quem propaga uma atmosfera de pânico faz o jogo do inimigo, não importam os motivos. Por sua atitude, torna-se um risco para o movimento, e como tal será tratado.

Richard continuava sentado com o queixo nas mãos e o rosto voltado para Rubashov.

- Então eu sou um risco para o movimento - disse ele. - Faço o jogo do inimigo. Provavelmente sou pago para fazer isso. E Anny também...

- Nos panfletos de vocês - continuou Rubashov no mesmo tom seco -, dos quais você admite ser o autor, aparecem frequentemente frases como: sofreremos uma derrota; uma catástrofe se abateu sobre o Partido; deveríamos rever e alterar fundamentalmente a nossa política. Isso é derrotismo. É desmoralizador e debilita o espírito combativo do Partido.

- Eu só sei - disse Richard - que é preciso dizer a verdade ao povo, uma vez que, de qualquer maneira, já a conhecem. É ridículo fingir diante dele.

- O último congresso do Partido - Rubashov prosseguiu - declarou numa resolução que o Partido não sofreu uma derrota, mas meramente procedeu a um recuo estratégico; e não há qualquer razão para alterar a política anterior.

- Mas isso é uma estupidez - disse Richard.

- Se você mantiver esse estilo - disse Rubashov - receio que teremos que dar por encerrada a nossa conversa.

Richard se calou por um momento. A sala começava a escurecer, os contornos dos anjos e das mulheres nas paredes iam se tornando ainda mais imprecisos e mais nebulosos.

- Desculpe - disse Richard. - O que estou querendo dizer é que a liderança do Partido está equivocada. Você fala de um "recoo estratégico" enquanto metade da nossa gente está morta, e os que restaram se mostram tão felizes por ainda estar vivos que se passam aos montes para o outro lado. Essas resoluções bizantinas que o seu pessoal de lá inventa não são bem compreendidas aqui...

As feições de Richard iam ficando mais vagas à medida que escurecia. Ele fez uma pausa, e em seguida acrescentou:

- Imagino que Anny também tenha feito um "recoo estratégico" na noite passada. Por favor, você precisa entender. Aqui estamos vivendo em plena selva...

Rubashov esperou para ver se ele ainda tinha algo mais a dizer, mas Richard não disse nada. Agora a noite caía rapidamente. Rubashov tirou o *pince-nez* e o esfregou na manga.

- O Partido nunca está equivocado - disse Rubashov. - Você e eu podemos nos equivocar. O Partido, não. O Partido, camarada, é maior que você e eu e milhares de outros como você e eu. O Partido é a corporificação do ideal revolucionário na História. A História não conhece escrúpulos nem hesitações. Inerte e infalível, ela flui rumo à sua meta. A cada curva de seu curso deixa a lama que carrega e os cadáveres dos afogados. A História conhece o caminho. Não comete erros. Aquele que não tem fé absoluta na História não pertence às fileiras do Partido.

Richard não dizia nada; cabeça enfiada nos punhos; mantinha o rosto imóvel voltado para Rubashov. Então Rubashov prosseguiu:

- Você impediu a distribuição do nosso material; sufocou a voz do Partido. Distribuiu panfletos em que cada palavra era nociva e falsa. Você escreveu: “Os remanescentes do movimento revolucionário precisam se juntar e todas as forças hostis à tirania devem se unir; temos que pôr um fim às nossas desavenças internas e reiniciar a luta comum”. Isso está errado. O Partido não deve se aliar aos Moderados. Eles é que, com toda boa fé, têm traído inúmeras vezes o movimento, e o farão novamente da próxima vez, e numa próxima vez... Quem se envolve com eles sepulta a revolução. Você escreveu: “Quando a casa está pegando fogo, todos devem ajudar a debelá-lo; se continuarmos nos desentendendo por causa de princípios, todos viraremos cinzas”. Isso está errado. Nós combatemos o fogo com água; outros o fazem com gasolina. Assim sendo, primeiro devemos definir qual o método correto, a água ou a gasolina, antes de nos unirmos aos bombeiros. Não dá para fazer política desse jeito. É impossível estabelecer uma política com paixão e desespero. O curso do Partido está claramente definido, qual uma trilha estreita nas montanhas. O mais leve passo em falso, à direita ou à esquerda, pode levar ao precipício. O ar é rarefeito; quem ficar tonto está perdido.

A escuridão agora avançara de tal modo que Rubashov não podia mais ver as mãos no desenho. Uma campanha soou duas vezes, aguda e penetrantemente; em quinze minutos o museu iria fechar. Rubashov olhou para o relógio de pulso; tinha ainda uma última palavra a dar, e a conversa estaria encerrada. Richard permanecia sentado imóvel ao seu lado, os cotovelos nos joelhos.

- É, para isso eu não tenho resposta - disse finalmente, com a voz baixa e muito cansada. - O que você diz é verdade, sem sombra de dúvida. E o que disse sobre essa trilha na montanha é muito bonito. Mas o que eu sei é que nós fomos derrotados. Os que ainda restaram estão desertando. Talvez porque esteja fazendo muito frio nessa

nossa trilha na montanha. Outros têm música e belas bandeiras e sentam-se ao redor de um fogo quente e aconchegante. Talvez por isso eles tenham vencido. E talvez por isso estejamos lutando com tanto desatino.

Rubashov ouviu em silêncio. Queria ver se o jovem tinha algo mais a dizer, antes de ele próprio pronunciar a sentença decisiva. Tudo o que Richard dissesse agora não a mudaria de forma alguma; mas mesmo assim esperou.

A figura pesada de Richard estava cada vez mais obscurecida pelo anoitecer. Ele se deslocara para ainda mais longe no sofá; estava sentado com os ombros curvados e o rosto praticamente enterrado nas mãos. Rubashov mantinha-se rijo no sofá, à espera. Sentia uma leve dor no maxilar superior; provavelmente era o canino com problemas. Após um instante ouviu a voz de Richard:

- O que vai me acontecer agora?

Rubashov passou a língua pelo dente que estava doendo. Sentiu a necessidade de tocar nele com o dedo antes de pronunciar a palavra final, mas não se permitiu fazê-lo. Então falou calmamente:

- Devo informá-lo que, conforme decisão do Comitê Central, você não é mais membro do Partido, Richard.

Richard não se mexeu. Mais uma vez Rubashov esperou antes de se levantar. Richard permaneceu sentado. Apenas ergueu a cabeça, olhou para ele e perguntou:

- Foi para isso que você veio aqui?

- Principalmente - disse Rubashov. Queria ir embora, mas continuou ali diante de Richard, esperando.

- O que vai ser de mim agora? - Richard perguntou. Rubashov não disse nada. Após algum tempo, Richard continuou:

- Imagino que, agora, também não posso ficar morando na cabine do meu amigo?

Após uma breve hesitação, Rubashov respondeu:

- É melhor não.

E imediatamente se sentiu incomodado por ter dito isso, sem saber muito bem se Richard havia compreendido o sentido da frase. Olhou para aquele vulto ali sentado:

- Será melhor sairmos separadamente do prédio. Adeus.

Richard se aprumou no sofá, mas permaneceu sentado. Na penumbra, Rubashov só podia adivinhar a expressão dos seus olhos inchados e levemente saltados; no entanto, foi essa imagem turva, de um vulto desajeitado sentado à sua frente, que ficou para sempre carimbada em sua memória.

Rubashov saiu da sala e atravessou a seguinte, que estava igualmente vazia e às escuras. Seus passos rangiam no chão de madeira. Só quando chegou do lado de fora é que se lembrou de que havia se esquecido de olhar o quadro completo da *Pietà*; agora só conheceria o detalhe das mãos curvadas e de parte dos braços magros, acima do cotovelo.

Na escadaria da entrada do museu ele se deteve. Seu dente estava doendo um pouco mais; fazia frio do lado de fora. Apertou mais o cachecol de lã cinza clara em volta do pescoço. Os postes já estavam acesos na grande praça deserta defronte à galeria; àquela hora havia pouca gente nas redondezas; um bonde tocando a campainha subia a avenida coberta de olmos. Ele se perguntou se conseguiria um carro de praça.

No último degrau Richard o alcançou, com a respiração ofegante. Rubashov seguiu caminhando sem se alterar, nem apressando nem retardando o passo e sem virar a cabeça. Richard era meio palmo mais alto que ele e bem mais corpulento, mas tinha os ombros arqueados, fazendo-se menor ao lado de Rubashov e encurtando as passadas. Após alguns metros ele disse:

- Foi um aviso que você me deu, quando eu perguntei se podia continuar morando com meu amigo e você falou "melhor não"?

Rubashov viu um carro de praça com os faróis acesos subindo a avenida. Parado no meio-fio esperou que ele se

aproximasse. Richard continuava ao seu lado.

- Não tenho mais nada a lhe dizer, Richard - falou Rubashov, sinalizando para o carro.

- Ma-mas camarada... você não po-pode me de-denunciar, ca-camarada... - disse Richard.

O carro foi reduzindo a velocidade, a, no máximo, uns vinte passos dos dois. Richard se postou à frente de Rubashov, agarrado à manga de seu sobretudo e falando cara a cara; Rubashov sentia seu hálito e percebia a ligeira umidade que lhe cobria a testa.

- Eu não sou inimigo do Partido - disse Richard. - Você não po-pode me atirar aos lo-lobos, ca-camarada...

O carro de praça parou junto ao meio-fio; o chofer deve certamente ter escutado a última palavra. Rubashov rapidamente calculou que era inútil despachá-lo; havia um policial a uns cem metros mais adiante na avenida. O chofer, um velhinho de casaco de couro, olhava inexpressivamente para ambos.

- Para a estação - disse Rubashov, entrando no carro.

O chofer esticou o braço direito para trás e bateu a porta. Richard ficou ali de pé, na beira da calçada, com o chapéu na mão; seu pomo de adão subia e descia rapidamente. O automóvel partiu; passou à frente do policial. Rubashov preferiu não olhar para trás, mas sabia que Richard ainda se achava na beira da calçada, de olhos fixos nas luzes traseiras do carro de praça.

Durante alguns minutos eles cruzaram ruas apinhadas; o chofer virou a cabeça diversas vezes, como se quisesse se assegurar de que seu passageiro ainda estava ali dentro. Rubashov conhecia muito pouco a cidade para saber se estavam realmente no rumo da estação. As ruas foram ficando mais calmas; no final de uma avenida surgiu um imenso edifício com um enorme relógio iluminado; tinham chegado à estação.

Rubashov desceu; os carros de praça naquela cidade ainda não tinham taxímetro.

- Quanto é? - perguntou.

- Nada - disse o chofer. Seu rosto era velho e enrugado; tirou um pano vermelho do bolso do casaco de couro e assoou o nariz com cerimônia.

Rubashov olhou atentamente para ele através do *pince-nez*. Com certeza nunca tinha visto aquele rosto antes. O chofer guardou o lenço.

- Para gente como o senhor, é sempre de graça - disse, voltando à atenção para o freio de mão.

De repente esticou a mão para fora. Era a mão de um velho, com veias saltadas e unhas escurecidas.

- Boa sorte, senhor - disse, sorrindo encabulado para Rubashov. - Se seu jovem amigo precisar de alguma coisa... eu faço ponto em frente ao museu. Pode lhe dar minha placa, senhor.

Rubashov viu à sua direita um carregador encostado a um poste olhando para eles. Em vez de apertar a mão estendida do chofer, botou uma moeda nela e, sem uma palavra, entrou na estação.

Teve que esperar uma hora pela partida do trem. Tomou um café horrível no bar; o dente o atormentava. Já no trem, tirou um cochilo e sonhou que corria à frente da locomotiva. Richard e o chofer de praça iam nela; queriam atropelá-lo por ele tê-los enganado no preço da corrida. As rodas matraqueavam cada vez mais perto, e seus pés se recusavam a sair do chão. Despertou sentindo-se nauseado e suando frio; as outras pessoas na cabine o olhavam, levemente intrigadas. Do lado de fora era noite; o trem atravessava um país inimigo às escuras, o caso Richard tinha que ser concluído, seu dente doía. Uma semana depois Rubashov foi preso.

## 10.

Rubashov encostou a testa na janela e olhou o pátio lá embaixo. Estava com as pernas cansadas e a cabeça zozna de tanto andar para lá e para cá. Consultou o relógio de pulso: quinze para o meio-dia; passara aproximadamente quatro horas andando sem parar pela cela, desde que a *Pietá* lhe viera à mente pela primeira vez. Isso não o surpreendia; já estava bastante familiarizado com as fantasias de prisão, com a intoxicação que emana das paredes caiadas. Lembrou-se de um camarada mais novo, ajudante de cabeleireiro, contando como, no segundo ano, o pior de seu confinamento numa solitária, sonhara de olhos abertos por sete horas seguidas; com isso acabou caminhando 28 quilômetros, numa cela de cinco passos de comprimento, e sem se dar conta tinha feito bolhas nos pés.

Desta vez, porém, tudo se deu bem mais rapidamente; o vício se instalou logo no primeiro dia, ao passo que em suas experiências anteriores tudo começara somente muitas semanas depois. Outra coisa estranha é que ele se voltou para o passado; prisioneiros fantasistas crônicos costumam sonhar quase sempre com o futuro – quando recordam o passado, é somente como poderia ter sido, nunca como de fato ele *foi*. Rubashov se perguntou que outras surpresas o seu psíquico lhe reservava. Sabia por experiência própria que o confronto com a morte sempre alterava o mecanismo do pensamento e provocava as mais surpreendentes reações – como os movimentos do ponteiro de uma bússola nas proximidades do polo magnético.

O céu ainda estava muito carregado, parecia que logo iria nevar; no pátio dois homens davam sua caminhada diária pela trilha escavada na neve. Um deles olhava seguidamente para a janela de Rubashov – aparentemente a notícia de sua prisão já se espalhara. Era um homem

macilento com uma pele amarelada e lábio leporino, vestindo uma capa de chuva leve que prendia em torno dos ombros como se estivesse morrendo de frio. O outro era mais velho e estava enrolado num cobertor. Não se falaram durante o percurso, e após dez minutos foram conduzidos de volta ao prédio por um guarda de uniforme com cassetete de borracha e revólver. A porta na qual o guarda os esperava ficava exatamente do outro lado da janela de Rubashov; antes que ela se fechasse às suas costas, o homem de lábio leporino ergueu mais uma vez os olhos à procura de Rubashov. Certamente ele não podia vê-lo, pois do pátio a janela devia parecer escura demais; mesmo assim seus olhos perscrutaram insistentemente a janela. “Eu o vejo e não o conheço; você não pode me ver e no entanto é óbvio que me conhece”, pensou Rubashov. Sentou-se na cama e bateu na parede para o 402:

QUEM SÃO ELES?

Achou que provavelmente o 402 estivesse ofendido e que por isso não responderia. Mas ele não parecia guardar rancores; respondeu de imediato.

POLÍTICOS.

Rubashov ficou surpreso; tomara o homem magro de lábio leporino por algum criminoso comum.

DA SUA LAIA?, perguntou.

NÃO - DA SUA, tamborilou o 402, muito provavelmente rindo à larga com grande satisfação. A frase seguinte veio mais alta - batida com o monóculo, possivelmente.

LÁBIO LEPORINO, MEU VIZINHO DA 400, FOI TORTURADO ONTEM.

Rubashov ficou quieto por um minuto esfregando o *pince-nez* na manga, embora o estivesse usando apenas para bater na parede. Quis perguntar “Por quê?”, mas acabou batendo:

COMO?

O 402 respondeu laconicamente:

SAUNA.

Rubashov tinha apanhado muito em sua última prisão, mas esse método ele só conhecia de ouvir dizer. Aprendera que toda dor física *conhecida* é suportável; quando alguém sabe de antemão o que exatamente lhe vai acontecer, consegue suportar a coisa como uma operação cirúrgica, por exemplo, a extração de um dente. Ruim mesmo é o desconhecido, que não dá à pessoa a chance de prever a própria reação nem alguma maneira de avaliar sua capacidade de resistência. E o pior era o receio de fazer ou dizer alguma coisa de que depois não pudesse se lembrar.

POR QUÊ?, Rubashov perguntou.

DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS, tamborilou ironicamente o 402.

Rubashov pôs novamente o *pince-nez* e procurou no bolso o maço de cigarros. Só lhe restavam dois. Em seguida bateu:

E COMO VÃO AS COISAS COM VOCÊ?

MUITO BEM, OBRIGADO..., bateu o 402 encerrando a conversa.

Rubashov deu de ombros; acendeu o penúltimo cigarro e recomeçou a caminhar pela cela. Curiosamente, o que lhe estava reservado deixava-o quase alegre. Sentiu que a velha melancolia havia passado, a cabeça mais clara, os nervos tensionados. Lavou o rosto, os braços e o peito com água fria no lavatório, enxaguou a boca e se enxugou com o lenço. Assoviou alguns compassos e sorriu - sempre foi tremendamente desafinado, ainda poucos dias atrás alguém havia comentado: "Se o Nº 1 apreciasse música, há muito tempo já teria achado um pretexto para lhe matar a tiros".

- Ele o fará de qualquer maneira - Rubashov respondera, mesmo sem acreditar seriamente nisso.

Acendeu o último cigarro e com perspicácia começou a traçar a linha a seguir quando fosse levado a interrogatório. Estava com a mesma autoconfiança calma e serena que sentia quando estudante perante uma prova

particularmente difícil. Puxou pela memória cada detalhe que conhecia sobre o assunto “sauna”. Imaginou minuciosamente a situação e procurou analisar as sensações físicas que deveria esperar, para tirar delas a tal marca do desconhecido. O importante era não se deixar pegar de surpresa. Agora tinha certeza absoluta de que eles não conseguiriam isso, tal como não haviam conseguido os outros lá fora; sabia que não diria nada que não quisesse dizer. Só desejava que começassem logo.

O sonho lhe veio à cabeça: Richard e o velho chofer de praça a persegui-lo, sentindo-se enganados e traídos.

“Vou pagar a corrida”, pensou com um sorriso amarelo.

O último cigarro estava quase chegando ao fim; já lhe estava queimando as pontas dos dedos; deixou-o cair. Já ia apagá-lo, mas pensou melhor; abaixou-se, recolheu a guimba ainda acesa do chão e a apagou bem devagar no dorso da mão, entre as veias azuis sinuosas. Prolongou o procedimento por exato meio minuto, com o auxílio do ponteiro de segundos do relógio de pulso. Ficou feliz consigo mesmo; a mão não havia se contraído uma única vez durante os trinta segundos. Então deu sequência à caminhada.

O olho que o observara durante vários minutos se retirou da vigia.

## 11.

A comitiva do almoço vinha pelo corredor; a cela de Rubashov foi mais uma vez esquecida. Como queria se poupar da humilhação de correr à vigia, não soube o que havia para comer; porém, o aroma que invadiu a cela era bom.

Sentiu uma enorme vontade de fumar. Teria que arranjar algum jeito de conseguir cigarros, para poder se concentrar; eles eram mais importantes que comida. Esperou passar meia hora da distribuição das refeições, e então, começou a bater na porta. Levou mais meia hora até o velho carcereiro aparecer.

- O que você quer? - perguntou, com o mau humor habitual.

- Cigarros da cantina - disse Rubashov.

- Você recebeu seus vales da prisão?

- Ficaram com todo o meu dinheiro - respondeu Rubashov.

- Então vai ter que esperar até que ele seja trocado por vales.

- E quanto tempo isso vai levar nesse seu estabelecimentozinho-modelo? - quis saber Rubashov.

- Pode escrever uma carta se queixando - disse o velho.

- Você sabe muito bem que eu não tenho papel nem lápis - disse Rubashov.

- Para comprar material de escrever precisa ter vales - disse o carcereiro.

Rubashov era capaz de sentir a cabeça fervendo, a conhecida pressão no peito e a sensação de sufocamento na garganta; mas se conteve. O velhote viu as pupilas de Rubashov reluzindo através do *pince-nez*; isso fez com que se lembrasse das fotos coloridas de Rubashov de uniforme,

que, nos velhos tempos, estavam por toda parte; sorriu com despeito senil e deu um passo atrás.

- Seu montinho de merda - disse Rubashov bem devagar, dando-lhe as costas e retornando à janela.

- Vou dar parte de você por uso de linguagem desrespeitosa - disse o velhote; em seguida a porta se fechou.

Rubashov ficou esfregando o *pince-nez* na manga até sua respiração se acalmar. Precisava de cigarros, do contrário não aguentaria. Obrigou-se a esperar dez minutos, e então bateu na parede para o 402:

TEM FUMO?

Precisou esperar algum tempo pela resposta. Então ela veio bem clara e espaçada:

NÃO PARA VOCÊ.

Rubashov voltou lentamente para a janela. Podia ver o jovem oficial de bigode e monóculo olhando fixamente, com um riso estúpido no rosto, para a parede que os separava; o olho por trás da lente era sem vida, com a pálpebra avermelhada voltada para cima. O que lhe estaria passando pela cabeça? Provavelmente estaria pensando: “Dessa vez eu te ferrei”. E também: “Canalha, quantos de nós você matou?” Rubashov olhou para a parede caiada; teve a impressão de que o outro se achava atrás dela com o rosto voltado em sua direção; pensou ter escutado sua respiração ofegante. Sim, quantos dos seus eu matei, me pergunto? Realmente não conseguia se lembrar; fora há muito, muito tempo, durante a Guerra Civil; deve ter sido alguma coisa entre setenta e cem. E daí? Aquilo foi correto; bem diferente do caso de Richard, e ele hoje faria tudo novamente. Mesmo se soubesse de antemão que a revolução acabaria entregando as rédeas ao Nº 1? Mesmo assim.

“Com você”, pensou Rubashov olhando para a parede branca de cal atrás da qual estava o outro - naquele meio tempo ele provavelmente havia acendido um cigarro e

devia estar soprando a fumaça em direção à parede - “com você eu não tenho conta alguma a acertar. Não lhe devo nada. Entre você e nós não há moeda nem linguagem comuns... Bom, o que você quer agora?”

O 402 havia recomeçado a bater. Rubashov voltou para perto da parede...

MANDANDO FUMO PARA VOCÊ, ele entendeu.

Em seguida, mais vagamente, ouviu o 402 batendo na porta de sua cela para atrair a atenção do carcereiro.

Rubashov prendeu a respiração; após alguns minutos escutou os passos arrastados do velhote se aproximando. O carcereiro nem destrancou a porta, apenas perguntou pela vigia:

- O que você quer?

Rubashov não conseguiu ouvir a resposta, embora tivesse gostado de escutar a voz do 402. Em seguida o velho falou bem alto, de modo que Rubashov pudesse ouvir:

- Isso não é permitido; é contra o regulamento.

Mais uma vez Rubashov não conseguiu ouvir a resposta. Então o carcereiro disse:

- Vou dar parte de você por linguagem desrespeitosa - e os passos sobre as lajotas perderam-se no corredor.

Por algum tempo fez-se silêncio. Então o 402 bateu:

A COISA ESTÁ FEIA PARA VOCÊ.

Rubashov não respondeu. Andava de lá para cá, sentindo a falta de fumo fazer cócegas nas membranas secas da sua garganta. Pensou no 402. “Apesar de tudo, eu faria de novo”, disse a si mesmo. “Foi necessário e justo. Mas, ainda assim, quem sabe eu não lhe deva algo? Deve-se pagar também por atos que eram justos e necessários?”

A segura na garganta aumentou. Sentia uma pressão na testa; andava incansavelmente para cima e para baixo, e enquanto pensava seus lábios começaram a se mexer.

- Devem-se pagar também pelas boas ações? Haverá alguma outra medida além da razão?

- Caberia ao homem justo a dívida mais pesada, quando avaliada por essa outra medida? Talvez sua dívida tenha sido contada em dobro - porque os outros não sabiam o que faziam?...

Rubashov parou em cima da terceira lajota preta a partir da janela.

O que foi isso? Um sopro de loucura religiosa? Ele se apercebeu de que andara falando sozinho e em voz alta por vários minutos. E mesmo enquanto se ouvia, seus lábios, independentemente de sua vontade, se mexiam e diziam:

- Vou pagar.

Pela primeira vez desde que fora preso Rubashov teve medo. Sentia falta do cigarro. Mas não tinha nenhum.

Então escutou novamente pancadinhas na parede junto à cabeceira da cama. O 402 tinha uma mensagem para ele:

LÁBIO LEPORINO ENVIA SAUDAÇÕES.

Imaginou o rosto pálido e abatido do homem: a mensagem o fez sentir certo desconforto. Bateu de volta:

QUAL O NOME DELE?

O 402 respondeu:

NÃO VAI DIZER. MAS LHE ENVIA SAUDAÇÕES.

## 12.

No período da tarde Rubashov se sentiu ainda pior. Sofria constantes acessos de tremedeira. O dente também voltara a doer - o canino direito que se conectava ao nervo infraorbital. Ainda não comera nada, e mesmo assim não sentia fome. Tentou se reanimar, mas os calafrios que lhe percorriam o corpo e a comichão e a irritação na garganta não permitiam. Seus pensamentos giravam alternadamente em torno de dois eixos: a ânsia desesperada por um cigarro e a frase: "Vou pagar".

As reminiscências zumbiam e sussurravam tenuemente em seus ouvidos. Fisionomias e vozes surgiam e sumiam; de todo lugar em que tentasse escondê-las elas vinham magoá-lo; seu passado inteiro ficava ferido e marcado por cada lembrança. Seu passado era o movimento, o Partido; o presente e o futuro pertenciam igualmente ao Partido, ambos estavam inseparavelmente atados ao seu destino; mas o passado de Rubashov era idêntico ao do Partido. E era esse passado que de repente estava sendo questionado. O corpo quente e vivo do Partido lhe parecia estar coberto de feridas - feridas infeccionadas, chagas sangrentas. Quando e onde na História houvera tantos santos imperfeitos? Quando uma boa causa fora tão mal representada? Se o Partido corporificava a vontade da História, então a própria História é que era imperfeita.

Rubashov olhou atentamente para as manchas úmidas nas paredes de sua cela. Arrancou o cobertor do catre e o enrolou nos ombros; apertou o passo e marchou para lá e para cá com passadas curtas e aceleradas, virando-se abruptamente ao chegar à porta e à janela; mas os tremores continuavam a lhe percorrer as costas. O zumbido nos ouvidos prosseguia, misturado a vozes vagas e suaves; não era capaz de identificar se vinham do corredor ou se

estava tendo alucinações. “É o nervo infraorbital”, disse a si mesmo; “vem da raiz do canino, que foi afetada. Vou falar com o médico amanhã, mas enquanto isso há muito ainda por fazer. É preciso descobrir a causa da imperfeição do Partido. Todos os nossos princípios são corretos, mas os resultados são equivocados. Este é um século doente. Nós diagnosticamos a doença e suas causas com precisão microscópica, mas sempre que aplicamos o bisturi uma nova ferida aparece. Nossas intenções são puras e íntegras, deveríamos ser adorados pelo povo. Mas ele nos odeia. Por que somos tão impopulares e detestados?”

“Nós lhes trouxemos a verdade, mas em nossa boca ela soou como mentira. Trouxemos liberdade, e em nossas mãos ela mais parece um chicote. Trouxemos vida, e até onde alcança nossa voz as árvores definham e ouve-se um farfalhar de folhas secas. Trouxemos para eles a promessa do futuro, mas nossa língua gagueja e ladra...”

Rubashov tremia. Uma imagem lhe veio à mente, uma grande fotografia numa moldura de madeira: os delegados do primeiro congresso do Partido. Sentados a uma mesa comprida de madeira, alguns com os cotovelos fincados nela, outros com as mãos nos joelhos; barbudos e sérios; olhavam fixamente para a lente do fotógrafo. Sobre cada cabeça um pequeno círculo continha um número correspondente a um nome impresso embaixo. Todos exibiam uma aparência solene; somente o velho que presidia tinha um ar astuto e divertido nos olhos tártaros semicerrados. Rubashov era o segundo à direita, de *pince-nez*. O Nº 1 estava sentado na extremidade inferior daquela mesa maciça. Parecia a reunião de um conselho municipal, como se eles estivessem preparando a maior revolução da história da humanidade. Era, naquela época, um punhado de homens de uma espécie inteiramente nova: filósofos militantes. Tinham tanta familiaridade com as prisões da Europa quanto os caixeiros-viajantes com os hotéis.

Sonhavam com o poder visando a abolir o poder; em governar o povo para livrá-lo do hábito de ser governado. Todas as suas ideias viraram realidade e todos os seus sonhos foram satisfeitos. E onde estavam agora? Seus cérebros, que haviam mudado o curso do mundo, receberam uma carga de chumbo. Uns na testa, outros na nuca. Só dois ou três restavam, dispersos pelo mundo, exaustos. Ele próprio; e o N<sup>o</sup> 1.

Estava congelando, e louco por um cigarro. Viu-se mais uma vez no velho porto belga, na companhia do risonho Loewy, um baixote meio corcunda que fumava cachimbo de marinheiro. Sentia de novo o cheiro do porto, um misto de algas marinhas em decomposição e óleo; escutava a música do relógio da torre da velha prefeitura, e via os alpendres sobre as ruas estreitas, em cujas gelosias as prostitutas de beira do cais penduravam as roupas lavadas para secar durante o dia. Isso foi dois anos depois do caso Richard. Não tinham conseguido provar nada contra ele. Manteve silêncio quando o espancaram, manteve silêncio quando lhe arrancaram os dentes, afetando sua audição, e lhe quebraram os óculos. Manteve silêncio, e continuou negando tudo, mentindo fria e calculadamente. Andou pela cela para lá e para cá, rastejou sobre as lajotas da solitária escura, sentiu medo e seguiu trabalhando em sua defesa; e quando a água fria o despertava da inconsciência, tateava em busca de um cigarro, mas continuava mentindo. Naqueles dias não o surpreendeu o ódio dos que o torturavam, nem se perguntou por que era tão odiado por eles. Toda a engrenagem legal da ditadura rangeu os dentes, mas não foi capaz de provar nada contra ele. Após ser solto, foi levado de avião para seu país - a pátria da Revolução. Houve recepções, comícios empolgantes e desfiles militares. Até o N<sup>o</sup> 1 apareceu inúmeras vezes em público com ele.

Fazia anos que Rubashov não ia à sua terra natal, e encontrou muita coisa mudada. Metade dos barbudos daquela fotografia não existia mais. Seus nomes sequer podiam ser mencionados, sua memória só era invocada por meio de ofensas e xingamentos - com exceção do velho de olhos tártaros oblíquos, o líder de outrora, que então já havia morrido. Esse era reverenciado como Deus-Pai, e o Nº 1 como o Filho; mas dizia-se a boca pequena que ele falsificara o testamento do velho para ficar com a herança. Os barbudos que restavam da antiga fotografia estavam irreconhecíveis - de barba feita, cansados e desiludidos, cheios de cínica melancolia. De vez em quando o Nº 1 apontava o dedo para eles em busca de uma nova vítima. Então todos batiam no peito e se arrependiam em coro de seus pecados. Passados quinze dias, ainda precisando de muletas, Rubashov solicitou nova missão no exterior.

- Você parece estar com muita pressa - disse o Nº 1, olhando-o por trás de nuvens de fumaça.

Após vinte anos à frente do Partido, os dois ainda se tratavam formalmente. Sobre a cabeça do Nº 1 pairava o retrato do Velho; a fotografia com as cabeças numeradas, antes pendurada ao lado, agora desaparecera. O colóquio foi breve, durou apenas alguns minutos, porém, à saída, o Nº 1 lhe apertara a mão com especial ênfase. Rubashov, posteriormente, refletiu sobre o significado daquele aperto de mãos; e sobre o olhar de ironia estranhamente intencional que o Nº 1 lhe havia dirigido por detrás de suas nuvens de fumaça. Em seguida Rubashov deixara a sala mancando, de muletas; o Nº 1 não o levou até a porta. No dia seguinte ele partia rumo à Bélgica.

No navio Rubashov teve tempo para se recuperar parcialmente e refletir sobre sua missão. O baixote Loewy, com seu cachimbo de homem do mar, veio recebê-lo à chegada. Era o líder da célula local dos portuários do Partido. Rubashov simpatizou de imediato com ele, que

orgulhosamente saiu mostrando a Rubashov as docas e suas vias internas sinuosas como se ele próprio as houvesse construído. Tinha conhecidos em todos os bares: estivadores, marinheiros e prostitutas; em toda parte lhe ofereciam bebidas e ele retribuía os cumprimentos erguendo o cachimbo à altura da orelha. Até os guardas de trânsito do mercado popular piscavam o olho quando ele passava, e os camaradas marujos de navios estrangeiros, que mal se faziam entender, lhe davam amistosos tapinhas no ombro deformado. Rubashov notou tudo isso com certa surpresa. Não, Loewy não era impopular nem detestado. A representação dos portuários daquela cidade era uma das mais bem organizadas do Partido em todo o mundo.

À noite Rubashov, o baixote Loewy e mais alguns homens se reuniram em um dos bares do porto. Um deles era um tal de Paul, secretário de organização da célula. Era um ex-lutador, calvo, o corpo coberto de cicatrizes, e enormes orelhas de abano. Vestia um suéter preto de marinheiro por baixo do paletó, e um chapéu-coco igualmente preto na cabeça. Tinha o dom de mexer com as orelhas, com as quais erguia o chapéu e o devolvia ao lugar. Com Paul estava um tal de Bill, um ex-marinheiro que escrevera um romance sobre a vida dos marujos, ficara famoso durante um ano e depois caiu novamente no esquecimento; agora escrevia artigos para jornais do Partido. Os outros eram estivadores, homens brutos e grandes bebedores. Novas pessoas chegavam a toda hora, sentavam-se ou ficavam de pé junto à mesa, pagavam uma rodada de bebidas e iam embora. O bodegueiro, um gordão, vinha sentar-se à mesa sempre que tinha uma folga. Sabia tocar gaita. Estavam quase todos bêbados.

Rubashov fora apresentado por Loewy como um “camarada Lá de Longe”, sem maiores explicações. Era o único que conhecia sua identidade. O pessoal da mesa, quando viu que Rubashov não estava para muitas conversas, ou tinha razões para não estar, não lhe fez

muitas perguntas; e as que foram feitas tinham a ver com as condições de vida “lá de longe”: salários, a questão da terra, o desenvolvimento da indústria. Tudo o que eles diziam revelava um conhecimento surpreendente de detalhes técnicos, somado a uma igualmente surpreendente ignorância quanto à situação geral e à atmosfera política de “lá de longe”. Queriam saber sobre o desenvolvimento da produção na indústria de metais leves, como crianças curiosas com o tamanho exato das uvas de Canaã. Um velho estivador, que já estava ali havia um bom tempo sem pedir nada até Loewy convidá-lo para um trago, disse a Rubashov, após apertar sua mão:

- Você lembra muito o velho Rubashov.

- Já me disseram isso algumas vezes, respondeu Rubashov.

- O velho Rubashov... tá aí um homem de verdade -, disse o velho estivador, esvaziando o copo.

Não fazia um mês que Rubashov fora solto, e seis semanas desde que soubera que continuaria vivo. O bodegueiro gordo tocou sua gaita. Rubashov acendeu um cigarro e pediu mais bebida para todos. Todos brindaram à sua saúde e à saúde do povo de “lá de longe”, que o Secretário Paul saudou erguendo e baixando o chapéu-coco com as orelhas.

Mais tarde, Rubashov e o baixote Loewy continuaram juntos por mais algum tempo num café. O dono arriara as persianas, empilhara as cadeiras em cima das mesas e dormia encostado ao balcão enquanto Loewy contava a Rubashov a história de sua vida. Rubashov não tinha perguntado nada, e já previa complicações para o dia seguinte; não podia impedir que todo camarada sentisse necessidade de lhe contar sua história de vida. Na verdade, pretendia ir embora, mas de repente se sentiu muito cansado - afinal, havia superestimado suas forças; então resolveu ficar e ouvir.

Ficou sabendo que Loewy não era natural do país, embora falasse a língua como se o fosse e conhecesse todo mundo do lugar. Ele de fato havia nascido numa cidadezinha do sul da Alemanha, aprendera o ofício de carpinteiro, tocava violão e falava sobre darwinismo nas excursões de domingo do Clube Revolucionário da Juventude. Durante os conturbados meses anteriores à chegada ao poder da ditadura, quando o Partido necessitava urgentemente de armas, uma ousada trama teve lugar na cidade: numa noite de domingo, cinquenta fuzis, vinte revólveres e duas metralhadoras leves com munições foram levadas num caminhão de mudança da delegacia de polícia do bairro mais movimentado da cidade. O pessoal do caminhão apresentou uma autorização escrita, repleta de carimbos oficiais, e se fez acompanhar por dois supostos policiais devidamente uniformizados. As armas foram encontradas depois numa outra cidade durante uma busca na garagem de um membro do Partido. O caso nunca foi totalmente esclarecido, e no dia seguinte aconteceu de Loewy sumir da cidade. O Partido lhe havia prometido um passaporte e documentos de identidade, mas o combinado não deu certo. Ou melhor, o mensageiro das esferas superiores do Partido que deveria levar o passaporte e o dinheiro para a viagem do baixote não deu as caras no local do encontro previamente estabelecido.

- Com a gente tudo é sempre assim - acrescentou, filosoficamente, o baixote Loewy. Rubashov ficou calado.

Apesar disso, Loewy conseguiu escapar e finalmente atravessar a fronteira. Como havia um mandado de prisão contra ele, e como sua fotografia com o ombro deformado estava afixada em todas as delegacias de polícia, ele passou vários meses vagando pelo país. Quando fracassou seu encontro com o camarada das “esferas superiores” ele carregava no bolso dinheiro suficiente apenas para três dias.

- Antes eu sempre achei que só nos livros as pessoas mascavam casca de árvore - ele comentou.

- As de plátanos jovens são as mais saborosas.

A lembrança o fez se levantar para pegar duas salsichas no balcão. Rubashov lembrou-se da sopa e das greves de fome da prisão, e comeu com ele.

Finalmente ele passou para o lado francês da fronteira. Como não tinha passaporte, foi preso dias depois; comprometeu-se a ir para outro país e foi solto.

- Eles também poderiam ter me mandado para a lua, observou ele.

Buscou ajuda do Partido; mas naquele país o Partido não o conhecia e lhe foi dito que primeiro teriam que fazer averiguações em seu país natal. Ele continuou vagando; poucos dias depois foi novamente preso e condenado a três meses de prisão. Cumpriu a sentença, e deu ao vagabundo com o qual dividia a cela uma série de aulas sobre as resoluções do último congresso do Partido. Em troca, o companheiro lhe desvendou o segredo de ganhar a vida caçando gatos para vender o couro. Transcorridos os três meses, ele foi levado à noite a um bosque na fronteira belga. Os gendarmes lhe deram pão, queijo e um pacote de cigarros franceses.

- É só você seguir direto - lhe disseram, - que em meia hora estará na Bélgica. Se o pegarmos de novo por aqui, arrancamos sua cabeça.

Durante várias semanas ele perambulou pela Bélgica. Buscou outra vez a ajuda do Partido, mas recebeu a mesma resposta que obtivera na França. Como não aguentava mais casca de plátano, tentou o comércio de gatos. Era muito fácil capturar os bichos, e dava para conseguir por uma pele, se fosse um animal jovem e sem sarnas, o equivalente a meio pão de forma e um pacote de fumo para cachimbo. Entretanto, entre a captura e a venda havia uma operação bem mais desagradável. A coisa era mais rápida agarrando-se as orelhas do gato com uma das mãos, o rabo com a

outra, e partindo-se a espinha com o joelho. Nas primeiras vezes dava engulhos, mas depois a pessoa se acostumava. Infelizmente, Loewy foi preso de novo algumas semanas depois, pois também na Bélgica era preciso ter documentos de identidade. Seguiram-se então, pela ordem, expulsão, soltura, segunda prisão, detenção. Então, uma noite, dois gendarmes belgas o levaram até um bosque na fronteira francesa. Deram-lhe pão, queijo e um pacote de cigarros belgas.

- É só você seguir direto - lhe disseram, - que em meia hora estará na França. Se o pegarmos de novo por aqui, arrancamos sua cabeça.

Ao longo do ano seguinte, ele cruzou a fronteira às escondidas, indo e voltando, três vezes, com a cumplicidade ora das autoridades francesas, ora das belgas, conforme o caso. Chegou à conclusão de que aquele jogo de empurra-empurra vinha sendo praticado há anos com centenas de pessoas iguais a ele. Apresentou-se ao Partido por diversas vezes, pois sua preocupação maior consistia em perder contato com o movimento.

- Não recebemos nenhuma notificação da sua chegada por parte da sua Organização -, foi o que lhe disseram. - Temos que aguardar a resposta às nossas averiguações. Se você é membro do Partido, observe a disciplina partidária.

Nesse meio tempo continuou com o negócio dos gatos, deixando-se empurrar para lá e para cá da fronteira. Enquanto isso a ditadura também se instalava em seu país. Mais um ano se passou e, para piorar um pouco mais suas viagens, ele passou a cuspir sangue e a sonhar com gatos. Sofria com a sensação de que tudo cheirava a gatos - a comida, o cachimbo e até as velhas e simpáticas prostitutas que, volta e meia, lhe davam guarida.

- Ainda não recebemos resposta às nossas averiguações - informou o Partido. Após mais um ano resultou que todos aqueles camaradas que podiam fornecer a informação

solicitada sobre o passado do baixote Loewy tinham sido assassinados, estavam presos ou haviam desaparecido.

- Lamentamos não poder fazer nada - informou o Partido.

- Você não deveria ter vindo sem uma notificação oficial. Quem sabe até tenha viajado sem autorização do Partido... Como vamos saber? Muitos espões e *provocateurs*<sup>2</sup> tentam se infiltrar clandestinamente nas nossas fileiras. O Partido precisa estar sempre alerta.

- Por que está me contando isso? - perguntou Rubashov, lamentando não ter ido embora antes.

Loewy se levantou para pegar mais cerveja, e cumprimentou com o cachimbo.

- Porque é instrutivo - disse. - Porque é um exemplo típico. Eu poderia lhe contar centenas de outros. Durante anos nossos melhores quadros vêm sendo esmagados dessa maneira. O Partido está ficando cada vez mais fossilizado. O Partido sofre de gota e tem varizes nas pernas. Não dá para fazer uma revolução desse jeito.

"Eu poderia lhe contar muito mais sobre isso", pensou Rubashov, mas se calou.

Entretanto, a história do baixote Loewy chegou inesperadamente a um final feliz. Enquanto cumpria mais uma das suas incontáveis penas na prisão, teve como companheiro de cela o ex-lutador Paul. Na época, Paul era estivador; pegara cadeia por haver, durante uma manifestação grevista, relembrado seu passado profissional e aplicado o golpe conhecido como "Double Nelson"<sup>3</sup> em um policial. Esse golpe consiste em passar os braços pelas axilas do oponente por trás, cruzar as mãos em sua nuca e pressionar sua cabeça para baixo até que a vértebra do pescoço estale. No ringue ele sempre lhe assegurava muitos aplausos, mas, para seu pesar, aprendeu que na luta de classes o "Double Nelson" não era bem visto. Loewy e o ex-lutador se tornaram amigos. Deu-se que Paul era o

Secretário Administrativo da célula portuária do Partido; quando saíram, ele arranhou documentos e trabalho para Loewy e conseguiu que ele fosse reintegrado ao Partido. Com isso, o baixote Loewy pôde voltar a dar palestras para os trabalhadores das docas sobre darwinismo e o último congresso do Partido como se nada tivesse acontecido. Estava feliz e esquecera os gatos e a raiva dos burocratas do Partido. Passado seis meses, ele próprio virou Secretário Político da célula local. Tudo bem quando termina bem.

Rubashov desejou de todo coração, velho e cansado como se sentia, que tudo terminasse bem. Porém, sabia para que missão o tinham enviado, e só havia uma virtude revolucionária que ele não aprendera: a virtude do autoengano. Olhou em silêncio para Loewy. E enquanto ele, sem entender o significado daquele olhar, se mostrava levemente constrangido e, sorridente, cumprimentava com o cachimbo, Rubashov pensava nos gatos. Notou com horror que havia algo de errado com seus nervos e que talvez tivesse bebido demais, pois não conseguia se livrar da obsessão de que precisava agarrar o baixote pelas orelhas e pernas e partir-lhe a espinha com o joelho, com ombro deformado e tudo. Estava se sentindo mal e se levantou para ir embora. Loewy o acompanhou; pensou que Rubashov estava tendo uma súbita crise depressiva, e se manteve respeitosamente em silêncio. Uma semana depois o baixote Loewy se enforcou.

Entre aquela noite e a morte de Loewy ocorreram várias reuniões insossas da célula do Partido. Os fatos eram simples.

Dois anos atrás o Partido conclamara os trabalhadores do mundo a enfrentar a ditadura recém-instaurada no coração da Europa por meio de um boicote político e econômico. Nenhum produto oriundo do país inimigo deveria ser comprado, nem se deveria permitir a passagem de qualquer remessa para sua enorme indústria armamentista. As

células partidárias cumpriram essas ordens com entusiasmo. Os estivadores do pequeno porto se recusaram a carregar e descarregar navios provenientes daquele país ou a ele destinados. Outros sindicatos se uniram a eles. A greve foi dura; conflitos com a polícia deixaram mortos e feridos. O resultado final da luta ainda era incerto quando uma pequena esquadra composta por cinco navios de carga pretos, estranhos e antiquados entrou no porto. Cada um levava o nome de um grande líder da Revolução pintado na popa, no estranho alfabeto “lá de longe”, enquanto nas proas tremulava a bandeira da Revolução. Os grevistas os saudaram entusiasticamente e deram início imediato à operação descarga. Após várias horas se verificou que o frete consistia em minérios raros e se destinava à indústria bélica do país boicotado.

A célula portuária do Partido imediatamente convocou uma reunião do comitê, em que os participantes chegaram às vias de fato. O conflito se espalhou pelo movimento por todo o país. A imprensa reacionária explorou ironicamente o acontecido. A polícia interrompeu as tentativas de pôr fim à greve, proclamou-se neutra e deixou que os trabalhadores decidissem por si mesmos se fariam ou não a descarga da estranha esquadra negra. A direção do Partido interrompeu a greve e deu ordens para a descarga, apresentando explicações razoáveis e argumentos engenhosos para o comportamento do País da Revolução, mas pouca gente se deixou convencer. A célula rachou; a maioria dos antigos militantes se afastou. Durante meses o Partido experimentou a sombra de uma existência; porém, pouco a pouco, com o aumento da crise industrial do país, reconquistou a popularidade e a força.

Dois anos se passaram. Outra ditadura voraz no sul da Europa deu início a uma guerra de pilhagem e conquista na África. Novamente o Partido convocou um boicote. E recebeu uma resposta ainda mais entusiástica do que a anterior. Pois dessa vez os próprios governos de

praticamente todos os países do mundo resolveram cortar o suprimento de matérias-primas para o agressor.

Sem matérias-primas e sobretudo sem petróleo, o país agressor estaria perdido. Este era o estado de coisas quando, uma vez mais, a estranha esquadra negra se pôs a caminho. O maior dos navios levava o nome de um homem que erguera a voz contra a guerra e fora massacrado; em seus mastros ondulava a bandeira da Revolução e nos porões transportavam o petróleo do agressor. Achavam-se a apenas um dia de distância daquele porto, e o baixote Loewy e seus amigos nada sabiam ainda sobre sua chegada. Era de Rubashov a missão de prepará-los para tal.

No primeiro dia ele não disse nada – limitou-se a estudar o terreno. Na manhã do segundo dia começaram as desavenças na sala de reuniões do Partido.

A sala era grande, despojada, mal arrumada e mobiliada com aquela falta de cuidado que tornava exatamente iguais os escritórios do Partido em todas as cidades do mundo. Isso era em parte resultado da pobreza, mas principalmente de uma tradição ascética e sombria. As paredes eram cobertas com velhos cartazes eleitorais, slogans políticos e notas datilografadas. Num canto ficava um mimeógrafo velho e empoeirado. Em outro, uma montanha de roupas usadas destinadas às famílias de grevistas; perto delas, pilhas de folhetos e brochuras amareladas. A mesa comprida consistia de duas pranchas dispostas paralelamente sobre um par de cavaletes. As janelas estavam lambuzadas de tinta como numa construção inacabada. Em cima da mesa uma lâmpada pendia diretamente de um fio do teto, e perto dela um pega-moscas de papel grudento. Em volta da mesa sentaram-se o corcundinha Loewy, o ex-lutador Paul, o escritor Bill e outros três.

Rubashov falou por algum tempo. Aquele ambiente lhe era familiar; aquela feiura tradicional fazia com que se sentisse em casa. Naquele ambiente ele ficava outra vez

absolutamente convencido da necessidade e da utilidade de sua missão e não conseguia entender por que se sentira tão desconfortável no bar barulhento da noite passada. Explicou com objetividade, mas não sem fervor, a verdadeira situação, sem mencionar, porém, a real finalidade da sua vinda. O boicote mundial ao agressor havia fracassado por causa da hipocrisia e da ganância dos governos europeus. Alguns ainda preservavam uma aparência de adesão ao boicote, os demais nem isso. O agressor necessitava de petróleo. No passado, o País da Revolução atendera a uma parcela considerável dessa necessidade. Se agora parasse com os suprimentos, outros países lhe ocupariam sofregamente o lugar: a verdade é que eles não pretendiam outra coisa senão empurrar o País da Revolução para fora dos mercados mundiais. Gestos românticos desse tipo apenas dificultariam o desenvolvimento da indústria “Lá de Longe”, e com isso o movimento revolucionário no mundo inteiro. Portanto, a conclusão era óbvia.

Paul e os três trabalhadores da estiva concordaram com a cabeça. Eles não eram muito bons para pensar; tudo que o camarada “Lá de Longe” dizia soava totalmente convincente; tratava-se tão-só de um discurso teórico, sem consequências imediatas para eles. Não percebiam o verdadeiro ponto a que ele queria chegar; nenhum deles pensou na flotilha negra que se aproximava do porto. Só o baixote Loewy e o escritor de fisionomia transtornada trocaram um rápido olhar. Rubashov notou. E concluiu bem mais secamente, sem fervor na voz:

- E isso é tudo que eu tinha a dizer em matéria de princípios. Espera-se que vocês apoiem as resoluções do Comitê Central e esclareçam os pontos positivos e negativos da questão aos camaradas politicamente menos informados, caso algum deles tenha qualquer dúvida. No momento nada mais tenho a dizer.

Fez-se silêncio por um instante. Rubashov tirou o *pince-nez* e acendeu um cigarro. Loewy disse em tom informal:

- Nossos agradecimentos ao orador. Alguém gostaria de perguntar alguma coisa?

Ninguém quis. Após algum tempo um dos estivadores disse meio desajeitadamente:

- Não há muito que acrescentar. Os camaradas “Lá de Longe” devem saber o que fazem. Nós, é claro, temos que continuar trabalhando pelo boicote. Podem confiar em nós. Pelo nosso porto nada passará para os porcos.

Os dois companheiros concordaram com a cabeça. O lutador Paul confirmou:

- Aqui, não -, e fez uma careta belicosa e uma graça com as orelhas.

Por um instante Rubashov achou que estivesse sendo confrontado por uma facção opositora; só aos poucos foi percebendo que os outros não haviam realmente compreendido o problema. Olhou para Loewy, na esperança de que pudesse esclarecer o mal-entendido. Mas ele conservou os olhos baixos e se calou. De repente o escritor falou com um tique nervoso:

- Vocês não poderiam ter escolhido outro porto dessa vez para suas pequenas transações? Sempre somos nós?

Os estivadores olharam para ele com surpresa; não entendiam o que o colega queria dizer com “transações”; a ideia da flotilha negra que vinha se aproximando da sua costa em meio à névoa e fumaça estava mais distante que nunca de suas cabeças. No entanto, Rubashov já esperava por essa pergunta:

- Essa é uma decisão recomendável tanto política quanto geograficamente - ele disse. - As mercadorias serão levadas daqui por terra. Não temos, evidentemente, nenhuma razão para manter qualquer coisa em segredo; ainda assim, é mais prudente evitar o sensacionalismo que a imprensa reacionária tanto aprecia explorar.

O escritor trocou um novo olhar com o baixote Loewy. Os estivadores olharam para Rubashov com cara de quem não

estava entendendo nada; de repente Paul falou com uma voz rouca, diferente:

- Do que é que vocês estão falando mesmo?

Todos o olharam. Seu pescoço estava vermelho, e ele fitava Rubashov com olhos arregalados. Loewy disse, controlando-se:

- Só agora vocês se deram conta?

Rubashov correu os olhos de um para o outro e disse calmamente:

- Eu omiti os detalhes. Os cinco navios de carga do Comissariado de Comércio Exterior têm chegada prevista para amanhã de manhã, se o tempo permitir.

Mesmo agora se passaram vários minutos até que todos entendessem. Ninguém deu uma palavra. Todos olharam para Rubashov. Então Paul se levantou bem devagar, jogou o chapéu no chão e saiu da sala. Dois dos seus colegas voltaram a cabeça em sua direção. Ninguém falou. Aí o baixote Loewy pigarreou e disse:

- O camarada orador acaba de nos explicar as razões desse negócio: se não liberarem os suprimentos, outros o farão. Quem mais deseja falar?

O estivador que já havia se manifestado se remexeu na cadeira e disse:

- Já conhecemos bem essa cantilena. Em toda greve sempre há alguém que diz: "se eu não fizer o trabalho, alguém irá tomá-lo". Já ouvimos isso demais, é assim que agem os fura-greves.

Fez-se uma nova pausa. Deu para escutar lá fora a porta da frente sendo batida com força por Paul. Então Rubashov falou:

- Camaradas, os interesses do nosso desenvolvimento industrial externo vêm primeiro do que qualquer outra coisa. Sentimentalismo não nos levará adiante. Pensem bem nisso.

O estivador esticou o queixo e disse:

- Já pensamos muito bem. E já escutamos muita coisa. Vocês “Lá de Longe” deviam dar o exemplo. O mundo inteiro está de olho em vocês. Falam de solidariedade, de sacrifício e disciplina, e ao mesmo tempo usam a esquadra para um simples fura-greve.

Nesse ponto o baixote Loewy levantou a cabeça de repente; estava pálido; saudou Rubashov com o cachimbo e disse baixinho e bem rapidamente:

- O que o camarada falou é também a minha opinião. Alguém tem algo mais a dizer? A reunião está encerrada.

Rubashov saiu capengando da sala com suas muletas. Os acontecimentos tinham seguido o curso prescrito e inevitável. Enquanto a flotilha antiquada adentrava o porto, Rubashov trocava telegramas com as autoridades competentes “Lá de Longe”. Três dias depois os líderes da célula portuária eram expulsos do Partido e Loewy denunciado no órgão oficial do Partido como *agent provocateur*. Outros três dias e o baixote Loewy se enforcava.

## 13.

A noite foi ainda pior. Rubashov não conseguiu dormir antes de o dia clarear. Sentia tremores a intervalos regulares; o dente latejava. Tinha a sensação de que todos os centros nevrálgicos do cérebro estavam doloridos e inflamados; mas sucumbiu à penosa compulsão de evocar imagens e vozes. Pensou no jovem Richard em seu terno preto de domingo, com os olhos inchados. “Mas você não pode me atirar aos lobos, camarada...” Pensava no baixote aleijado Loewy: “Quem mais quer falar?” Eram tantos os que queriam muito falar... Pois o movimento não tinha escrúpulos; rolava inexoravelmente rumo à sua meta depositando os cadáveres dos afogados nas reentrâncias de seu curso. O curso tinha muitas curvas e reentrâncias; essa era a lei da sua existência. E quem não fosse capaz de acompanhar seu curso tortuoso era relegado à margem, pois essa era sua lei. Os motivos individuais não interessavam. A consciência do homem não interessava, tampouco o que lhe passasse pela cabeça e o coração. O Partido só reconhecia um crime: desviar-se do curso traçado; e só um castigo: a morte. A morte não constituía mistério para o movimento; nela nada havia de enaltecendor; era a solução lógica para divergências políticas.

Somente nas primeiras horas da manhã é que Rubashov, exausto, pegou no sono em seu catre. Foi acordado novamente pelo toque do clarim que anunciava um novo dia; pouco depois chegavam o velho carcereiro e dois guardas de uniforme para conduzi-lo ao médico.

Rubashov tinha a expectativa de poder ler os nomes nos cartões sobre as portas das celas do Lábio Leporino e do 402, mas o levaram na direção oposta. A cela à sua direita estava vazia. Era uma das últimas daquela extremidade do corredor; a ala das celas de isolamento estava fechada por

uma pesada porta de concreto, que o velho abriu com muita dificuldade. Agora seguiam por uma galeria comprida, Rubashov e o velho carcereiro à frente, os dois homens de uniforme atrás. Aqui os cartões de identificação nas portas das celas exibiam vários nomes; ouviam-se conversas, risadas e até cantorias vindas das celas; Rubashov logo percebeu que estavam na ala dos criminosos de menor periculosidade. Passaram pela barbearia, cuja porta estava aberta; um prisioneiro com a fisionomia cansada dos velhos condenados fazia a barba; dois camponeses tinham seus cabelos raspados; os três viraram a cabeça com curiosidade à passagem de Rubashov e sua escolta. Chegaram a uma porta com uma cruz vermelha pintada. O carcereiro bateu respeitosamente, e ele e Rubashov entraram; os dois homens uniformizados ficaram à espera do lado de fora.

A enfermaria era pequena e abafada; o ar cheirava a benzina e tabaco. Um balde e duas bacias transbordavam de chumaços de algodão e ataduras sujas. O médico, sentado a uma mesa de costas para eles, lia o jornal, mastigando um pão pingando gordura. O jornal estava em cima de instrumentos, pinças e seringas. Quando o carcereiro fechou a porta, o médico se virou devagar. Era calvo e tinha um crânio extraordinariamente pequeno, coberto por uma penugem branca, que fez Rubashov se lembrar de um avestruz.

- Ele diz que está com dor de dente - informou o velho carcereiro.

- Dor de dente? - disse o médico, olhando para Rubashov. - Abra a boca, e sejamos rápidos.

Rubashov olhou para ele.

- Eu gostaria de deixar bem claro - disse, com toda calma

- que sou prisioneiro político e merecedor de tratamento justo.

O médico se voltou para o carcereiro:

- Quem é essa figura?

O carcereiro disse o nome de Rubashov. Por um segundo Rubashov sentiu os olhos redondos de avestruz pousados sobre ele. Em seguida o médico disse:

- Sua bochecha está inchada. Abra a boca.

O dente não estava doendo no momento. Ele abriu a boca.

- Você não tem mais nenhum dente no lado esquerdo da arcada superior - disse o médico, sondando com o dedo a boca de Rubashov.

De repente, Rubashov empalideceu e precisou se encostar à parede.

- Aí está! - disse o médico. - A raiz do canino direito se partiu, mas permaneceu na gengiva.

Rubashov respirou fundo várias vezes. A dor latejava desde a arcada dentária até o olho e daí repercutia direto na nuca. Ele sentia o sangue pulsar, a intervalos regulares. O médico se sentou novamente e abriu o jornal.

- Se quiser eu posso extrair a raiz - disse, dando uma dentada no pão engordurado. - Claro que não temos anestesia aqui. A cirurgia leva entre meia hora e uma hora.

Rubashov ouviu a voz do médico em meio a uma névoa. Encostou-se à parede e respirou fundo.

- Obrigado - disse -, agora não.

Pensou em Lábio Leporino e na "sauna" e no gesto ridículo de ontem, quando apagara o cigarro no dorso da mão. "As coisas vão mal", pensou.

Quando retornou à cela, Rubashov se jogou no catre e adormeceu instantaneamente.

Ao meio-dia, quando chegou a sopa, ele não foi mais relegado; desde então passou a receber suas rações direitinho. A dor de dente diminuiu e se manteve dentro de limites suportáveis. Rubashov tinha a esperança de que o abscesso na raiz se houvesse aberto sozinho.

Três dias depois foi levado a interrogatório pela primeira vez.

## 14.

Eram onze da manhã quando vieram pegá-lo. Pela expressão solene do carcereiro, Rubashov adivinhou logo para onde estavam indo. Foi seguindo o velhote, com a absoluta serenidade de que sempre se revestia, como uma inesperada dádiva misericordiosa, em momentos de perigo.

Fizeram o mesmo percurso de três dias atrás, quando foram ao médico. De novo a porta de concreto se abriu e fechou com estrondo; “estranho”, pensou Rubashov, “como a gente se acostuma rapidamente a um ambiente tenso”; tinha a impressão de vir respirando o ar daquele corredor há anos, como se a atmosfera viciada de todas as prisões que conhecera estivesse armazenada aqui.

Passaram pela barbearia e pela porta do médico, que estava fechada; do lado de fora, três presos, vigiados por um guarda sonolento, aguardavam sua vez.

O que havia para além da porta do médico era terreno novo para Rubashov. Passaram por uma escada em espiral que levava às profundezas. O que haveria lá embaixo – despensas, celas solitárias? Rubashov tentava adivinhar, com o interesse de um especialista. Não gostou nem um pouco do jeito daquela escada.

Atravessaram um pátio estreito e sem janelas; era um poço escuro, mas acima dele o céu se abria. Do outro lado do pátio os corredores eram mais claros; as portas não eram mais de concreto, e sim de madeira pintada, com maçanetas de metal; guardas apressados passavam por eles; por trás de uma porta um telégrafo sem fio estava em plena atividade; por trás de outra se podia ouvir o som de uma máquina de escrever. Estavam no setor administrativo.

Pararam diante da última porta, no fim do corredor; o carcereiro bateu. Lá dentro alguém falava ao telefone; uma voz suave pediu:

- Um minuto, por favor - e seguiu pacientemente dizendo "Sim" e "Positivo" ao bocal.

A voz pareceu familiar a Rubashov, mas não sabia de onde. Uma voz agradavelmente masculina, levemente rouca; com certeza já a ouvira antes em algum lugar.

- Entre - disse a voz. O carcereiro abriu a porta e a fechou imediatamente atrás de Rubashov. Rubashov viu uma mesa; atrás dela estava sentado seu velho colega de universidade e ex-comandante de batalhão, Ivanov, que o olhava sorridente enquanto punha o fone de volta no lugar.

- Então aqui estamos novamente - disse Ivanov.

Rubashov continuava à porta.

- Que agradável surpresa - falou secamente.

- Sente-se - disse Ivanov com um gesto educado.

Ele havia se levantado; de pé, era meia cabeça mais alto que Rubashov. Ambos se sentaram - Ivanov atrás da mesa, Rubashov à frente. Os dois ficaram se olhando por algum tempo e com incontida curiosidade - Ivanov com seu sorriso quase meigo, Rubashov vigilante e atento. Seu olhar deslizou para a perna direita de Ivanov sob a mesa.

- Ah, tudo bem - disse Ivanov. - Perna artificial com juntas automáticas e metal inoxidável; posso nadar, andar a cavalo, dirigir automóvel e dançar. Aceita um cigarro?

E estendeu uma cigareira de madeira à Rubashov.

Rubashov olhou os cigarros e pensou em sua primeira visita ao hospital militar depois que a perna de Ivanov fora amputada. Ivanov lhe pedira que conseguisse Veronal<sup>4</sup>, e numa discussão que levou a tarde toda, tentara provar que todo homem tinha direito ao suicídio. Rubashov finalmente pediu tempo para refletir, e na mesma noite fora transferido para outro setor do *front*. Somente anos mais tarde se encontrou novamente com Ivanov. Olhou para os cigarros no estojo de madeira. Eram feitos à mão, de fumo americano dourado e suave.

- Ainda estamos nas preliminares informais, ou as hostilidades já começaram? - perguntou Rubashov. - Neste último caso, vou declinar. Você conhece o protocolo.

- Bobagem - disse Ivanov.

- Bom, se é bobagem... - disse Rubashov, acendendo um dos cigarros de Ivanov. Inalou profundamente, sem demonstrar seu prazer.

- E como vai o seu reumatismo nos ombros? - perguntou.

- Bem, obrigado - respondeu Ivanov. - E como está sua queimadura?

Sorriu e apontou inocentemente para a mão esquerda de Rubashov. No dorso, entre as veias azuladas, no local em que três dias atrás ele apagara o cigarro, formara-se uma bolha do tamanho de uma moeda. Durante um minuto ambos ficaram olhando para a mão de Rubashov que repousava em seu colo. "Como ele sabe disso?", pensou Rubashov. "Tem me espionado." Sentindo mais vergonha que raiva, deu uma última tragada e pôs de lado o cigarro.

- Quanto a mim, dou a parte informal por encerrada - disse.

Ivanov soprou anéis de fumaça e observou-o com o mesmo sorriso levemente irônico.

- Não caia na defensiva - disse.

- São as circunstâncias - retrucou Rubashov. - Fui eu que prendi você ou vocês é que me prenderam?

- Nós prendemos você - disse Ivanov.

Ele terminou o cigarro, acendeu outro e estendeu a cigareira para Rubashov, que não se mexeu.

- Raios o partam - disse Ivanov. - Está lembrado da história do Veronal? - Ele chegou para diante e soprou a fumaça no rosto de Rubashov.

- Não quero que você seja fuzilado - falou devagar, recostando-se de novo na cadeira. - Raios o partam - repetiu, sorrindo de novo.

- É tocante da sua parte - disse Rubashov. - Por que então vocês pretendem me matar?

Ivanov deixou passar um instante. Fumava e rabiscava com o lápis no mata-borrão. Parecia estar buscando as palavras exatas.

- Olha, Rubashov - disse, afinal. - Há uma coisa que eu gostaria de deixar bem claro. Você vem repetidamente dizendo "você", querendo se referir ao Estado e ao Partido, em oposição a "Eu", isto é, Nicolas Salamanovich Rubashov. Para efeitos externos, são necessários, evidentemente, um julgamento e a justificativa legal. Para nós, o que eu acabo de dizer deve bastar.

Rubashov refletiu a respeito; de certa maneira, ele fora apanhado de surpresa. Por um momento parecia que Ivanov tinha disparado um diapasão, a que sua mente respondeu com a nota respectiva. Tudo em que ele havia acreditado, pelo que havia combatido e que preconizara durante os últimos quarenta anos fora varrido de sua cabeça por uma onda irresistível. O indivíduo era nada, o Partido, tudo; o galho que se partiu da árvore deve secar... Rubashov esfregou o *pince-nez* na manga. Ivanov se sentara novamente na cadeira, fumando; mas não sorria mais. Subitamente, o olho de Rubashov foi capturado por uma área na parede mais clara do que o resto do papel que a forrava. De imediato se deu conta de que o retrato com os rostos barbudos e os nomes numerados estivera pendurado ali. Ivanov acompanhou seu olhar sem alterar a expressão.

- Seus argumentos são um tanto quanto anacrônicos - disse Rubashov. - Como você mesmo acertadamente observou, nós sempre fomos acostumados a usar o plural "nós" e a evitar ao máximo a primeira pessoa do singular. Eu, inclusive, perdi o hábito dessa forma de tratamento; pense bem nisso. Mas quem é esse "Nós" em nome do qual vocês falam hoje? É preciso redefinir. Essa é a questão.

- Inteiramente de acordo - disse Ivanov. - Fico feliz que tenhamos atingido o âmago da questão assim tão rapidamente. Em outras palavras: você está convencido de

que “Nós”, ou seja, o Partido, o Estado e as massas por trás, não representamos mais os interesses da Revolução.

- Eu deixaria as massas fora disso - disse Rubashov.

- Desde quando você tem esse sumo desprezo pela plebe? - perguntou Ivanov. - Será que isso também tem ligação com a mudança gramatical para a primeira pessoa do singular?

Ele se debruçou na mesa com um ar zombeteiro e benevolente. Sua cabeça agora coincidia com a área quadrangular mais clara na parede, e de repente ocorreu a Rubashov a cena da galeria de arte, quando a cabeça de Richard se pusera entre ele e as mãos encurvadas da *Pietá*. No mesmo instante um espasmo de dor latejou de seu maxilar subindo para a testa e o ouvido. Por um segundo ele fechou os olhos. “Agora estou pagando”, pensou. Um instante depois já não sabia se falara em voz alta.

- Como foi que disse? - a voz de Ivanov soava bem próximo ao seu ouvido, zombeteira e levemente surpresa.

A dor cedeu; uma sensação de apaziguamento impregnou sua mente.

- Deixe as massas fora disso - repetiu. - Você não entende nada sobre elas. E eu provavelmente também não. Antes, quando o grande “Nós” ainda existia, nós as entendíamos como ninguém jamais as entendeu. Penetramos em suas profundezas, trabalhamos na matéria-prima amorfa da própria história...

Sem se aperceber, pegara um cigarro na cigarreira de Ivanov, que continuava aberta sobre a mesa. Ivanov se inclinou e o acendeu para ele.

- Naquela época - prosseguiu Rubashov - éramos chamados de Partido da Plebe. O que os outros sabiam da história? Marolas passageiras, pequenos redemoinhos e ondas batendo. Pensavam nas formas mutantes da superfície sem conseguir explicá-las. Mas nós não, nós descemos às profundezas, até as massas informes e anônimas que, em todos os tempos, constituíram a

substância da história; e fomos os primeiros a descobrir suas leis do movimento. Descobrimos as leis de sua inércia, da lenta mudança de sua estrutura molecular, e de suas súbitas erupções. Foi essa a grandeza da nossa doutrina. Os jacobinos eram moralistas; nós éramos empíricos. Escavamos na lama primeva da história e lá encontramos suas leis. Conhecemos mais do que quaisquer homens conheceram sobre a espécie humana; e por isso nossa revolução foi bem sucedida. E agora vocês sepultaram tudo isso novamente...

Ivanov estava de novo sentado com as pernas esticadas, ouvindo e rabiscando figuras no mata-borrão.

- Continue - ele falou. - Estou curioso para saber aonde você quer chegar.

Rubashov fumava aliviado. Sentia que a nicotina o ia deixando ligeiramente tonto após longa abstinência.

- Como você pode notar, estou me entregando de bandeja - disse ele, olhando sorridente para a área mais clara da parede onde já estivera pendurada a fotografia da velha guarda. Dessa vez Ivanov não acompanhou seu olhar. - Bom, mais um não faz diferença. Estão todos enterrados; os homens, sua sabedoria e suas esperanças. Vocês mataram o "Nós"; o destruíram. Vocês realmente defendem que as massas ainda os apoiam? Outros usurpadores na Europa fingem a mesma coisa com igual direito...

Pegou outro cigarro e ele próprio o acendeu desta vez, já que Ivanov não se mexeu.

- Desculpe minha veemência - ele prosseguiu -, mas vocês de fato acreditam que o povo ainda segue vocês? Ele suporta vocês, mudo e resignado, como suporta outros em outros países, mas no fundo não reage. As massas se tornaram surdas e mudas outra vez, o grande e silencioso x da história, indiferentes como o mar transportando os navios. Toda luz se reflete em sua superfície, mas lá embaixo só há escuridão e silêncio. Muito tempo atrás nós revolvemos as profundezas, mas isso acabou. Em outras

palavras - Rubashov fez uma pausa e pôs o *pince-nez* -, naquele tempo, nós fizemos história; agora vocês fazem política. Eis a enorme diferença.

Ivanov se recostou na cadeira soprando anéis de fumaça.

- Desculpe, mas a diferença não ficou muito clara para mim - disse. - Quem sabe você faria a gentileza de explicar.

- Claro que sim - disse Rubashov. - Certa vez um matemático disse que a álgebra é a ciência dos preguiçosos: ninguém sabe o valor de  $x$ , mas todos operam com ele como se soubessem. No nosso caso,  $x$  representa as massas anônimas, o povo. A política significa operar com esse  $x$  sem preocupação quanto à sua verdadeira natureza. Fazer história é reconhecer  $x$  pelo que ele representa na equação.

- Bonito - disse Ivanov. - Porém, infelizmente, abstrato demais. Voltando a coisas mais concretas: você está querendo dizer, portanto, que "Nós" - nomeadamente, o Partido e o Estado - não representamos mais os interesses de Revolução, das massas ou, se preferir, o progresso da humanidade.

- Agora você pegou - disse Rubashov sorrindo.

Ivanov não reagiu ao sorriso.

- Quando você desenvolveu essa teoria?

- Bem aos poucos: durante os últimos anos - disse Rubashov.

- Não poderia ser mais exato? Um ano? Dois? Três anos?

- Essa pergunta é meio idiota - disse Rubashov. - Com que idade você se tornou adulto? Aos dezessete? Aos dezoito e meio? Aos dezenove?

- É você que está se fazendo de idiota - disse Ivanov. - Cada degrau no desenvolvimento espiritual de uma pessoa é o resultado de experiências concretas. Se você realmente quer saber: eu me tornei homem aos dezessete anos, quando fui para o exílio pela primeira vez.

- Na época você era um sujeito decente - disse Rubashov. - Deixa para lá. - Olhou novamente para a parte

mais clara na parede e pôs o cigarro de lado.

- Repito a pergunta - disse Ivanov, chegando-se ligeiramente para diante. - Há quanto tempo você pertence à oposição organizada?

O telefone tocou. Ivanov levantou o aparelho, disse: "Estou ocupado", e desligou. Recostou-se na cadeira, a perna esticada, e aguardou a resposta de Rubashov.

- Você sabe tão bem quanto eu que nunca pertenci à oposição organizada.

- Como preferir - disse Ivanov. - Você me deixa na penosa posição de ter que bancar o burocrata.

Levou a mão a uma gaveta e tirou um punhado de pastas.

- Começamos por 1933 - disse, espalhando os papéis à sua frente. - Instauração da ditadura e derrocada do Partido no próprio país onde a vitória parecia mais certa. Você foi mandado para lá ilegalmente, com a missão de promover um expurgo e a reorganização das fileiras...

Rubashov se recostou, atento à sua biografia. Pensou em Richard, e no crepúsculo na avenida defronte ao museu, onde tomara o carro de praça.

-...Três meses depois: você foi preso. Dois anos. Prisioneiro exemplar, nada se provou contra você. Soltura e volta triunfal...

Ivanov fez uma pausa, lhe dirigiu um rápido olhar e prosseguiu:

- Seu retorno foi muito festejado. Nós não nos encontramos na época; você provavelmente andava muito ocupado... Pois fique sabendo que eu não levei a mal. Afinal de contas, não se poderia esperar que você fosse procurar todos os velhos amigos. Mas o vi duas vezes em comícios, no alto do palanque. Ainda usava muletas e parecia bem acabado. O lógico teria sido você ir passar alguns meses num sanatório, e aí então assumir um cargo no Governo após ter passado quatro anos afastado, em missão externa.

Porém, depois de quinze dias você já estava se habilitando a outra missão no exterior...

De repente ele se inclinou para frente, aproximando mais o rosto a Rubashov:

- Por quê? - perguntou, e pela primeira vez sua voz era dura. - Imagino que não se sentia à vontade por aqui. Durante a sua ausência certas mudanças tiveram lugar no país, com as quais você evidentemente não concordava muito...

Esperou que Rubashov dissesse alguma coisa; mas Rubashov continuou sentado calmamente na cadeira, esfregando o *pince-nez* na manga, e não respondeu.

- Isso foi pouco depois de a primeira leva oposicionista ter sido condenada e eliminada. Você tinha amigos íntimos entre eles. Quando se tornou evidente o grau de decadência que a oposição havia atingido, houve uma explosão de indignação por todo o país. Você se calou. Após quinze dias, foi para o exterior, embora mal conseguisse andar sem as muletas.

Rubashov teve a impressão de sentir uma vez mais o cheiro das docas no pequeno porto, um misto de algas marinhas e óleo; o lutador Paul abanando as orelhas; o baixote Loewy cumprimentando com o cachimbo... Ele se enforcou numa viga do sótão da própria casa. A velha casa em ruínas estremecia toda vez que passava um caminhão. Rubashov ficara sabendo que na manhã em que encontraram Loewy, seu corpo havia se virado bem lentamente sobre o próprio eixo, de um modo que de início acharam que ele ainda se mexia...

- Missão concluída com êxito, você foi nomeado chefe da nossa Delegação Comercial em B. Dessa vez, também, executou suas tarefas de maneira irreprochável. O novo acordo comercial com B. foi um autêntico sucesso. Aparentemente seu comportamento permanecia exemplar e sem mácula. Porém, seis meses depois que você assumiu esse posto, seus dois colaboradores mais próximos, um

deles sua secretária, Arlova, tiveram que ser afastados sob suspeita de conspiração oposicionista. Suspeita que foi confirmada pelas investigações. Esperava-se que você repudiasse ambos publicamente. Mas permaneceu calado...

- Mais seis meses e você próprio é afastado. Os preparativos para o segundo julgamento da oposição prosseguem. Seu nome aparece repetidamente no processo; Arlova se refere a você para se inocentar. Nessas circunstâncias, manter silêncio pareceria uma confissão de culpa. Você sabe disso e mesmo assim se nega a fazer uma declaração pública até que o Partido lhe dá um ultimato. Só então, com a cabeça a prêmio, você se digna a fazer uma declaração de lealdade, que automaticamente liquida com Arlova. O destino dela você conhece...

Rubashov ficou calado, e percebeu que seu dente estava voltando a doer. Conhecia o destino dela. E também o de Richard. E ainda o do baixote Loewy. E também o seu próprio. Olhou para a parte mais clara na parede, o único vestígio deixado pelos homens de cabeças numeradas. O destino deles também era-lhe conhecido. Uma vez, pelo menos, a história tomara um rumo que prometia no mínimo um modo de vida mais digno para a humanidade; agora estava acabado. Por que, então, essa conversa toda e tanta cerimônia? Se algo nos seres humanos era capaz de sobreviver à destruição, a garota Arlova jazia em algum lugar no imenso vazio, com seus bondosos olhos assustados sempre voltados para o Camarada Rubashov, que fora seu ídolo e que a mandara para a morte... Seu dente doía cada vez mais.

- Posso ler o pronunciamento público que você fez na época? - perguntou Ivanov.

- Não, obrigado - disse Rubashov, notando que sua voz estava ficando rouca.

- Como você bem se recorda, seu pronunciamento - que também se poderia descrever como confissão - terminava com uma dura condenação da oposição e com uma

declaração de adesão incondicional tanto à política do Partido quanto à pessoa do Nº 1.

- Pare com isso - disse Rubashov com voz débil. - Você sabe como é obtido esse tipo de declaração. Se não sabe, melhor para você. Pare de uma vez com essa comédia!

- Estamos quase acabando - disse Ivanov. - Estamos agora a apenas dois anos do tempo presente. Durante esses dois anos você dirigiu a Fundação Estatal do Alumínio. Um ano antes, por ocasião do terceiro julgamento da oposição, o principal acusado cita seu nome várias vezes em contextos bastante obscuros. Nada de concreto fica demonstrado, mas a suspeita cresce nas fileiras do Partido. Você faz um novo pronunciamento público, no qual reitera seu compromisso com a política da Direção e acusa a oposição de criminosa em termos ainda mais contundentes. Isso foi há seis meses. E hoje você admite que há anos já considerava errada e lesiva a política da Direção...

Ivanov fez uma pausa e se recostou confortavelmente na cadeira.

- Suas primeiras declarações de lealdade - continuou - foram, portanto, meramente um meio para atingir determinado fim. Peço-lhe encarecidamente que tenha em conta que não sou moralista. Ambos crescemos dentro da mesma tradição e temos a mesma concepção a respeito dessas questões. Você estava convencido de que nossa política era equivocada e que a sua é que era a certa. Dizer isso com todas as letras naquela época implicaria a expulsão do Partido, resultando na impossibilidade de dar sequência ao seu trabalho segundo as próprias convicções. Assim você teve que descartar lastro para poder servir à política que, em sua opinião, era a única correta. Em seu lugar, eu, é claro, teria agido da mesma maneira. Até aí tudo bem.

- E depois? - perguntou Rubashov.

- O que eu não entendo - disse ele - é isso. Você agora admite abertamente que fazia anos que tinha a convicção de que nós estávamos arruinando a Revolução; e simultaneamente nega que pertenceu à oposição e que conspirou contra nós. Você espera realmente que eu acredite que você ficava só nos observando, sem mover um dedo enquanto, segundo sua convicção, nós levávamos o país e o Partido à ruína?

Rubashov deu de ombros.

- Talvez eu estivesse velho e desgastado demais... Mas acredite no que quiser - disse.

Ivanov acendeu outro cigarro. Sua voz ficou calma e penetrante:

- Você quer realmente que eu acredite que você sacrificou Arlova e renegou esse pessoal aí - ele espichou o queixo na direção da área clara na parede - apenas para salvar a própria pele?

Rubashov silenciou. Passado algum tempo, a cabeça de Ivanov se curvou para ainda mais perto dele por sobre a escrivaninha.

- Não entendo você - ele disse. - Meia hora atrás me fez um discurso cheio dos mais candentes ataques à nossa política; qualquer trecho dele seria suficiente para dar cabo de você. E agora nega uma simples dedução lógica de que pertenceu a um grupo oposicionista, sobre o qual, de todo modo, nós reunimos todas as provas.

- É mesmo? - disse Rubashov. - Se vocês têm todas as provas, por que precisam da minha confissão? Provas de que, afinal?

- Entre outras - disse Ivanov bem devagar -, temos provas de um plano para atentar contra a vida do Nº 1.

Novo silêncio se fez. Rubashov botou o *pince-nez*.

- Permita-me uma pergunta - disse. - Você acredita mesmo nessa idiotice ou só está fingindo?

Nos cantos dos olhos de Ivanov se formou o mesmo sorriso quase terno de antes:

- Estou lhe dizendo, nós temos provas. Para ser mais exato: confissões. E para ser ainda mais exato: a confissão do homem que cometeria, de fato, o atentado; incitado por você.

- Meus parabéns - disse Rubashov. - Qual o nome dele?

Ivanov continuou sorrindo.

- Pergunta indiscreta...

- Posso ler a confissão? Ou ser acareado com esse homem?

Ivanov sorriu. Soprou de maneira amistosamente zombeteira a fumaça do cigarro no rosto de Rubashov. Era desagradável, mas Rubashov não afastou a cabeça.

- Lembra do Veronal? - Ivanov perguntou devagar. - Acho que já lhe perguntei isso. Agora os papéis se inverteram: hoje é você que está a ponto de se atirar de cabeça no precipício. Porém, não com a minha ajuda. Na época você me convenceu de que suicídio era coisa de romântico pequeno-burguês. Vou providenciar para que você não possa cometê-lo. Assim estaremos quites.

Rubashov ficou calado. Estava pensando se Ivanov estaria mentindo ou sendo sincero - e ao mesmo tempo tinha o estranho desejo, quase um impulso físico, de tocar com os dedos a área clara da parede. "Nervos"; pensou. "Obsessões. Pisar só nas lajotas pretas, murmurar frases sem nexos, esfregar o *pince-nez* na manga das roupas - olha só, estou fazendo isso tudo de novo..."

- Estou curioso para saber - Rubashov falou em voz alta - qual o seu plano para me salvar. A maneira como vem me interrogando até agora parece ter exatamente o objetivo contrário.

O sorriso de Ivanov se tornou mais amplo e radiante.

- Seu velho idiota - disse, e, debruçando sobre a mesa, agarrou Rubashov pelo punho do paletó.

- Fui obrigado a deixar que você explodisse uma vez, ou teria explodido na hora errada. Será que nem percebeu que não há nenhum estenógrafo aqui presente?

Tirou um cigarro da cigarreira e o enfiou na boca de Rubashov sem largar o punho do seu paletó.

- Está se comportando como uma criancinha. Uma criancinha romântica - acrescentou. - Nós agora vamos inventar uma bela confissãozinha para você e por hoje chega.

Rubashov conseguiu finalmente se livrar do agarrão de Ivanov e ficou olhando ostensivamente para ele pelo *pince-nez*.

- E o que conterà essa confissão? - perguntou.

Ivanov sorriu entusiasmado para ele.

- Na confissão ficará registrado - disse - que você admite que, a partir de tal e tal ano, fez parte de tal e tal grupo oposicionista; mas nega enfaticamente ter organizado ou planejado um assassinato; que, pelo contrário, abandonou o grupo ao ficar sabendo dos planos criminosos e terroristas da oposição.

Pela primeira vez durante a conversa dos dois Rubashov também sorriu.

- Se é esse o objetivo de toda essa conversa - disse ele -, podemos dá-la imediatamente por encerrada.

- Deixe-me concluir o que estava dizendo - disse Ivanov sem demonstrar a menor impaciência. - Claro que eu sabia que você iria empacar. Vamos primeiro considerar o aspecto moral ou sentimental da questão. Você não estará traindo ninguém ao admitir isso. O bando todo foi preso muito antes de você, e metade já foi eliminada; você mesmo sabe disso. Dos restantes, podemos obter outras confissões além dessas bobagens inofensivas - na realidade, a confissão que nós bem quisermos... Eu sei que você me entende e que minha franqueza o convenceu.

- Em outras palavras: você mesmo não acredita na história do complô contra o Nº 1 - disse Rubashov. - Então, por que não me confronta com esse misterioso X, autor da tal suposta confissão?

- Pense bem - disse Ivanov. - Ponha-se no meu lugar - afinal de contas, nossas posições podem ser igualmente invertidas - e descubra a resposta por si mesmo.

Rubashov pensou.

- Vocês receberam instruções superiores bem claras para a condução do meu caso - disse.

Ivanov sorriu.

- É uma maneira muito forte de dizer isso. Na realidade, ainda não ficou decidido se o seu caso deve ir para a categoria A ou para a categoria P. Você conhece os termos?

Rubashov balançou afirmativamente a cabeça. Claro que conhecia.

- Você está começando a entender - disse Ivanov. - O "A" é de Administrativo: caso administrativo. "P" significa Público: julgamento público. Na sua grande maioria, os casos políticos são tratados administrativamente, ou seja, aqueles que não fariam bem algum em julgamentos públicos... Se você cair na categoria A, sairá da minha competência. O julgamento pelo Conselho Administrativo é secreto, e, como você sabe, um tanto sumário. Não há oportunidade para acareações e esse tipo de coisa. Pense em...

Ivanov citou três ou quatro nomes, e deu uma olhada furtiva para a área mais clara da parede. Quando voltou de novo a cabeça, Rubashov percebeu, pela primeira vez, uma fisionomia atormentada, uma fixidez no olhar, como se Ivanov não estivesse focando nele, Rubashov, e sim em algum ponto mais distante às suas costas.

Ivanov repetiu, em tom mais baixo, os nomes de seus ex-amigos.

- Eu os conheci tão bem quanto você - prosseguiu. - Mas há de convir que nós estamos tão convencidos de que você e eles representariam o fim da Revolução quanto você do contrário. Esse é o ponto central. Os métodos são seguidos por dedução lógica. Não podemos nos dar ao luxo de nos perdermos em firulas jurídicas. Você o fez, na sua época?

Rubashov não disse nada.

- Tudo depende - Ivanov continuou - de você ser classificado na categoria P; e de que o caso permaneça em minhas mãos. Você sabe sob qual ponto de vista esses casos são selecionados, para merecer julgamento público. Tenho que comprovar certa boa vontade da sua parte. Para isso, preciso do seu depoimento com uma confissão parcial. Se bancar o herói, e insistir em dar a impressão de que nada pode ser feito contra você, estará acabado, com base na confissão de X. Por outro lado, se fizer uma confissão parcial, haverá fundamento para uma investigação mais minuciosa. Com isso, eu poderei pedir uma acareação; vamos refutar os pontos mais graves da acusação e pleitear culpa dentro de determinados limites cuidadosamente definidos. Mesmo assim, é possível que não consigamos deixar por menos de vinte anos; isso significa, na verdade, dois ou três anos, e depois uma anistia; e em cinco anos você estará de volta ao ringue. Agora tenha a bondade de pensar nisso bem calmamente antes de responder.

- Já pensei bastante - disse Rubashov. - Rejeito sua proposta. Logicamente, você pode estar certo. Porém, eu conheço muito bem esse tipo de lógica. Estou cansado e não quero mais entrar nesse jogo. Faça a fineza de me levar de volta à minha cela.

- Como preferir - disse Ivanov. - Eu não esperava mesmo que você fosse concordar de pronto. Essa espécie de conversa costuma ter efeito retardado. Você tem quinze dias. Peça para vir a mim novamente quando tiver refletido bem sobre o assunto, ou me envie uma declaração por

escrito. Pois eu não tenho a menor dúvida de que você o fará.

Rubashov se levantou; Ivanov também; mais uma vez ficava meia cabeça mais alto que Rubashov. Apertou uma campainha ao lado da mesa. Enquanto esperavam o carcereiro chegar para escoltar Rubashov, Ivanov falou:

- Você escreveu, em seu último artigo, meses atrás, que essa próxima década decidirá o destino do mundo na nossa era. Não vai querer estar aqui para ver isso?

Ele sorriu para Rubashov. No corredor, passos se aproximaram; a porta foi aberta. Dois guardas entraram e bateram continência. Sem uma palavra, Rubashov se posicionou entre ambos; foram se encaminhando de volta à cela. Agora os barulhos nos corredores haviam cessado; de algumas celas vinha um ronco leve, que soava como um gemido. Por todo o prédio ardia a luz fraca e amarelada.

---

1 Trocadilho com o alfabeto hebraico. (N.T.)

2 Mulher ou homem que faz provocações durante manifestações públicas ou reuniões políticas com o intuito de criar tumulto para impedir o bom andamento das manifestações. O *provocateur* também pode ser um agente de polícia que encoraja um suspeito a cometer crimes sob certas condições a fim de se obter provas contra o suspeito. (N.E.)

3 Golpe também conhecido como “chave de cervical”. (N.E.)

4 Sedativo do grupo dos barbitúricos. (N.E.)

## O SEGUNDO INTERROGATÓRIO

# 1.

*“Quando tem a existência ameaçada, a Igreja é dispensada dos mandamentos da moralidade. Visando à unidade, o emprego de todos os meios é santificado, até mesmo a astúcia, a traição, a violência, a simonia, a prisão e a morte. Pois toda ordem é em prol da comunidade, e o indivíduo deve ser sacrificado ao bem comum.”*

DIETRICH Von NIEHEIM, Bispo de Verden: *De schismate libri III, d.C. 1411*

Extraído do diário de N. S. RUBASHOV, no quinto dia de prisão.

*...A última verdade é, penultimamente, sempre uma falsidade. Aquele que no final é considerado certo terá antes parecido errado e nocivo.*

*Mas quem será considerado certo? Isso só se saberá mais tarde. Nesse meio tempo, se verá forçado a agir a crédito e a vender a alma ao diabo, na esperança da absolvição da história.*

*Diz-se que o Nº 1 tem permanentemente à cabeceira O Príncipe, de Maquiavel. Segundo ele, desde então nada realmente relevante foi dito sobre as regras da ética política. Nós fomos os primeiros a substituir a ética liberal do fair play do século dezanove pela ética revolucionária do século vinte. Nisso também estávamos certos; uma revolução que se pauta pelas regras do críquete é um absurdo. A política até pode ser relativamente justa nos espaços vazios da história; porém, em seus pontos críticos*

*de virada, nenhuma outra regra é possível a não ser a velha “os fins justificam os meios”. Nós introduzimos o neo-maquiavelismo neste século; os outros, as ditaduras contrarrevolucionárias, o vêm imitando toscamente. Somos neo-maquiavélicos em nome da razão universal – essa é a nossa grandeza; os outros o fazem em nome de um romantismo nacional, eis aí seu anacronismo. Essa é a razão pela qual seremos nós, no final, os absolvidos pela história; e não eles...*

*Porém, por ora, estamos pensando e agindo a crédito. Como lançamos ao mar todas as convenções e regras da moral-críquete, o único princípio que nos guia é o da lógica consequente. Estamos sob a terrível compulsão de seguir nossas ideias até sua consequência final e de agir de acordo com elas. Estamos navegando sem lastro; assim, todo toque no timão é uma questão de vida ou morte.*

*Pouco tempo atrás, nosso principal agrônomo, B., foi fuzilado com trinta de seus colaboradores por sustentar a opinião de que adubo de nitrato é melhor que potassa. Como o N<sup>o</sup> 1 é totalmente a favor da potassa, os trinta tiveram de ser eliminados como sabotadores. Numa agricultura nacionalmente centralizada, a alternativa nitrato X potassa é de enorme importância: pode decidir a decretação da próxima guerra. Caso o N<sup>o</sup> 1 esteja certo, a história o absolverá, e a execução dos trinta e um homens será uma insignificância. Se estiver errado...*

*É só isso o que importa: quem, objetivamente, está com a razão. Os moralistas-críquete se mobilizam diante de outro problema: se B. estava subjetivamente agindo de boa-fé quando recomendou o nitrogênio. Se não estava, pela ética deles, poderia ser fuzilado, mesmo se ficasse demonstrado posteriormente que, afinal, o nitrogênio era melhor. Se estava de boa-fé, então ele deveria ser inocentado e ter permissão para continuar fazendo*

*propaganda do nitrato, ainda que o país acabasse arruinado por causa disso...*

*Trata-se, evidentemente, de um completo absurdo. Para nós a questão da boa-fé subjetiva não tem o menor interesse. Aquele que está errado deve pagar; o que está certo será absolvido. Essa é a lei do crédito histórico; essa era a nossa lei.*

*A história tem nos ensinado que muitas vezes ela é mais bem servida pelas mentiras do que pela verdade, pois o homem é indolente e precisa ser guiado através do deserto durante quarenta anos antes de cada passo rumo ao desenvolvimento. E precisa ser conduzido pelo deserto mediante ameaças e promessas, terrores e consolos imaginários, de modo a não parar a todo o momento para descansar ou se perder na adoração a bezerros de ouro.*

*Temos aprendido bem mais com a história do que os outros. Diferimos deles por nossa consistência lógica. Sabemos que a virtude não importa à história, e que crimes permanecem impunes; mas que cada erro tem consequências e se vinga até a sétima geração. Assim, focamos nossos esforços na prevenção do erro e na destruição de todas as suas sementes. Nunca na história tamanho poder sobre o futuro da humanidade se concentrou em tão poucas mãos como no nosso caso. Cada ideia equivocada que seguimos é um crime cometido contra as futuras gerações. Assim sendo, precisamos punir ideias erradas como outros punem crimes: com a morte. Somos tidos por loucos por seguir cada ideia até suas últimas consequências e por agir coerentemente. Fomos comparados à Inquisição porque, como ela, sentimos constantemente todo o peso da responsabilidade pela vida supraindividualista que está por vir. Parecemos os grandes inquisidores por perseguirmos as sementes do mal não apenas nas ações, mas nos pensamentos humanos. Não admitimos esfera privada, nem mesmo no interior do crânio dos homens. Vivemos obcecados por realizar as coisas até*

*suas conclusões finais. Nossas mentes estavam tão tensamente carregadas que a mais leve colisão provocava um curto-circuito mortal. E assim estávamos fadados à mútua destruição.*

*Eu estava entre esses. Pensei e agi como devia; destruí gente de que gostava, e dei poder a outros de que não gostava. A história me instalou onde me encontro; gastei todo o crédito que ela me concedeu; se eu estava certo não tenho do que me arrepender; se errei, vou pagar.*

*Mas como o presente pode decidir o que será julgado verdade no futuro? Estamos fazendo o trabalho de profetas sem os seus dons. Substituímos a visão pela dedução lógica; porém, embora todos comecemos do mesmo ponto de partida, chegamos a resultados divergentes. Prova desmente prova, e finalmente precisamos recorrer à fé - à fé axiomática na retidão da nossa própria racionalidade. Este é o ponto crucial. Atiramos ao mar todo o lastro; apenas uma âncora nos prende: a fé em nós mesmos. A geometria é a mais pura realização da razão humana, mas os axiomas de Euclides não podem ser demonstrados. Quem não crê neles verá desabar a construção inteira.*

*O Nº 1 tem fé em si mesmo - firme, paciente, silenciosa e inabalável. Possui a mais sólida de todas as correntes de âncora. A minha foi se desgastando nos últimos anos...*

*O fato é que não creio mais na minha própria infalibilidade. É por isso que estou perdido.*

## 2.

No dia seguinte ao primeiro interrogatório de Rubashov, o juiz de instrução Ivanov e seu colega Gletkin reuniram-se no refeitório depois do jantar. Ivanov estava cansado; apoiou a perna artificial numa segunda cadeira e afrouxou a gola do uniforme. Serviu-se de uma dose do vinho barato que o refeitório oferecia e, silenciosamente, ficou admirando Gletkin, empertigado na cadeira num uniforme tão bem engomado que chegava a ranger a cada movimento. Nem havia tirado o cinturão do revólver, embora também devesse estar bem cansado. Esvaziou o copo; a cicatriz que ostentava na cabeça raspada estava ligeiramente avermelhada. Além dos dois, apenas três outros guardas se encontravam no refeitório, numa mesa distante; dois jogavam xadrez, o terceiro observava.

- O que deve acontecer com Rubashov? - perguntou Gletkin.

- Ele não está indo nada bem - respondeu Ivanov. - Mas continua sensato como sempre. Vai acabar cedendo.

- Não creio - disse Gletkin.

- Vai - disse Ivanov. - Quando ele tiver pensado em tudo até chegar à conclusão lógica, vai ceder. Portanto, o importante agora é deixá-lo em paz, não perturbá-lo. Dei permissão para que tenha papel, lápis, e cigarros para acelerar o processo...

- Não acho isso certo - disse Gletkin.

- Você não gosta dele - disse Ivanov. - Tiveram um desentendimento dias atrás, não foi?

Gletkin pensou na cena: Rubashov sentado no catre calçando o sapato por cima da meia esfarrapada.

- Isso não importa - disse. - A personalidade dele não vem ao caso. É esse método que eu considero errado. Não fará com que ele se dobre.

- Quando Rubashov capitular - disse Ivanov -, não será por covardia, mas por lógica. Não adianta empregar métodos mais duros. Ele é feito de alguma espécie de material que fica mais resistente quanto mais se bate nele.

- Isso é papo furado - disse Gletkin. - Não há ser humano que resista a cargas fortes de pressão física. Eu nunca vi um. A experiência tem me mostrado que a resistência do sistema nervoso humano é limitada pela natureza.

- Eu não gostaria de cair em suas mãos - disse Ivanov sorrindo, mas com um ligeiro desconforto. - Em todo caso, você é uma negação viva da própria teoria.

Seu olhar sorridente resvalou por um segundo para a cicatriz no crânio de Gletkin. A história daquela cicatriz era bem conhecida. Quando, durante a Guerra Civil, Gletkin caiu em poder do inimigo, amarraram-lhe um pavio aceso na cabeça raspada para obter dele determinada informação. Horas depois, seu pessoal reconquistou a posição e o encontrou inconsciente. O pavio queimara até o fim; Gletkin manteve silêncio.

Ele olhou para Ivanov com olhos inexpressivos.

- Isso também não passa de papo furado - disse. - Eu só não dei com a língua nos dentes porque desmaiei. Se tivesse permanecido consciente mais um minuto, teria falado. É uma questão de condição física.

Ele esvaziou o copo com um gesto estudado; seus punhos rangeram quando o pôs de novo sobre a mesa.

- Quando voltei a mim, estava certo de que *havia* falado. Mas os dois suboficiais libertados junto comigo afirmaram o contrário. E assim acabei sendo condecorado. É tudo uma questão anatômica; o resto não passa de história da carochinha...

Ivanov também estava bebendo. Já tomara umas boas doses daquele vinho barato. E limitou-se a dar de ombros.

- Desde quando você defende essa interessante teoria da condição física? Afinal, nos primeiros anos esses métodos não existiam. Naquele tempo ainda estávamos

cheios de ilusões. Abolição de castigo físico e de retaliação pelos crimes cometidos; sanatórios com jardins floridos para elementos antissociais. Tudo balela.

- Não acho - disse Gletkin. - Você é cínico. Daqui a cem anos teremos tudo isso. Mas primeiro temos que avançar. E quanto mais rápido, melhor. A única ilusão foi acreditar que já havia chegado a hora. Quando eu fui colocado aqui pela primeira vez, também era um iludido. A maioria de nós era - na realidade, o sistema inteiro, de cima abaixo. Queríamos começar logo com os jardins floridos. Aquilo foi um erro. Daqui a cem anos seremos capazes de apelar à razão e aos instintos sociais do criminoso. Hoje ainda precisamos atuar sobre sua condição física, e arrasá-lo, física e mentalmente, se necessário.

Ivanov se perguntava se Gletkin estaria bêbado. Mas logo viu, por seus olhos parados e vazios, que não estava. Ivanov sorriu para ele vagamente.

- Em resumo, eu sou o cínico e você, o moralista...

Gletkin não disse nada, sentado rigidamente na cadeira com seu uniforme engomado; o cinturão do revólver cheirava a couro novo.

- Vários anos atrás - disse Gletkin, passado algum tempo -, um camponês foi trazido à minha presença para ser interrogado. Foi no interior, num tempo em que eu ainda acreditava na teoria do jardim florido, como você chama. Os interrogatórios eram conduzidos em estilo muito cavalheiresco. O camponesinho tinha escondido sua safra debaixo da terra; era o início da coletivização das terras. Eu me ative estritamente ao protocolo. Expliquei a ele de modo muito amistoso que nós necessitávamos do milho para alimentar a crescente população urbana e para exportar, de modo a desenvolver nossas indústrias; assim sendo, ele poderia fazer o favor de me dizer onde havia escondido a safra? O homem estava com a cabeça encolhida entre os ombros quando foi levado à minha sala, esperando uma surra. Eu conhecia o tipo; nasci no campo. Quando, em vez

de bater, comecei a argumentar, a falar como igual e a tratá-lo por “cidadão”, ele me tomou por retardado. Percebi isso em seus olhos. Conversei com ele por cerca de meia hora. Não abriu a boca, só coçava alternadamente o nariz e as orelhas. Eu continuei falando, embora visse que ele estava achando aquilo tudo uma tremenda piada e não ouvia coisa alguma. Argumentos simplesmente não penetravam em seus ouvidos, bloqueados pelo cerume de séculos de paralisia mental patriarcal. Eu segui rigorosamente o regulamento; nem me ocorreu que havia outros métodos...

- Na época eu tinha de vinte a trinta casos como esse por dia. Meus colegas a mesma coisa. A Revolução corria o risco de fazer água por causa daqueles pequenos camponeses obesos. Os operários estavam subnutridos; bairros inteiros eram assolados pela inanição; não tínhamos crédito para desenvolver nossa indústria armamentista, e vivíamos na expectativa de sermos atacados a cada mês. Duzentos milhões em ouro permaneciam guardados nas meias de lã daquela gente e metade das safras fora escondida debaixo da terra. E quando nós os interrogávamos, nos dirigíamos a eles como “cidadãos”, ao passo que eles piscavam os olhos estúpidos e dissimulados para nós, achando tudo uma grande brincadeira e limpando o nariz.

- O terceiro interrogatório do meu camponesinho teve lugar às duas da madrugada; eu tinha trabalhado dezoito horas sem parar. Ele foi acordado; estava bêbado de sono e muito amedrontado; e acabou se traindo. Desde então passei a interrogar meu pessoal basicamente à noite... Certa vez uma mulher se queixou de ter sido deixada de pé do lado de fora da minha sala durante toda a noite, aguardando sua vez. As pernas dela tremiam e estava totalmente exausta; no meio do interrogatório caiu no sono. Eu a despertei; ela continuou falando, com a voz arrastada e sonolenta, sem se dar conta plenamente do que dizia, e

adormeceu novamente. Eu a despertei mais uma vez, e ela admitiu tudo e assinou o depoimento sem lê-lo, só para que a deixasse dormir em paz. Seu marido escondera duas metralhadoras no estábulo e convencera os fazendeiros do vilarejo a queimar o milho porque o Anticristo lhe aparecera num sonho... O fato de a mulher ter ficado de pé à espera a noite inteirinha se deveu à negligência do meu sargento; dali em diante passei a estimular esse tipo de negligência; gente cabeça-dura tem que ser mantida de pé no mesmo lugar por pelo menos quarenta e oito horas. Depois disso a cera nos ouvidos derrete e aí então se pode falar com eles...

Os dois jogadores de xadrez no outro canto do salão derrubaram as peças e deram início a nova partida. O terceiro homem já fora embora. Ivanov olhou para Gletkin enquanto este falava, com a voz sóbria e inexpressiva de sempre.

- Meus colegas tiveram experiências parecidas. Era a única maneira de obter resultados. O regulamento era observado; e os detidos nem chegavam a ser molestados. Mas acontece que eles precisavam testemunhar, digamos que acidentalmente, a execução dos próprios companheiros de prisão. O efeito dessas cenas é em parte mental, em parte físico. Outro exemplo: há duchas e banhos de banheira por razões higiênicas. O fato de, no inverno, os canos de água quente nem sempre funcionarem se devia a problemas técnicos, e a duração dos banhos dependia dos empregados. Outras vezes, entretanto, o sistema de aquecimento funcionava bem até demais; isso também dependia dos serventes. Eram todos velhos camaradas; não havia necessidade de lhes dar instruções detalhadas; eles entendiam o que estava em jogo.

- Já chega por ora - disse Ivanov.

- Você perguntou como eu cheguei à minha teoria e eu só a estou explicando - disse Gletkin. - O que importa é ter em mente a necessidade lógica da coisa; do contrário, a

pessoa fica cínica, como você. Mas está ficando tarde e eu tenho que ir.

Ivanov esvaziou o copo e ajeitou a perna artificial sobre a cadeira. Sentia novamente dores reumáticas no coto, e estava aborrecido por ter iniciado aquela conversa.

Gletkin pagou a conta. Quando o garçom se foi, acrescentou:

- O que vai ser feito em relação à Rubashov?

- Eu já lhe dei minha opinião - disse Ivanov. - Deve ser deixado em paz.

Gletkin se levantou. Suas botas rangeram. Ficou parado ao lado da cadeira em que a perna de Ivanov descansava.

- Eu reconheço os méritos passados do Rubashov - disse -, mas atualmente ele se tornou tão pernicioso quanto o meu camponesinho gordo; só que mais perigoso.

Ivanov ergueu os olhos em direção ao semblante inexpressivo de Gletkin.

- Dei-lhe quinze dias para refletir - disse. - Até que se encerre esse prazo, quero que o deixem em paz.

Ivanov falou em tom de oficial superior. Gletkin, que era seu subordinado, bateu continência e saiu do refeitório com as botas rangendo.

Ivanov permaneceu sentado. Tomou mais um copo de vinho, acendeu um cigarro e soprou a fumaça para frente. Após algum tempo se levantou e foi, mancando, assistir ao jogo de xadrez.

### 3.

Desde o primeiro interrogatório, o padrão de vida de Rubashov na cadeia melhorou milagrosamente. Já na manhã seguinte o velho carcereiro lhe trouxe papel, lápis, sabonete e uma toalha. Deu-lhe também vales de prisão no valor correspondente ao que possuía em dinheiro quando foi preso, e explicou que agora tinha direito a pedir cigarros e comida especial do refeitório dos presos.

Rubashov pediu cigarros e comida. O velho se mostrou rabugento e monossilábico como sempre, mas foi se arrastando providenciar prontamente as encomendas. Rubashov chegou a pensar em requerer uma consulta com um médico de fora da prisão, mas abandonou a ideia. O dente não estava doendo no momento, e após se lavar e comer alguma coisa sentiu-se bem melhor.

Haviam limpado a neve do pátio, e grupos de prisioneiros se exercitavam caminhando em torno dele. Os exercícios diários tinham sido interrompidos por causa da neve; só Lábio Leporino e seu companheiro inseparável tiveram permissão para fazer uma caminhada diária de dez minutos, talvez por ordens especiais médicas; toda vez que os dois entravam ou saíam do pátio, Lábio Leporino olhava para cima em direção à janela de Rubashov. O gesto era tão ostensivo que excluía qualquer possibilidade de dúvida.

Quando não estava trabalhando em suas anotações ou andando de lá para cá na cela, Rubashov se punha à janela com a testa encostada à vidraça observando os presos em sua rotina de exercícios. Eram grupos de vinte por vez, que circulavam em duplas a uma distância de dez passos uma da outra. No meio do pátio postavam-se dois guardas uniformizados que cuidavam para que os presos não conversassem; eles formavam como que o eixo do carrossel, cujo ritmo lento e constante prosseguia por

exatos vinte minutos. Então os prisioneiros eram levados de volta ao prédio pela porta à direita, enquanto, simultaneamente, um novo grupo adentrava o pátio pela porta da esquerda, repetindo-se o mesmo ir e vir monótono até o próximo rodízio.

Nos primeiros dias, Rubashov buscou rostos familiares, mas não encontrou nenhum. Isso o deixou aliviado: por ora queria evitar possíveis lembranças do mundo exterior, qualquer coisa capaz de distraí-lo de sua tarefa. Sua tarefa era levar os pensamentos a alguma conclusão, entrar em acordo com o passado e o futuro, com os vivos e os mortos. Ainda tinha dez dias, pelo prazo estabelecido por Ivanov.

Ele só conseguia fixar as ideias anotando-as; mas escrever o exauria de tal modo que só podia fazê-lo, no máximo, por uma ou duas horas por dia. No resto do tempo o cérebro trabalhava por conta própria.

Rubashov sempre achou que se conhecia muitíssimo bem. Sem preconceitos morais, não alimentava ilusões a respeito do fenômeno chamado “primeira pessoa do singular”, e tomava como certo, sem qualquer emoção particular, que tal fenômeno era dotado de determinados impulsos que as pessoas geralmente relutam em admitir. Agora, com a testa colada à vidraça, ou repentinamente parado sobre a terceira lajota preta, fazia descobertas inesperadas. Percebia que os processos erroneamente conhecidos como “monólogos” são, na verdade, diálogos de um tipo especial; diálogos em que um dos interlocutores fica em silêncio enquanto o outro, contrariamente a todas as regras gramaticais, dirige-se a ele como “eu” em vez de “você”, visando a ganhar sua confiança e sondar suas intenções; mas o interlocutor silencioso permanece calado, evita comentários e até se nega a ser localizado no tempo e no espaço.

Agora, contudo, Rubashov tinha a impressão de que o interlocutor normalmente silencioso falava com certa frequência, sem ser provocado e sem pretexto aparente;

sua voz soava totalmente estranha a Rubashov, que ouvia com sincero assombro e notava que eram os seus próprios lábios que se mexiam. Tais experiências nada tinham de místicas ou misteriosas; eram de caráter absolutamente concreto. Observando-as, Rubashov pouco a pouco se convenceu de que havia um componente perfeitamente tangível nessa primeira pessoa do singular, que permanecera calada por todos esses anos e só agora começara a falar.

Tal descoberta preocupava Rubashov muito mais intensamente do que os detalhes de sua entrevista com Ivanov, a ponto de não ter aceitado as propostas e se recusar a prosseguir com o jogo. Em consequência, tinha somente um tempo limitado ainda para viver, e era nessa certeza que se baseavam suas reflexões.

Rubashov não acreditava em absoluto na absurda história de conspiração contra a vida do Nº 1; estava bem mais interessado na personalidade de Ivanov. Ivanov dissera que seus papéis poderiam igualmente ter sido invertidos, e nisso ele estava certo, sem dúvida. Os dois eram como gêmeos no próprio desenvolvimento; não provinham do mesmo óvulo, mas tinham sido nutridos pelo mesmo cordão umbilical de uma certeza comum; o ambiente intenso do Partido havia talhado e moldado o caráter de ambos durante os anos decisivos de crescimento. Rubashov e Ivanov possuíam o mesmo padrão moral, a mesma filosofia, pensavam nos mesmos termos. As posições de um podiam também ser perfeitamente as do outro. Assim, Rubashov poderia estar sentado atrás da mesa e Ivanov à sua frente; e dessa posição Rubashov teria provavelmente recorrido aos mesmos argumentos de que Ivanov se valera. As regras do jogo estavam estabelecidas. E só nos detalhes admitiam variações.

A antiga compulsão de pensar pela cabeça dos outros mais uma vez o assaltava; punha-se no lugar de Ivanov e se

via pelos olhos dele, na posição do acusado, como antes já vira Richard e o baixote Loewy. Via um Rubashov destroçado, a sombra do ex-companheiro, e entendia o misto de ternura e desprezo com que Ivanov o havia tratado. Durante a conversa, de repente ele se perguntara se Ivanov estava sendo sincero ou hipócrita; se estava preparando alguma armadilha ou queria de fato lhe propiciar um meio de escapar. Agora, pondo-se na posição de Ivanov, ele se dava conta de que o outro fora sincero – tanto ou tão pouco quanto ele próprio se mostrara em relação a Richard e ao baixote Loewy.

Essas reflexões assumiam também a forma de monólogo, mas por linhas conhecidas; essa entidade recém-descoberta, o interlocutor silencioso, não fazia parte delas. Embora devesse ser a pessoa mencionada em todos os monólogos, ele permanecia mudo, e sua existência se limitava a uma abstração gramatical denominada “primeira pessoa do singular”. Perguntas diretas e meditações lógicas não o induziam a falar; suas intervenções ocorriam sem causa aparente e – muito estranho – faziam-se sempre acompanhar por uma crise aguda de dor de dente. Sua esfera mental parecia composta de partes tão variadas e desconexas quanto as mãos curvadas da *Pietà*, os gatos do baixote Loewy, a melodia da canção com o refrão do “retorno ao pó”, ou uma determinada frase dita por Arlova em determinada ocasião. Seus meios de expressão eram igualmente fragmentários: por exemplo, a compulsão de esfregar um *pince-nez* na manga, o impulso de tocar na área mais clara da parede da sala de Ivanov, os movimentos incontroláveis dos lábios que murmuravam frases sem sentido como “vou pagar”, e o estado de confusão induzido por fantasias sobre episódios do passado.

Rubashov tentava analisar mais profundamente essa entidade recém-descoberta em suas perambulações pela cela; dada a conhecida reserva do Partido em dar ênfase à primeira pessoa do singular, ele a havia batizado de “ficção

gramatical”. Provavelmente tinha apenas poucas semanas de vida, e sentia uma urgência irresistível de esclarecer essa questão, de “pensar até chegar a uma conclusão”. Porém, os domínios da “ficção gramatical” pareciam começar exatamente onde terminava o “pensar até chegar a uma conclusão”. Era, obviamente, parte essencial do seu ser, ficar fora do alcance do pensamento lógico, e aí, como numa tocaia, pegar alguém desprevenido e atacá-lo com fantasias e dor de dente. Assim, Rubashov passou todo o sétimo dia de prisão, o terceiro após seu primeiro interrogatório, revivendo um período passado de sua existência, a saber: sua relação com Arlova, a jovem que fora morta.

O exato momento em que, a despeito de suas resoluções, ele havia deslizado para o interior da fantasia era tão impossível de determinar posteriormente quanto o momento em que uma pessoa pega no sono. Na manhã desse sétimo dia, ele trabalhara nas anotações e depois, presumivelmente, se levantara para esticar um pouco as pernas – e foi só quando escutou o barulho da chave na fechadura que se deu conta de que já era meio-dia, e que havia caminhado para lá e para cá na cela durante horas a fio. Tinha até passado o cobertor por sobre os ombros porque, presumivelmente também durante várias horas, fora sacudido por uma espécie de febre intermitente e sentira o nervo do dente latejar nas têmporas. De forma distraída, esvaziou a colheradas a tigela que os serventes haviam enchido com suas conchas, e continuou andando. O carcereiro, que o observava de tempos em tempos pela vigia, notou que ele tiritava, com os ombros encolhidos, e que seus lábios se moviam.

Mais uma vez Rubashov respirou o ar de seu antigo gabinete na Delegação Comercial, que recendia ao odor peculiarmente familiar do corpo volumoso, proporcional e lânguido de Arlova; mais uma vez viu a curva do seu pescoço por cima da blusa branca, inclinado sobre o bloco

de notas enquanto ele ditava, os olhos redondos de Arlova atentos às suas divagações pela sala nos intervalos entre as frases. Ela sempre se vestia com blusas brancas, como as que as irmãs de Rubashov usavam em casa, com pequenas flores bordadas na gola alta, e sempre os mesmos brincos baratos, que se destacavam um pouco de sua face quando ela se debruçava sobre o bloco de notas. Com seu jeito lento e passivo era como se Arlova tivesse sido feita para aquele trabalho, e produzia um efeito extraordinariamente tranquilizador sobre os nervos de Rubashov quando ele se via sobrecarregado. Ele assumira o novo posto de chefe da Delegação Comercial em B. imediatamente após o incidente com o baixote Loewy, e mergulhara de cabeça no trabalho. Era grato ao C. C. por lhe haver propiciado aquela atividade burocrática. Era totalmente incomum que dirigentes da Internacional fossem transferidos para o serviço diplomático. O N<sup>o</sup> 1 tinha, presumivelmente, intenções especiais em relação a ele, pois em geral as duas hierarquias eram mantidas totalmente à parte, não se permitiam contatos entre elas, e até muitas vezes seguiam orientações opostas. Só quando consideradas do ponto de vista das esferas mais elevadas em torno do N<sup>o</sup> 1 é que as aparentes contradições se resolviam e ficavam claras as motivações.

Rubashov precisou de algum tempo para se habituar ao novo estilo de vida; apreciava o fato de que agora tinha passaporte diplomático, autêntico e em seu próprio nome; que, em trajes formais, tivesse que frequentar recepções; que policiais lhe guardassem posição de sentido, e que os homens de chapéu-coco que costumavam segui-lo de maneira discreta para todo lado o estivessem fazendo única e exclusivamente em função do mais puro zelo por sua segurança.

De início ele se sentiu meio como um peixe fora d'água nas dependências da Delegação Comercial, que ficava

anexa à legação diplomática. Entendia que no mundo burguês as pessoas tivessem que entrar no jogo, mas achava que ali o jogo era jogado um pouco bem demais, de modo que era quase impossível distinguir aparência de realidade. Quando o Primeiro Secretário da legação chamou sua atenção para certas mudanças necessárias no modo de vestir e no estilo de vida – o Primeiro Secretário, antes da Revolução, falsificara dinheiro a serviço do Partido – não o fez de maneira camarada e bem humorada, mas com tamanha falta de tato e consideração que a cena se tornou constrangedora e deixou Rubashov bastante nervoso.

Rubashov tinha doze subordinados, com hierarquias claramente definidas: havia o Primeiro e o Segundo Assistente, o Primeiro e o Segundo Contador, Secretários e Secretários-Adjuntos. Rubashov tinha a sensação de que todo o quadro de pessoal o via como algo entre um herói nacional e um chefe de quadrilha. Tratavam-no com respeito exagerado e tolerância indulgentemente superior. Quando o Secretário da legação tinha que se reportar a ele sobre algum documento, fazia um grande esforço para se expressar nos termos simples que empregaria com um selvagem ou uma criança. A secretária particular de Rubashov, Arlova, era a que menos o incomodava; ele só não conseguia entender por que ela usava sapatos de verniz de saltos ridiculamente altos, com saias e blusas graciosas e singelas.

Levou quase um mês para falar com ela pela primeira vez num tom coloquial. Estava cansado de ditar e andar de lá para cá, e de repente se deu conta do silêncio na sala.

– Por que você nunca diz nada, camarada Arlova? – perguntou, sentando-se na confortável cadeira atrás da escrivaninha.

– Se o senhor quiser – ela disse com sua voz sonolenta –, eu posso repetir sempre a última palavra da sua frase.

Todos os dias ela se sentava na cadeira diante da mesa, com uma blusinha bordada, o busto farto e curvilíneo

debruçado sobre o bloco de notas, a cabeça baixa e os brincos pendurados paralelamente às bochechas. O único elemento destoante eram os sapatos de couro envernizado com saltos agulha; mas jamais cruzava as pernas, como a maioria das mulheres que Rubashov conhecia. Como ele sempre andava para lá e para cá enquanto ditava, geralmente a via por trás ou meio de perfil, e a coisa de que se lembrava mais claramente era a curva de seu pescoço. A penugem da nuca de Arlova não era densa nem totalmente raspada; a pele sobre as vértebras era alva e esticada; mais abaixo, as flores bordadas na gola da blusa branca.

Na juventude Rubashov não tivera muitas mulheres; eram quase sempre membros do Partido, e quase sempre o começo da relação era alguma reunião que se prolongava até tão tarde da noite que o convidado acabava perdendo a última condução de volta para casa.

Após essa mal sucedida tentativa de conversa, mais quinze dias se passaram. De início Arlova realmente passou a repetir a última palavra da frase ditada com sua voz soporífera; mas depois desistiu, e quando Rubashov fazia uma pausa, a sala ficava novamente silenciosa e saturada do seu perfume fraternal. Num final de tarde, para sua própria surpresa, Rubashov parou atrás da cadeira de Arlova, pôs ambas as mãos de leve em seus ombros, e perguntou se ela aceitaria sair com ele à noite. A moça não se afastou e seus ombros permaneceram sob o toque das mãos de Rubashov; limitou-se a concordar com a cabeça, em silêncio, sem sequer virar a cabeça. Rubashov não tinha o costume de fazer gracejos frívolos, porém mais tarde, naquela mesma noite, sem conseguir se conter, disse, sorrindo:

- Eu seria capaz de jurar que você ainda estava tomando um ditado.

O contorno de seus seios fartos e bem feitos parecia tão familiar, no escurinho do quarto, que era como se ela sempre tivesse estado ali. Apenas, agora, os brincos

descansavam sobre o travesseiro. Os olhos de Arlova tinham a expressão costumeira quando ela pronunciou a frase que nunca mais sairia da memória de Rubashov, juntamente com as mãos curvadas da *Pietá* e o cheiro das algas da cidade portuária:

- Você sempre poderá fazer comigo o que quiser.

- Mas por quê? - quis saber Rubashov, espantado e levemente surpreso.

Ela não respondeu. Provavelmente já estava dormindo. Adormecida, sua respiração era tão inaudível quanto acordada. Na verdade, Rubashov nunca se deu conta de que ela respirava. Nunca a vira de olhos fechados. Isso tornava seu rosto estranho para ele; era muito mais expressivo de olhos fechados do que abertos. Estranhas lhe eram também as sombras escuras de suas axilas; o queixo, em geral apontado para baixo, para os seios, assomava abruptamente como o de uma mulher morta. Mas o aroma suave e fraternal de seu corpo, esse sim, era-lhe familiar, mesmo enquanto ela dormia.

No outro dia e em todos os que se seguiram, Arlova se sentou novamente com sua blusa branca, debruçada sobre a mesa; na outra noite e em todas as que se seguiram a silhueta mais pálida de seus seios contrastou com a cortina escura do quarto de dormir. Rubashov vivia dia e noite na atmosfera de seu corpo volumoso e lânguido. O comportamento de Arlova no trabalho permaneceu inalterado; a voz e a expressão dos olhos eram as mesmas; jamais sugeriram minimamente qualquer coisa. Às vezes, quando se cansava de ditar, Rubashov se postava atrás da sua cadeira com as mãos em seus ombros; não dizia nada, e sob a blusa os ombros quentes de Arlova não se mexiam; então ele encontrava a frase que estava procurando e, retomando a caminhada pela sala, seguia ditando.

De vez em quando ele incluía comentários sarcásticos no texto que estava ditando; aí ela parava de escrever e aguardava, lápis na mão, até ele concluir; mas nunca sorria

daquelas gracinhas e Rubashov nunca descobriu o que achava delas. Somente uma vez, após uma piada particularmente ousada, referindo-se a certos hábitos pessoais do Nº 1, Arlova disse de repente, com sua voz de sono:

- Você não deveria falar essas coisas na frente de outras pessoas, devia ser mais cuidadoso de forma geral...

Mas volta e meia, sobretudo quando chegavam instruções e circulares superiores, ele sentia necessidade de dar vazão ao seu humor herético.

Era tempo de preparativos para o segundo grande julgamento da oposição. O clima na legação se tornara especialmente tenso. Fotografias e retratos desapareceram das paredes da noite para o dia; pendurados ali havia anos, ninguém sequer olhava para eles, mas agora as áreas claras saltavam aos olhos. Os funcionários restringiam suas conversas a assuntos de trabalho; falavam uns com os outros sempre com cautela e discrição. Durante as refeições na cantina da legação, quando era inevitável conversar, recorria-se ao acervo de frases da terminologia oficial, o que, no ambiente familiar, parecia grotesco e altamente constrangedor; era como se, entre pedidos de passar o sal ou a mostarda, todos gritassem uns para os outros as palavras de ordem constantes do manifesto do último congresso do Partido. Frequentemente acontecia de alguém protestar contra uma interpretação supostamente errônea daquilo que acabara de dizer, e pedir o testemunho dos vizinhos, com exclamações precipitadas do tipo “eu não falei isso”, ou “não foi isso o que eu quis dizer”. Tudo dava a Rubashov a impressão de uma peça de teatro de marionetes estranha e artificial, com personagens movidos por fios, cada qual dizendo sua fala ensaiada. Só Arlova, com seu jeito caladão e sonolento, parecia não se alterar.

Não só os retratos nas paredes, mas também as estantes da biblioteca estavam diminuindo. O sumiço de certos livros

e brochuras ocorria discretamente, em geral no dia seguinte à chegada de alguma nova mensagem de cima. Rubashov fazia seus comentários sarcásticos enquanto ia ditando para Arlova, que os recebia em silêncio. Boa parte das obras sobre comércio exterior e moeda desapareceu das prateleiras – seu autor, o Comissário do Povo para Assuntos Econômicos, acabara de ser preso; também quase todos os relatórios dos velhos congressos do Partido que tratavam do mesmo tema; a maioria dos livros e obras de referência sobre a história e os antecedentes da Revolução; a maioria das obras de autores vivos a respeito de jurisprudência e filosofia; todos os panfletos relativos às questões de controle da natalidade; os manuais sobre a estrutura do Exército do Povo; tratados sobre sindicalismo e direito de greve no Estado Popular; praticamente todos os estudos dos problemas de constituição política com mais de dois anos; e, finalmente, até os volumes da *Enciclopédia* publicada pela Academia – uma nova edição revista era prometida para breve.

Paralelamente, novos livros chegavam; os clássicos de ciências sociais apareciam, com novas notas de rodapé e comentários, as velhas histórias eram substituídas por novas, as antigas biografias de líderes revolucionários mortos eram substituídas por novas biografias do mesmo defunto. Rubashov comentou jocosamente com Arlova que a única coisa que restava a se fazer era publicar uma edição nova e revista de todos os jornais de ontem.

Enquanto isso, poucas semanas antes, chegara uma ordem “de cima” para que fosse designada uma bibliotecária que se responsabilizaria politicamente pelo acervo da biblioteca da legação. Arlova foi indicada para o cargo. Inicialmente, Rubashov murmurou algo sobre um “jardim de infância” e tomou a coisa como uma imbecilidade, até a noite em que, durante uma reunião semanal da célula partidária da legação, Arlova foi duramente atacada por todos os lados. Três ou quatro

participantes, entre eles o Primeiro Secretário, se manifestaram queixando-se de que alguns dos mais importantes discursos do Nº 1 não podiam ser encontrados na biblioteca enquanto, por outro lado, esta ainda se achava repleta de obras oposicionistas; e de que livros de políticos que já haviam sido desmascarados como espiões, traidores e agentes de potências estrangeiras ocupavam até bem recentemente lugares de destaque nas prateleiras; de modo que não se podia descartar a suspeita de uma ação planejada. Os manifestantes se mostraram imparciais e objetivos, empregando cuidadosamente frases escolhidas. Pareciam dar uns aos outros as deixas de um texto preconcebido. Todas as falas terminavam com a conclusão de que a principal obrigação do Partido era se mostrar vigilante e denunciar abusos sem dó nem piedade, e quem não a cumprisse, fosse quem fosse, se fazia cúmplice dos vis sabotadores. Arlova, compelida a se pronunciar, alegou, com sua habitual moderação, que longe dela qualquer propósito maligno, e que seguira todas as instruções que lhe foram dadas; porém, enquanto falava, com sua voz profunda e levemente confusa, ela deixou que seu olhar pousasse por um longo tempo em Rubashov, coisa que jamais havia feito antes na presença de outros. A reunião se encerrou com a resolução de dar a Arlova uma “séria advertência”.

Rubashov, que conhecia muitíssimo bem os métodos que vinham sendo praticados ultimamente pelo Partido, ficou preocupado. Pressentia que algo estava sendo armado contra Arlova, mas não tinha o que fazer porque nada havia de concreto.

O clima na legação se tornara ainda mais pesado. Rubashov deixou de fazer comentários pessoais enquanto ditava, o que lhe dava um estranho sentimento de culpa. Aparentemente nada mudara em seu relacionamento com Arlova, mas esse curioso sentimento de culpa, que devia-se

unicamente ao fato de não ser mais capaz de deixar escapar observações espirituosas durante os ditados, impedia-o de parar atrás da cadeira e pôr as mãos nos ombros de Arlova, como se acostumara a fazer. Após uma semana, Arlova não foi ao seu quarto uma noite, nem nas seguintes. Ele demorou três dias para lhe perguntar a razão. A moça murmurou algo sobre enxaqueca, com sua voz sonolenta, e Rubashov não insistiu. Desde então ela não retornou mais, exceto uma vez.

Foi três semanas depois da reunião da célula em que se decidiu pela “séria advertência”, e quinze dias após ela ter parado de ir visitá-lo. Seu comportamento foi quase o mesmo, mas a noite inteira Rubashov teve a sensação de que a moça aguardava que ele dissesse algo substancial. No entanto, ele se limitara a dizer que se sentia feliz por ela ter voltado, e que estava morto de cansado de tanto trabalhar – o que não deixava de ser verdade. Durante toda a noite reparou que ela permaneceu acordada, de olhos abertos no escuro. Rubashov não conseguiu se livrar de seu angustiante sentimento de culpa; e a dor de dente recomeçara. Essa foi a última visita de Arlova.

No dia seguinte, antes que ela chegasse, o Secretário contou a Rubashov, de um modo que requeria confidencialidade, mas com cada frase cuidadosamente formulada, que o irmão e a cunhada de Arlova haviam sido presos uma semana atrás, “lá longe”. O irmão de Arlova se casara com uma estrangeira; ambos eram acusados de manter ligações traiçoeiras com o país natal dela à serviço da oposição.

Minutos depois Arlova chegou para trabalhar. Sentou-se, como sempre, na cadeira defronte à mesa, com sua blusa bordada, ligeiramente inclinada para frente. Rubashov andava de lá pra cá atrás dela, e o tempo todo tinha diante dos olhos seu pescoço curvado, com a pele levemente esticada por sobre a saboneteira. Não conseguia tirar os olhos daquele pedaço de pele, sentindo uma inquietação

que remontava ao desconforto físico. A ideia de que “lá longe” os condenados eram abatidos com um tiro na nuca não o abandonava.

Na reunião seguinte da célula do Partido Arlova foi destituída do cargo de bibliotecária, por moção do Primeiro Secretário, por inconfiabilidade política. Nenhum comentário foi feito e não houve discussão. Rubashov, sentindo uma dor de dente quase insuportável, não compareceu à reunião. Poucos dias mais tarde Arlova e outro membro da equipe foram removidos. Seus nomes jamais foram mencionados pelos ex-colegas; porém, nos meses em que Rubashov permaneceu na legação antes de ele próprio ser também removido, o perfume fraternal do corpo volumoso e lânguido de Arlova ficou impregnado às paredes de sua sala e delas nunca mais saiu.

## 4.

### EGAM-SE, MISERÁVEIS DA TERRA<sup>5</sup>

Desde a manhã do décimo dia da prisão de Rubashov que seu novo vizinho da esquerda, o ocupante da cela 406, batia na parede a mesma frase a intervalos regulares, e sempre com o mesmo erro de ortografia: “EGAM-SE” em vez de “ERGAM-SE”. Por diversas vezes, Rubashov tentara entabular uma conversa com ele. Enquanto Rubashov batia, o novo vizinho ouvia em silêncio; mas a única resposta era uma sequência de letras desconexas, e para concluir sempre a mesma frase capenga:

EGAM-SE, MISERÁVEIS DA TERRA

O novo vizinho fora trazido na noite anterior. Rubashov havia despertado, mas só conseguira escutar sons abafados e a porta da cela 406 sendo trancada. Na manhã seguinte, logo após o primeiro toque do clarim, o 406 começou imediatamente a bater: “EGAM-SE, MISERÁVEIS DA TERRA”. Fazia-o com rapidez e destreza, e técnica de um virtuoso, de modo que o erro ortográfico e a ausência de sentido de suas outras mensagens não deviam ter causas técnicas, e sim mentais. Provavelmente a cabeça do novo vizinho estava perturbada.

Depois do café da manhã, o jovem oficial da cela 402 deu sinal de que queria conversa. Entre Rubashov e o 402 havia se desenvolvido uma espécie de amizade. O oficial de monóculo e bigode de pontas viradas para cima devia estar vivendo num estado de tédio crônico, pois era sempre grato a Rubashov por qualquer dedinho de prosa. Cinco ou seis vezes ao dia ele implorava humildemente:

CONVERSA COMIGO...

Rubashov raramente estava a fim de papo; nem sabia muito bem sobre o que conversar. O 402 em geral tamborilava piadas clássicas da caserna. Quando terminava,

instalava-se um silêncio constrangedor. Eram piadas velhas, empoeiradas, de uma obscenidade patriarcal; não dava para imaginar que, após batucá-las na parede, o 402 esperasse tremendas gargalhadas, com os olhos cravados desesperadamente na parede muda e caiada. Por questão de delicadeza e educação, Rubashov às vezes batia um sonoro “HA-HA” com o *pince-nez* substituindo as risadas. Aí ninguém podia com o 402; ele simulava uma explosão de alegria, batendo na parede com os punhos e as botas: “HA-HA! HA-HA!”, de vez em quando fazendo pausas para se certificar de que Rubashov estava participando. Caso Rubashov ficasse em silêncio, ele reclamava: “VOCÊ NÃO RIU...” Para que o deixasse em paz, Rubashov respondia com uns “HA-HAs” e o 402 informava, por fim: “ATÉ QUE DEMOS UMAS BOAS RISADAS”.

Às vezes ele azucrinava Rubashov. Nas ocasiões em que não obtinha resposta, tamborilava alguma marcha militar inteira, com uma quantidade interminável de versos. Quando estava andando de lá para cá, mergulhado em algum devaneio ou simplesmente meditando, acontecia de Rubashov começar a cantarolar baixinho o refrão de uma velha marcha que seu ouvido havia inconscientemente registrado.

Mas o 402 até que era bem útil. Já se achava ali havia mais de dois anos. Sabia os códigos, mantinha contato com vários vizinhos e ouvia os mexericos; parecia informado de tudo que se passava no presídio.

Na manhã após a chegada do 406, quando o oficial deu início à conversa costumeira, Rubashov perguntou se ele sabia quem era o novo vizinho. Ao que o 402 respondeu:

RIP VAN WINKLE.

O 402 era um apreciador de uma charada, para dar um toque de suspense à conversa. Rubashov puxou pela memória. Lembrava-se da história do homem que dormiu durante 25 anos e se viu num mundo irreconhecível ao despertar.

ELE PERDEU A MEMÓRIA?, Rubashov perguntou.

O 402, feliz da vida com o efeito que provocara, contou a Rubashov o que sabia. O 406 era professor de sociologia num pequeno Estado do sudeste europeu. No fim da última guerra, participou da revolução que havia eclodido em seu país, como na maior parte dos países da Europa à época. Criara-se uma “Comuna”, cuja existência romântica de poucas semanas encontrou o final sangrento de costume. Os líderes da revolução eram amadores, mas a repressão que se seguiu foi comandada com rigor profissional; o 406, a quem a Comuna dera o sonoro título de “Secretário de Estado para Esclarecimento do Povo”, foi condenado à forca. Aguardou um ano a execução; então a sentença foi comutada por prisão perpétua, da qual cumprira vinte anos.

Vinte anos, a maior parte do tempo confinado em prisão solitária, sem comunicação com o mundo exterior, e sem jornais. Fora esquecido, para todos os fins e efeitos; a administração da justiça naquele país do sudeste europeu era ainda de caráter mais que patriarcal. Há um mês ele fora subitamente anistiado – um Rip Van Winkle que, após vinte anos de sono e sombras, via-se novamente na terra.

Tomara o primeiro trem até aqui, até a terra de seus sonhos. Catorze dias depois de chegar foi preso. Talvez, após vinte anos de confinamento total, tenha se transformado num linguarudo. Talvez tenha contado às pessoas o que imaginara que seria a vida por aqui – durante os dias e as noites em sua cela. Talvez tenha pedido os endereços de velhos amigos, os heróis da Revolução, sem saber que não passavam de traidores e espiões. Talvez tenha depositado uma coroa de flores no túmulo errado, ou pretendido fazer uma visita ao seu ilustríssimo vizinho, o camarada Rubashov.

Agora podia se perguntar o que era melhor: duas décadas de sonhos numa enxerga de uma cela escura ou a realidade de duas semanas à luz do dia. Talvez ele não fosse

mais muito bom da cabeça. Essa era a história de Rip Van Winkle...

Algum tempo depois de o 402 bater seu longo informe, Rip Van Winkle recomeçou; por cinco ou seis vezes repetiu seu mantra truncado, “EGAM-SE, MISERÁVEIS DA TERRA”, e então ficou em silêncio.

Rubashov se deitou no catre, de olhos fechados. A “ficção gramatical” estava de novo se fazendo sentir; não se expressava em palavras, mas num vago desconforto que parecia querer dizer:

“Também por esse você deve pagar, por esse também você é responsável; porque agia enquanto ele sonhava.”

Na mesma tarde levaram Rubashov para fazer a barba.

Dessa vez o séquito consistia apenas no velho carcereiro e um guarda uniformizado; o velho se arrastava dois passos adiante, enquanto o soldado marchava dois passos atrás de Rubashov. Passaram pela cela 406; mas ainda não havia cartão de identificação à porta. Na barbearia achava-se somente um dos dois presos que tinham sido levados para lá; estavam obviamente cuidando para que Rubashov não fizesse contatos demais.

Ele se sentou na poltrona. O local era relativamente claro; tinha até um espelho. Rubashov tirou o *pince-nez* e olhou bem para o seu rosto no espelho; não o achou mudado, a não ser pela barba por fazer nas laterais.

O barbeiro trabalhava em silêncio, rápida e meticulosamente. A porta do salão permanecia aberta; o carcereiro saía, e o guarda uniformizado se encostara ao umbral da porta, para observar o procedimento. A espuma morna no rosto dava a Rubashov uma sensação de felicidade, e uma leve tentação de aspirar aos pequenos prazeres da vida. Bem que gostaria de conversar; mas sabia que era proibido, e não queria arranjar problemas para o barbeiro, com cujo rosto franco havia simpatizado. A julgar pela fisionomia, Rubashov o teria tomado mais por um

serralheiro ou um mecânico. Quando terminou de ensaboar, após o primeiro movimento da navalha, o barbeiro quis saber se a lâmina não o arranhara, dirigindo-se a ele como “Cidadão Rubashov”.

Aquela era a primeira frase pronunciada desde que Rubashov entrara no salão, e apesar do tom impessoal do barbeiro, ela adquiriu um significado especial. Em seguida o silêncio se fez novamente; o guarda na soleira da porta acendeu um cigarro; o barbeiro escanhoava o cavanhaque e o rosto de Rubashov com movimentos rápidos e precisos. Ao se curvar sobre Rubashov, ele deixou cair um pouco de espuma em seu olho; no mesmo instante introduziu dois dedos sob a gola de Rubashov, como para alcançar mais facilmente os pelos do pescoço; quando ele recolheu os dedos, Rubashov sentiu como que o roçar de uma bolinha de papel por dentro da gola. Poucos minutos mais tarde a operação se encerrava e Rubashov era conduzido de volta à sua cela. Sentado na cama, com o olho na vigia para se assegurar de não estar sendo observado, pegou o pedacinho de papel, alisou-o e leu. Havia apenas três palavras, aparentemente rabiscadas às pressas:

“Morra em silêncio.”

Rubashov jogou o pedaço de papel na latrina e começou a perambular de novo. Era a primeira mensagem que lhe chegava do lado de fora da cela. No país inimigo ele muitas vezes recebera mensagens na prisão; elas o conclamavam a levantar a voz em protesto, a devolver as acusações a seus acusadores. Havia também momentos na história em que um revolucionário devia manter silêncio? Havia pontos de virada na história em que só uma coisa se exigia, só uma coisa era correta: morrer em silêncio?

Os pensamentos de Rubashov foram interrompidos pelo 402, que começara a bater na parede mal ele retornou; estava ardendo de curiosidade e queria descobrir para onde o vizinho fora levado.

AO BARBEIRO, explicou Rubashov.

TEMI O PIOR, bateu o 402, já quase emocionado.

VOCÊ PRIMEIRO, respondeu Rubashov.

Como de hábito, o 402 era uma audiência receptiva.

HA-HA!, retribuiu. VOCÊ É DANADO...

Por estranho que pareça, o elogio arcaico encheu Rubashov de satisfação. Sentiu inveja do 402, cuja estirpe possuía um código de honra rígido que prescrevia como viver e como morrer. Àquilo uma pessoa podia se aferrar. Para gente como ele, não existia manual; tudo tinha que ser criado.

Até para morrer não havia figurino. O que era mais honroso: morrer em silêncio - ou se humilhar publicamente, para poder perseguir os próprios objetivos? Ele havia sacrificado Arlova porque sua existência era mais valiosa para a Revolução. Esse foi o argumento decisivo que os amigos usaram para convencê-lo; o dever de se poupar para o futuro era mais importante do que os preceitos da moralidade pequeno-burguesa. Para aqueles que haviam transformado a face da história, só havia um dever: estar presente e preparado. "Você sempre poderá fazer comigo o que quiser", dissera-lhe Arlova, e assim ele havia feito. Por que ele deveria se tratar com mais consideração? "A próxima década decidirá o destino da nossa era", Ivanov citara. Como podia se furtar meramente por repulsa pessoal, fadiga e vaidade? E se o Nº 1 tiver razão? E se é aqui, afinal e apesar de tudo, em meio à sujeira, ao sangue e às mentiras, que as bases grandiosas do futuro estão sendo fincadas? A História não foi, é e será sempre um mestre de obras cruel e inescrupuloso, cuja argamassa é uma mistura de mentiras, sangue e lama?

Morra em silêncio - suma na escuridão - tão fácil de falar...

Rubashov estacou de repente em cima da terceira lajota preta a partir da janela; pegara-se repetindo em voz alta as

palavras “morra em silêncio”, diversas vezes, em tom de irônica desaprovação, como se quisesse dar ênfase ao que elas representavam de mais completo absurdo...

E só agora tomava consciência de que sua decisão de recusar a proposta de Ivanov não era assim tão inabalável como tinha acreditado. Agora lhe parecia inclusive questionável se havia até mesmo tentado seriamente rejeitá-la, abandonando o palco sem uma palavra.

## 5.

O padrão de vida de Rubashov na cadeia só melhorava. Na manhã do décimo-primeiro dia ele foi levado pela primeira vez ao pátio para se exercitar.

O velho carcereiro veio buscá-lo pouco depois do café da manhã, acompanhado pelo mesmo soldado que o escoltara na expedição ao barbeiro. Informou-o de que desse dia em diante ele tinha permissão para vinte minutos de exercícios diários no pátio. Rubashov estava escalado na “primeira turma”, que entrava após o desjejum. Em seguida desfiou o regulamento: conversar durante a caminhada com o vizinho, ou com qualquer outro preso, era proibido; o mesmo em relação a fazer sinais uns para os outros; trocar mensagens escritas ou sair da fila; qualquer descumprimento das regras seria punido com a suspensão imediata do privilégio do exercício; infrações graves à disciplina com até quatro semanas de prisão em cela escura. Em seguida o carcereiro trancou a cela de Rubashov pelo lado de fora, e os três seguiram caminho. Após uns poucos passos ele parou e abriu a porta da cela 406.

Rubashov, que ficara ao lado do guarda uniformizado a certa distância da porta, viu no interior da cela as pernas de Rip Van Winkle, que estava deitado no catre. Estava de botas pretas e calças quadriculadas, puídas na barra, mas ainda parecendo bem cuidadas. O carcereiro desfiou mais uma vez o regulamento; as pernas das calças puídas deslizaram meio hesitantemente para fora do catre e um velhinho surgiu à porta, piscando os olhos. Seu rosto se cobria de uma penugem grisalha; além das calças de chamar a atenção, ele vestia um colete preto com uma correntinha de relógio de metal e um paletó preto. Parou à porta, examinando Rubashov com sincera curiosidade; em seguida lhe fez um breve e amistoso aceno de cabeça, e os

quatro partiram. Rubashov esperava encontrar uma pessoa mentalmente abalada; agora, contudo, mudara de opinião. Apesar de um tique nervoso da pálpebra, causado provavelmente por anos de confinamento numa cela escura, os olhos de Rip Van Winkle eram claros e de uma cordialidade quase ingênua. Caminhava com alguma dificuldade, mas a passos curtos e decididos, e de quando em quando dirigia a Rubashov um olhar amistoso. Descendo as escadas, o velhinho tropeçou de repente e teria caído caso o guarda não o amparasse pelo braço a tempo. Rip Van Winkle murmurou algumas palavras, numa voz baixa demais para que Rubashov pudesse entender, mas que evidentemente expressavam seus agradecimentos corteses; o guarda sorriu meio estupidamente. Então, por um portão aberto, entraram no pátio, onde os demais presos já se encontravam reunidos em duplas. Do centro do pátio, onde se postava o guarda, soaram dois breves apitos e o turno teve início.

O céu estava claro, de um azul curiosamente pálido, o ar se cobria do toque cristalino cortante da neve. Rubashov se esquecera de levar o cobertor e tremia de frio. Rip Van Winkle pendurara nos ombros uma manta cinzenta, rasgada, que o carcereiro lhe entregara ao entrar no pátio. Caminhava em silêncio ao lado de Rubashov, com passinhos firmes, piscando ocasionalmente para o azul pálido sobre suas cabeças; a coberta cinza lhe batia nos joelhos, envolvendo-o como a um sino. Rubashov tentava identificar qual janela correspondia à sua cela; era escura e suja, como todas as demais; não se podia ver nada por trás dela. Manteve os olhos por algum tempo na janela do 402, mas ali também só se via a vidraça gradeada. O 402 não tinha permissão para se exercitar; sequer fora ao barbeiro ou ao médico para ser examinado; Rubashov jamais o ouvira sendo retirado da cela.

Caminharam calados em lentos círculos ao redor do pátio. Entre os pelos grisalhos da barba por fazer, os lábios

de Rip Van Winkle se mexiam de forma praticamente imperceptível; murmurava algo que Rubashov de início não compreendeu; depois notou que o velho cantarolava a melodia de “Ergam-se, miseráveis da terra”. Louco ele não era, mas nos sete mil dias e noites de prisão havia aparentemente se tornado uma figura um tanto ou quanto estranha. Rubashov o observava de soslaio, tentando imaginar o que representava ficar excluído do mundo por duas décadas. Vinte anos atrás, veículos a motor eram coisa rara e estranha; não havia telégrafo sem fio, e os nomes dos atuais dirigentes políticos eram desconhecidos. Ninguém previra os novos movimentos de massa, as grandes derrocadas políticas e nem as vias tortuosas e os estágios desconcertantes que o Estado Revolucionário teria que atravessar; naquela época, acreditava-se que os portões da Utopia permaneciam abertos, e que a humanidade estava em seu limiar...

Rubashov se deu conta de que, por mais que exercitasse a imaginação, não era capaz de compreender o estado mental do companheiro, apesar de toda sua prática na arte de “pensar pela cabeça dos outros”. Podia fazê-lo sem muito esforço em relação a Ivanov, ou ao Nº 1, ou até ao oficial de monóculo; mas com Rip Van Winkle, não. Olhou-o de lado; o velho também virara a cabeça em sua direção, dando um sorriso; segurando a coberta em torno dos ombros com ambas as mãos, caminhava com passos curtos, cantarolando de maneira quase inaudível a melodia de “Ergam-se, miseráveis da terra”.

Quando foram levados de volta para dentro do prédio, à porta de sua cela o velho se virou mais uma vez para cumprimentar Rubashov com a cabeça; seus olhos piscaram com uma expressão subitamente alterada, de terror e desesperança; Rubashov achou que ele iria dizer alguma coisa, mas o carcereiro já havia trancado a porta da cela 406. Assim que foi deixado em sua cela, Rubashov foi direto

à parede; mas Rip Van Winkle não respondeu às suas batidas.

O 402, por outro lado, que vira os dois da janela, queria saber tudo a respeito da caminhada, nos mínimos detalhes. Rubashov teve que informá-lo sobre o aroma no ar, se fazia frio ou se o tempo estava ameno, se havia se deparado com outros prisioneiros no corredor, e se tinha, afinal, conseguido trocar algumas palavras com Rip Van Winkle. Rubashov respondeu pacientemente a todas as perguntas; comparado com o 402, que não tinha permissão para sair, sentia-se um privilegiado; lamentava e tinha quase um sentimento de culpa por ele.

No outro dia e no seguinte, Rubashov foi levado para caminhar à mesma hora, depois do café da manhã. Rip Van Winkle era sempre o seu companheiro de passeio. Os dois circulavam lado a lado, devagar, cada qual com sua coberta aos ombros, ambos em silêncio; Rubashov, mergulhado em seus pensamentos, de vez em quando olhava atentamente pelo *pince-nez* para os demais presos ou para as janelas do presídio; o velho, com a barba crescendo cada vez mais e um sorriso amável e quase ingênuo, murmurando baixinho sua eterna canção.

Até a terceira caminhada juntos, os dois não haviam trocado uma só palavra, embora Rubashov notasse que os guardas não levavam lá muito a sério as normas de silêncio absoluto, e que os outros pares no circuito conversavam quase que incessantemente; e o faziam olhando rigidamente para diante e segundo a técnica bem conhecida de Rubashov, mal mexendo os lábios.

No terceiro dia, Rubashov levou seu bloco e um lápis; o bloco escondido no bolso esquerdo do paletó. Passados dez minutos, o velho percebeu; seus olhos se iluminaram. Olhou discretamente para os guardas no centro do círculo, que conversavam animadamente e não pareciam nem um pouco interessados nos prisioneiros; e então, rapidamente, puxou o bloco e o lápis do bolso de Rubashov e começou a

rabiscar alguma coisa, ao abrigo do cobertor-sino. Terminou logo, rasgou a folha e a pressionou contra a mão de Rubashov; ficou, entretanto, com o bloco e o lápis e seguiu rabiscando. Rubashov se certificou de que os guardas não estavam prestando atenção e olhou a folha de papel. Não havia nada escrito, era um desenho: um esboço geográfico do país em que se encontravam; feito com espantosa precisão. Mostrava as principais cidades, montanhas e rios, e tinha uma bandeira fincada bem no centro, com o símbolo da Revolução.

Após mais uma volta, o 406 rasgou uma segunda folha do bloco e a pressionou de encontro à palma da mão de Rubashov. Continha o mesmo desenho, um mapa exatamente igual do País da Revolução. O 406 olhava para ele sorrindo, à espera de sua reação. Rubashov se sentiu ligeiramente constrangido por aquele olhar fixo e murmurou algo que significava aprovação. O velho piscou para ele:

- Consigo fazer isso até de olhos fechados - disse.

Rubashov balançou a cabeça.

- Você não acredita - disse o velho, sorrindo -, mas eu venho treinando há vinte anos.

Deu uma rápida olhadela para os guardas, fechou os olhos e, sem alterar as passadas, começou a desenhar numa nova folha sob o sino do seu cobertor. Com os olhos totalmente fechados, mantinha o queixo erguido para diante, como um cego. Rubashov olhava ansiosamente para o guarda, com receio de que o velho tropeçasse ou saísse da fila. Porém, numa nova meia-volta, o desenho estava concluído, um pouco mais trêmulo do que os anteriores, mas igualmente preciso; apenas o símbolo da bandeira no centro do país ficara desproporcionalmente grande.

- Agora você acredita em mim? - sussurrou o 406, sorrindo feliz para Rubashov, que fez que sim com a cabeça. De repente a fisionomia do velho se entristeceu; Rubashov reconheceu a expressão de medo, que se apoderava dele toda vez que era trancafiado na cela.

- Não há o que fazer - sussurrou para Rubashov. - Eles me puseram no trem errado.

- Do que você está falando? - perguntou Rubashov.

Rip Van Winkle sorriu, amável e triste.

- Eles me levaram para a plataforma de embarque da estação ferroviária errada e acharam que eu não percebi. Não conte a ninguém que eu sei - sussurrou, apontando para os guardas com um piscar de olho.

Rubashov concordou com um gesto de cabeça. Logo em seguida o apito soou, anunciando o fim do passeio.

Ao cruzar o portão, os dois tiveram ainda um momento sem ser observados. Os olhos do 406 mostravam-se novamente claros e amistosos.

- Quem sabe a mesma coisa tenha acontecido com você? - ele perguntou a Rubashov, com ar cúmplice.

Rubashov balançou a cabeça.

- Não se deve perder a esperança. Um dia nós vamos chegar lá, seja como for - disse Rip Van Winkle, apontando para o mapa amassado na mão de Rubashov.

Depois enfiou o bloco e o lápis de volta no bolso do companheiro. Na escada já ia novamente cantarolando baixinho sua eterna canção.

## 6.

Um dia antes de expirar o prazo dado por Ivanov, quando era servido o jantar, Rubashov teve a impressão de que havia qualquer coisa fora do normal no ar. Não sabia explicar por quê; a comida era distribuída conforme a rotina, o toque melancólico do clarim soara pontualmente à hora prevista; mas o ambiente parecia meio tenso. Talvez um dos serventes o houvesse olhado um pouco mais expressivamente; talvez a voz do velho carcereiro tivesse assumido um curioso tom de insinuação. Rubashov não sabia, mas não conseguia trabalhar; sentia a tensão nos nervos, tal como os reumáticos pressentem uma tempestade.

Depois do toque de recolher, ele foi espiar o corredor; as lâmpadas elétricas ardiam à meia corrente, derramando sua luz mortiça sobre o piso de lajotas; o silêncio do corredor parecia mais definitivo e desesperançado do que nunca. Rubashov deitou no catre, voltou a se levantar, obrigou-se a escrever algumas linhas, apagou o cigarro e acendeu outro. Olhou para o pátio lá embaixo: a neve derretia, estava suja e macia, o céu carregado de nuvens; na muralha do lado oposto, a sentinela marchava para lá e para cá com seu fuzil. Rubashov olhou mais uma vez pela vigia: o corredor era só silêncio, desolação e luz elétrica.

Contrariamente aos seus hábitos, e a despeito da hora avançada, puxou conversa com o 402.

ESTÁ DORMINDO?, bateu na parede.

Por um instante não houve resposta e Rubashov esperou com desapontamento. Mas então ela veio - mais baixa e mais vagarosa que o normal:

NÃO. TAMBÉM ESTÁ SENTINDO?

SENTINDO O QUÊ?, quis saber Rubashov, respirando fundo. Deitado no catre, batia com o *pince-nez*.

Novamente o 402 hesitou. Aí bateu tão imperceptivelmente que dava a impressão de estar falando em voz muito baixa:

É MELHOR VOCÊ IR DORMIR...

Rubashov se deitou bem quieto no catre com vergonha pelo fato de o 402 falar com ele em tom tão paternal. Deitado de costas no escuro olhou para o *pince-nez*, que mantinha junto à parede na mão meio levantada. O silêncio do lado de fora era tão espesso que dava para ouvi-lo sussurrar no ouvido. De repente a parede se manifestou de novo:

ENGRAÇADO, VOCÊ SENTIR LOGO...

SENTIR O QUÊ? EXPLIQUE!, bateu Rubashov, sentando-se no catre.

O 402 parecia estar pensando. Após uma breve hesitação ele tamborilou de volta:

ESTA NOITE DIFERENÇAS POLÍTICAS ESTÃO SENDO RESOLVIDAS...

Rubashov entendeu. Encostou-se à parede, no escuro, à espera de novas notícias. Mas o 402 não disse mais nada. Após certo tempo, Rubashov bateu:

EXECUÇÕES?

É, respondeu laconicamente o 402.

COMO VOCÊ SABE?

PELO LÁBIO LEPORINO.

A QUE HORAS?

NÃO SEI. E, após uma pausa: BREVE.

SABE OS NOMES?, perguntou Rubashov.

NÃO, o 402 respondeu. Após nova pausa, acrescentou: GENTE SUA. DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS.

Rubashov se deitou novamente e esperou. Depois de certo tempo pôs o *pince-nez*, ficou quieto de novo, com um braço debaixo do pescoço. Do lado de fora não se ouvia nada. Cada movimento no prédio era sufocado, congelado na escuridão.

Rubashov jamais havia presenciado uma execução - a não ser, por pouco, a sua própria; mas isso fora durante a Guerra Civil. Não era capaz de descrever para si mesmo como era a coisa em circunstâncias normais, como parte de uma rotina metódica. Sabia vagamente que as execuções tinham lugar à noite, nos porões, e que o criminoso era morto com uma bala na nuca; os detalhes, contudo, ele desconhecia. No Partido, a morte não era mistério, não se cercava de qualquer aspecto romântico. Era uma consequência lógica, um fator a se considerar e que se revestia de um caráter bem mais abstrato. Da morte também não se falava, e o termo "execução" quase nunca era empregado; a expressão mais frequente era "eliminação física". As palavras "eliminação física" só evocavam mais uma vez uma ideia concreta: a cessação da atividade política. O ato de morrer em si era um detalhe técnico, sem apelo ao interesse; enquanto elemento de uma equação lógica, a morte perdera qualquer traço corporal mais íntimo.

Rubashov, de *pince-nez*, tinha os olhos fixos na escuridão. Já teriam começado os procedimentos? Ou ainda não? Tirara os sapatos e as meias; na escuridão, seus pés descalços despontavam palidamente na outra ponta do cobertor. O silêncio se tornava cada vez mais anormal. Não era a costumeira e confortável ausência de ruídos; era um silêncio que, tendo engolido todos os sons, amortecia-os e vibrava como um couro de tamborim esticado. Rubashov olhava fixamente para seus pés descalços mexendo devagar as pontas dos dedos. Parecia grotesco e estranho, como se os pés brancos tivessem vida própria. Estava consciente do seu corpo com uma intensidade incomum, sentia o toque tépido do cobertor nas pernas e a pressão da mão sob o pescoço. Onde teria lugar a "eliminação física"? Tinha uma vaga ideia de que ela deveria ocorrer lá embaixo das escadas, passando a barbearia. Sentia o cheiro de couro do cinturão do revólver de Gletkin, e ouvia o ranger de seu

uniforme. O que ele dizia às suas vítimas? “Fique de pé com o rosto para a parede”? Será que acrescentava um “por favor”? Ou será que dizia: “Não tenha medo. Não vai doer...”? Talvez atirasse sem avisar, pelas costas, enquanto conversavam - mas com a vítima virando constantemente a cabeça. Talvez escondesse o revólver na manga, como o dentista esconde o boticão. Talvez houvesse também outros presentes. Como seriam? O condenado caía para frente ou para trás? Gritava? Talvez houvesse necessidade de uma segunda bala para liquidar com ele de vez...

Rubashov fumava e olhava para os dedos dos pés. Estava tudo tão quieto que se podia ouvir o crepitar do papel do cigarro queimando. Deu uma boa tragada. Que absurdo, disse consigo mesmo. Folhetim barato. O fato é que ele nunca acreditou nessa história de realidade técnica da “eliminação física”. A morte era uma abstração, especialmente a própria. Provavelmente agora já estaria tudo terminado, e o que passou não tem realidade. Estava escuro e quieto, e o 402 parara de bater.

Desejou que alguém, do lado de fora, desse um grito, para romper aquele silêncio fora do comum. Fungou o nariz, e percebeu que já fazia algum tempo que andava sentindo o perfume de Arlova nas narinas. Até os cigarros tinham o cheiro dela; levava uma cigareira na bolsa e cada um dos seus cigarros tinha o aroma de pó-de-arroz... O silêncio persistia. Só o catre rangia de leve quando ele se mexia.

Rubashov estava pensando em se levantar e acender outro cigarro quando o tamborilar na parede recomeçou. ESTÃO VINDO, ele entendeu.

Rubashov ficou atento. Só escutava as próprias têmporas pulsando e nada mais. Esperou. O silêncio se espessava. Tirou o *pince-nez* e bateu na parede:

NÃO OUÇO NADA...

Por muito tempo o 402 não respondeu. De repente bateu, alto e bruscamente:

380. PASSE ADIANTE.

Rubashov se sentou rapidamente. Compreendeu tudo: a notícia era transmitida através de onze celas, pelos vizinhos do 380. Os ocupantes das celas entre 380 e 402 formaram uma espécie de corrente acústica em meio à escuridão e ao silêncio. Estavam indefesos, trancados entre quatro paredes; essa era sua forma de mostrar solidariedade. Rubashov pulou do catre, foi de pés descalços até a outra parede, postou-se junto à latrina e bateu para o 406:

**ATENÇÃO: O 380 VAI SER FUZILADO AGORA. PASSE ADIANTE.**

E escutou. A latrina fedia; seus vapores substituíam o perfume de Arlova. Não houve resposta. Rubashov deslizou pé ante pé de volta ao catre. Dessa vez não recorreu ao *pince-nez*, mas às juntas dos dedos:

**QUEM É O 380?**

Novamente não houve resposta. Rubashov imaginou que, tal como ele próprio, o 402 estaria se deslocando como um pêndulo, de lá para cá, entre as duas paredes da cela. Nos onze cubículos após o dele, os ocupantes se apressavam, silenciosamente, pés descalços, revezando-se entre as paredes. Agora o 402 voltava a essa parede, para anunciar:

**ESTÃO LENDO A SENTENÇA. PASSE ADIANTE.**

Rubashov repetiu a pergunta:

**QUEM É ELE?**

Mas o 402 já se fora outra vez. Era inútil retransmitir a mensagem a Rip Van Winkle, mas Rubashov deslizou para o lado da latrina da cela e bateu; estava tomado por um obscuro senso do dever, a sensação de que a corrente não devia ser rompida. A proximidade da latrina lhe deu engulhos. Deslizou de volta à cama e aguardou. Ainda nenhum som do lado de fora. Somente a parede continuava repercutindo:

**ELE ESTÁ GRITANDO POR SOCORRO.**

**ELE ESTÁ GRITANDO POR SOCORRO,** Rubashov repetiu para o 406. Escutou. Nada. Receava vomitar da próxima vez

que chegasse perto da latrina.

ESTÁ SENDO TRAZIDO. GRITANDO E SE DEBATENDO. PASSE ADIANTE, bateu o 402.

QUAL O NOME DELE?, Rubashov tamborilou rapidamente, antes que o 402 completasse a frase. Dessa vez obteve resposta:

BOGROV. DA OPOSIÇÃO. PASSE ADIANTE.

As pernas de Rubashov ficaram subitamente pesadas. Encostou-se à parede e bateu para o 406:

MICHAEL BOGROV, EX-TRIPULANTE DO ENCOURAÇADO POTEMKIN, COMANDANTE DA ESQUADRA DO LESTE, CONDECORADO COM A PRIMEIRA COMENDA REVOLUCIONÁRIA, LEVADO PARA EXECUÇÃO.

Enxugou o suor da testa, vomitou dentro da latrina e concluiu:

PASSE ADIANTE.

Rubashov não conseguia se lembrar da imagem de Bogrov, mas via os contornos de sua figura gigantesca, os braços desajeitadamente largados, sardas no rosto inexpressivo e liso e o nariz ligeiramente arrebitado. Tinham sido colegas de quarto no exílio depois de 1905; Rubashov o ensinara a ler, a escrever e forneceu-lhe os rudimentos do pensamento histórico. Desde então, estivesse onde estivesse, Rubashov recebia duas vezes por ano uma carta manuscrita que terminava invariavelmente com as palavras: “Seu camarada, leal até a morte, Bogrov.”

ESTÃO VINDO, bateu o 402 asperamente, e tão alto que Rubashov, que ainda se achava junto à latrina com a cabeça encostada à parede, escutou do outro lado da cela! VÁ ATÉ A VIGIA. FAÇA BARULHO. PASSE ADIANTE. Rubashov ficou perplexo. Avançou no escuro até a porta da cela, tamborilou a mensagem: VÁ ATÉ A VIGIA. FAÇA BARULHO. PASSE ADIANTE, e esperou. Tudo continuava no mesmo silêncio de antes.

Em poucos segundos as batidas na parede recomeçaram: AGORA.

Pelo corredor vinha o som abafado e oco de um batucar contido. Não eram pancadas nem marteladas: os homens nas celas 380 a 402, que formavam a corrente acústica e se postavam atrás das portas como uma guarda de honra na escuridão, tentavam reproduzir com falsa semelhança o som grave e solene de um rufar de tambores, levado à distância pelo vento. Rubashov pressionou os olhos de encontro à vigia, e se juntou ao coro batendo com as duas mãos ritmadamente na porta maciça. Para seu espanto, a onda abafada foi levada para o lado direito, alcançando a cela 406 em diante; Rip Van Winkle finalmente deve ter entendido, e também estava batendo. Ao mesmo tempo Rubashov ouvia à sua esquerda, ainda a certa distância dos limites do seu campo de visão, o rangido de portas de ferro retornando aos gonzos. As batidas à sua esquerda foram ficando mais altas; Rubashov sabia que a porta de ferro que separava as celas de isolamento das demais, comuns, havia sido aberta. Um molho de chaves retiniu, agora a porta de ferro fora novamente fechada; em seguida ouviu passos se aproximando, acompanhados por ruídos de algo que deslizava e escorregava em cima das lajotas. As batidas à esquerda aumentaram como numa onda, num *crescendo* regular e abafado. A área de visão de Rubashov, limitada pelas celas 401 e 407, ainda estava vazia. Os sons deslizantes e escorregadios aproximavam-se rapidamente, ele agora também percebia gemidos e lamúrias, como um choro de criança. Os passos se apressaram e as batidas à esquerda foram diminuindo de intensidade, ao passo que se avolumavam à direita.

Rubashov batia. Foi perdendo aos poucos o senso de tempo e espaço, escutava somente umas pancadas secas que lembravam tantãs na selva; podiam ser macacos pendurados às grades de suas jaulas e batendo no peito; ele colou os olhos à vigia, erguendo-se e baixando-se compassadamente nas pontas dos pés. Como antes, via apenas a luz amarelada e pálida da lâmpada elétrica no

corredor; não havia o que ver, fora as portas de ferro das celas 401 a 407, mas o rufar de tambores aumentava, e os rangidos e escorregões se aproximavam. De repente vultos sombrios entraram em seu campo de visão: eles estavam ali. Rubashov parou de bater para olhar. Um segundo depois já haviam passado.

O que viu naqueles poucos segundos ficou gravado na memória de Rubashov. Duas figuras na penumbra, ambas uniformizadas, grandes e indistintas, arrastavam entre elas uma terceira, que mantinham seguras pelas axilas. Essa figura do meio vinha estirada ao comprido, porém com uma rigidez de boneca, a cabeça e a barriga viradas para baixo. As pernas penduradas para trás, com as pontas dos sapatos patinando nas lajotas, é que provocavam os rangidos que Rubashov havia escutado de longe. Mechas esbranquiçadas de cabelo caíam-lhe sobre o rosto quase arrastando no chão, a boca escancarada. Gotas de suor grudavam-se nela; do canto da boca uma saliva grossa escorria pelo queixo. Quando eles saíram do campo de visão de Rubashov, mais à direita descendo o corredor, o gemido e as lamentações foram gradualmente cessando; chegavam-lhe apenas como um eco distante, formado por três vogais queixosas: “u-a-o”. Porém, antes que dobrassem no final do corredor, já perto da barbearia, Bogrov bradou bem alto por duas vezes, e Rubashov então conseguiu ouvir não só as vogais, mas a palavra inteira; foi seu nome que ele ouviu, nitidamente: Rubashov.

Em seguida, como obedecendo a um sinal, o silêncio se fez. As lâmpadas elétricas ardiam como de costume, o corredor vazio como de costume. Só na parede do 406 ainda ouvia-se:

**EGAM-SE, MISERÁVEIS DA TERRA**

Rubashov estava de novo deitado no catre, sem saber como fora parar ali. Ainda tinha os rufos nos ouvidos, mas o silêncio era agora um silêncio real, vazio e relaxado. O 402

devia estar acordado. Bogrov, ou o que restara dele, devia estar morto.

“Rubashov, Rubashov”... Aquele último brado estava indelevelmente marcado em sua memória acústica. A imagem era menos clara. Ainda lhe era difícil associar a Bogrov a figura desse boneco, com o rosto úmido e as pernas rígidas, se arrastando que cruzara seu campo de visão naqueles poucos segundos. Só agora atinava para os cabelos brancos. O que eles teriam feito para arrancar da garganta de um marinheiro robusto como Bogrov aquelas lamúrias infantis? E Arlova? Será que ela havia choramingado da mesma maneira quando foi arrastada pelo corredor?

Rubashov se sentou e encostou a testa na parede atrás da qual dormia o 402; estava com medo de enjoar de novo. Até então jamais havia pensado na morte de Arlova com tanta minúcia. Sempre fora um episódio abstrato, que o deixava com uma forte sensação de desconforto, mas nunca pusera em dúvida a correção lógica de seu comportamento. Agora, tomado pela náusea que lhe revirava o estômago e provocava um suor frio na testa, sua antiga maneira de pensar parecia uma insanidade. As lamúrias de Bogrov como que desequilibravam a equação lógica. Até agora Arlova tinha sido um fator nessa equação, um pequeno fator comparado ao que estava em jogo. Mas a equação não mais se sustentava. A visão das pernas de Arlova com os sapatos de salto alto sendo arrastadas pelo corredor contrariava o equilíbrio matemático. O fator, irrelevante de início, se tornara incomensurável, absoluto; o lamento de Bogrov, o som monstruoso da voz que chamara seu nome, as batidas abafadas lhe invadiam os ouvidos; sufocavam a frágil voz da razão, cobriam-na como a arrebenção cobre o borbulhar dos afogados.

Exausto, Rubashov pegou no sono, sentado – a cabeça encostada à parede, o *pince-nez* ante os olhos fechados.

## 7.

Gemia no sono; sonhava, mais uma vez, com a primeira prisão; a mão frouxamente estendida para fora da cama procurava a manga do roupão; ficou à espera do golpe que finalmente o atingiria, mas não foi o que aconteceu.

Em vez do golpe, acordou, pois a lâmpada da cela fora repentinamente acesa. Um vulto parado ao lado da cama olhava para ele. Rubashov poderia ter dormido no máximo uns quinze minutos, mas, depois daquele sonho, sempre precisava de algum tempo para se recompor. Piscou para a luz brilhante, a cabeça trabalhava revendo minuciosamente as hipóteses habituais, como num ritual inconsciente. Estava numa cela: mas não no país inimigo - isso foi só no sonho. Portanto, estava livre; mas faltava o retrato do N<sup>o</sup> 1 na parede sobre sua cabeça, e mais adiante havia a latrina. Além disso, era Ivanov quem estava de pé à sua cabeceira, soprando fumaça de cigarro em seu rosto. Isso também era sonho? Não, Ivanov era bem real, a latrina era bem real. Encontrava-se em sua própria terra, mas ela se transformara num país inimigo; e Ivanov, que já fora seu amigo, agora se tornara também um inimigo; e as lamúrias de Arlova também não eram sonho. Mas não, não tinha sido Arlova, e sim Bogrov, quem havia sido arrastado como um boneco de cera; o camarada Bogrov, leal até a morte; e gritara seu nome; isso não foi sonho. Arlova, por sua vez, dissera: "Você sempre poderá fazer comigo o que quiser..."

- Está se sentindo mal? - perguntou Ivanov.

Rubashov piscou os olhos, cego pela luz.

- Passe meu roupão - falou.

Ivanov o observava. O lado direito do rosto de Rubashov estava inchado.

- Quer um pouco de conhaque? - perguntou Ivanov.

Sem esperar a resposta, foi claudicando até a vigia e gritou alguma coisa em direção ao corredor. Os olhos de Rubashov o acompanharam, piscando. A confusão não passava. Estava desperto, mas via, ouvia e pensava de maneira totalmente nebulosa.

- Você também foi preso? - perguntou.

- Não - disse Ivanov, calmamente. - Só vim lhe fazer uma visitinha. Acho que está com febre.

- Então me dê um cigarro - pediu Rubashov. Inalou profundamente uma ou duas vezes, e sua visão foi clareando. Deitou-se novamente, fumando, de olhos no teto. A porta da cela se abriu; o carcereiro trazia uma garrafa de conhaque e um copo. Dessa vez não era o velhote, e sim um jovem esguio de uniforme e óculos com aros de aço. Bateu continência para Ivanov, entregou-lhe o conhaque e o copo e fechou a porta ao sair. Ouviram-se seus passos retrocedendo pelo corredor.

Ivanov se sentou à beirada do catre de Rubashov e encheu o copo.

- Beba - disse. Rubashov esvaziou o copo de um gole. A névoa em sua cabeça se dissipou; acontecimentos e pessoas - primeira e segunda prisões, Arlova, Bogrov, Ivanov - foram se situando no tempo e no espaço.

- Está sentindo dor? - perguntou Ivanov.

- Não - disse Rubashov. Só uma coisa ele ainda não entendia: o que Ivanov estava fazendo ali em sua cela?

- Sua bochecha está bem inchada... Provavelmente também está febril.

Rubashov se levantou do catre, olhou pela vigia para o corredor, que estava vazio, e andou para lá e para cá pela cela até clarear completamente as ideias. Então parou diante de Ivanov, que permanecia sentado à beirada do catre, soltando pacientemente anéis de fumaça.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou.

- Quero falar com você - disse Ivanov. - Deite-se e tome mais um conhaque.

Rubashov piscou os olhos para ele ironicamente através do *pince-nez*.

- Até agora - disse -, eu estive tentado a acreditar que você estava agindo de boa-fé. Agora vejo que é mesmo um porco. Fora daqui.

Ivanov não se mexeu.

- Tenha a fineza de me dar as razões para essa afirmativa.

Rubashov encostou-se à parede do 406 e olhou para Ivanov, que fumava na maior tranquilidade.

- Primeira razão - começou Rubashov -: você sabia da minha amizade com Bogrov. E então trata de fazer com que ele, ou o que restou dele, passe em frente à minha cela em sua última jornada, como um recado. Para se assegurar de que eu não perca a cena, a execução de Bogrov é discretamente anunciada com antecedência, na suposição de que a notícia me será transmitida pelos meus vizinhos, o que de fato acontece. Outra sutileza da produção é informar Bogrov da minha presença aqui, pouco antes de ele ser arrastado para fora da cela, em nova suposição de que esse choque final arrancará dele alguma manifestação audível; o que também acontece. Tudo é calculado para me deixar num estado de depressão. Nessa hora mais funesta, o camarada Ivanov surge como salvador, com uma garrafa de conhaque debaixo do braço. Segue-se uma cena tocante de reconciliação, caímos um nos braços do outro, trocamos lembranças comoventes de guerra e incidentalmente eu assino a declaração com a minha confissão. Segue-se que o prisioneiro cai numa leve sonolência; o camarada Ivanov se retira na pontinha dos pés com a declaração no bolso, e dias depois é promovido... E agora tenha a bondade de dar o fora daqui.

Ivanov não se mexia. Soprava fumaça no ar, sorria exibindo os belos dentes.

- Você acha mesmo que eu tenho uma mente tão primitiva? - perguntou. - Ou, para ser mais exato: você

acredita realmente que eu sou um psicólogo tão ruim assim?

Rubashov deu de ombros.

- Seus truques me dão nojo - disse. - Eu não posso botá-lo daqui para fora. Se ainda tivesse um mínimo de decência, você agora me deixaria em paz. Você não faz ideia do quanto vocês me enjoam!

Ivanov pegou o copo do chão, encheu-o e bebeu.

- Proponho o seguinte trato - disse. - Você me deixa falar durante cinco minutos sem interromper, e escuta com a cabeça arejada o que tenho a dizer. Se depois disso ainda insistir para que eu vá embora, eu vou.

- Estou escutando - disse Rubashov, encostado à parede do lado oposto a Ivanov e olhando o relógio.

- Em primeiro lugar - disse Ivanov -, para que não reste qualquer dúvida ou ilusão que você possa ter: Bogrov foi de fato executado. Segundo: ele ficou vários meses preso, e no final foi torturado por vários dias. Caso você mencione isso durante o julgamento público, ou mesmo simplesmente o transmita pelas paredes para os seus vizinhos, eu estou frito. Quanto às razões para termos tratado Bogrov dessa maneira, falaremos mais tarde. Terceiro: foi proposital, sim, fazê-lo passar pela sua cela, como também deixar que ele soubesse da sua presença aqui. E em quarto lugar: esse truque nojento, como você diz, não foi ideia minha, mas do meu colega Gletkin, contrariando minhas determinações expressas.

Fez uma pausa. Rubashov continuava encostado à parede sem dizer nada.

- Eu jamais deveria ter cometido tamanho erro - Ivanov prosseguiu -, não por consideração aos seus sentimentos, mas porque isso contraria minhas táticas e meu conhecimento da sua psicologia. Você tem demonstrado ultimamente uma tendência a escrúpulos humanitários e a outros sentimentalismos do tipo. Além do mais, a história de Arlova continua a lhe embrulhar o estômago. A cena com

Bogrov só serviu para intensificar sua depressão e suas inclinações moralistas, o que era previsível. Só um ignorante em matéria de psicologia como Gletkin poderia cometer tamanho erro. Gletkin vem me enchendo os ouvidos nos últimos dez dias para recorrer a “métodos duros” com você. Por um lado, ele não gostou de você ter mostrado os furos nas meias; por outro, está acostumado a lidar com camponeses... Basta quanto à elucidação do caso Bogrov. O conhaque, é claro, eu pedi porque você não se achava totalmente de posse das suas faculdades quando eu cheguei. Não tenho interesse algum em deixá-lo bêbado. Não tenho interesse algum em vê-lo indefeso perante choques mentais. Tudo isso só faz com que você caia cada vez mais fundo num estado de exaltação moral. Eu preciso de você sóbrio e lógico. Meu único interesse é que possa pensar calmamente até chegar a uma conclusão. Porque, quando chegar finalmente a uma conclusão, aí então, e só então, você irá ceder...

Rubashov deu de ombros mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Ivanov interveio:

- Sei que você está convencido de que não irá capitular. Só me responda uma coisa: se você se convencer da necessidade lógica e da correção objetiva de capitular, você o faria?

Rubashov não respondeu logo. Sentia vagamente que a conversa tomara um rumo que ele não deveria ter permitido. Os cinco minutos se tinham passado, e ele não mandara Ivanov sair. Só isso já lhe parecia uma traição a Bogrov - e a Arlova; como também a Richard e ao baixote Loewy.

- Vá embora - disse a Ivanov. - Não adianta.

Só agora ele percebia que estivera andando algum tempo pela cela diante de Ivanov.

Ivanov estava sentado no catre.

- Pelo tom da sua voz - disse ele -, eu noto que você reconhece que se enganou no que toca à minha parte no

caso Bogrov. Por que, então, quer que eu vá embora? Por que não responde a pergunta que lhe fiz?...

Inclinando-se para diante, olhou Rubashov debochadamente no rosto e, em seguida, falou bem devagar, enfatizando cada palavra:

- *Porque tem medo de mim.* Porque a minha maneira de pensar e argumentar é a sua, e você tem medo do eco na própria cabeça. Num instante estará gritando: "*Vade retro, Satanás!*"

Rubashov não respondeu. Andava para lá e para cá junto à janela, diante de Ivanov. Sentia-se inseguro e incapaz de argumentar com clareza. Sua consciência culpada, que Ivanov chamava de "exaltação moral", não podia se expressar em termos lógicos - ficava no terreno da "ficção gramatical". Ao mesmo tempo, cada frase dita por Ivanov produzia nele efetivamente um eco. Sentia que nunca deveria ter se deixado envolver naquela discussão. Era como se estivesse numa areia movediça, que o arrastava irresistivelmente para baixo.

- *Apague,<sup>6</sup> Satanás!* - Ivanov repetiu, servindo-se de mais uma dose de conhaque. - Antigamente, a tentação era de natureza carnal. Agora assume a forma da razão pura. Os valores mudam. Eu gostaria de escrever um drama sobre a Paixão de Cristo em que Deus e o Diabo disputassem a alma do Santo Rubashov. Após uma vida em pecado, ele se volta para Deus - um Deus com a dupla papada do liberalismo industrial e da caridade das sopas do Exército da Salvação. Satanás, ao contrário, é magro, ascético, e um devoto fanático da lógica. Leitor de Maquiavel, Inácio de Loyola, Marx e Hegel, é frio e impiedoso para com a humanidade, devido a uma espécie de misericórdia matemática. Está condenado a fazer sempre o que mais o repugna: transformar-se num assassino sanguinário, de modo a abolir a carnificina, sacrificar ovelhas para que mais ovelhas não sejam sacrificadas, bater nas pessoas com chibatadas até que

aprendam a não se deixar açoitado, livrar-se de todo e qualquer escrúpulo em nome de uma escrupulosidade ainda maior, e desafiar o ódio da humanidade por amor a ela – um amor abstrato e geométrico. *Apaga, Satanás!* O camarada Rubashov prefere virar mártir. Os jornalistas da imprensa liberal, que o odiavam em vida, o santificarão após sua morte. Ele descobriu uma consciência, e consciência torna qualquer um tão inadequado para a revolução quanto uma papada. A consciência se alimenta do cérebro como um câncer, até que toda a matéria cinzenta seja devorada. Satanás é vencido e se vai – mas que ninguém imagine que ele ranja os dentes e cuspa fogo em sua fúria. Apenas dá de ombros; é magro e ascético; já viu muita gente fraquejar e rastejar para longe de suas fileiras sob os pretextos mais grandiosos...

Ivanov fez uma pausa para se servir de outro conhaque. Rubashov andava para lá e para cá defronte à janela. Passado um tempo disse:

– Por que executaram Bogrov?

– Por quê? Por causa do problema com os submarinos – respondeu Ivanov. – Teve a ver com a tonelagem. Uma discussão antiga, cuja origem deve ser do seu conhecimento.

– Bogrov defendia a construção de submarinos de grande tonelagem e amplo raio de ação. O Partido é favorável a submarinos pequenos com raio de ação mais curto. Podem-se construir três vezes mais submarinos pequenos com o dinheiro dos grandes. Ambos os lados dispõem de argumentos técnicos válidos. Os especialistas prepararam uma grande demonstração, com esboços técnicos e fórmulas algébricas; o verdadeiro problema, porém, residia em esfera bem diferente. Submarinos grandes significam: política de agressão, visando a uma revolução mundial. Submarinos menores significam: defesa costeira – ou seja,

autodefesa e postergação da revolução mundial. Este último é o ponto de vista do Nº 1, e do Partido.

- Bogrov tinha fortes seguidores no Almirantado e entre os oficiais da velha guarda. Não bastaria tirá-lo do caminho; ele também precisava cair em descrédito. Um julgamento foi planejado para desmascarar os partidários da grande tonelagem como sabotadores e traidores. Já havíamos conseguido que diversos engenheiros menos renomados se dispusessem a declarar publicamente tudo o que quiséssemos. Mas Bogrov não ia entrar no jogo. Até o fim ele se proclamou a favor da grande tonelagem e da revolução mundial. Estava duas décadas defasado. Não entendia que o tempo está contra nós, que a Europa vem passando por um período reacionário e estamos no fundo de uma onda aonde precisamos esperar até que a próxima nos traga de novo à tona. Num julgamento público ele só conseguiria estabelecer a confusão junto ao povo. Não havia outra saída a não ser eliminá-lo administrativamente. No nosso lugar, você não teria feito o mesmo?

Rubashov não respondeu. Parou de caminhar, e de novo se encostou à parede que dava para a cela 406, perto da latrina, da qual se erguia uma nuvem enjoativa de mau cheiro. Rubashov tirou o *pince-nez* e olhou para Ivanov com olhos vermelhos e assustados.

- Você não o ouviu choramingando... - disse.

Ivanov acendeu um novo cigarro no que restava do velho; também estava achando espantoso o fedor daquela latrina.

- Não - ele disse. - Isso eu não escutei. Mas já ouvi, e vi, coisas parecidas. Como foi?

Rubashov se calou. Era inútil tentar explicar. O choro e as pancadas abafadas como que ecoavam novamente em seus ouvidos. Não era possível expressar aquilo. Nem a curva dos seios de Arlova com os mamilos quentes e empinados. Não

há como explicar. “Morra em silêncio”, estava escrito na mensagem que o barbeiro lhe dera.

- Como foi? - repetiu Ivanov, e esticou a perna à espera. Como não veio resposta, continuou falando:

- Se eu tivesse pena de você, uma centelha que fosse, deixaria-o em paz agora. Mas não tenho, nem um pouco. Eu bebo; durante algum tempo, você sabe, me droguei; mas o vício da piedade até hoje tenho conseguido evitar. Basta uma dose mínima, e a pessoa está perdida. Derramando lágrimas pela humanidade e se lastimando - você conhece bem a tendência patológica da nossa raça para isso. Nossos maiores poetas se destruíram por causa desse veneno. Até os quarenta, cinquenta, eram revolucionários -, mas depois se viram consumidos pela pena, e aí o mundo os consagrou. Você parece ter a mesma ambição, e acreditar que isso seja um processo individual, único, algo sem precedentes...

Ele falava cada vez mais alto e produzia uma nuvem de fumaça.

- Cuidado com esses êxtases - disse. - Toda garrafa de álcool contém uma quantidade mensurável de êxtase. Infelizmente, apenas poucas pessoas, sobretudo entre a nossa querida gente do campo, consegue entender que os êxtases da humildade e do sofrimento são tão baratos quanto os quimicamente induzidos. Quando despertei da anestesia, e descobri que meu corpo parava no joelho esquerdo, também experimentei uma espécie de êxtase de infelicidade absoluta. Está lembrado das lições que me deu naquela época?

Ivanov se serviu de outro copo e o esvaziou a seguir.

- O que eu quero dizer é o seguinte - disse ele. - Não se deve encarar o mundo como uma espécie de bordel metafísico de emoções. Para nós, este é o primeiro mandamento. Compaixão, consciência, nojo, desespero, remorso e expiação são para nós de uma devassidão repulsiva. Sentar-se e se deixar hipnotizar pelo próprio umbigo, erguer os olhos e humildemente oferecer a nuca ao

revólver de Gletkin – essa é uma solução fácil. A maior das tentações para quem é como nós, consiste em: renunciar à violência, se arrepender, ficar em paz consigo mesmo. A maioria dos grandes revolucionários não resistiu a essa tentação, de Espártaco a Danton e Dostoievski; eles representam a maneira clássica de trair a causa. As tentações de Deus sempre foram mais perigosas para a humanidade do que as de Satanás. Enquanto o caos dominar o mundo, Deus é um anacronismo; e todo compromisso com a própria consciência é pérfido. Quando fala a maldita voz interior, é preciso tapar os ouvidos com as mãos...

Ivanov alcançou a garrafa e se serviu de nova dose. Rubashov percebeu que a garrafa já estava pela metade. Um pequeno consolo também era válido, pensou.

– Os maiores criminosos da história – Ivanov prosseguiu – não são os do tipo Nero e Fouché, mas sim os Gandhi e os Tolstói. A voz interior de Gandhi fez mais para impedir a libertação da Índia do que as armas britânicas. Vender-se por trinta moedas de prata é uma transação honesta; mas se vender à própria consciência é abandonar a humanidade. A História é amoral *a priori*; não tem consciência. Querer conduzir a História segundo os preceitos da escola dominical significa deixar tudo como está. Você sabe disso tanto quanto eu. Conhece o que está em jogo, e ainda vem me falar dos queixumes de Bogrov...

Esvaziou o copo e acrescentou:

– Ou então sua consciência pesa por causa da gorda Arlova.

Rubashov sabia que Ivanov era duro na queda em matéria de bebida; não se notava a menor alteração em seu comportamento, além de um jeito ligeiramente mais enfático de falar do que o normal. “Você está precisando de um consolo”, pensou Rubashov novamente, “talvez até mais do que eu.” Sentou-se no banquinho do lado oposto a Ivanov e escutou. Nada daquilo era novidade; ele próprio

defendera os mesmos pontos de vista durante anos, com palavras idênticas ou parecidas. A diferença é que na época ele conhecia esses processos internos, de que Ivanov falava com tanto desdém, meramente como uma abstração; mas desde então experimentara a “ficção gramatical” como uma realidade física no próprio corpo. Teriam esses processos irracionais se tornado mais admissíveis apenas porque agora ele mantinha uma relação de familiaridade pessoal com eles? Seria menos necessário combater a “intoxicação de misticismo” somente porque as pessoas já se haviam intoxicado? Quando, um ano atrás, levara Arlova à morte, ainda não dispunha de imaginação suficiente para descrever os detalhes de uma execução. Iria agora agir diferentemente apenas porque já conhecia alguns de seus aspectos? Sacrificar Richard, Arlova e Loewy, o Baixote, não foi certo nem errado. Mas o que a gagueira de Richard, o formato dos seios de Arlova ou as lamúrias de Bogrov tinham a ver, objetivamente falando, com a correção ou o equívoco da medida em si?

Rubashov recomeçou a andar pela cela, de lá para cá. Sentia que tudo que havia experimentado desde a prisão não passava de um prelúdio; que suas cogitações só o haviam levado a um beco sem saída - ao limiar do que Ivanov chamava de “bordel metafísico” - e que ele deveria recomeçar do início. Mas quanto tempo ainda teria? Parou, tirou o copo da mão de Ivanov e o esvaziou. Ivanov olhou para ele.

- Assim é melhor - disse com um breve sorriso. - Monólogos em forma de diálogo são uma instituição muito útil. Espero ter imitado razoavelmente bem a voz do Tinhoso. Pena que o partido da oposição não esteja representado. Mas isso é parte de seus truques, jamais se deixar seduzir por uma discussão racional. Ele sempre ataca as pessoas em momentos indefesos, quando estão sozinhas e com alguma *mise-en-scène*: sarças ardentes ou no alto de montanhas cobertas de nuvens - e com uma especial

preferência por vítimas adormecidas. Os métodos do grande moralista são muito injustos e teatrais...

Rubashov não estava mais escutando. Andando de lá para cá, pensava se hoje, caso Arlova ainda estivesse viva, ele a sacrificaria novamente. Essa questão o fascinava; parecia conter a resposta a todas as outras perguntas... Detendo-se diante de Ivanov, perguntou:

- Lembra-se de Raskolnikov?

Ivanov lhe deu um sorriso irônico.

- Era de esperar que mais cedo ou mais tarde você se saísse com essa. *Crime e Castigo...* Você realmente está ficando ingênuo ou senil...

- Espere um pouco, espere um pouco - disse Rubashov, caminhando agitado para lá e para cá. - Tudo isso é só conversa, mas agora estamos nos aproximando mais do ponto. Pelo que eu me lembro, a questão é se o estudante Raskolnikov tem direito ou não de matar a velha? Ele é jovem e talentoso; para ele a vida é como se fosse um título não resgatado no bolso; já a mulher é velha e totalmente imprestável para o mundo. Mas a equação não fecha. Em primeiro lugar, circunstâncias o obrigam a matar uma segunda pessoa; essa é a consequência imprevisível e ilógica de uma ação aparentemente simples e lógica. Em segundo lugar, a equação fracassa de todo modo, porque Raskolnikov descobre que dois mais dois não são quatro quando as unidades matemáticas são seres humanos...

- Realmente - disse Ivanov. - Se você quer saber a minha opinião, todos os exemplares desse livro deveriam ser queimados. Pense por um momento aonde levaria essa pseudofilosofia humanitária, caso a tomássemos ao pé da letra; se nos ativéssemos ao preceito de que o indivíduo é sagrado, e que não deveríamos tratar vidas humanas pelas regras da aritmética. Isso significaria que um comandante de batalhão não pode sacrificar um destacamento de patrulha para salvar todo o regimento. Que não podemos sacrificar idiotas como Bogrov, e que devemos correr o risco

de ver nossas cidades litorâneas arrasadas em poucos anos...

Rubashov balançou a cabeça.

- Seus exemplos são todos tirados da guerra - quer dizer, de circunstâncias anormais.

- Desde a invenção da máquina a vapor - replicou Ivanov -, o mundo encontra-se permanentemente em estado de anormalidade; as guerras e revoluções são apenas as expressões visíveis desse estado. Seu Raskolnikov, entretanto, é um idiota, um criminoso; e não porque age de maneira lógica matando a velha, mas porque o faz em benefício pessoal. O princípio segundo o qual os fins justificam os meios é e continua sendo a única regra da ética política; tudo mais não passa de conversa mole e se derrete entre os dedos... Se Raskolnikov tivesse liquidado a velha a mando do Partido - para aumentar os fundos de greve ou montar um jornal clandestino, por exemplo - aí a equação faria sentido, o romance, com seu falso problema, jamais teria sido escrito, e tanto melhor para a humanidade.

Rubashov não respondeu. Ainda estava fascinado pelo dilema: hoje, após as experiências dos últimos meses e dias, ainda levaria Arlova à morte? Não sabia. Logicamente, Ivanov tinha razão em tudo que dissera; o oponente invisível era silencioso, e só revelava sua existência por uma vaga sensação de desconforto. E nisso, também, Ivanov tinha razão: esse comportamento do "opponente invisível", de jamais se expor em discussões e só atacar as pessoas em momentos indefesos, deixava-o numa situação bastante suspeita...

- Eu não sou favorável a se misturar ideologias - continuou Ivanov. - Só existem duas concepções de ética humana, e estão em polos opostos. Uma é cristã e humana, considera o indivíduo sagrado e afirma que as regras da aritmética não se aplicam às unidades humanas. A outra concepção parte do princípio básico de que um objetivo coletivo justifica todos os meios, e não só permite como

exige que o individual seja, em todos os sentidos, subordinado e sacrificado à comunidade – que dele poderá dispor como de um rato de laboratório ou um cordeiro imolado. A primeira concepção poderia ser denominada moralidade antivivissecação, e a segunda, moralidade vivissecação. Enganadores e diletantes sempre procuraram juntar as duas; na prática, isso é impossível. Quem se vê sob o peso do poder e da responsabilidade logo se dá conta de que deve escolher; e fatalmente se volta para a segunda alternativa. Você conhece, desde o estabelecimento do cristianismo como uma religião oficial, um único exemplo de Estado que siga realmente uma política cristã? Não se pode apontar um. Em tempos de vacas magras – e a política está sempre em tempos de vacas magras – os governantes sempre foram capazes de apelar para “circunstâncias excepcionais” a demandar medidas excepcionais de defesa. Desde que existem, nações e classes vivem em estado permanente de autodefesa mútua, o que as força a adiar eternamente para outra oportunidade a aplicação prática do humanismo...

Rubashov olhou pela janela. A neve derretida congelara novamente e faiscava, formando uma superfície irregular de cristais branco-amarelados. A sentinela no alto da muralha fazia a ronda de fuzil ao ombro. O céu estava claro, mas não havia lua; por sobre a torre de artilharia a Via Láctea cintilava.

Rubashov deu de ombros.

– Admito – disse ele – que humanismo e política, respeito ao indivíduo e progresso social, são incompatíveis. Admito que Gandhi seja uma catástrofe para a Índia; que castidade na escolha dos meios gera impotência política. Concordamos nos aspectos negativos. No entanto, veja para onde nos levou a outra opção...

– Vejamos... Para onde? – quis saber Ivanov.

Rubashov esfregou o *pince-nez* na manga e olhou para ele com a vista meio turva.

- Que desastre - disse -, que desastre nós fizemos da nossa idade de ouro!

Ivanov sorriu.

- Pode ser - disse divertidamente. - Veja os irmãos Graco, na Roma Antiga, e Saint-Just e a Comuna de Paris. Até hoje, todas as revoluções foram feitas por diletantes moralizadores. Agiam sempre de boa fé e se deram mal justamente por causa do diletantismo. Nós, pela primeira vez, somos consequentes...

- É verdade - disse Rubashov. - Tão consequentes que, no interesse de uma justa distribuição de terras nós, deliberadamente, deixamos morrer de fome uns cinco milhões de lavradores e suas famílias em um ano. Tão consequentes fomos na libertação de seres humanos dos grilhões da exploração industrial que mandamos uns dez milhões deles para trabalhos forçados nas regiões árticas e em florestas do Oriente, sob condições similares às dos antigos escravos das galés. Tão consequentes que, para resolver uma divergência de opinião, reconhecemos um único argumento: a morte. Seja por questão de submarinos, de adubo ou de qual linha partidária seguir na Indochina. Nossos engenheiros trabalham permanentemente conscientes de que um simples erro de cálculo pode mandá-los para a prisão ou para a forca; nossos funcionários administrativos do alto escalão aniquilam e destroem seus subordinados porque sabem que serão responsabilizados pelo menor deslize e eles próprios serão destruídos; nossos poetas decidem sobre questões de estilo fazendo denúncias à Polícia Secreta, os expressionistas considerando o estilo naturalista contrarrevolucionário, e vice-versa. Agindo consequentemente no interesse das gerações futuras, submetemos a atual a tão terríveis privações que sua expectativa média de vida se reduziu em 25%. Para defender a existência do país, temos adotado medidas excepcionais e criado leis de transição que, em todos os aspectos, contrariam os objetivos da Revolução. O padrão

de vida do povo é inferior ao que era antes da Revolução: as condições de trabalho ficaram mais duras, a disciplina é mais desumana, a produtividade pior do que nos países coloniais com mão-de-obra nativa; reduzimos o limite de idade para a pena capital para doze anos; nossa legislação sobre sexo é mais puritana que a da Inglaterra, nossa veneração ao líder mais bizantina que a das ditaduras reacionárias. Nossa imprensa e nossas escolas cultivam o chauvinismo, o militarismo, o dogmatismo, o conformismo e a ignorância. O poder arbitrário do Governo é irrestrito, e sem precedentes na História. A liberdade de imprensa, de opinião e de ir e vir foi tão completamente extinta que é como se jamais tivesse existido a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Construimos o mais gigantesco aparato policial, com delatores se transformando em instituição nacional, e com o mais refinado sistema científico de torturas físicas e mentais. Prometemos às massas oprimidas do país uma teórica felicidade futura que só nós conseguimos ver. Pois as energias dessa geração se esgotaram; foram gastas na Revolução; ela está exangue, só restando uma massa queixosa, entorpecida, apática de carne expiatória... Essas são as consequências de sermos “consequentes”. Você a chamou de “moralidade vivisseccção”. Para mim, às vezes, é como se os experimentadores tivessem descarnado a vítima deixando-a com os tecidos, músculos e nervos à mostra...

- Mas e daí? - disse Ivanov divertidamente. - Você não acha isso maravilhoso? Alguma vez na História ocorreu algo mais maravilhoso? Estamos arrancando a pele velha da humanidade e dando-lhe uma nova. Não é coisa para gente de nervos fracos; mas já houve época em que isso o deixava bem mais entusiasmado. O que mudou tanto em você para deixá-lo assim melindroso como uma donzela?

Rubashov quis responder: “Desde que ouvi Bogrov gritar meu nome”. No entanto, sabia que essa resposta não fazia sentido. Então respondeu:

- Para seguir com a mesma metáfora: eu vejo o corpo descarnado dessa geração, mas nem sinal da nova pele. Todos pensávamos que era possível tratar a história como se experimenta com a física. A diferença é que na física pode-se repetir o experimento centenas, milhares de vezes, enquanto na história ela acontece apenas uma vez. Danton e Saint-Just só podem ser mandados para a forca uma vez; e se um dia se comprovar que submarinos grandes teriam sido, afinal, a escolha certa, o camarada Bogrov não irá ressuscitar.

- Quer dizer então - perguntou Ivanov - que deveríamos ficar sentados de mãos abanando porque, como não é possível prever as consequências de um ato, toda ação é maléfica? Damos aval a cada ato com as nossas cabeças, e mais não se pode esperar de nós. No outro campo, eles não se mostram tão escrupulosos. Qualquer general velho e idiota pode fazer experimentos com milhares de corpos vivos; e se cometer um erro, no máximo será reformado. As forças reacionárias e contrarrevolucionárias não têm escrúpulos nem problemas éticos. Imagine um Sula, um Galliffet, um Kolchak lendo Raskolnikov. Essas aves raras como você só se encontram nas árvores da revolução. Para os outros é mais fácil...

Ele olhou para o relógio. A janela da cela ganhara um tom de cinza sujo; o jornal que tapava a vidraça quebrada tremulava e farfalhava à brisa da manhã. No alto da muralha do outro lado, a sentinela continuava dando suas centenas de passadas, para cima e para baixo.

- Para um homem com o seu passado - Ivanov prosseguiu -, essa súbita aversão à experimentação vai além da mera ingenuidade. Todos os anos, vários milhões de pessoas morrem absurdamente por epidemias e outras catástrofes naturais. E nós deveríamos deixar de sacrificar umas poucas centenas de milhares em prol do mais promissor experimento da história? Isso para não falar das legiões dos que morrem de desnutrição e tuberculose em

minas de carvão e mercúrio, nos campos de arroz e nas fazendas de algodão. Ninguém se incomoda com elas; ninguém pergunta por que ou para quê; mas se nós aqui fuzilamos alguns milhares de pessoas objetivamente nocivas, os humanistas do mundo inteiro espumam pela boca. É verdade, nós liquidamos a parte parasita do campesinato e a deixamos morrer de inanição. Foi uma operação cirúrgica que precisava ser realizada de uma vez por todas; mas nos bons velhos tempos antes da Revolução a mesma quantidade de gente morreu em um único ano de seca - só que de maneira estúpida e absurda. As vítimas das enchentes do Rio Amarelo na China costumam chegar a centenas de milhares. A natureza é generosa em seus experimentos sem sentido envolvendo a humanidade. Por que a humanidade não teria o direito de realizar experimentos nela mesma?

Ivanov fez uma pausa; como Rubashov não respondeu, ele continuou:

- Você já leu escritos de alguma sociedade antivivisseccionista? São de arrasar, devastadores; quem lê sobre um pobre cão vira-latas que teve o fígado cortado, e geme e lambe as mãos do algoz, fica nauseado, tal como você esta noite. No entanto, se esse pessoal tivesse voz, não teríamos soros contra cólera, tifo e difteria...

Ivanov esvaziou o que restava da garrafa, bocejou, espreguiçou-se e se pôs de pé. Puxando da perna, foi até a janela, onde estava Rubashov, e olhou para fora.

- Está clareando - disse. - Não seja tolo, Rubashov. Tudo isso que eu lhe disse esta noite é conhecimento elementar, você sabe tanto quanto eu. Você teve uma depressão, mas já passou.

Pôs-se à janela, com o braço nos ombros de Rubashov; sua voz era quase carinhosa.

- Agora trate de dormir, sua mula velha; amanhã o prazo se encerra, e nós dois teremos que estar com a cabeça fresca para redigir sua declaração. Não dê de ombros - você

mesmo está ao menos parcialmente convencido de que irá assinar. Caso se negue, será por mera covardia moral. E a covardia moral já levou muita gente ao martírio...

Rubashov olhou a luz cinza de fora. A sentinela acabara de fazer uma meia volta à direita; sobre a torre de artilharia o céu estava cinza-claro, com uma sombra avermelhada.

- Vou pensar bem nisso de novo - disse Rubashov depois de algum tempo.

Quando a porta se fechou atrás do visitante, Rubashov se deu conta de já estar meio entregue. Jogou-se no catre, exausto, mas estranhamente aliviado. Sentia-se vazio e sugado, e ao mesmo tempo como se lhe tivessem tirado um peso de cima. Em sua memória, o chamado patético de Bogrov perdera um pouco da agudeza acústica. Quem poderia dizer que era traição ter fé nos vivos, e não nos mortos?

Enquanto Rubashov dormia calmamente e sem sonhar - a dor de dente também havia se acalmado - Ivanov, a caminho de sua sala, fez uma visita a Gletkin. Gletkin estava sentado em sua cadeira trajando uniforme completo, e trabalhando cercado por pastas. Durante anos ele se habituara a trabalhar noite adentro de três a quatro vezes por semana. Quando Ivanov entrou, Gletkin se pôs de pé em posição de sentido.

- Tudo bem - disse Ivanov. - Amanhã ele vai assinar. Mas tive que suar para consertar a sua burrada...

Gletkin não respondeu; mantinha-se rígido diante da mesa. Ivanov, que se lembrava da dura conversa que tivera com ele antes de ir à cela de Rubashov, e sabendo que Gletkin não era de esquecer tão facilmente uma reprimenda, deu de ombros e soprou a fumaça do cigarro no rosto de Gletkin.

- Não seja tolo - disse. - Vocês todos sofrem de suscetibilidades. No lugar dele, você seria ainda mais teimoso.

- Eu tenho determinação, o que ele não tem - disse Gletkin.

- Mas você é um idiota - disse Ivanov. - Só por essa resposta devia ser fuzilado antes dele.

Foi mancando em direção à porta e a bateu com força pelo lado de fora.

Gletkin sentou-se de novo à mesa. Não acreditava que Ivanov seria bem sucedido, mas ao mesmo tempo temia isso. A última frase de Ivanov soara como uma ameaça, e com ele nunca se sabia o que era brincadeira e o que era coisa séria. Talvez nem ele mesmo soubesse - como todos esses intelectuais cínicos...

Gletkin deu de ombros, ajustou a gola e os punhos, que rangeram, e continuou a trabalhar em sua pilha de documentos.

---

5 Primeiro verso d'*A Internacional*, poema composto por Eugène Pottier em 1871 para ser cantado à melodia da Marselhesa e que ficou conhecido mundialmente como o hino da União Soviética. (N.E.)

## O TERCEIRO INTERROGATÓRIO

# 1.

*“Palavras podem, eventualmente, servir para encobrir os fatos. Mas isso deve ocorrer de modo que ninguém se dê conta; contudo, se for notado, é preciso ter à mão uma boa desculpa, e fornecê-la imediatamente.”*  
MAQUIAVEL, *Instruções a Raffaello Girolami*

*“Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.”*  
MATEUS, v.37

Extraído do diário de N. S. RUBASHOV, no vigésimo dia de prisão

*...Vladimir Bogrov caiu do balanço. Cento e cinquenta anos antes, no dia da queda da Bastilha, o balanço europeu, após longa inatividade, voltara a se movimentar. Havia se afastado alegremente da tirania; e com um impulso aparentemente desenfreado, arremeteu em direção ao céu azul da liberdade. Durante cem anos foi subindo, cada vez mais alto, até alcançar as esferas do liberalismo e da democracia. Mas, veja bem, o ritmo foi gradativamente desacelerando, o balanço se aproximou do ápice e do ponto de retorno de seu curso; então, após um segundo de inércia, deu início ao movimento contrário, em velocidade crescente. Com o mesmo ímpeto de subida, o balanço levou seus passageiros da liberdade novamente à tirania. Quem olhava para cima em vez de se segurar firme ficou tonto e caiu.*

*Quem quiser evitar a sensação de atordoamento deve procurar entender a lei do movimento do balanço. Parece que estamos diante de um movimento pendular da história, balançando do absolutismo para a democracia, da democracia de novo para a ditadura absolutista.*

*A dimensão da liberdade individual que um povo pode conquistar e conservar depende do seu grau de maturidade política. O já mencionado movimento pendular parece indicar que a maturidade política das massas não obedece a uma curva ascendente contínua, tal como se dá com o crescimento de um indivíduo, mas sim que ela se rege por leis bem mais complexas.*

*A maturidade das massas repousa na capacidade de reconhecer os próprios interesses. Isso, no entanto, pressupõe certa compreensão do processo de produção e distribuição de bens. A capacidade de um povo de se governar democraticamente é, assim, proporcional ao grau da sua compreensão da estrutura e do funcionamento de todo o corpo social.*

*Todo avanço técnico, por sua vez, cria uma nova complexidade para o sistema econômico, provoca o aparecimento de novos fatores e combinações, que permanecem por algum tempo fora do alcance das massas. Todo salto de progresso técnico deixa o correspondente desenvolvimento intelectual das massas um passo atrás, e com isso produz uma queda no termômetro da maturidade política. Leva às vezes dezenas de anos, às vezes gerações, para que o nível de compreensão de um povo se adapte ao estado de coisas alterado, até que ele descubra a mesma capacidade de se autogovernar que tinha num estágio inferior de civilização. Por isso, a maturidade política das massas não pode ser medida por números absolutos, mas apenas relativamente, isto é, em proporção ao seu estágio civilizatório de momento.*

*Quando o nível de consciência popular coincide com o real estado de coisas segue-se, inevitavelmente, a*

*conquista da democracia, seja por via pacífica ou pela força. Até que o próximo salto de civilização técnica - a invenção do tear mecânico, por exemplo -, devolva novamente as massas a um estado de relativa imaturidade, e torne possível ou mesmo necessário o estabelecimento de alguma forma de liderança incontestável.*

*Esse processo pode ser comparado ao soerguimento de um navio por meio de uma eclusa com várias câmaras. Quando entra na primeira câmara da eclusa, o navio está num nível baixo em relação à capacidade da câmara; ele então é lentamente erguido até que o nível da água atinja seu ponto mais alto. Mas essa grandeza é ilusória; a próxima câmara da eclusa é ainda mais alta, e o processo de nivelamento precisa recomeçar. As paredes das câmaras da eclusa representam o estado objetivo de controle das forças naturais, da civilização técnica; o nível da água na câmara da eclusa representa a maturidade política das massas. Não faria sentido medir este último como uma altura absoluta em relação ao nível do mar; o que conta é a altura relativa do nível na câmara da eclusa.*

*A invenção da máquina a vapor deu origem a uma fase de rápido progresso objetivo e, conseqüentemente, de um igualmente rápido retrocesso político subjetivo. A era industrial é ainda recente na história, a discrepância ainda é grande entre sua estrutura econômica extremamente complexa e a compreensão das massas em relação a ela. Portanto, é compreensível que a maturidade política relativa das nações na primeira metade do século vinte seja menor do que era em 200 a.C. ou no fim do período feudal.*

*O equívoco da teoria socialista foi acreditar que o nível da consciência das massas aumenta de maneira constante e regular. Daí seu inconformismo ante a mais recente tendência do pêndulo, a automutilação ideológica dos povos. Nós acreditamos que a adaptação da visão de mundo das massas às circunstâncias alteradas seria um processo simples, possível de se medir em anos; ao passo*

que, segundo toda a experiência histórica, teria sido mais apropriado medi-lo em séculos. Os povos da Europa estão ainda muito longe de haver digerido mentalmente as consequências da máquina a vapor. O sistema capitalista entrará em colapso antes que as massas o tenham compreendido.

No que se refere à Pátria da Revolução, as massas ali são governadas pelas mesmas leis do pensamento de qualquer outro lugar. Elas atingiram a próxima câmara mais alta da eclusa, mas ainda se encontram no nível mais baixo do novo compartimento. O novo sistema econômico que tomou o lugar do antigo ainda lhes é mais incompreensível. A dura e penosa subida deve começar mais uma vez. Provavelmente isso se dará várias gerações antes que o povo consiga compreender o novo estado de coisas, que ele próprio criou por meio da Revolução.

Até lá, porém, uma forma democrática de governo é impossível, e a dimensão da liberdade individual que pode ser concedida é até menor do que a de outros países. Até lá, nossos líderes veem-se obrigados a governar como se fosse um espaço vazio. Segundo os padrões liberais clássicos, não é um cenário agradável. Mas todo o horror, a hipocrisia e a degradação que saltam aos olhos constituem a mera expressão visível e inevitável da lei anteriormente descrita. Ai dos loucos e dos estetas que só sabem perguntar como e não por quê. Mas aí também da oposição nesse período de relativa imaturidade das massas.

Em períodos de maturidade, é dever e papel da oposição apelar às massas. Em períodos de imaturidade mental, somente os demagogos invocam o “juízo supremo do povo”. Nessas situações, a oposição tem como alternativas: tomar o poder por meio de um coup d'état, sem poder contar com o apoio das massas; ou, em desespero mudo, pular fora do balanço - “morrer em silêncio”.

Há uma terceira escolha, que não é menos consistente, e que em nosso país vem se transformando em sistema: a

*rejeição e a supressão das próprias certezas quando não existe perspectiva de materializá-las. Na medida em que o único critério moral que reconhecemos é o da utilidade social, a recusa pública às próprias certezas tendo em vista permanecer nas fileiras do Partido é obviamente mais honrosa do que o quixotismo de levar avante uma batalha perdida.*

*Questões de vaidade pessoal; preconceitos como os que existem em toda parte em relação a determinadas formas de se rebaixar; sentimentos subjetivos de cansaço, indignação e vergonha - devem ser arrancados pela raiz...*

## 2.

Rubashov começara a escrever suas reflexões sobre o “balanço” imediatamente após o primeiro toque de clarim da manhã seguinte à execução de Bogrov e da visita de Ivanov. Quando lhe trouxeram o desjejum, tomou um gole de café e deixou o resto esfriar. Sua caligrafia, que nos últimos dias adquirira um aspecto um tanto descuidado e inseguro, se tornara novamente firme e disciplinada; as letras ficaram menores, os traços curvos e trêmulos deram lugar a ângulos precisos. Ao reler, até ele notou a mudança.

Às onze da manhã foi conduzido para o exercício, como de hábito, e teve que parar de escrever. Chegando ao pátio, deram-lhe como companheiro de caminhada não o velho Rip Van Winkle, mas um camponês magrelo com sapatos trançados de fibra vegetal. Rip Van Winkle não estava à vista no pátio, e Rubashov só agora se lembrava de que no café da manhã sentira falta do costumeiro “Egam-se, miseráveis da terra”. Aparentemente, o velho fora levado, só Deus sabia para onde; uma pobre mariposa, já nas últimas, que sobrevivera milagrosa e inutilmente ao último ano do seu tempo estimado de vida para reaparecer na estação errada, bateu asas às cegas uma ou duas vezes e foi cair morta a um canto.

O camponês, de início, seguiu em silêncio ao lado de Rubashov, olhando-o de lado. Após a primeira volta pigarreou algumas vezes e, completada mais uma volta, falou:

- Eu sou da província de D. Já estive lá, Excelência?

Rubashov respondeu negativamente. D. era uma região bem afastada no leste do país, e da qual ele só fazia uma vaga ideia.

- Fica bem longe, com certeza - disse o camponês. - Para chegar lá, só de camelo. Sua Excelência é político?

Rubashov confirmou. Os sapatos de fibra do camponês haviam praticamente perdido as solas; ele caminhava com os dedos dos pés de fora em meio à neve pisoteada. Tinha pescoço fino, e balançava a cabeça respeitosamente enquanto falava, como se repetisse o amém de uma ladainha.

- Eu também sou uma pessoa política - disse. - Quer dizer, sou um reacionário. Dizem que todo reacionário deveria passar uns dez anos na cadeia. O senhor acha que eles vão me prender por dez anos, Excelência?

Balançou a cabeça, e disfarçadamente, mas ansioso, olhou para os guardas no meio do pátio, que formavam um grupinho, batendo os pés no chão, sem prestar a menor atenção aos prisioneiros.

- O que você fez? - quis saber Rubashov.

- Fui denunciado como reacionário na vacinação das crianças - disse o camponês. - Todo ano o Governo manda uma comissão até lá. Dois anos atrás, mandou uns papéis para ler e um monte de retratos dele mesmo. No ano passado, uma máquina de debulhar e escovas de dentes. Este ano mandou uns tubinhos de vidro com agulhas, para picar as crianças. Tinha uma mulher vestida de homem que queria picar todas as crianças, uma depois da outra. Quando ela chegou à minha casa, eu e minha mulher trancamos a porta e nos declaramos reacionários. Depois todos nós juntos queimamos a papelada e os retratos e quebramos a máquina de debulhar; aí, faz um mês, foram nos pegar.

Rubashov murmurou alguma coisa pensando na continuação do seu texto sobre autonomia. Lembrou que certa vez lera algo a respeito dos nativos da Nova Guiné, que eram intelectualmente do mesmo nível daquele camponês, mas viviam em total harmonia social e possuíam instituições democráticas surpreendentemente desenvolvidas. Aquela gente havia alcançado o nível mais alto de um compartimento mais baixo da eclusa...

O camponês tomou o silêncio de Rubashov como um sinal de desaprovação e se fechou ainda mais em si mesmo. Seus dedos dos pés estavam congelando e ficando azulados; de vez em quando soltava um suspiro; conformado com o destino. Seguiu caminhando ao lado de Rubashov.

Tão logo voltou à cela, Rubashov recomeçou a escrever. Acreditava ter feito uma descoberta sobre a “lei da maturidade relativa”, e escrevia num estado de excitação extrema. Quando a refeição do meio-dia chegou, havia concluído. Comeu sua porção de pé mesmo, e se deitou de costas no catre, satisfeito.

Dormiu durante uma hora, tranquilamente e sem sonhar, e acordou refeito. O 402 andara batendo à sua parede por algum tempo e estava se sentindo obviamente rejeitado. Queria saber do novo companheiro de caminhada de Rubashov, que havia observado da janela, mas Rubashov o interrompeu. Sorrindo consigo mesmo, bateu na parede com o *pince-nez*:

ESTOU CAPITULANDO.

Esperou curioso o efeito.

Durante um bom tempo não houve resposta; o 402 permanecia em silêncio. Ela veio um minuto mais tarde:

EU PREFERIRIA SER ENFORCADO...

Rubashov sorriu. E bateu de volta:

CADA UM A SEU MODO.

Esperou uma explosão de raiva do 402. Em vez disso, as batidas na parede soaram tênues, de certa maneira, resignadas:

EU JÁ ESTAVA CONSIDERANDO VOCÊ UMA EXCEÇÃO. NÃO SOBROU UM PINGO DE HONRA?

Rubashov se deitou de costas, com o *pince-nez* na mão. Sentia-se apaziguado. Bateu:

NOSSAS NOÇÕES DE HONRA SÃO DIFERENTES.

O 402 bateu rápida e precisamente:

HONRA É VIVER E MORRER POR AQUILO EM QUE SE CRÊ.

Rubashov retornou com a mesma rapidez:

HONRA É SER ÚTIL SEM VAIDADES.

O 402, dessa vez, bateu mais alto e agressivamente:

HONRA É DECÊNCIA, NÃO UTILIDADE.

QUE É DECÊNCIA?, perguntou Rubashov, espaçando bem as letras. Quanto mais calmamente ele batia, mais furiosas ficavam as pancadas na parede.

ALGO QUE GENTE DA SUA LAIA NUNCA ENTENDERÁ, respondeu o 402. Rubashov deu de ombros.

SUBSTITUÍMOS DECÊNCIA POR RAZÃO, ele bateu de volta.

O 402 não respondeu mais nada.

Antes do jantar, Rubashov releu o que havia escrito. Fez uma ou duas correções, e copiou o texto inteiro em forma de carta endereçada ao Promotor Público da República. Sublinhou os últimos parágrafos que tratavam das alternativas de ação abertas à oposição, e finalizou o documento com esse parágrafo conclusivo:

*O abaixo assinado, N. S. Rubashov, ex-membro do Comitê Central do Partido, ex-Comissário do Povo, ex-Comandante da Segunda Divisão do Exército Revolucionário, detentor da comenda da Ordem Revolucionária de Bravura ante os Inimigos do Povo, resolve, considerando as razões anteriormente expostas, renunciar incondicionalmente à sua atitude oposicionista e denunciar publicamente seus erros.*

### 3.

Rubashov aguardava ser levado à presença de Ivanov havia dois dias. Achava que isso ocorreria tão logo entregasse o documento comunicando sua capitulação ao velho carcereiro - o que se deu no mesmo dia em que expirara o prazo estabelecido por Ivanov. Mas, aparentemente, já não havia tanta pressa em relação a ele. Talvez Ivanov estivesse estudando sua "Teoria da Maturidade Relativa"; o mais provável é que o documento já tivesse sido encaminhado às autoridades superiores competentes.

Rubashov sorriu ao pensar na consternação que isso deve ter causado entre os "teóricos" do Comitê Central. Antes da Revolução e num curto período depois dela, ainda durante a vida do velho líder, não havia distinção entre "teóricos" e "políticos". As táticas a adotar em cada momento eram deduzidas diretamente da doutrina revolucionária em discussões abertas; movimentos estratégicos durante a Guerra Civil, o confisco de colheitas, a divisão e distribuição de terras, a introdução da nova moeda, a reorganização das fábricas - toda e qualquer medida administrativa, na realidade - representavam um ato de filosofia aplicada. Cada um daqueles homens de cabeças numeradas na velha fotografia que costumava decorar as paredes de Ivanov sabia mais sobre filosofia do direito, economia política e a arte de governar do que as cabeças coroadas das cátedras universitárias da Europa. As discussões nos congressos durante a Guerra Civil transcorriam num nível nunca antes alcançado na história por uma agremiação política; pareciam informes de publicações científicas - com a diferença de que do resultado dessas discussões dependiam a vida e o bem-

estar de milhões de pessoas, bem como o próprio futuro da Revolução.

Agora, a velha guarda estava em baixa; a lógica da história mandava que quanto mais estável se tornasse o regime, mais rígido ele deveria se tornar, de modo a impedir que as enormes forças dinâmicas liberadas pela Revolução se voltassem para dentro e evaporassem no ar. Encerrara-se o tempo dos congressos filosóficos; no lugar dos velhos retratos, o papel da parede de Ivanov exibia um espaço em branco; o ardor incendiário filosófico cedera vez a uma fase de saudável esterilidade. A teoria revolucionária se congelara num culto dogmático, com um catecismo simplificado, facilmente assimilável, e com o Nº 1 como sumo sacerdote a celebrar a missa. Seus discursos e artigos tinham, mesmo em seu estilo, o caráter infalível de um catecismo; dividiam-se em pergunta e resposta, com uma maravilhosa consistência na grosseira simplificação dos problemas e fatos reais. O Nº 1 tinha, indubitavelmente, aptidão para aplicar a “lei da maturidade relativa das massas”... Os diletantes em matéria de tirania obrigavam seus subordinados a agir à voz de comando; o Nº 1 os havia ensinado a pensar à voz de comando.

Rubashov se divertia só de pensar no que os “teóricos” de hoje do Partido diriam de sua carta. Nas atuais condições, ela representava a mais grave das heresias; os pais da doutrina, cuja palavra era tabu, eram criticados; davam-se nomes aos bois, e até a sacrossanta pessoa do Nº 1 era tratada objetivamente em seu contexto histórico. Deviam estar se contorcendo, esses infelizes teóricos de hoje em dia, cuja única tarefa consistia em revestir os saltos e as súbitas mudanças de curso do Nº 1 de um caráter de revelações últimas da filosofia.

Às vezes o Nº 1 aprontava estranhas armadilhas para seus teóricos. Certa vez ele encomendou uma análise da crise industrial americana à comissão de especialistas que

editava o jornal de economia do Partido. Isso exigiu vários meses de trabalho; finalmente, veio à luz o número especial no qual - com base na tese exposta pelo Nº 1 em seu discurso no último Congresso - ficava demonstrado, ao longo de aproximadamente trezentas páginas, que o *boom* americano não passava de um embuste, e que os Estados Unidos se achavam de fato na mais profunda depressão, que só seria superada caso a revolução saísse vitoriosa. No mesmo dia em que era lançado o número especial, o Nº 1 recebeu um jornalista americano e o deixou estarrecido, bem como o mundo inteiro, com a frase sumária, dita em meio a duas baforadas no cachimbo:

“A crise nos Estados Unidos terminou e os negócios estão de novo normalizados.”

Os integrantes da comissão de especialistas, na expectativa de demissão e possível prisão, redigiram na mesma noite cartas em que confessavam suas “falhas cometidas pela elaboração de teorias contrarrevolucionárias e análises distorcidas”; enfatizavam seu arrependimento e prometiam expiação pública. Só Isakovich, um contemporâneo de Rubashov, e o único no conselho de editores que pertencia à velha guarda, preferiu se matar. Posteriormente, os mais bem informados afirmaram que o Nº 1 criara toda aquela situação com o único propósito de destruir Isakovich, que ele suspeitava ter tendências oposicionistas.

Tudo não passava de uma grande farsa, pensou Rubashov; no fundo, toda essa prosopopeia de “filosofia revolucionária” era somente uma maneira de consolidar a ditadura, que, muito embora um fenômeno deprimente, ainda parecia representar uma necessidade histórica. Tanto pior para quem levava a farsa a sério, como ele, que só via o que acontecia no palco, e não toda a engrenagem por detrás. Fora-se o tempo em que a política revolucionária era decidida em congressos abertos; agora ela se decidia por

baixo dos panos - e isso era também uma consequência lógica da lei da maturidade relativa das massas...

Rubashov ansiava por voltar a trabalhar numa biblioteca tranquila com lâmpadas esverdeadas, e desenvolver sua nova teoria sobre bases históricas. A época mais produtiva para a filosofia revolucionária sempre fora a do exílio, os descansos forçados entre períodos de atividade política. Ele caminhava para lá e para cá na cela deixando a imaginação brincar com a ideia de passar os próximos dois anos, quando estaria politicamente excomungado, numa espécie de exílio interno; a retratação pública haveria de lhe assegurar o tempo e o espaço necessário para uma boa respirada. A forma externa de capitulação não importava muito; teriam tantas *mea culpas* e profissões de fé na infalibilidade do Nº 1 quantas coubessem no papel. Era uma mera questão protocolar - um cerimonial bizantino que pode se realizar sem que se precise incutir cada frase nas massas pela vulgarização e repetição sem fim; o que é apresentado como certo deve brilhar feito ouro, o que se apresenta como errado deve ser negro que nem piche; declarações políticas têm que ser coloridas como alfenins numa feira.

Essas eram questões que o 402 desconhecia totalmente, refletiu Rubashov. Sua concepção estreita de honra era de outra época. O que era decência? Uma dada forma de convenção ainda ao gosto das tradições e normas das justas cavalheirescas. A nova concepção de honra devia ser formulada de modo diferente: servir sem vaidade e até as últimas consequências...

“Melhor morrer do que se desonrar”, o 402 proclamara enquanto, é de se imaginar, torcia o bigode. Essa era a típica expressão de vaidade pessoal. O 402 batia suas frases na parede com o monóculo; ele, Rubashov, com o *pince-nez*; e essa era toda a diferença. A única coisa que lhe importava era trabalhar em paz numa biblioteca e elaborar

suas novas ideias. Seriam necessários muitos anos, e uma produção maciça; mas haveria de ser a primeira pista útil para se compreender a história de instituições democráticas e lançar luz sobre os movimentos pendulares de psicologia das massas, que nos dias atuais estavam especialmente em evidência, e que a teoria clássica da luta de classes não dera conta de explicar.

Rubashov andava apressadamente pela cela, sorrindo para si mesmo. Nada mais tinha importância do que lhe concederem tempo para desenvolver sua nova teoria. A dor de dente passara; sentia-se bem desperto, cheio de iniciativa e impaciência nervosa. Dois dias se haviam passado desde a conversa noturna com Ivanov e o envio da declaração, e nada ainda tinha acontecido. O tempo, que fluíra tão depressa durante as duas primeiras semanas de prisão, agora se arrastava. As horas se desintegravam em minutos e segundos. Ele trabalhava espasmodicamente, mas a todo instante era forçado a parar por falta de documentação histórica. Postou-se diante da vigia por um longo quarto de hora, na expectativa de vislumbrar o carcereiro que o levaria a Ivanov. Porém o corredor permanecia deserto, com a lâmpada elétrica ardendo, como sempre.

De quando em quando tinha a esperança de ver Ivanov surgir em pessoa, e de que todas as formalidades de seu depoimento transcorressem ali mesmo, na cela, o que seria bem mais interessante. Dessa vez nem faria objeção à garrafa de conhaque. Imaginava a conversa em detalhes; como ambos chegariam juntos à fraseologia pomposa da sua “confissão”, e as tiradas cínicas de Ivanov enquanto o faziam. Sorrindo, Rubashov perambulava para lá e para cá na cela, olhando o relógio a cada dez minutos. Ivanov não havia prometido naquela noite que viriam pegá-lo logo no dia seguinte?

A impaciência de Rubashov ia ficando cada vez mais exaltada; na terceira noite após a conversa com Ivanov já

não conseguia mais dormir. Deitado no catre, no escuro, escutava os sons vagos e contidos no prédio, virava-se de um lado para outro e, pela primeira vez desde que fora preso, desejava a presença de um corpo feminino quente. Procurava respirar fundo para se ajudar a pegar no sono, mas isso só o deixava mais e mais nervoso. Lutou por um longo tempo contra a vontade de iniciar conversa com o 402, que, desde a pergunta “Que é decência?”, não voltara mais a ser ouvido.

Por volta da meia noite, quando já fazia três horas que estava deitado sem conseguir dormir, olhando o jornal que tapava o vidro quebrado da janela, Rubashov não se conteve mais e bateu na parede com as juntas dos dedos. Esperou, ansiosamente; a parede continuou muda. Bateu de novo e esperou, sentindo uma onda quente de humilhação subindo-lhe à cabeça. O 402 não respondia; e com certeza também estaria deitado, desperto, do outro lado da parede, matando o tempo com a rinação de antigas peripécias; ele confessara a Rubashov que nunca dormia antes de uma ou duas da manhã, e que havia retomado os hábitos de infância.

Rubashov se deitou de costas, os olhos cravados na escuridão. A enxerga sob seu corpo estava deformada; o cobertor era quente demais, deixando a pele desagradavelmente úmida, embora ele tiritasse quando se descobria. Estava fumando o sétimo ou oitavo cigarro de enfiada; as guimbas se espalhavam pelo chão de lajotas em volta da cama. Não se ouvia o menor ruído; o tempo parecia parado, imerso em trevas. Rubashov fechou os olhos e imaginou Arlova deitada a seu lado, a curva familiar de seus seios impondo-se à escuridão. Esqueceu-se de que ela fora arrastada pelo corredor como Bogrov; o silêncio ficou tão intenso que parecia zumbir e vibrar. O que estariam fazendo os dois mil homens emparedados nas celas dessa colmeia? O silêncio era amplificado por suas respirações inaudíveis, seus sonhos invisíveis, pelo arfar abafado de seus medos e

desejos. Se a História fosse uma questão de cálculo, quanto pesariam dois mil pesadelos somados, qual seria a pressão de um desejo não atendido multiplicado por dois mil? Agora ele sentia de fato o perfume fraternal de Arlova; sentia o próprio corpo banhado de suor debaixo do cobertor de lã... A porta da cela se abriu estridentemente; a luz do corredor lhe feriu os olhos.

Rubashov viu entrar dois homens uniformizados, que ainda lhe eram desconhecidos, com revólveres nas cintas. Um deles se aproximou do catre; era alto, tinha um rosto brutal e a voz rouca que pareceu demasiadamente alta. Ordenou a Rubashov que o seguisse, sem explicar para onde.

Rubashov pegou o *pince-nez* sob o cobertor, colocou-o no rosto e se levantou. O cansaço pesava feito chumbo enquanto seguia pelo corredor ao lado do gigante de uniforme, uma cabeça mais alto que ele. O outro homem ia atrás.

Rubashov olhou o relógio; eram duas da manhã, portanto devia ter dormido. Tomaram o caminho que passava pela barbearia - o mesmo que Bogrov havia percorrido. O segundo guarda permanecia três passos atrás; Rubashov sentiu um impulso, quase uma comichão na nuca, de virar a cabeça, mas se controlou. Afinal, eles não podem acabar comigo assim, com tamanha falta de cerimônia, pensou, mas sem plena convicção. No momento, isso não tinha muita importância; só queria acabar com aquilo, e bem rápido. Tentou descobrir se estava ou não com medo, mas só percebia o desconforto físico causado pelo esforço para não virar a cabeça em direção ao homem às suas costas.

Quando dobraram no final do corredor, depois da barbearia, surgiu à vista a estreita escada que levava ao porão. Rubashov olhou para o gigante a seu lado para ver se ele reduziria o passo. Ainda não sentia medo, apenas curiosidade e mal-estar; porém, quando passaram pela escada, notou com surpresa que suas pernas estavam

bambas, de modo que precisou reunir forças para prosseguir. Ao mesmo tempo se pegou esfregando automaticamente os óculos na manga; aparentemente, deve tê-los tirado sem se dar conta antes de alcançarem a barbearia. É tudo uma farsa, pensou. Em cima, é possível se enganar, mas do estômago para baixo, a gente sabe. Se eles me baterem agora, eu assino o que quiserem; mas amanhã me lembrarei disso...

Mais alguns passos e a “Teoria da Maturidade Relativa” lhe veio de novo à mente, bem como o fato de já estar decidido a desistir e a assinar a rendição. Um grande alívio lhe sobreveio; mas ao mesmo tempo se perguntava com espanto como era possível já ter se esquecido tão completamente das decisões dos últimos dias. O gigante se deteve, abriu uma porta e se pôs de lado. Rubashov viu à sua frente uma sala semelhante a de Ivanov, mas com uma luz desagradavelmente brilhante, que lhe feriu os olhos. Do outro lado, atrás da mesa, estava sentado Gletkin.

A porta se fechou atrás de Rubashov e Gletkin ergueu os olhos da pilha de documentos.

- Sente-se, por favor.

Disse naquele tom seco e entediante de que Rubashov se lembrava do primeiro contato que os dois tiveram em sua cela. Também reconheceu a grande cicatriz no crânio de Gletkin; seu rosto estava nas sombras, uma vez que a única luz da sala vinha de um abajur metálico de pé instalado atrás da cadeira de Gletkin. A luz branca penetrante que vazava da lâmpada excepcionalmente forte cegava Rubashov, de modo que só após alguns segundos ele se deu conta da presença de uma terceira pessoa - uma secretária sentada a uma mesinha atrás de um biombo, de costas para a sala.

Rubashov sentou-se defronte a Gletkin, na única cadeira diante da mesa. Era uma cadeira desconfortável, sem braços.

- Fui designado para instruir seu processo na ausência do Comissário Ivanov - disse Gletkin. A luz da lâmpada feria os olhos de Rubashov; mas se virasse de perfil para Gletkin, o efeito da luz no canto do olho era quase tão desagradável quanto. Além disso, falar com a cabeça torta parecia absurdo e constrangedor.

- Prefiro ser inquirido por Ivanov - disse Rubashov.

- O juiz de instrução é indicado pelas autoridades - disse Gletkin. - Você tem direito de fazer uma declaração ou se negar a fazê-lo. No seu caso, uma recusa equivaleria a renegar a declaração de disposição para confessar que você mesmo redigiu dois dias atrás, e automaticamente levaria a investigação a um desfecho. Nessa eventualidade, tenho ordens para encaminhar seu caso de volta à autoridade competente, que pronunciará sua sentença administrativamente.

Rubashov pensou rápido. Era óbvio que alguma coisa de errado havia acontecido com Ivanov. Forçado a tirar uma licença, de repente, demitido, preso... Talvez devido à sua antiga amizade com ele, Rubashov; ou talvez por ser mentalmente superior e ter o pensamento muito ágil, e pelo fato de sua lealdade ao Nº 1 se basear em considerações lógicas e não numa fé cega. Era demasiadamente inteligente; pertencia à velha escola: a nova escola era a de Gletkin e seus métodos... Descanse em paz, Ivanov. Rubashov não tinha tempo para lamentações; precisava pensar rápido, e aquela luz o estava atrapalhando. Tirou o *pince-nez* e piscou; sabia que sem óculos ficava parecendo nu e indefeso, e que os olhos inexpressivos de Gletkin registravam cada movimento do seu rosto. Se agora se calasse, estaria perdido; não havia como voltar atrás. Gletkin era um sujeito repulsivo, mas representava a nova geração; a velha tinha que entrar em acordo com ela ou seria arrasada; não havia alternativa. Rubashov se sentiu subitamente velho; jamais conhecera essa sensação até

esse momento. Jamais considerara o fato de que já estava na casa dos cinquenta. Pôs o *pince-nez* e tentou encontrar o olhar de Gletkin, mas a luz aguda o fez marejar; tirou de novo o *pince-nez*.

- Estou pronto a fazer uma declaração - disse Rubashov, tentando controlar a irritação na voz. - Mas com a condição de que você pare com os truques. Apague essa luz ofuscante e guarde esses métodos para bandidos e contrarrevolucionários.

- Você não está em posição de impor condições - disse Gletkin com sua voz ponderada. - Não posso alterar a iluminação da minha sala por sua causa. Parece que não percebe bem sua posição, especialmente o fato de ser acusado de atividades contrarrevolucionárias, e que no curso desses últimos anos por duas vezes já as admitiu em declarações públicas. Está equivocado se acredita que poderá escapar tão singelamente dessa vez.

"Seu porco", pensou Rubashov. "Porco imundo de uniforme." Foi ficando vermelho. Sentia que estava ficando vermelho e sabia que Gletkin o percebera. Que idade ele teria? Uns 36, 37, no máximo; deve ter participado da Guerra Civil quando bem jovem e deve ter visto eclodir a Revolução quando ainda muito menino. Essa era a geração que começou a pensar após a grande inundação. Não tem tradições, nem memórias que a relacionem com o velho mundo, que desapareceu. Uma geração sem cordão umbilical... E ainda assim tem a razão do seu lado. Há que cortar esse cordão umbilical, rejeitar o último elo que a prende às vãs concepções de honra e de decência hipócrita do velho mundo. Honra era servir sem vaidades, sem reservas, e até as últimas consequências.

O mau humor de Rubashov foi aos poucos se aquietando. Guardou o *pince-nez* na mão e virou o rosto para Gletkin. Como precisava manter os olhos fechados, sentia-se ainda mais nu, mas isso já não o incomodava. Por trás das suas

pálpebras cerradas refulgia uma luz avermelhada. Nunca tivera uma sensação tão intensa de solidão.

- Farei tudo que possa servir ao Partido - ele disse. A rouquidão havia desaparecido de sua voz; mantinha os olhos fechados. - Peço-lhe que apresente a acusação detalhadamente. Até o momento isso não foi feito.

Ouviu muito mais do que viu com olhos que não paravam de piscar, um breve movimento percorrer a figura hirta de Gletkin. Seus punhos sobre os braços da cadeira rangeram, e ele respirou mais fundo, como se por um instante todo seu corpo houvesse relaxado. Rubashov calculou que Gletkin estava experimentando a consagração de sua vida. Tirar de combate um Rubashov representava o início de uma grande carreira; e até um minuto atrás tudo ainda era incerto para Gletkin - com o destino de Ivanov como um lembrete a seus olhos.

De repente Rubashov se deu conta de que tinha tanto poder sobre Gletkin quanto este sobre ele. "Tenho-o pela garganta, meu rapaz", pensou com uma expressão irônica; "um está segurando o outro pela garganta, e se eu me jogar do balanço, arrasto você comigo." Por um momento Rubashov brincou com essa ideia, enquanto Gletkin, de novo hirta e preciso, revirava seus documentos; então, resistindo à tentação, ele fechou lentamente os olhos doloridos. É preciso queimar os últimos vestígios de vaidade - e o que é o suicídio se não uma forma inversa de vaidade? Esse Gletkin, claro, acreditava que foram suas artimanhas, e não os argumentos de Ivanov, que o haviam induzido a capitular; provavelmente tinha também conseguido persuadir disso as autoridades superiores, e assim acarretara a queda de Ivanov. "Porco", pensou Rubashov, dessa vez, entretanto, sem raiva. "Brutamontes metido a besta, usando o uniforme que nós criamos - seu bárbaro da nova era que agora se inicia. Você não entende do assunto; mas, caso entendesse, seria inútil para nós..." Notou que a luz da lâmpada se tornara ainda mais penetrante -

Rubashov sabia que havia como aumentar ou diminuir a potência dessas lâmpadas refletoras durante um interrogatório. Viu-se forçado a virar totalmente a cabeça e enxugar os olhos marejados. “Brutamontes”, pensou de novo. E, contudo, é de uma geração de brutamontes assim que necessitamos agora...

Gletkin começou a ler a acusação. Seu tom de voz monótono era mais irritante que nunca; Rubashov ouvia desviando a cabeça e de olhos fechados. Estava decidido a encarar sua “confissão” como uma formalidade, como uma comédia absurda, porém necessária, cujo sentido tortuoso só poderia ser compreendido pelos iniciados; mas o texto que Gletkin estava lendo superava suas piores expectativas em matéria de absurdo. Será que Gletkin acreditava realmente que ele, Rubashov, planejara esses complôs infantis? Que, durante anos, não pensara em outra coisa que não destruir o edifício, as fundações daquilo que ele próprio e a velha guarda haviam erguido? E todos aqueles homens com as cabeças numeradas, os heróis da infância de Gletkin - será que Gletkin acreditava mesmo que eles haviam subitamente virado vítimas de uma epidemia que tornava todos venais e corruptíveis e só lhes dava um desejo - o de reverter a Revolução? E com métodos que esses grandes estrategistas políticos pareciam ter tomado emprestado de alguma história de detetives de última categoria?

Gletkin lia monotonamente, sem qualquer entonação, sem emoção algum na voz; uma voz árida, de quem se alfabetizara tardiamente, quando já adulto. Estava lendo a respeito de supostas negociações com o representante de uma potência estrangeira que, conforme alegado, Rubashov havia iniciado durante sua estada em B., com o objetivo de restaurar o antigo regime pela força. O nome do diplomata estrangeiro era mencionado, assim como a hora e o local do encontro entre ambos. Rubashov ouvia mais atentamente agora que lhe vinha à memória um episódio menor e sem

importância, do qual imediatamente se esquecera à época e em que nunca mais voltara a pensar. Rapidamente recuperou a data aproximada; parecia se encaixar. Então era essa a corda que haveria de enforcá-lo? Rubashov sorriu e esfregou os olhos lacrimosos com o lenço.

Gletkin lia sem parar, concentrado e com tremenda monotonia. Ele realmente acreditava no que estava lendo? Será que não tinha consciência do grotesco absurdo daquele texto? Agora estava no período das atividades de Rubashov à frente da Fundação do Alumínio. Lia estatísticas que mostravam a assustadora desorganização naquele ramo da indústria que se desenvolvia de maneira excessivamente acelerada; o número de trabalhadores vítimas de acidentes, as séries de aviões destruídos como resultado de materiais defeituosos. Tudo consequência da sabotagem diabólica dele, Rubashov. A palavra “diabólica”, de fato, se verificava inúmeras vezes ao longo do texto, em meio a termos técnicos e colunas de números. Durante alguns segundos Rubashov aventou a hipótese de Gletkin haver enlouquecido; a mistura de lógica e absurdo; lembrava a demência metódica da esquizofrenia. Mas a acusação não fora redigida por Gletkin; ele apenas a estava lendo – e ou acreditava verdadeiramente nela, ou de algum modo a considerava crível...

Rubashov voltou a cabeça para a estenógrafa em seu cantinho difusamente iluminado. Era baixa, magra e usava óculos. Estava apontando meticulosamente o lápis e sequer uma vez virara a cabeça em sua direção. Obviamente, ela também considerava as coisas monstruosas que Gletkin estava lendo totalmente convincentes. Ainda era jovem, talvez 25 ou 26 anos; também crescera após a grande inundação. O que o nome Rubashov significava para essa geração de Neandertais modernos? Ali estava ele, sentado sob a luz refletora ofuscante que não lhe permitia manter os olhos abertos, enquanto liam para ele em vozes apáticas, o

olhavam com olhos inexpressivos, indiferentemente, como se ele fosse um objeto em cima da mesa de dissecação.

Gletkin chegara ao último parágrafo da acusação, que continha o ponto culminante: a trama para um atentado contra a vida do Nº 1. O misterioso X mencionado por Ivanov no primeiro interrogatório reapareceu. Tratava-se do subgerente do restaurante que fornecia a refeição ligeira do Nº 1 nos dias mais tumultuados. Essa refeição era uma marca do estilo espartano de vida do Nº 1, cuidadosamente promovido pela propaganda oficial; e era por meio desse proverbial almoço que X, instigado por Rubashov, preparava o fim prematuro do Nº 1. Rubashov sorriu consigo mesmo, de olhos fechados; quando os abriu, Gletkin havia concluído a leitura e olhava para ele. Após alguns segundos de silêncio, no costumeiro tom de voz uniforme, mais como uma afirmativa do que como uma pergunta, ele falou:

- Você ouviu o libelo e se confessa culpado.

Rubashov tentou encará-lo. Não conseguiu, e precisou fechar os olhos mais uma vez. Tinha na ponta da língua uma resposta mordaz; porém, em seu lugar, disse, tão calmamente que a secretária magricela teve que esticar a cabeça para escutar:

- Eu me confesso culpado por não haver entendido a compulsão fatal subjacente à política do Governo, e por ter, conseqüentemente, defendido pontos de vista oposicionistas. Eu me confesso culpado por haver seguido impulsos sentimentais, e, ao fazê-lo, ter caído em contradição com a necessidade histórica. Emprestei meus ouvidos aos lamentos dos sacrificados, e assim me tornei surdo aos argumentos que comprovavam a necessidade de sacrificá-los. Eu me confesso culpado por haver classificado a questão de culpa ou inocência num plano mais elevado que a da utilidade e nocividade. Finalmente, confesso-me culpado por haver posto a ideia de indivíduo acima da ideia de humanidade...

Rubashov fez uma pausa e mais uma vez tentou abrir os olhos. Piscou em direção ao canto da secretária, a cabeça virada para longe da luz. Ela acabara de registrar o que ele dissera; ele acreditou ter visto um sorrisinho irônico em seu perfil afilado.

- Sei que meu desvio, se levado a efeito, teria sido um risco mortal para a Revolução - Rubashov prosseguiu. - Toda oposição aos pontos críticos de virada da História carrega em si o germe de cisão no Partido, e, portanto o germe de uma guerra civil. Fraqueza humanitária associada à democracia liberal, quando as massas não estão suficientemente amadurecidas, é suicídio para a Revolução. E, no entanto, minha atitude opositora baseava-se num anseio por associar esses métodos - aparentemente desejáveis, mas de fato mortíferos. Na demanda por uma reforma liberal da ditadura; por uma democracia mais ampla, pela abolição do Terror, e por um afrouxamento da rígida organização do Partido. Admito que tais demandas, na presente situação, são objetivamente perniciosas e, por isso, de caráter contrarrevolucionário...

Fez mais uma pausa, devido à garganta seca e à aspereza da voz. Ouviu os rabiscos do lápis da secretária rompendo o silêncio; ergueu um pouco a cabeça, de olhos fechados, e continuou:

- Nesse sentido, e somente nele, podem me chamar de contrarrevolucionário. Com as absurdas acusações criminais feitas no libelo, eu nada tenho a ver.

- Terminou? - Gletkin perguntou.

Sua voz soou tão brutal que Rubashov o olhou surpreso. A silhueta brilhantemente iluminada de Gletkin erguia-se por trás da mesa na posição ereta costumeira. Há muito que Rubashov buscava uma definição sucinta para Gletkin: "brutalidade punitiva" - ei-la, afinal.

- Sua declaração não é novidade - Gletkin prosseguiu em seu tom de voz seco e áspero. - Nas duas confissões anteriores, a primeira dois anos atrás, a segunda faz doze

meses, você já havia confessado publicamente que sua atitude fora “objetivamente contrarrevolucionária e contrária aos interesses do povo”. Em ambas pedia humildemente o perdão do Partido, e jurava lealdade à política da liderança. Agora espera fazer o mesmo jogo pela terceira vez. A declaração que acaba de fazer é pura conversa mole. Você admite sua “atitude opositora”, mas nega os atos que são a consequência lógica dela. Eu já disse que dessa vez você não escapará com tanta facilidade.

Gletkin concluiu do mesmo modo repentino como começara. No silêncio que se seguiu, Rubashov podia escutar o leve zumbido da corrente elétrica na lâmpada atrás da mesa. Ao mesmo tempo a luz ficou um grau mais forte.

- As declarações que fiz naquela época - Rubashov falou em voz baixa - tinham propósitos táticos. Você certamente sabe que uma bancada inteira de políticos da oposição foi obrigada a retribuir com tais declarações o privilégio de permanecer no Partido. Mas desta vez é tudo bem diferente...

- Quer dizer que desta vez está sendo sincero? - perguntou Gletkin. Fez a pergunta rapidamente, e sua voz bem colocada não demonstrava ironia.

- Sim - disse Rubashov calmamente.

- E antes, estava mentindo?

- Digamos assim - disse Rubashov.

- Para salvar o pescoço?

- Para poder continuar trabalhando.

- Sem pescoço não se pode trabalhar. Quer dizer então, para salvar o pescoço?

- Digamos assim.

Nos breves intervalos entre as perguntas disparadas por Gletkin e suas respostas, Rubashov ouvia apenas o rabiscar do lápis da secretária e o zumbido da lâmpada. A lâmpada despejava cascatas de uma luz branca, e um calor

constante que forçava Rubashov a enxugar o suor da testa. Ele se esforçava para manter os olhos abertos e vivazes, mas os intervalos de abertura iam ficando cada vez mais longos; sentia uma sonolência crescente, e quando Gletkin, depois das últimas séries de perguntas rápidas, deixou que vários momentos transcorressem em silêncio, Rubashov, com uma espécie de torpor, afundou o pescoço no peito. Quando a pergunta seguinte de Gletkin puxou-o de novo para frente, Rubashov teve a impressão de haver dormido por um tempo indeterminado.

- Repito - disse Gletkin. - Suas declarações anteriores de arrependimento tinham o objetivo de ludibriar o Partido em relação a suas verdadeiras opiniões, e de salvar seu pescoço.

- Já admiti isso - disse Rubashov.

- E a rejeição pública à sua secretária, Arlova, tinha esse mesmo objetivo?

Rubashov fez que sim com a cabeça, mudo. A pressão nos olhos irradiava para todos os nervos do lado direito do rosto. Notou que o dente recomeçava a latejar.

- Você sabe que a cidadã Arlova recorreu constantemente a você como sua testemunha-chave de defesa?

- Fui informado disso - disse Rubashov. O latejar do dente ficou mais forte.

- Sem dúvida que também sabe que a declaração que fez daquela vez, e que acaba de descrever como uma mentira; foi decisiva para a decretação da sentença de morte para Arlova?

- Fui informado disso.

Rubashov teve a sensação de que todo o lado direito de seu rosto estava tomado por cãibra. Sua cabeça ficou mais confusa e mais pesada; foi com muita dificuldade que evitou que ela lhe caísse sobre o peito. A voz de Gletkin invadiu seu ouvido:

- Então é possível que a cidadã Arlova fosse inocente?

- É possível - disse Rubashov, com um último vestígio de ironia, que ficara em sua língua como um gosto de sangue e bile.

- ...E que tenha sido executada como consequência da declaração mentirosa que você fez, com o objetivo de salvar sua cabeça?

- É por aí - disse Rubashov. "Seu canalha", pensou com um ódio vago e impotente. "É claro que o que está dizendo é a verdade nua e crua. Qualquer um gostaria de saber qual de nós dois é o canalha maior. Só que você me agarrou pela garganta e eu não posso me defender, pois não é permitido pular fora do balanço. Se ele ao menos me deixasse dormir. Se continuar me atormentando desse jeito por mais tempo, eu retiro tudo que disse e me recuso a falar - e aí estarei acabado, e ele também."

- ...E depois disso tudo você ainda exige ser tratado com consideração? - Gletkin prosseguia, com o mesmo tom brutal e punitivo. - Ainda ousa negar atividades criminosas? Depois disso tudo, exige que acreditemos em você?

Rubashov desistiu de se esforçar para manter a cabeça ereta. Claro que Gletkin tinha razão em não acreditar. Até ele estava começando a se sentir perdido no labirinto de mentiras calculadas e pretextos dialéticos, no lusco-fusco entre verdade e ilusão. A verdade verdadeira sempre recuava um passo; visível mesmo restava apenas a penúltima mentira com a qual tínhamos que lidar. E a que contorções ridículas, a que dança de São Vito<sup>6</sup> ela nos compelia!... Como seria possível convencer Gletkin de que desta vez ele estava sendo realmente sincero, de que havia chegado à última estação? Sempre alguém precisava convencer alguém, falar, discutir - quando a única coisa que desejava era dormir e ir se entregando ao torpor...

- Não estou exigindo nada - disse Rubashov, virando a cabeça penosamente na direção de onde vinha a voz de

Gletkin -, a não ser provar mais uma vez minha dedicação ao Partido.

- Só há uma prova - disse Gletkin - que você pode dar: uma confissão completa. Já ouvimos o suficiente sobre sua "atitude opositora" e suas elevadas motivações. O que precisamos é de uma confissão completa e pública de suas atividades criminosas, que foram o resultado necessário dessa atitude. A única maneira de você ainda servir ao Partido é dando um exemplo, fazendo um alerta - demonstrando às massas, por meio da sua própria pessoa, as consequências que a oposição à política do Partido inevitavelmente acarretam.

Rubashov pensou na refeição rápida do Nº 1. Seus nervos faciais inflamados latejavam a toda pressão, mas a dor já não era tão aguda e ardente; agora ela vinha em curtos acessos de dormência. Pensou na refeição rápida do Nº 1, e os músculos de seu rosto se contorceram numa careta.

- Não posso confessar crimes que não cometi - ele disse sem rodeios.

- Não - sou a voz de Gletkin. - Não, isso com certeza você não pode - e Rubashov teve a impressão de que, pela primeira vez, ouvira algo parecido com sarcasmo naquela voz.

Desse momento em diante a lembrança de Rubashov do interrogatório se tornava bastante nebulosa. Após a frase "isso com certeza você não pode", que ficara guardada em seus ouvidos por causa da entonação peculiar, abria-se em sua memória uma lacuna de tamanho indeterminado. Mais tarde ele teve a impressão de haver pegado no sono e até se lembrava de um sonho estranhamente agradável. Deve ter durado apenas alguns segundos - uma sequência solta e interminável de paisagens luminosas, com os álamos familiares que ladeavam o caminho de entrada para a

propriedade de seu pai, e um tipo especial de nuvem branca que quando garoto ele vira uma vez por sobre eles.

Outra coisa de que Rubashov se lembrava era a presença de uma terceira pessoa na sala, e a voz de Gletkin trovejando para ele - Gletkin deve ter ficado de pé e se debruçado na mesa:

- Peça-lhe que observe os procedimentos... Reconhece essa pessoa?

Rubashov fez que sim com a cabeça. Reconhecera imediatamente o Lábio Leporino, embora ele não estivesse usando a capa de chuva em que costumava se enrolar, os ombros curvados congelando de frio, nas caminhadas pelo pátio. Uma sequência familiar de números saltou à vista de Rubashov: 3-1; 1-1; 1-2; 2-4; 3-4... "Lábio leporino envia saudações." Em que ocasião o 402 lhe transmitira essa mensagem?

- Quando e onde você o conheceu?

Rubashov precisou fazer certo esforço para falar; o gosto amargo permanecia em sua língua ressecada:

- Eu o via seguidamente da minha janela, caminhando no pátio.

- E não o conhecia antes?

Lábio Leporino estava de pé à porta, alguns passos atrás da cadeira de Rubashov; a luz do refletor incidia em cheio sobre ele. Seu rosto, normalmente amarelado, estava branco feito a cal, o nariz pontiagudo, o lábio superior rachado com o vergão de carne trêmula por cima da gengiva à mostra. Suas mãos pendiam soltas à altura dos joelhos; Rubashov, que agora se achava de costas para a lâmpada, viu-o como uma aparição no centro de um palco. Uma nova sequência numérica invadiu sua memória: "2-1; 3-4; 2-4..." - "foi torturado ontem". Quase simultaneamente, a sombra de uma lembrança da qual ele não podia se apoderar passou por sua mente - a lembrança de um dia ter visto uma pessoa normal por trás desse trapo humano, muito antes de ele entrar na cela 404.

- Não sei bem - ele respondeu de forma hesitante a pergunta de Gletkin. - Agora que o vejo de perto, me parece que já o encontrei em algum lugar.

Antes mesmo de concluir a frase, Rubashov percebeu que teria sido melhor não ter dito aquilo. Queria muito que Gletkin lhe desse alguns minutos para se recobrar. A maneira como Gletkin formulava as perguntas, numa sucessão rápida e sem pausas, lhe trazia à mente a imagem de uma ave de rapina dilacerando a vítima com o bico.

- Quando você se encontrou com este homem pela última vez? A precisão da sua memória já foi proverbial no Partido...

Rubashov ficou calado. Vasculhou a memória, mas não foi capaz de situar num local essa aparição à luz ofuscante, de lábios trêmulos. Lábio Leporino não se mexia. Passou a língua sobre o vergão vermelho do lábio superior; seu olhar vagava de Rubashov para Gletkin e daí de volta.

A secretária parara de escrever; ouvia-se apenas o zumbido tênue da lâmpada e o rangido dos punhos de Gletkin; ele se havia inclinado para diante e firmara os cotovelos nos braços da cadeira para fazer uma nova pergunta:

- Então você se nega a responder?

- Não estou lembrado - disse Rubashov.

- Muito bem - disse Gletkin, inclinando-se um pouco mais para frente, e virando na direção de Lábio Leporino todo o peso do corpo:

- Você poderia dar uma pequena ajuda à memória do cidadão Rubashov? Quando o encontrou pela última vez?

O rosto de Lábio Leporino ficou ainda mais branco, se é que era possível. Seus olhos recaíram por alguns segundos na secretária, cuja presença ele parecia ter acabado de descobrir, mas imediatamente voltaram a vagar, como se estivessem em busca de um ponto de repouso. Passou mais uma vez a língua pelos lábios e disse apressadamente, de um fôlego só:

- Eu fui instigado pelo cidadão Rubashov a envenenar o líder do Partido.

No primeiro momento, Rubashov ficou apenas surpreendido pela voz grave e melodiosa que insuspeitadamente saía daquele trapo humano. A voz parecia a única coisa que permanecia íntegra, contrastando estranhamente com sua aparência. O que ele disse, de fato, Rubashov só pôde avaliar passados alguns segundos. Desde a chegada do Lábio Leporino que ele esperava por algo assim e sentia o cheiro do perigo; mas agora se dava conta de toda a bizarrice da acusação. No minuto seguinte Rubashov ouviu de novo a voz de Gletkin - dessa vez às suas costas, já que se virara para o Lábio Leporino. Parecia irritada:

- Não foi isso que eu lhe perguntei, ainda. Perguntei onde você se encontrou com o cidadão Rubashov pela última vez.

“Errado”, pensou Rubashov. “Ele não devia ter enfatizado que aquela era a resposta errada. Eu nem teria notado”. Parecia que sua cabeça agora estava bem clara, num estado de vigília frenética. Buscou uma comparação. “Essa testemunha é um realejo”, pensou; e justamente agora tocava a música errada... A resposta seguinte de Lábio Leporino veio ainda mais melodiosa:

- Encontrei o cidadão Rubashov depois de uma recepção na Delegação Comercial em B. Foi lá que ele me incentivou a pôr em prática minha trama terrorista contra a vida do líder do Partido.

Enquanto falava, seu olhar angustiado buscou Rubashov e se fixou nele. Rubashov pôs o *pince-nez* e retribuiu o olhar com intensa curiosidade. Mas nos olhos do jovem ele não viu uma súplica por perdão, mas sim confiança fraternal e a muda reprovação dos aflitos indefesos. Foi Rubashov quem primeiro desviou o olhar.

Às suas costas, a voz de Gletkin soou, novamente brutal e autoconfiante:

- Você é capaz de se lembrar da data desse encontro?

- Lembro-me perfeitamente - disse Lábio Leporino com sua voz forjadamente agradável. - Foi depois da recepção oferecida no vigésimo aniversário da Revolução.

Seu olhar continuava abertamente cravado no rosto de Rubashov, como se nele estivesse guardada uma última e improvável esperança de salvação. Uma lembrança veio à mente de Rubashov, preguiçosamente de início, em seguida com mais clareza. Agora, afinal, ele sabia quem era o Lábio Leporino. Mas a descoberta lhe causou tão-somente um doloroso espanto. Virou a cabeça para Gletkin e disse calmamente, piscando sob a luz da lâmpada:

- A data está correta. De início eu não reconheci o filho do professor Kieffer, já que só o vi uma vez, antes de ele passar para o seu lado. Vocês deveriam lhe dar parabéns pelo trabalho.

- Então você admite que o conhece, e que o encontrou no dia e na ocasião já mencionados?

- Foi o que acabei de dizer - disse Rubashov com ar cansado. A sensação de vigília frenética desaparecera, e o desagradável martelar em sua cabeça tinha recomeçado. - Se você tivesse me dito logo de saída que ele era o filho do meu desafortunado amigo Kieffer, eu o teria identificado mais cedo.

- No processo consta o nome todo dele - disse Gletkin.

- Eu só conhecia o professor Kieffer, como todo mundo, por seu *nom de plume*.

- Esse detalhe é irrelevante - disse Gletkin, curvando mais uma vez todo o peso do corpo em direção ao Lábio Leporino, como se quisesse esmagá-lo no espaço entre ambos.

- Continue. Conte-nos como se deu esse encontro.

"Errado mais uma vez", pensou Rubashov, apesar da sonolência. Certamente que aquele não era um detalhe irrelevante. "Se eu tivesse realmente incitado esse homem a essa trama absurda, teria me lembrado dele à primeira alusão, com ou sem nome". No entanto, estava cansado

demais para enveredar por uma explicação tão longa; além disso, precisaria virar outra vez o rosto para a lâmpada. Na posição em que estava, podia pelo menos se manter de costas para Gletkin.

Enquanto se discutia sua identidade, Lábio Leporino permanecia de cabeça baixa e com o lábio superior trêmulo sob a luz branca ofuscante. Rubashov pensou em seu velho amigo e camarada Kieffer, o grande historiador da Revolução. Na famosa fotografia da mesa do Congresso, em que todos usavam barbas e tinham pequenos círculos numerados como halos em volta das cabeças, ele aparecia sentado à esquerda do velho líder. Fora seu colaborador em questões de História; seu parceiro no jogo de xadrez, e talvez seu único amigo pessoal. Após a morte do “velho”, Kieffer, que o conhecera mais intimamente do que qualquer outra pessoa, foi encarregado de escrever sua biografia. Trabalhou nela por mais de dez anos, porém a obra estava destinada a jamais ser publicada. A versão oficial dos fatos da Revolução passou por uma profunda mudança naqueles dez anos, os papéis protagonizados pelos atores principais tiveram que ser reescritos, e a escala de valores revista; mas o velho Kieffer era cabeça-dura, e não entendia nada da dialética interna da nova era sob o Nº 1...

- Meu pai e eu - Lábio Leporino prosseguia com sua voz artificialmente musical -, na volta do Congresso Internacional de Antropologia, ao qual eu o havia acompanhado, fizemos um desvio de rota por B., pois meu pai queria visitar seu amigo, o cidadão Rubashov...

Rubashov ouvia com um misto de curiosidade e melancolia. Até agora o relato estava correto; o velho Kieffer fora vê-lo, guiado pela necessidade de abrir o coração e também de aconselhar-se com ele. A noite que os dois passaram juntos havia sido provavelmente o último momento agradável na vida do velho Kieffer.

- Só podíamos ficar um dia - Lábio Leporino continuou, o olhar cravado no rosto de Rubashov, como se buscasse nele força e coragem. - Era exatamente o da comemoração da Revolução; por isso eu me lembro tão bem da data. O dia inteiro o cidadão Rubashov andou ocupado com a recepção, e só pôde ver meu pai durante alguns minutos. Porém à noite, depois de encerrada a recepção na legação, ele convidou meu pai ao seu apartamento e meu pai me deixou ir junto. O cidadão Rubashov estava muito cansado e até já vestira o roupão, mas nos recebeu muito calorosamente. Serviu vinho, conhaque e bolos numa mesa e saudou meu pai, após abraçá-lo, com as palavras: "A festa de despedida para o último dos moicanos"...

Pelas costas de Rubashov a voz de Gletkin interrompeu:

- Você notou a intenção de Rubashov de deixá-lo num estado de intoxicação alcoólica, de modo a torná-lo mais receptivo aos seus planos?

Rubashov teve a impressão de ver um breve sorriso perpassar o rosto devastado de Lábio Leporino: pela primeira vez notou nele uma leve semelhança com o rapaz que vira naquela noite. Mas a expressão imediatamente se esvaneceu; Lábio Leporino piscou os olhos e passou a língua pelo lábio rachado.

- Ele me pareceu bem suspeito, mas eu ainda não entendia seu plano.

"Porco infeliz", pensou Rubashov, "o que foi que fizeram com você?"...

- Prossiga - trovejou a voz de Gletkin.

Lábio Leporino levou alguns segundos para se reencontrar após a interrupção. Nesse meio tempo, só se ouvia a estenógrafa magra apontando o lápis.

- Rubashov e meu pai trocaram reminiscências durante um bom tempo. Os dois não se viam há anos. Conversaram sobre a época anterior à Revolução, sobre pessoas mais velhas, de outras gerações, que eu só conhecia de ouvir dizer, e sobre a Guerra Civil. Aludiam frequentemente a

coisas que eu não era capaz de acompanhar, e riam de recordações que eu não compreendia.

- Estava muito bêbado? - quis saber Gletkin.

Lábio Leporino piscava sem parar sob a luz. Rubashov notou que ele balançava ligeiramente enquanto falava, como se tivesse dificuldade para se manter de pé.

- Creio que sim, bastante - Lábio Leporino respondeu. - Nos últimos anos, eu nunca tinha visto meu pai tão bem-humorado.

- Isso foi - soou a voz de Gletkin - três meses antes da descoberta das atividades contrarrevolucionárias do seu pai, que levou à sua execução dali a três meses, certo?

Lábio Leporino passou a língua nos lábios, olhou para a luz e permaneceu em silêncio. Rubashov virou-se para Gletkin em um súbito impulso, mas, ofuscado pela luz, fechou os olhos e lentamente retornou à sua posição esfregando o *pince-nez* na manga. O lápis da secretária rangeu no papel e parou. Em seguida, a voz de Gletkin tornou a fazer-se ouvir:

- Naquele momento você já estava envolvido nas atividades contrarrevolucionárias do seu pai?

Lábio Leporino passou a língua nos lábios.

- Sim - ele respondeu.

- E você sabia que Rubashov compartilhava das opiniões do seu pai?

- Sabia.

- Reproduza os trechos principais da conversa. Deixe de lado tudo que não for essencial.

Lábio Leporino agora cruzara os braços nas costas e encostara os ombros à parede.

- Após algum tempo, meu pai e Rubashov mudaram de assunto e passaram a falar do presente. Disseram frases depreciativas sobre o atual estado de coisas no Partido, e sobre os métodos do líder, a quem ambos só se referiam como "Nº 1". Rubashov falou que desde que o Nº 1 havia

assumido o Partido, o ar lá ficara irrespirável. Essa era a razão pela qual ele preferia missões no exterior.

Gletkin se voltou para Rubashov:

- Isso foi pouco antes da sua primeira declaração de lealdade ao líder do Partido?

Rubashov ficou meio de lado para a lâmpada.

- Correto - disse.

- A intenção de fazer essa declaração foi mencionada por Rubashov naquela noite? - Gletkin perguntou a Lábio Leporino.

- Sim. Meu pai até o censurou por isso e disse que se sentia desapontado. Rubashov riu, e chamou meu pai de velho gagá e de Dom Quixote. Disse que o importante era aguentar ao máximo e esperar a hora de atacar.

- O que ele quis dizer com essa expressão: "esperar a hora"?

O olhar do jovem mais uma vez buscou o rosto de Rubashov com um ar desamparado e quase terno. Rubashov teve a absurda sensação de que ele estava a ponto de abandonar a parede e vir lhe dar um beijo na testa. Sorriu ante essa ideia, enquanto escutava sua voz agradável responder:

- A hora em que o líder do Partido seria destituído do posto.

Gletkin, a quem não passara despercebido o sorriso de Rubashov, disse secamente:

- Essas reminiscências parecem diverti-lo?...

- Talvez - disse Rubashov, fechando de novo os olhos.

Gletkin ajeitou um dos punhos e seguiu interrogando Lábio Leporino.

- Quer dizer que Rubashov se referia à hora em que o líder do Partido seria destituído... E como isso se daria?

- Meu pai achava que um dia o copo transbordaria e o Partido o deporia ou o obrigaria a renunciar, e que a oposição devia propagar essa ideia.

- E Rubashov?

- Rubashov riu do meu pai, e repetiu que ele estava gagá e bancando o Dom Quixote. Em seguida afirmou que o Nº 1 não era um fenômeno acidental, e sim a corporificação de uma determinada característica humana, a saber, uma crença absoluta na infalibilidade das próprias convicções, da qual ele tirava a força para sua total falta de escrúpulos. Daí que nunca abdicaria do poder por livre e espontânea vontade, e só poderia ser destituído pela violência. Também não dava para esperar nada do Partido, já que o Nº 1 tinha nas mãos todos os trunfos, e fizera da burocracia do Partido sua cúmplice, que ela ficaria e cairia com ele, tinha certeza disso.

Apesar de seu estado sonolento, Rubashov ficou impressionado com o fato de o rapaz haver guardado suas palavras com tamanha precisão. Nem ele mesmo se lembrava dos detalhes da conversa, mas não duvidava que Lábio Leporino a tivesse reproduzido com toda fidelidade. Observou pelo *pince-nez* o jovem Kieffer com um interesse recém-desperto.

A voz de Gletkin trovejou novamente:

- Então Rubashov enfatizou a necessidade de usar de violência contra o Nº 1, ou seja, contra o líder do Partido?

Lábio Leporino confirmou com a cabeça.

- E os argumentos dele, somados ao consumo liberal de bebidas alcoólicas, causaram forte impressão em você?

O jovem Kieffer não respondeu logo. Em seguida disse num tom de voz ligeiramente mais baixo que antes:

- Eu quase não bebi. Mas tudo que ele disse me calou bem fundo.

Rubashov curvou a cabeça. Brotara nele uma suspeita que o afetava quase como uma dor física e o fazia esquecer-se de tudo mais. Seria possível que esse jovem infeliz tivesse de fato tirado conclusões sobre a linha de pensamento dele, Rubashov - e que ele agora estivesse ali,

à sua frente, sob a luz da lâmpada refletora, como a consequência personificada de sua própria lógica?

Gletkin não o deixou concluir o pensamento. Sua voz roncou:

-...E a essa teorização preparatória seguiu-se uma instigação direta à ação?

Lábio Leporino silenciou. Piscava sob a luz.

Gletkin esperou alguns segundos pela resposta. Rubashov também, sem se dar conta, ergueu a cabeça. Passaram-se vários segundos, durante os quais só se escutava o zumbido da lâmpada; então a voz de Gletkin retornou, ainda mais assertiva e fria:

- Gostaria de uma ajuda para a memória?

Gletkin pronunciou a frase com uma indiferença estudada, mas Líbio Leporino tremeu como se tivesse sido atingido por um chicote. Passou a língua pelos lábios e em seus olhos cintilou o mais puro terror animal. Então sua agradável voz melódica ressoou novamente:

- A instigação não teve lugar naquela noite, e sim na manhã seguinte, num *tête-à-tête* entre mim e o cidadão Rubashov.

Rubashov sorriu. A transferência da conversa imaginária para o dia seguinte era evidentemente uma sutileza na *mise-en-scène* de Gletkin; que o velho Kieffer tivesse ouvido alegremente o filho ser instruído a envenenar alguém era algo improvável demais até mesmo para a psicologia neandertal... Rubashov, esquecido do choque que acabara de receber, virou-se para Gletkin e perguntou, piscando sob a luz:

- Creio que o acusado tem direito a fazer perguntas durante a acareação?...

- Você tem esse direito - disse Gletkin.

Rubashov se dirigiu ao jovem.

- Pelo que me lembro - disse, olhando-o pelo *pince-nez* -, você estava concluindo seus estudos na Universidade quando foi com seu pai me visitar?...

Agora que Rubashov falava diretamente com ele pela primeira vez, o olhar esperançoso e confiante retornou à fisionomia de Lábio Leporino, que confirmou com a cabeça.

- Certo - continuou Rubashov. - Se novamente bem me lembro, naquela época a ideia era que você começasse a trabalhar com seu pai no Instituto de Pesquisas Históricas. Você foi?

- Sim - disse Lábio Leporino, e acrescentou após alguma hesitação: - Até a prisão do meu pai.

- Entendo - disse Rubashov. - Esse fato o impossibilitou de permanecer no Instituto, e você teve que procurar outra maneira de ganhar a vida... - Fez uma pausa, voltou-se para Gletkin e continuou:

- ... O que prova que, quando do meu encontro com esse jovem, nem ele nem eu poderíamos prever seu futuro emprego; donde a instigação ao envenenamento se torna uma impossibilidade lógica.

O lápis da secretária estancou de repente. Rubashov sabia, sem olhar para ela, que a magricela parara de registrar, e que tinha virado a cara pontuda, de rato, para Gletkin. Lábio Leporino também olhava fixamente para ele, passando a língua pelo lábio superior; seus olhos não demonstravam alívio, apenas perplexidade e medo. A momentânea sensação de triunfo de Rubashov desapareceu; tinha o estranho pressentimento de haver perturbado o sereno desenrolar de uma cerimônia solene. A voz de Gletkin soou ainda mais fria e controlada:

- Mais alguma pergunta?

- Isso é tudo por ora - disse Rubashov.

- Ninguém afirmou que suas instruções se restringiam ao uso de veneno pelo assassino - disse Gletkin com toda calma. - Você deu a ordem para o assassinio; a escolha do método deixou para seu instrumento.

E, voltando-se para Lábio Leporino:

- Não é verdade?

- É - disse Lábio Leporino, e sua voz traía uma espécie de alívio.

Rubashov se lembrou de que a acusação registrava em termos expressos “instigação a assassinato por envenenamento”, mas de repente aquilo tudo havia se tornado indiferente para ele. Se o rapaz realmente praticara o atentado insano, ou apenas planejara algo do tipo; se a confissão lhe fora artificialmente imposta, de forma completa ou apenas parcial - isso agora parecia a Rubashov de interesse meramente legal; não fazia diferença para sua culpa. O ponto essencial era que aquela figura trágica representava a consequência de sua lógica feita de carne. Os papéis tinham sido trocados; não foi Gletkin, mas ele, Rubashov, que tentara confundir um caso cristalino buscando chifre em cabeça de cavalo. A acusação, que até então lhe parecera totalmente absurda, na realidade apenas encaixava - embora de um modo desastrado e tosco - os elos perdidos numa cadeia perfeitamente lógica.

E no entanto, num ponto, parecia a Rubashov que se estava cometendo uma injustiça com ele. Mas achava-se exausto demais para traduzi-lo em palavras.

- Você tem mais alguma pergunta? - questionou Gletkin.

Rubashov balançou a cabeça.

- Pode se retirar - disse Gletkin a Lábio Leporino. Tocou uma campainha; um guarda uniformizado entrou e algemou o jovem Kieffer. À porta, antes de ser levado, ele virou mais uma vez a cabeça em direção a Rubashov, como costumava fazer no final da caminhada pelo pátio. Rubashov sentiu o olhar do Lábio Leporino pesando sobre ele; tirou o *pince-nez*, esfregou-o na manga e desviou os olhos.

Depois que Lábio Leporino se foi, Rubashov quase chegou a invejá-lo. A voz de Gletkin feriu seus ouvidos, precisa e brutalmente sonora:

- Você agora admite que a confissão de Kieffer coincide com os fatos nos pontos essenciais?

Rubashov teve que se virar novamente para a lâmpada. Havia um zumbido em seus ouvidos e a luz flamejava quente e vermelha sobre a pele fina de suas pálpebras. Mas a frase “nos pontos essenciais” não passou despercebida. Com ela Gletkin reparava a lacuna da acusação e se permitia alterar “instigação a assassinato por envenenamento” para “instigação a assassinato”, simplesmente.

- Nos pontos essenciais, sim - disse Rubashov.

Os punhos de Gletkin rangeram, e até a estenógrafa se mexeu na cadeira. Rubashov constatou que agora havia pronunciado a frase decisiva e selado sua confissão de culpa. Como esses Neandertais poderiam entender o que ele, Rubashov, considerava culpa - o que ele, com base em padrões próprios, chamava de “verdade”?

- A luz o incomoda? - perguntou Gletkin subitamente.

Rubashov sorriu. Gletkin não deixava barato. Essa era a mentalidade neandertal. Mesmo assim, quando a luz ofuscante da lâmpada se abrandou um pouco, Rubashov sentiu-se aliviado e até meio propenso à gratidão.

Embora sempre piscando, agora já podia olhar Gletkin no rosto. Viu outra vez a grande cicatriz vermelha na cabeça raspada.

- ...Com exceção de um, que considero um ponto igualmente essencial - completou Rubashov.

- A saber? - perguntou Gletkin, novamente empertigado e atento.

“Agora, é claro, ele está achando que vou me referir ao *tête-à-tête* com o rapaz, que nunca aconteceu”, pensou Rubashov. “Para *ele*, é isso que importa: pôr os pingos nos ‘is’ - ainda que os pingos mais pareçam manchas. Mas, do seu ponto de vista, Gletkin pode ter razão...”

- O ponto que me interessa - disse Rubashov em voz alta - é o seguinte: é verdade que, de acordo com as convicções que eu tinha à época, falei da necessidade de agir com

violência. Mas com isso eu queria dizer ação política, e não terrorismo individual.

- Então você preferia guerra civil? - disse Gletkin.

- Não. Ação de massa - disse Rubashov.

- Que, como você sabe muito bem, teria levado inevitavelmente à guerra civil... Essa é a diferença na qual você deposita tanto valor?

Rubashov não respondeu. Era este exatamente o ponto que, um momento antes, lhe parecera tão relevante - e que agora também se tornara indiferente. Na realidade, se a oposição pudesse alcançar a vitória contra a burocracia do Partido e seu imenso aparelho apenas pela via de uma guerra civil - por que essa alternativa se mostrava melhor do que colocar veneno no almoço do Nº 1, cujo desaparecimento talvez provocasse um colapso mais rápido e menos sangrento do regime? Em que sentido o assassinato político era mais honroso que o extermínio político em massa? Aquele pobre jovem evidentemente entendera tudo errado, mas não haveria mais consistência no erro do rapaz do que em seu próprio comportamento ao longo dos últimos anos?

Quem se opõe a uma ditadura deve aceitar a guerra civil como meio. Quem rejeita a guerra civil deve renunciar à oposição e aceitar a ditadura.

Essas simples frases, que ele havia escrito praticamente uma existência inteira atrás, numa polêmica com os "moderados", continha sua própria condenação. Não se sentia em condições de continuar a lutar com Gletkin. A consciência da derrota total lhe trouxe como que um alívio; a obrigação de continuar a luta, o peso da responsabilidade lhe haviam sido tirados; a antiga letargia estava de volta. Sentia o martelar na cabeça somente como um eco distante, e por alguns segundos lhe parecia que atrás da mesa estava sentado não Gletkin, mas o Nº 1, com aquele olhar de ironia estranhamente condescendente que dirigira

a Rubashov quando os dois se apertaram as mãos na derradeira despedida. Veio-lhe à mente uma inscrição que lera no portão do cemitério de Errancis, onde estavam enterrados os corpos de Saint-Just, Robespierre e seus dezesseis camaradas decapitados. Consistia de uma única palavra:

Dormir

Daquele momento em diante, as lembranças de Rubashov ficaram novamente nebulosas. Provavelmente ele pegara no sono pela segunda vez – por alguns minutos ou segundos; mas dessa vez não se lembrava de haver sonhado. Deve ter sido acordado por Gletkin para assinar a declaração. Gletkin lhe emprestou a caneta tinteiro que, conforme Rubashov notou com um ligeiro mal-estar, ainda conservava a quentura do seu bolso. A estenógrafa parara de escrever; a sala estava em completo silêncio. A lâmpada também parara de zumbir e irradiava uma luz normal, quase mortiça, pois a aurora já surgia na janela.

Rubashov assinou.

A sensação de alívio e irresponsabilidade permanecia, embora ele tivesse se esquecido do porquê disso; então, bêbado de sono, leu na declaração que confessava haver incitado o jovem Kieffer a assassinar o líder do Partido. Por alguns instantes teve a sensação de que tudo não passava de um grotesco mal-entendido; sentiu ímpetos de riscar sua assinatura e rasgar o documento; mas aí, lembrando-se novamente de tudo, esfregou o *pince-nez* na manga e depositou o papel assinado sobre a mesa de Gletkin.

A outra coisa de que Rubashov se lembrou foi de estar caminhando outra vez pelo corredor, escoltado pelo gigante de uniforme que o conduzira à sala de Gletkin fazia um tempo incalculável. Meio adormecido, passou pela barbearia e pela escada que levava ao porão; seus medos durante o percurso lhe vieram à mente; espantou-se um pouco consigo mesmo e sorriu vagamente para a distância. Em seguida ouviu a porta da cela bater às suas costas e

mergulhou no catre com uma sensação de felicidade física; viu a luz acinzentada da manhã na vidraça da janela com o costumeiro pedaço de jornal enfiado na esquadria, e logo caiu no sono.

Quando a porta da cela se abriu novamente, ainda não havia amanhecido completamente; Rubashov podia ter dormido no máximo uma hora. Pensou inicialmente que estavam trazendo o café da manhã; mas do lado de fora se achava, em vez do velho carcereiro, o gigante de uniforme outra vez. E Rubashov compreendeu que teria que retornar à presença de Gletkin e que o interrogatório iria prosseguir.

No lavatório, jogou um pouco de água fria na testa e no pescoço, botou o *pince-nez* e retomou a marcha pelos corredores, passando pelo salão do barbeiro e a escada para o porão, cambaleando um pouco sem se dar conta.

## 4.

Desde então o véu de névoa que encobria a memória de Rubashov se tornou mais espesso. Só conseguia lembrar-se de fragmentos isolados do seu diálogo com Gletkin, que se estendera por vários dias e várias noites, com breves intervalos de uma ou duas horas. Sequer era capaz de dizer exatamente quantos dias e noites tinham sido; devem ter se distribuído ao longo de uma semana. Rubashov ouvira falar desse método de completa demolição física do acusado, em que geralmente dois ou três juízes de instrução se revezavam num interrogatório contínuo. No entanto, a diferença em relação ao método de Gletkin era que este nunca revezava, o que exigia muito tanto dele próprio quanto de Rubashov. Desse modo ele privava Rubashov de seu último recurso psicológico: o *pathos* do oprimido, a superioridade moral da vítima.

Depois de 48 horas, Rubashov perdera a noção de dia e noite. Quando, após uma hora de sono, o gigante o sacudia para que acordasse, ele não sabia mais dizer se a luz cinzenta que vinha da janela era do amanhecer ou da noite que caía. O corredor, com a barbearia, a escada para o porão e a porta com trancas, estava sempre iluminado pela mesma luz chapada das lâmpadas elétricas. Se, durante o interrogatório, a luz da janela fosse aumentando gradualmente, até Gletkin finalmente desligar a lâmpada, era de manhã. Se fosse escurecendo, e Gletkin acendesse a lâmpada, era de noite.

Se Rubashov sentia fome durante o interrogatório, Gletkin permitia que lhe trouxessem chá e sanduíches. No entanto, raramente tinha apetite; ou melhor, tinha acessos de fome voraz, mas quando o pão estava à sua frente, era vencido pela náusea. Gletkin jamais comia em sua presença, e Rubashov, por algum motivo inexplicável,

achava humilhante pedir comida. Qualquer coisa que envolvesse funções físicas era humilhante para Rubashov na presença de Gletkin, que nunca demonstrava sinais de cansaço, nunca bocejava, nunca fumava, parecia não comer nem beber, e sempre se sentava atrás da mesa na mesma posição ereta, com o mesmo uniforme engomado com os punhos rangendo. O mais degradante era quando precisava pedir permissão para se aliviar. Gletkin deixava que fosse conduzido ao lavatório pelo carcereiro de plantão, normalmente o gigante, que ficava esperando do lado de fora. Uma vez Rubashov pegou no sono com a porta fechada. Desde então a porta sempre permanecia encostada.

Seu estado durante o interrogatório alternava entre a apatia e uma vigília forjada e inexpressiva. Na verdade, só uma vez perdeu a consciência; muitas vezes se sentira a ponto de desfalecer, mas o orgulho sempre vinha salvá-lo no último minuto. Então acendia um cigarro, piscava os olhos, e o interrogatório prosseguia.

Rubashov às vezes se surpreendia por conseguir suportar tudo aquilo. Sabia que o senso comum costuma estabelecer limites estreitos para a capacidade humana de resistência física; mas ninguém fazia ideia de sua espantosa resiliência. Ouvira falar de casos de prisioneiros que foram impedidos de dormir por quinze e até vinte dias, e que ainda assim resistiram.

Em seu primeiro interrogatório por Gletkin, quando assinara a declaração, Rubashov pensou que estava tudo terminado. No segundo interrogatório ficou claro que era só o começo. A acusação consistia de sete itens, dos quais ele só havia confessado um. Acreditou ter tomado até o fim sua taça de humilhação. Agora descobria que a impotência tinha tantas gradações quanto o poder; que a derrota podia se mostrar tão vertiginosa quanto a vitória, e que era interminável. E, passo a passo, Gletkin o estava forçando a ir mais fundo.

Ele poderia, é claro, ter facilitado as coisas para si mesmo. Bastava assinar tudo, fazer barba, cabelo e bigode, ou então negar todas as acusações de uma tacada - e teria paz. Uma noção de dever doentia e complicada o impedia de ceder a essa tentação. A vida de Rubashov fora tão marcada por uma ideia absoluta que ele só havia conhecido o fenômeno da “tentação” teoricamente. Agora ela o acompanhava ao longo dos dias e noites indistinguíveis, na sua caminhada cambaleante pelo corredor, na luz branca da lâmpada de Gletkin: a tentação, que consistia naquela única palavra escrita no cemitério dos vencidos: dormir.

Era difícil resistir a ela, pois se tratava de uma tentação tranquila e pacífica; e sem sofrimento físico insuportável. Era silenciosa; não recorria a argumentos. Todos estavam do lado de Gletkin; limitava-se a repetir as palavras da mensagem do barbeiro: “Morra em silêncio”.

De vez em quando, nos momentos de apatia que se alternavam com a vigília, os lábios de Rubashov se mexiam, porém Gletkin não conseguia entender as palavras. Ele então pigarreava, ajeitava os punhos; e Rubashov esfregava o *pince-nez* na manga e balançava a cabeça confusa e sonolentemente, pois tinha identificado quem o tentava com a parceira muda que ele julgava já haver esquecido, e que nada tinha a ver com aquela sala: a ficção gramatical...

- Então você nega ter negociado com representantes de uma potência estrangeira no interesse da oposição, para derrubar o atual regime com a ajuda deles? Contesta a acusação de ter se prontificado a pagar o apoio direto ou indireto aos seus planos com concessões territoriais, ou seja, sacrificando algumas regiões do nosso país?

Sim, Rubashov contestava; e Gletkin repetiu para ele o dia e a ocasião da conversa com o diplomata estrangeiro em questão - e Rubashov de novo se lembrou do episódio totalmente sem importância que memorizara quando Gletkin estava lendo a acusação. Sonolento e confuso, olhou para Gletkin sabendo que era inútil tentar esclarecer aquele

episódio, que tivera lugar após um almoço na legação diplomática em B. Rubashov sentara-se ao lado do corpulento Herr von Z., segundo-conselheiro da Embaixada do mesmo país em que, meses antes, Rubashov tivera os dentes quebrados - e puxou uma conversa despreziosa sobre uma variedade rara de porquinho da Índia que tinha sido criada na fazenda de Herr von Z. e na do pai dele, Rubashov. Muito provavelmente, na época os pais de Rubashov e de von Z. haviam inclusive trocado espécimes.

- E o que foi feito dos porquinhos da Índia do seu pai? - Herr von Z. quis saber.

- Foram abatidos durante a Revolução e comidos - Rubashov respondeu.

- Os nossos viraram banha - disse Herr von Z. com tristeza.

Não fazia o menor esforço para esconder o desprezo pelo novo regime do seu país, que presumivelmente só por acaso se omitira até agora de removê-lo do posto.

- Você e eu estamos em situação bem parecida - ele disse sem a menor dificuldade, enquanto sorvia seu licor. - Ambos somos sobreviventes. Criar porquinhos da Índia é coisa do passado; vivemos no século dos plebeus.

- Mas não se esqueça de que eu estou do lado dos plebeus - Rubashov disse, sorrindo.

- Não foi isso o que eu quis dizer - apressou-se Herr von Z. - Que fique bem claro, eu também concordo com o programa do nosso manequim de bigode preto, que ele não nos ouça. Afinal, só se pode ser crucificado em nome daquilo em que se acredita.

Os dois ficaram ali sentados por mais algum tempo, tomando café, até que na segunda xícara Herr von Z. disse:

- Se vocês forem fazer uma nova revolução em seu país, senhor Rubashov, e depuserem o Nº 1, é melhor cuidar melhor dos porquinhos da Índia...

- Isso é muito pouco provável de acontecer - disse Rubashov, e após uma pausa, acrescentou: -... muito embora alguns amigos seus pareçam contar com essa possibilidade?...

- Com toda certeza - replicou Herr von Z. no mesmo tom cordial.- Pelo que vazou dos seus últimos julgamentos, alguma coisa muito divertida deve estar acontecendo no seu país.

- Então seus amigos também devem ter alguma ideia quanto aos passos a ser dados por parte de vocês no caso dessa tão improvável eventualidade? - Rubashov perguntou.

Ao que Herr von Z. respondeu de maneira bem direta, quase como se estivesse à espera da pergunta:

- Ficar na moita. Mas isso tem um preço...

Os dois estavam de pé ao lado da mesa, com as xícaras de café nas mãos.

- E sobre o preço? Também já se decidiu? - perguntou Rubashov, percebendo que seu tom de voz suave soara um tanto artificial.

- Certamente - respondeu Herr von Z.; e mencionou uma determinada região produtora de trigo habitada por uma minoria. Nesse ponto os dois tinham se separado...

Rubashov não pensava nesse episódio havia anos - ou pelo menos não se lembrava conscientemente dele. Conversa fiada com café preto e conhaque - como explicar a Gletkin a absoluta insignificância disso? Rubashov olhou sonolentemente para Gletkin sentado do outro lado da mesa, duro e inexpressivo como nunca. Não, era impossível falar com ele sobre porquinhos da Índia. Esse Gletkin não entendia nada de porquinhos da Índia. Nunca havia tomado café com Herr von Z. Rubashov ficou pensando na maneira hesitante como Gletkin havia lido, frequentemente com a entonação errada. Ele era de origem proletária, e aprendera a ler e escrever já adulto. Jamais entenderia que uma

conversa começando com porquinhos da Índia podia terminar Deus sabe aonde.

- Então você admite que a conversa aconteceu? - disse Gletkin.

- Foi uma coisa totalmente inocente - disse Rubashov cansado, e sabendo que Gletkin o havia empurrado mais um degrau escada abaixo.

- Inocente... - disse Gletkin. - Inocente como suas dissertações puramente teóricas ao jovem Kieffer sobre a necessidade de se depor o líder pela violência?

Rubashov esfregou os óculos na manga. A conversa fora assim tão inocente como ele tentava se convencer? Certamente não havia “negociado” nem chegado a qualquer acordo; e o bonachão do Herr von Z. não tinha qualquer autoridade oficial para tanto. Tudo poderia ser classificado no máximo como o que, em linguagem diplomática, se conhece como “fazer sondagens”. No entanto, esse tipo de sondagem era um elo na corrente lógica de suas ideias de então, além de se enquadrar em algumas das tradições do Partido. O velho líder, pouco antes da Revolução, não se havia utilizado dos serviços do Alto-Comando daquele mesmo país para poder regressar do exílio e liderar a Revolução levando—a à vitória? E depois, no primeiro tratado de paz, não abandonara alguns territórios como o preço a pagar para que o deixassem em paz? “O velho sacrifica espaço para ganhar tempo”, como observara um amigo perspicaz de Rubashov. A conversa esquecida, “inocente”, se encaixava tão bem na corrente que agora era difícil para Rubashov enxergá-la de outro modo que não pelos olhos de Gletkin. Esse mesmo Gletkin, que lia hesitantemente, cujo cérebro funcionava tão hesitantemente e chegava a conclusões simplórias e triviais - talvez precisamente por não saber nada sobre porquinhos da Índia... Como, então, soubera daquela conversa? Ou tinha sido ouvida por acaso, o que nas circunstâncias era bastante improvável; ou então o bonachão do Herr von Z.

andara se passando por *agent provocateur* – só Deus sabe por que estranhos motivos. Essas coisas já haviam ocorrido muitas outras vezes antes. Uma armadilha fora preparada para Rubashov – uma armadilha planejada segundo a mentalidade primitiva de Gletkin e do Nº 1; e ele, Rubashov, caíra nela prontamente...

– Estando tão bem informado da minha conversa com Herr von Z. – disse Rubashov –, você também deve saber que ela não teve consequências.

– Certamente – disse Gletkin. – Graças ao fato de nós o termos prendido a tempo, e aniquilado a oposição por todo o país. Os resultados da tentativa de traição teriam aparecido caso não o tivéssemos feito.

O que ele podia redarguir? Que de maneira alguma aquilo levaria a resultados graves, quando menos porque ele, Rubashov, estava velho e debilitado demais para agir com a coerência que as tradições do Partido exigiam, e do modo como Gletkin teria feito em seu lugar? Que toda a atividade da assim chamada oposição não passava de mexerico senil, já que toda a geração da velha guarda se achava tão debilitada quanto ele próprio? Desgastada pelos anos de luta clandestina, corroída pela umidade dos muros das prisões, entre os quais tinha passado metade da juventude; espiritualmente sugada pela permanente tensão nervosa de controlar o medo físico, de que nunca se fala, e com o qual cada um tem que lidar sozinho – durante anos, dezenas de anos. Desgastada pelos anos de exílio, pela ácida agressividade das facções dentro do Partido, a falta de escrúpulos com que se digladiavam; desgastada pelas derrotas intermináveis, e pela desmoralização da vitória final. Deveria alegar que uma oposição ativa e organizada à ditadura do Nº 1 jamais existira de fato; que tudo tinha sido apenas conversa fiada, um brincar com fogo impotente, pois essa geração da velha guarda dera tudo que tinha, fora espremida até a última gota, até a derradeira caloria

espiritual; e, tal qual os mortos no cemitério de Errancis, conservava apenas uma esperança: dormir e aguardar que a posteridade lhe fizesse justiça.

O que ele podia responder àquele neandertal impermeável? Que tinha razão em tudo, mas que cometera um erro fundamental: acreditar que ainda era o velho Rubashov que estava sentado à sua frente, quando se tratava apenas de sua sombra? Que tudo se reduzia a isso – puni-lo, não pelos atos que havia praticado, mas pelos que deixara de praticar? “Só se pode ser crucificado em nome daquilo em que se acredita”, como dissera o bonachão do Herr von Z...

Antes de assinar a declaração e ser conduzido de volta à cela, para cair inconsciente em seu catre até que o tormento recomeçasse, Rubashov fez uma pergunta a Gletkin. Não tinha qualquer relação com o ponto em discussão, mas sabia que toda vez que havia uma declaração a ser assinada, Gletkin se mostrava um pouco menos intratável – Gletkin pagava suas dívidas. A pergunta dizia respeito ao paradeiro de Ivanov.

- O cidadão Ivanov está preso – disse Gletkin.

- Pode-se saber a razão? – perguntou Rubashov.

- O cidadão Ivanov foi negligente na condução das investigações do seu caso, e em conversa particular expressou dúvidas cínicas quanto à boa fundamentação da acusação.

- E daí, se ele realmente não acreditava nela? – perguntou Rubashov. – Talvez me tivesse em bom conceito...

- Nesse caso – disse Gletkin –, ele deveria ter dado por suspenso o inquérito e informado oficialmente as autoridades competentes de que, na opinião dele, você era inocente.

Será que Gletkin estava zombando dele? Parecia duro e inexpressivo como sempre.

Da outra vez em que se inclinou para rubricar as anotações do dia, com a caneta tinteiro de Gletkin aquecendo sua mão - a estenógrafa já havia saído da sala -, Rubashov disse:

- Posso lhe fazer outra pergunta?

Enquanto falava, não tirava os olhos da grande cicatriz no crânio de Gletkin.

- Eu soube que você é partidário de certos métodos drásticos, mais conhecidos como "método duro". Por que comigo nunca recorreu à pressão física direta?

- Você está se referindo à tortura física - disse Gletkin com total objetividade. - Como você sabe, isso é proibido pelo nosso código penal.

Fez uma pausa. Rubashov tinha acabado de assinar o protocolo.

- Além disso - Gletkin continuou -, há um determinado tipo de réu que confessa sob pressão, mas renega no julgamento público. Você pertence a essa espécie obstinada. A utilidade política da sua confissão no julgamento residirá em seu caráter voluntário.

Era a primeira vez que Gletkin falava em julgamento público. No entanto, no caminho de volta pelo corredor, caminhando atrás do gigante, com passos curtos e cansados, não era essa perspectiva que ocupava o pensamento de Rubashov, e sim a frase "você pertence a essa espécie obstinada". Contra sua vontade, essa frase o deixava agradavelmente feliz consigo mesmo.

Estou ficando senil e infantil, pensou enquanto se deitava no catre. Mas a sensação agradável perdurou até ele pegar no sono.

Toda vez que, após uma renhida discussão, Rubashov assinava uma nova confissão e se deitava no catre, exausto, mas estranhamente satisfeito, ciente de que seria acordado dentro de uma ou duas horas no máximo - toda vez tinha um único desejo: que Gletkin ao menos uma vez o deixasse

dormir e recobrar a lucidez. Sabia que esse desejo não seria atendido enquanto a luta não chegasse ao seu amargo fim e o último pingo não fosse instalado sobre o último “i” - e sabia também que cada novo duelo acabaria em nova derrota e que não podia haver sombra de dúvida acerca do resultado final. Por que, então, ele continuava se atormentando e se deixando atormentar, em vez de abandonar a última batalha, para não ser mais acordado? A ideia de morte há muito tempo perdera qualquer caráter metafísico; tinha um significado quente, físico, tentador - o do sono. E, no entanto, uma sensação de dever peculiar, distorcida, o obrigava a permanecer acordado e a prosseguir até o fim na batalha perdida - mesmo que fosse apenas uma batalha contra moinhos de vento. Prosseguir até a hora em que Gletkin o fizesse descer ao último degrau da escada e, diante de seus olhos sempre piscando, o derradeiro borrão da acusação se transformasse num “i” logicamente pingado. Era preciso seguir a estrada até o final. Só então, quando penetrasse na escuridão de olhos abertos, teria conquistado o direito de dormir e de nunca mais ser acordado.

Em Gletkin também ocorrera uma mudança durante essa cadeia ininterrupta de dias e noites. Não era grande coisa, mas aos olhos febris de Rubashov não passou despercebida. Até o final Gletkin sentara-se rigidamente, com o rosto imóvel e os punhos rangendo, à sombra da lâmpada atrás de sua mesa; mas gradualmente, pouco a pouco, a brutalidade desapareceu de sua voz, da mesma maneira que, pouco a pouco, foi reduzindo a intensidade da luz ofuscante, até chegar quase ao normal. Ele nunca sorria, e Rubashov se perguntava se os Neandertais eram capazes de sorrir; sua voz também não era modulada o bastante para deixar transparecer algum sinal de sentimento. Uma vez, entretanto, quando seus cigarros acabaram após um diálogo de várias horas, Gletkin, que não fumava, tirou um

maço do bolso e o estendeu por cima da mesa para Rubashov.

Em um ponto Rubashov chegou até a alcançar uma vitória: era o ponto referente à sua suposta sabotagem no comando da Fundação do Alumínio. A acusação não tinha grande peso no conjunto dos crimes que já havia confessado, mas Rubashov se bateu contra ela com a mesma obstinação que demonstrara nos itens decisivos. Os dois se sentaram em lados opostos praticamente durante toda a noite. Rubashov havia refutado ponto a ponto todas as provas incriminatórias e dados tendenciosos; com voz fraca e cansada, citara números e datas que, como por milagre, lhe vieram à mente entorpecida no momento certo; e o tempo inteiro Gletkin não fora capaz de encontrar o ponto de partida do qual pudesse desenrolar a cadeia lógica. Porque, já no segundo ou terceiro encontro, um acordo tácito se estabelecera entre os dois: se Gletkin conseguisse provar que a raiz da acusação era correta – mesmo quando essa raiz fosse apenas de natureza lógica, abstrata –, tinha caminho livre para incluir os detalhes que faltassem; “pôr os pingos nos ‘is’”, como dizia Rubashov. Sem se dar conta, ambos haviam se acostumado a essas regras do jogo, e nenhum deles distinguia mais entre ações que Rubashov havia cometido de fato e aquelas que ele devia ter cometido meramente em consequência de suas opiniões; tinham perdido aos poucos o senso de realidade e aparência, de ficção lógica e fato. Rubashov de vez em quando tomava consciência disso, em seus raros momentos de lucidez, e então tinha a sensação de despertar de um estranho estado de intoxicação; Gletkin, por sua vez, nunca parecia consciente disso.

Pela manhã, quando Rubashov ainda não se rendera à acusação de sabotagem na Fundação do Alumínio, a voz de Gletkin assumiu uma tonalidade nervosa – parecida com a de quando Lábio Leporino dera a resposta errada. Aumentou a intensidade da luz da lâmpada, o que não

acontecera havia muito tempo; mas a reduziu novamente quando viu o sorriso irônico de Rubashov. Fez mais algumas perguntas, sem nenhum efeito, e disse de modo conclusivo:

- Então você nega peremptoriamente ter cometido quaisquer atos ruinosos ou censuráveis na empresa que lhe foi confiada, e até mesmo de haver planejado tais atos?

Rubashov assentiu com a cabeça - com uma curiosidade sonolenta diante do que iria acontecer. Gletkin se voltou para a estenógrafa:

- Escreva: o juiz de instrução recomenda que essa acusação seja descartada por falta de provas.

Rubashov acendeu rapidamente um cigarro para disfarçar a sensação de triunfo infantil que se apossou dele. Pela primeira vez tivera uma vitória sobre Gletkin. Com certeza era uma vitoriazinha ridícula numa batalha perdida, mas era sempre uma vitória; e fazia muitos meses, anos mesmo, que ele conhecera essa sensação pela última vez... Gletkin pegou o registro das anotações do dia das mãos da secretária e a dispensou, obedecendo ao ritual que se havia desenvolvido ultimamente entre eles.

Quando ficaram a sós, e Rubashov se levantou para assinar o protocolo, Gletkin disse, entregando-lhe sua caneta tinteiro:

- A experiência demonstra que a sabotagem industrial é o meio mais eficiente para a oposição criar dificuldades ao Governo e gerar descontentamento entre os trabalhadores. Por que então você defende tão enfaticamente que não usou nem tentou usar esse recurso?

- Porque é um absurdo técnico - disse Rubashov. - E porque toda essa lengalenga sobre o sabotador como um bicho-papão provoca uma onda de denunciamento que me revolta.

A sensação de triunfo há tanto tempo esquecida deixava Rubashov mais revigorado e o levava a falar mais alto que de costume.

- Se você considera que sabotagem não passa de mera ficção, quais são as verdadeiras causas, em sua opinião, da situação insatisfatória em que se encontram as nossas indústrias?

- Remuneração excessivamente baixa por peça produzida, relações trabalhistas quase escravocratas e medidas disciplinares brutais - respondeu Rubashov. - Sei de inúmeros casos, na minha Fundação, em que trabalhadores foram mortos como sabotadores por alguma negligência ínfima causada por fadiga extrema. Se um homem se atrasa dois minutos para trabalhar, é sumariamente demitido; e ganha um carimbo nos documentos de identidade que torna impossível para ele arranjar emprego em outro lugar.

Gletkin mirou Rubashov com seu costumeiro olhar inexpressivo e perguntou com sua costumeira voz inexpressiva:

- Você ganhou um relógio quando criança?

Rubashov olhou espantado para ele. O traço mais notável do caráter de um Neandertal era a total falta de humor, ou, mais precisamente, de frivolidade.

- Não quer responder a minha pergunta? - Gletkin insistiu.

- Certamente - disse Rubashov, cada vez mais espantado.

- Que idade tinha quando lhe deram o relógio?

- Nem me lembro mais - disse Rubashov -, uns oito ou nove anos, por aí.

- Eu - disse Gletkin, com a voz firme habitual - tinha dezesseis quando aprendi que as horas se dividiam em minutos. No meu vilarejo, quando os camponeses tinham que viajar até a cidade, chegavam à estação com o sol nascendo e se deitavam para dormir na sala de espera até o trem chegar, que era normalmente por volta do meio-dia; às vezes ele só vinha à noitinha ou na manhã seguinte. São esses camponeses que hoje trabalham nas nossas fábricas.

Por exemplo, no meu vilarejo está instalada a maior fábrica de perfis de aço do mundo. No primeiro ano, os encarregados costumavam dormir no intervalo entre dois esvaziamentos do forno de fundição, até que foram fuzilados. Em todos os outros países, os camponeses tiveram cem ou duzentos anos para desenvolver o hábito da precisão industrial e do manejo das máquinas. Aqui só tiveram dez. Se nós não os demitíssemos ou fuzilássemos ao menor deslize, o país inteiro pararia, e os camponeses estariam dormindo nos pátios das fabricas até o mato crescer pelas chaminés e tudo voltar ao que era antes. No ano passado, uma delegação de mulheres de Manchester, na Inglaterra, veio nos visitar. Nós lhes mostramos tudo, e depois elas escreveram artigos indignados dizendo que os trabalhadores na indústria têxtil de Manchester nunca tolerariam semelhante tratamento. Eu li que a indústria algodoeira de Manchester tem duzentos anos. Li também que lá o tratamento dos trabalhadores era igual ao do início, há duzentos anos. Você, cidadão Rubashov, acaba de empregar os mesmos argumentos daquela delegação de mulheres de Manchester. Você, é claro, sabe bem mais que elas. Portanto, é de se estranhar que esteja usando os mesmos argumentos. Mas você tem algo em comum com aquelas mulheres: ganhou um relógio quando criança...

Rubashov não disse nada, e olhou para Gletkin com um interesse novo. O que era aquilo? Será que o Neandertal estava saindo da concha? Mas Gletkin logo voltou a se sentar ereto na cadeira, inexpressivo como sempre.

- Você pode ter razão em certos aspectos - disse Rubashov finalmente. - Mas foi você mesmo que me despertou para essa questão. De que serve inventar bodes expiatórios para dificuldades cujas causas naturais você acaba de descrever de modo tão convincente?

- A experiência ensina - disse Gletkin - que se deve dar às massas uma explicação simples e fácil de entender para todos os processos difíceis e complexos. Segundo o que eu

conheço da História, a humanidade jamais poderia passar sem um bode expiatório. Creio que, em todos os tempos, foi uma instituição indispensável; seu amigo Ivanov me ensinou que tem origem religiosa. Tanto quanto eu me recordo, ele explicou que a expressão veio de um costume dos hebreus que, uma vez por ano, sacrificavam ao seu deus um bode, carregado com todos os seus pecados. - Gletkin fez uma pausa e ajeitou os punhos. - Além desse, há também na História exemplos de bodes expiatórios voluntários. Na época em que você ganhou um relógio, o padre do meu vilarejo me ensinava que Jesus Cristo chamava a si mesmo de cordeiro, que era o portador de todos os pecados do mundo. Eu nunca entendi como poderia ajudar a humanidade o fato de alguém declarar que está sendo sacrificado por amor a ela... Mas, ao longo de dois mil anos, parece que as pessoas vêm achando isso perfeitamente natural.

Rubashov olhou para Gletkin. O que será que ele pretendia com isso? Qual o objetivo dessa conversa? Em que espécie de labirinto estava se embrenhando aquele Neandertal?

- Seja lá como for - disse Rubashov - estaria mais de acordo com nossas ideias contar a verdade ao povo, em vez de povoar o mundo com sabotadores e demonios.

- Se alguém dissesse ao pessoal do meu vilarejo - disse Gletkin - que eles ainda eram lentos e atrasados apesar da Revolução e das fábricas, isso não causaria o menor efeito. Já se lhes dizem que são verdadeiros heróis do trabalho, mais eficientes que os americanos, e que todo mal provém única e exclusivamente dos demônios e dos sabotadores, isso pelo menos produz *algum* efeito. Verdade é tudo aquilo que é útil à humanidade, e mentira, o que lhe é prejudicial. No resumo da História editado pelo Partido para as aulas noturnas para adultos, enfatiza-se que durante os primeiros séculos a religião cristã promoveu um avanço objetivo para a humanidade. Se Jesus falava a verdade ou não quando

afirmava ser o filho de Deus e de uma virgem, não interessa a qualquer pessoa sensata. Trata-se de simbolismo; mas os camponeses entendem tudo literalmente. Nós temos o mesmo direito de criar símbolos úteis que os camponeses entendam literalmente.

- Seu raciocínio - disse Rubashov - às vezes me remete ao de Ivanov.

- O cidadão Ivanov - disse Gletkin - pertencia, tal como você, à velha *intelligentsia*; conversando com ele, podia-se extrair um pouco daquele conhecimento histórico de que se carece em função de uma escolarização insuficiente. A diferença é que eu procuro usar esse conhecimento a serviço do Partido; já o cidadão Ivanov era um cínico.

- Era?!... - perguntou Rubashov, tirando o *pince-nez*.

- O cidadão Ivanov - disse Gletkin, com os olhos inexpressivos cravados em Rubashov - foi executado ontem à noite, obedecendo a uma decisão de ordem administrativa.

Após essa conversa, Gletkin deixou que Rubashov dormisse durante duas horas completas. No retorno à sua cela, Rubashov se perguntava por que a notícia da morte de Ivanov não lhe causara uma impressão muito mais profunda. Só conseguira fazer desaparecer o efeito animador de sua pequena vitória, deixando-o novamente cansado e sonolento. Aparentemente chegara a um estágio que bloqueava qualquer emoção mais profunda. De todo modo, antes mesmo de saber da morte de Ivanov, já sentia vergonha daquela sensação triunfante. A personalidade de Gletkin ganhara tanta força sobre ele que até seus triunfos tinham virado derrotas. Sentava-se ali, maciço e inexpressivo, como a encarnação brutal do Estado que devia a própria existência à de Rubashovs e Ivanovs. Carne de suas carnes; crescera sozinha e se tornara insensível. Gletkin não se mostrava agradecido por ser o herdeiro espiritual de Ivanov e da velha *intelligentsia*? Rubashov repetia para si mesmo pela enésima vez que Gletkin e os

novos neandertais estavam apenas completando a obra da geração das cabeças numeradas. O fato de a mesma doutrina ter se tornado tão desumana em suas bocas devia-se a razões, digamos, meramente climáticas. Quando Ivanov recorria aos mesmos argumentos, sua voz tinha uma tonalidade ainda proveniente do passado, da celebração de um mundo que desaparecera. Pode-se negar a infância, mas nunca apagá-la. Ivanov carregara consigo o passado até o fim; era isso que emprestava a tudo que dizia aquele toque de melancolia frívola; e era por isso que Gletkin o chamava de cínico. Os Gletkins nada têm a apagar; não precisam negar seu passado, porque não o têm. Nasceram sem cordão umbilical, sem frivolidade, sem melancolia.

## 5.

Fragmento do diário de N. S. Rubashov

*... com que direito nós que estamos saindo de cena olhamos com ar de tamanha superioridade para os Gletkins? Os macacos devem ter morrido de rir quando o Homem de Neandertal surgiu na Terra. Altamente civilizados, pulavam graciosamente de galho em galho; já o neandertal era bronco e preso ao solo. Os macacos, saciados e pacíficos, viviam em estado de sofisticada alegria, quando não estavam catando pulgas em contemplação filosófica. Os neandertais saíram melancolicamente pelo mundo com seus porretes, esmagando e espancando tudo. Do alto das árvores, os macacos olhavam para baixo rindo-se deles e atirando-lhes nozes. Às vezes eram tomados de horror: enquanto comiam frutas e plantas macias com delicado refinamento, o neandertal devorava carne crua, abatia animais e os próprios semelhantes. Derrubava árvores que estavam de pé desde sempre, movia pedras dos lugares que o tempo consagrara, transgredia todas as leis e tradições da selva. Era tosco, cruel, sem dignidade animal - do ponto de vista dos macacos altamente desenvolvidos, um bárbaro passo para trás na História. Os últimos chimpanzés sobreviventes ainda torcem o nariz quando avistam um ser humano...*

## 6.

Passados cinco ou seis dias ocorreu um incidente: Rubashov desmaiou durante o interrogatório. Tinham acabado de chegar ao ponto conclusivo da acusação: a questão do motivo das ações de Rubashov. A acusação definia-o simplesmente como “mentalidade contrarrevolucionária”, e mencionava de passagem, como se fosse algo evidente por si só, que o réu estivera a serviço de uma potência estrangeira hostil. Rubashov travou sua última batalha contra essa alegação. A discussão se estendeu da aurora até meados da manhã, quando, num momento particularmente desinteressante, ele foi escorregando de lado na cadeira e caiu deitado no chão.

Quando voltou a si, minutos depois, viu debruçado sobre ele a pequena cabeça do médico coberto por uma leve penugem, que lhe esfregava as têmporas com água tirada de uma garrafa. Rubashov sentiu o hálito do médico, com cheiro de hortelã e pão engordurado, e ficou enjoado. O doutor advertiu, com voz estridente, que Rubashov deveria tomar um pouco de ar fresco. Gletkin, que observava a cena com olhos inexpressivos, pegou o telefone e ordenou a limpeza do tapete; em seguida permitiu que Rubashov fosse conduzido de volta à cela. Minutos depois, ele era levado pelo velho carcereiro para se exercitar no pátio.

Nos primeiros minutos, Rubashov ficou como que intoxicado pelo ar fresco cortante. Descobriu que tinha pulmões que se embebiavam de oxigênio da mesma maneira que o palato reconhecia uma bebida doce e refrescante. O sol brilhava tênue e claro; eram somente onze da manhã – a hora que ele costumava ser levado para caminhar fazia um tempo incalculável, antes que tivesse início essa sequência longa e obscura de dias e noites. Como fora tolo a ponto de não apreciar essa bênção. Por que não se podia

simplesmente viver e respirar e caminhar pela neve sentindo o brando calor do sol no rosto? Ver-se livre do pesadelo da sala de Gletkin, do brilho ofuscante da lâmpada, de toda aquela *mise-en-scène* fantasmagórica - e viver como qualquer outra pessoa?

Como era a hora em que normalmente se exercitava, coube-lhe mais uma vez como companheiro de caminhada pelo pátio o camponês magro de sapatos trançados. Ele olhou de esguelha enquanto Rubashov caminhava a seu lado com passos ligeiramente cambaleantes, pigarreou uma ou duas vezes e disse por fim, sempre de olho nos guardas:

- Há muito que não o vejo, Excelência. Parece doente, como se não fosse durar muito tempo... Dizem que vai haver guerra.

Rubashov permaneceu calado. Resistia à tentação de pegar um pouco de neve na mão e fazer uma bola. O círculo se movia lentamente em torno do pátio. Vinte passos à frente a dupla seguinte ia batendo os pés em meio a bancos baixos de neve - dois homens mais ou menos da mesma altura, de casacos cinzentos, com pequenas nuvens de vapor lhes saindo das bocas.

- Logo será tempo de semear - disse o camponês. - Depois que a neve derreter, as ovelhas irão para as montanhas. Elas levam três dias para chegar ao alto. Antes, todos os vilarejos da região mandavam suas ovelhas para lá no mesmo dia. A jornada começava quando o sol aparecia, era ovelha para todo lado, em todas as trilhas e pelos campos, o vilarejo inteiro acompanhava os rebanhos no primeiro dia. Talvez o senhor nunca tenha visto na vida tantas ovelhas juntas, Excelência, e tantos cachorros, tanta poeira, tantos latidos e tantos balidos... Minha Nossa Senhora, que alegria que era...

Rubashov mantinha o rosto erguido para o sol; o sol ainda estava fraco, mas já conferia à atmosfera uma suavidade tépida. Olhou os pássaros que brincavam de

planar e ziguezaguear, muito acima da torre da metralhadora. A voz lamentosa do camponês prosseguia:

- Um dia como o de hoje, quando a gente sente no ar o cheiro da neve derretendo, me deixa assim. Nenhum de nós vai durar muito tempo, Excelência. Eles nos esmagaram porque somos reacionários, e porque os velhos tempos em que fomos felizes não devem mais voltar...

- Você era realmente tão feliz assim naquele tempo? - perguntou Rubashov; mas o camponês apenas murmurou algo ininteligível, enquanto seu pomo de adão subia e descia várias vezes na garganta. Rubashov o observou de perfil; após algum tempo disse:

- Lembra-se de uma passagem da Bíblia quando as tribos no deserto começam a bradar: Escolhamos um líder e retornemos aos antros de perdição do Egito?

O camponês balançou a cabeça num gesto nervoso e incompreensível... Em seguida os dois foram levados de volta ao prédio.

O efeito do ar fresco desapareceu, voltaram a sonolência pesada, a tontura e a sensação de náusea. Antes de entrar, Rubashov se abaixou, pegou um punhado de neve e a esfregou na testa e nos olhos em brasa.

Não foi conduzido à cela como esperava, mas sim direto à sala de Gletkin. Gletkin estava sentado à mesa, na mesma posição em que Rubashov o deixara - quanto tempo atrás? Parecia que não tinha se mexido durante a ausência de Rubashov. As cortinas estavam fechadas, a lâmpada acesa; o tempo estagnara naquela sala, como numa poça de água parada. Sentado novamente do lado oposto a Gletkin, Rubashov teve o olhar atraído por uma mancha úmida no tapete. Lembrou-se do seu enjoo. Então era isso, afinal, só fazia uma hora que havia saído da sala.

- Imagino que agora esteja se sentindo melhor - disse Gletkin. - Interrompemos na questão conclusiva do motivo das suas atividades contrarrevolucionárias...

Gletkin olhou levemente surpreso para a mão direita de Rubashov, que descansava sobre o braço da cadeira e ainda apertava entre os dedos um pequeno torrão de neve. Rubashov seguiu seu olhar; sorriu e ergueu a mão para a lâmpada. Ambos tinham os olhos fixos naquele bocadinho de neve que se derretia na mão de Rubashov ao calor da lâmpada.

- A pergunta sobre o motivo é o último item - disse Gletkin. - Depois que você o assinar, teremos encerrado os nossos contatos.

A lâmpada irradiava uma luz mais penetrante do que há muito não acontecia. Rubashov se viu forçado a piscar o olho.

- ...E aí você poderá descansar - disse Gletkin.

Rubashov passou a mão nas têmporas, mas a frialdade da neve se fora. A palavra "descansar", com a qual Gletkin terminara a frase, permanecia suspensa no silêncio. Descansar e dormir. Escolhamos um líder e retornemos às terras do Egito... Piscou repetidamente para Gletkin através do *pince-nez*.

- Você conhece tanto quanto eu os meus motivos - disse.

- Sabe que não agi por uma "mentalidade contrarrevolucionária", nem estava a serviço de uma potência estrangeira. O que eu pensei e o que eu fiz, fiz e pensei segundo minhas próprias convicções e minha consciência.

Gletkin havia tirado da gaveta um dossiê. Deu uma folheada, se deteve numa página e a leu com sua voz monótona:

- "...Para nós, a questão da boa fé subjetiva é irrelevante. Quem errou deve pagar; quem está certo será absolvido. Esta é a nossa lei..." Você escreveu isso em seu diário pouco antes de ser preso.

Rubashov sentiu o tremeluzir familiar da luz por baixo das pálpebras. Na boca de Gletkin a frase que ele havia pensado e escrito adquiria uma sonoridade peculiarmente

nua - como se uma confissão, feita apenas a um sacerdote anônimo, tivesse sido registrada numa gravação fonográfica, que agora a reproduzia numa voz rachada.

Gletkin selecionou outra página do dossiê, mas leu só uma frase dela, sem desviar o olhar inexpressivo de Rubashov:

- “Honra é: servir sem vaidade, e até as últimas consequências”.

Rubashov tentou sustentar o olhar de Gletkin.

- Não vejo - disse ele - como pode servir ao Partido o fato de seus membros precisarem rastejar na poeira perante o mundo inteiro. Eu assinei tudo que você quis que eu assinasse; declarei-me culpado de ter seguido uma política equivocada e objetivamente perniciosa. Isso não basta para você?

Pôs o *pince-nez*, piscou desesperadamente para a lâmpada e concluiu, com voz cansada e rouca:

- Afinal, o nome N. S. Rubashov é por si só parte da história do Partido. Ao arrastá-lo na sujeira, você está manchando a história da Revolução.

Gletkin olhou por cima do dossiê.

- Isso eu posso responder com uma citação tirada dos seus próprios textos. Você escreveu que é preciso “incutir cada frase nas massas pela repetição e simplificação. O que é apresentado como certo deve brilhar feito ouro, o que se apresenta como errado deve ser negro que nem piche; declarações políticas têm que ser coloridas como alfenins numa feira”.

Rubashov se calou. Em seguida disse:

- Então é esse o seu objetivo: que eu interprete o papel de Diabo no seu teatrinho de marionetes - uivar, ranger os dentes, mostrar a língua - e, ainda por cima, por livre e espontânea vontade. Danton e seus amigos foram poupados disso, pelo menos...

Gletkin fechou o dossiê, se acomodou na cadeira e ajeitou os punhos.

- Seu testemunho no julgamento poderá ser seu último serviço ao Partido.

Rubashov não respondeu. Manteve os olhos fechados e relaxou sob os raios de luz da lâmpada como quem dorme ao sol de cansado; mas não havia como escapar à voz de Gletkin.

- O seu Danton e a Convenção - disse a voz - não passam de uma exibição de heroísmo em comparação ao que está em jogo aqui. Eu li muito a respeito: uns homens de peruca, com a cara toda empoadada, declamando coisas sobre honra pessoal. Para eles, só importava morrer com um gesto nobre, independentemente se esse gesto fazia o bem ou o mal.

Rubashov não disse nada. Havia um zumbido e um zunido em seus ouvidos; a voz de Gletkin vinha do alto, de todos os lados, e martelava impiedosamente seu crânio dolorido.

- Você sabe o que está em jogo aqui - prosseguiu Gletkin. - Pela primeira vez na História, uma revolução não só conquistou o poder, como o manteve. Nós transformamos este país num bastião da nova era. Cobre um sexto do mundo e concentra um décimo da população mundial.

Agora a voz vinha detrás. Gletkin se levantara e caminhava para lá e para cá pela sala. Era a primeira vez que isso acontecia. Suas botas rangiam a cada passada, seu uniforme engomado estalava, e o cheiro azedo de suor e couro se acentuou.

- Quando a Revolução teve êxito em nosso país, acreditamos que o mesmo se daria no resto do mundo. Em vez disso, veio uma onda reacionária que ameaçou nos afogar. Havia duas correntes no Partido: uma era composta de aventureiros, que queriam arriscar o que havíamos conquistado para promover a revolução lá fora. Você entre eles. Nós percebemos que essa corrente era perigosa, e acabamos com ela.

Rubashov queria levantar a cabeça e dizer alguma coisa. Os passos de Gletkin ressoavam em seu crânio. Estava muito cansado. Recostou-se de novo à cadeira e manteve os olhos fechados.

- O líder do Partido - continuou Gletkin - teve perspicácia e tenacidade. Percebeu que tudo dependia de sobreviver àquela fase de reação mundial e defender o bastião. Percebeu que pode levar dez, vinte, talvez cinquenta anos, até o mundo estar maduro para uma nova onda revolucionária. Até lá ficamos isolados. Até lá temos uma só missão: não sucumbir.

Uma frase acorreu vagamente à memória de Rubashov: "O dever do Revolucionário é preservar a própria vida". Quem disse isso? Ele próprio? Ivanov? Foi em nome desse princípio que ele havia sacrificado Arlova. E aonde isso o tinha levado?

- ...Não sucumbir - soou a voz de Gletkin. - O baluarte precisa ser protegido, a qualquer preço e com qualquer sacrifício. O líder do Partido reconheceu esse princípio com uma clareza sem par, e o aplicou de maneira coerente. A política da Internacional precisava se subordinar à nossa política nacional. Quem não entendesse tal necessidade tinha que ser destruído. Grupos inteiros dos nossos melhores quadros na Europa tiveram que ser fisicamente eliminados. Não vacilamos em esmagar nossas próprias organizações no exterior quando os interesses do Bastião assim o exigiam. Não vacilamos em cooperar com a polícia de países reacionários para pôr fim a movimentos revolucionários que vinham em momento errado. Não vacilamos em trair nossos amigos e em fazer alianças com nossos inimigos, para preservar o Bastião. Essa era a tarefa que a História nos dera, a nós, representantes da primeira revolução vitoriosa. Os míopes, os estetas, os moralistas não entenderam. Mas o líder entendeu que tudo dependia de uma coisa: ser o melhor defensor da Revolução.

Gletkin interrompeu a perambulação pela sala e se deteve atrás da cadeira de Rubashov. A cicatriz no crânio raspado brilhava de suor. Ele ofegava, enxugava o crânio com o lenço, e parecia constrangido por ter quebrado seu habitual comportamento reservado. Sentou-se novamente atrás da mesa e ajeitou os punhos. Reduziu um pouco a luz e continuou com a voz inexpressiva de costume:

- A linha do Partido foi claramente definida. E a tática determinada pelo princípio de que os fins justificam os meios - todos os meios, sem exceção. E é à luz desse princípio que o Promotor Público pedirá sua cabeça, cidadão Rubashov.

- Sua facção, cidadão Rubashov, foi derrotada e destruída. Você quis dividir o Partido, embora certamente soubesse que todo racha interno significava guerra civil. Você sabe da insatisfação do campesinato, que ainda não aprendeu a entender o sentido dos sacrifícios impostos a ele. Numa guerra que pode estar a apenas poucos meses de acontecer, essas correntes podem levar a uma catástrofe. Daí a imperiosa necessidade de o Partido estar unido. Ele deve ser como um molde - preenchido com disciplina cega e total confiança. Você e seus amigos, cidadão Rubashov, provocaram um rasgo no Partido. Se estão de fato arrependidos, devem nos auxiliar a fechar esse rasgo. Como eu já lhe disse, este é o último serviço que o Partido lhes pedirá.

- Sua tarefa é simples. Você mesmo a definiu: dourar o Certo, pintar de preto o Errado. A política da oposição é errada. Sua tarefa, pois, é tornar a oposição desprezível; fazer com que as massas compreendam que oposição é crime e que os líderes da oposição são criminosos. Essa é a linguagem que as massas entendem. Se começarmos a falar de motivações complexas, só criaremos confusão entre elas. Sua tarefa, cidadão Rubashov, é impedir o despertar da simpatia e da pena. Simpatia e pena pela oposição constituem um grave risco para o nosso país.

- Camarada Rubashov, espero que tenha entendido a tarefa de que o Partido o incumbiu.

Era a primeira vez desde que os dois se conheceram que Gletkin chamava Rubashov de “Camarada”. Rubashov ergueu a cabeça rapidamente. Sentia crescer dentro dele uma onda de calor da qual não tinha como se defender. Seu queixo tremeu levemente enquanto punha o *pince-nez*.

- Entendi.

- Convém observar - Gletkin prosseguiu - que o Partido não lhe está acenando com qualquer perspectiva de recompensa. Alguns acusados foram “amaciados” por meio de pressão física. Outros, pela promessa de salvar suas cabeças - ou as cabeças de parentes que haviam caído em nossas mãos como reféns. A você, camarada Rubashov, não propomos negociar nada nem prometemos nada.

- Entendi - repetiu Rubashov.

Gletkin olhou para o dossiê.

- Há uma passagem no seu diário que me impressionou - disse. - Você escreveu: “Pensei e agi como devia [...]; se estava certo, não tenho do que me arrepender; se errei, vou pagar.”

Levantando os olhos do dossiê, Gletkin olhou bem no rosto de Rubashov:

- Você estava errado, e vai pagar, camarada Rubashov. O Partido só promete uma coisa: depois da vitória, quando já não puder causar mais nenhum dano, o material dos arquivos secretos será tornado público. Aí então o mundo saberá o que havia nos bastidores desse teatrinho de marionetes - como você o chamou - que tivemos que encenar conforme o manual da História...

Gletkin hesitou por alguns segundos, ajeitou os punhos e concluiu meio desajeitadamente, com a cicatriz no crânio ainda mais vermelha:

- E então você, e alguns dos seus amigos da velha guarda, terão a simpatia e a pena que hoje lhes são negadas.

Enquanto falava, Gletkin empurrou a declaração já pronta e preparada em direção a Rubashov, juntamente com a caneta tinteiro. Rubashov se levantou e disse com um sorriso forçado:

- Sempre me perguntei como seria o dia em que os Neandertais se tornariam sentimentais. Agora eu sei.

- Não entendi - disse Gletkin, que também se levantara.

Rubashov assinou a declaração, na qual confessava ter cometido seus crimes por motivos contrarrevolucionários e a serviço de uma potência estrangeira. Quando ergueu a cabeça, seu olhar recaiu sobre o retrato do Nº 1 pendurado na parede, e mais uma vez reconheceu a expressão de ironia com a qual anos atrás o líder se despedira dele - aquele cinismo melancólico que fitava a humanidade do alto de um retrato onipresente.

- Não importa se você não entende - disse Rubashov. - Há coisas que somente essa geração mais velha, os Ivanovs, Rubashovs, Kieffers entendiam. No entanto, agora isso acabou.

- Darei ordens para que você não seja incomodado até o julgamento - disse Gletkin após uma breve pausa, de novo ereto e preciso. O sorriso de Rubashov o deixou irritado.

- Tem algum outro pedido especial?

- Dormir - disse Rubashov. Diante da porta aberta ele parou; baixo, velho e insignificante, de barba e *pince-nez*, ao lado do gigante carcereiro.

- Darei ordens para que ninguém perturbe seu sono - disse Gletkin.

Quando a porta se fechou às costas de Rubashov, Gletkin voltou à sua mesa. Durante alguns segundos permaneceu sentado, quieto. Em seguida ligou para a secretária.

Ela se instalou no lugar costumeiro, em seu canto.

- Felicito-o pelo êxito, camarada Gletkin - disse.

Gletkin reduziu a lâmpada à intensidade normal.

- Isso - disse ele, olhando para a lâmpada -, mais falta de sono e exaustão física. É tudo uma questão de constituição física.

---

6 A dança de São Vito é uma das maiores manifestações clínicas da febre reumática. O paciente geralmente apresenta movimentos rápidos, involuntários e esporádicos que diminuem drasticamente durante o sono. (N.R.)

# A FICÇÃO GRAMATICAL

# 1.

*“Não nos mostre a meta sem o caminho. / Pois fins e meios misturam-se tanto na terra / Que ao se mudar uns, mudam-se os outros; / Cada nova trilha um novo fim descerra.”*

FERDINAND LASSALLE, *Franz von Sickingen*

- “Perguntado se se declarava culpado, o acusado Rubashov respondeu ‘Sim’ em voz clara. À pergunta seguinte do Promotor Público, sobre se agira como agente da contrarrevolução, o acusado novamente respondeu ‘Sim’ em voz mais baixa...”

A filha do porteiro Vasily lia bem devagar, quase sílaba por sílaba. Abria o jornal em cima da mesa e seguia as linhas com o dedo; de vez em quando alisava o lenço do cabelo.

- “...Perguntado se queria um advogado de defesa, o acusado respondeu que abdicava desse direito. A corte então procedeu à leitura da acusação...”

O porteiro Vasily estava deitado na cama com o rosto para a parede. Vera Vasilyovna nunca sabia muito bem se o pai escutava o que ela lia ou se dormia. Às vezes ele murmurava alguma coisa. Vera aprendera a não dar atenção a isso, e criara o hábito de ler o jornal em voz alta todas as noites, “por razões educacionais” - mesmo quando, após o trabalho na fábrica, tivesse que ir a alguma reunião de sua célula e voltasse tarde para casa.

- “...Conforme definido na Acusação, a culpa do acusado Rubashov resta demonstrada em todos os pontos constantes dos autos, por prova documental e por sua

própria confissão durante as investigações preliminares. Em resposta à pergunta do Presidente do Tribunal sobre se tinha alguma queixa a fazer contra a condução das investigações preliminares, o acusado respondeu negativamente, e acrescentou ter feito a confissão por livre e espontânea vontade, sinceramente arrependido de seus crimes contrarrevolucionários...”

O porteiro Vasily não se mexia. Em cima da cama, bem sobre sua cabeça, estava pendurado o retrato do Nº 1. Ao lado dele, um prego enferrujado despontava na parede: até pouco tempo a foto de Rubashov como comandante do movimento de resistência estivera pendurado nele. A mão de Vasily buscou automaticamente o buraco no colchão onde costumava esconder da filha sua Bíblia ensebada; porém, pouco depois da prisão de Rubashov, Vera a descobrira e a jogara fora, por razões educacionais.

- “...A pedido do Promotor, o acusado Rubashov passou então a descrever sua evolução de oponente da linha do Partido a um contrarrevolucionário e traidor da Pátria. Na presença de um auditório tenso, o acusado começou a declaração da seguinte maneira: ‘Cidadãos magistrados, explicarei o que me levou a capitular perante o juiz de instrução e perante Vossas Excelências, representantes da Justiça em nosso país. Minha história revelará como o menor desvio da linha partidária redundava inevitavelmente em banditismo contrarrevolucionário. O resultado necessário da nossa luta oposicionista foi que fomos sendo cada vez mais puxados para baixo, para o lodaçal. Descreverei minha queda, que pode servir de alerta aqueles que, nessa hora decisiva ainda vacilam, e escondem dúvidas quanto à liderança do Partido e à correção de sua linha. Coberto de vergonha, arrastando-me no pó, perto de morrer, descreverei aos senhores a triste trajetória de um traidor, e que ela possa servir de lição e exemplo terrificante aos milhões de habitantes do nosso país...”

O porteiro Vasily virou a cabeça na cama, apertando o rosto de encontro ao colchão. Ante seus olhos estava a imagem do barbudo comandante Rubashov, que, por pior que fosse a confusão, sabia jurar de modo tão convincente que era uma alegria para Deus e os homens. "...arrastando-me no pó, perto de morrer...", gemeu Vasily. A Bíblia se fora, mas ele sabia de cor muitas de suas passagens.

- "...Neste ponto o Promotor Público interrompeu o relato do acusado para fazer algumas perguntas referentes ao destino da ex-secretária de Rubashov, a cidadã Arlova, que fora executada sob acusação de atividades de traição. Das respostas do acusado Rubashov, revela-se que este, à época premido pela postura vigilante do Partido, transferiu a responsabilidade por seus crimes a Arlova, de modo a salvar a pele e poder continuar desempenhando suas ações infames. N. S. Rubashov confessa esse crime monstruoso com o mais absoluto cinismo e despudor. Ao comentário do cidadão Promotor - 'Aparentemente o senhor não possui qualquer senso moral', o acusado responde com um sorriso sarcástico: 'Aparentemente.' Seu comportamento provocou na audiência repetidas e espontâneas demonstrações de ira e desprezo, que foram, contudo, rapidamente coibidas pelo cidadão Presidente do Tribunal. Numa ocasião, tais expressões do senso de justiça revolucionário deram lugar a uma série de gargalhadas - em especial quando o acusado interrompeu a descrição dos seus crimes com um pedido para que os procedimentos fossem suspensos uma vez que estava sofrendo de 'insuportáveis dores de dente'. O correto procedimento da justiça revolucionária manda que o Presidente assegure imediatamente esse tipo de pleito e, com um encolher desdenhoso de ombros, dê ordem para que a sessão seja interrompida por cinco minutos."

O porteiro Vasily deitou-se de costas pensando na época em que Rubashov era conduzido em triunfo nas reuniões, após ser resgatado dos estrangeiros; e em como ficava apoiado nas muletas, no alto do palanque, debaixo das

bandeiras e ornamentações vermelhas e, sorrindo, esfregava os óculos na manga, enquanto os gritos e saudações não cessavam.

- *“E os soldados levaram-no para o recinto conhecido como Praetorium; onde reuniram todo o bando. E o vestiram de púrpura e bateram em sua cabeça com uma vara e cuspiram nele; e de joelhos o adoraram.”*

- O que é que você está aí resmungando? - perguntou a filha.

- Deixa pra lá - respondeu o velho Vasily, virando-se para a parede. Enfiou as duas mãos no buraco do colchão, mas ele estava vazio. O prego sobre sua cabeça também estava vazio. Quando a filha tirou da parede o retrato de Rubashov e o jogou na lata de lixo, ele não protestou - já estava muito velho para passar pelo vexame de ir para a prisão.

A filha havia interrompido a leitura e posto o fogareirinho Primus em cima da mesa para preparar o chá. Um forte cheiro de querosene se espalhou pela casa do porteiro.

- Você ouviu o que eu estava lendo? - a filha quis saber.

Vasily obedientemente voltou a cabeça para ela.

- Ouvi tudo - disse.

- Então agora você vê - disse Vera Vasilyovna, bombeando querosene para dentro do equipamento sibilante -, ele mesmo é quem diz que é um traidor. Se não fosse verdade, não faria isso. Na reunião da nossa fábrica, nós já tiramos uma resolução que todo mundo tem que assinar.

- Disso você entende muito - suspirou Vasily.

Vera Vasilyovna dirigiu ao pai uma rápida olhadela cujo efeito foi fazer com que ele virasse novamente a cabeça para a parede. Toda vez que ela lhe lançava aquele olhar especial, Vasily se lembrava de que estava no caminho da filha, que queria a casinha do porteiro para ela. Três semanas antes, Vera e um mecânico novato da fábrica haviam inscrito seus nomes no registro de casamentos, mas o casal não tinha onde morar; o rapaz dividia um quarto

com dois colegas e atualmente passavam-se às vezes muitos e muitos anos para se conseguir um apartamentinho pelo fundo habitacional.

O Primus finalmente foi aceso. Vera Vasilyovna trouxe a chaleira.

- O secretário da célula leu para nós a resolução. Está escrito que nós exigimos que os traidores sejam impiedosamente exterminados. Quem quer que demonstre misericórdia por eles deve também ser considerado traidor e denunciado - explicou ela num tom de voz deliberadamente franco e direto.

- Os trabalhadores precisam tomar cuidado. Cada um de nós recebeu uma cópia, para colher assinaturas favoráveis à resolução.

Vera Vasilyovna tirou da blusa uma folha de papel meio amassada e a alisou em cima da mesa. Vasily agora estava deitado de costas; o prego enferrujado despontava da parede bem sobre sua cabeça. Ele passou os olhos no papel, que ficara ao lado do fogareiro, e virou a cabeça rapidamente.

*“E Ele disse: eu te digo, Pedro, que o galo hoje não há de cantar antes que tu me renegues três vezes...”*

A água na chaleira começou a ferver. O velho Vasily fez uma expressão matreira:

- Quem esteve na Guerra Civil também tem que assinar?

A filha se inclinou sobre a chaleira, com seu lenço de cabeça florido.

- Ninguém é obrigado - disse ela com o mesmo olhar de antes. - Claro que todo mundo na fábrica sabe que ele morou aqui nessa casa. O secretário da célula até me perguntou depois da reunião se vocês foram amigos até o fim, e se costumavam conversar muito.

O velho Vasily se sentou no colchão de um salto. O esforço o fez tossir, e as veias do seu pescoço magro e escrofuloso incharam.

A filha pôs dois copos na beirada da mesa e distribuiu por cada um deles um pouco de chá em grãos de um saco de papel.

- O que é que você tanto resmunga novamente?

- Dá aqui esse maldito papel - disse o velho Vasily.

A filha lhe entregou a folha.

- Preciso ler, para que você saiba bem o que está assinando?

- Não - disse o velho, escrevendo seu nome nele. - Não quero saber. E agora me dá meu chá...

A filha lhe entregou um copo. Os lábios de Vasily se moviam; ele resmungava alguma coisa baixinho enquanto bebia o líquido amarelo ralo em sorvos curtos.

Depois de beberem o chá, a filha continuou lendo o jornal. O julgamento dos acusados Rubashov e Kieffer estava chegando ao fim. O debate sobre a acusação de assassinato premeditado do líder do Partido gerara tempestades de indignação na plateia; gritos de "Fuzilem os cães raivosos" eram ouvidos com frequência. À pergunta final do Promotor Público, sobre o motivo de suas ações, o acusado, Rubashov, que parecia abatido, respondeu com voz cansada e arrastada:

- Só posso dizer que nós, da oposição, tendo por objetivo criminoso eliminar o governo da Pátria da Revolução, empregamos métodos que pareceram adequados ao nosso propósito, e que se mostraram baixos e vis como o próprio propósito.

Vera Vasilyovna empurrou a cadeira para trás.

- Isso é nojento - disse. - É de dar engulhos a maneira como ele rasteja no chão!

Ela pôs de lado o jornal e começou a limpar ruidosamente o fogareiro e os copos. Vasily a observava. O chá quente o enchera de coragem. Sentou-se na cama.

- Não vá achando que entende. Deus sabe o que se passava na cabeça dele quando falou isso. O Partido ensina vocês todos a ser espertos, e quem fica esperto demais

acaba perdendo a decência. Não é bom dar de ombros – prosseguiu ele, zangado. – O mundo chegou a tal ponto que esperteza e decência estão em lados opostos, e quem toma partido de uma deve necessariamente ficar sem a outra. Não é bom para ninguém ficar explicando demais as coisas. É por isso que está escrito: “Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.”

O velho se deixou afundar de novo no colchão e virou a cabeça de lado, para não ver a cara que a filha ia fazer. Há muito tempo que ele não a contradizia tão corajosamente. Qualquer coisa poderia resultar daí, depois que Vera metera na cabeça a ideia de ficar com a casinha dele para ela e o marido. Afinal, era preciso ser esperto nessa vida – ou então podia acabar na prisão numa idade avançada ou ter que dormir debaixo de uma ponte no frio. Era desse jeito: a pessoa agia com esperteza ou com decência: as duas coisas juntas não combinavam.

– Agora vou ler o final – anunciou a filha.

O Promotor Público terminara de interrogar Rubashov. Na sequência, o acusado Kieffer foi mais uma vez interrogado; e repetiu as declarações anteriores sobre a tentativa de assassinato com todos os detalhes... “Perguntado pelo Presidente se desejava saber alguma coisa de Kieffer, que seria autorizado a responder, o acusado Rubashov declarou que abdicava desse direito. Com isso se encerrou a audiência de provas e o Tribunal fez um recesso. Após a reabertura da sessão, o cidadão Promotor Público dá início às suas alegações finais...”

O velho Vasily não estava ouvindo a fala do Promotor. Virara-se para a parede para dormir. Mais tarde, não soube quanto tempo tinha dormido, quantas vezes a filha havia abastecido o lampião com querosene, nem quantas vezes seu dedo indicador chegara ao fim de uma página e começara uma nova coluna. Só acordou quando o Promotor Público, nas alegações finais, pedia a sentença de morte. Talvez Vera tivesse alterado o tom da voz, talvez tivesse

feito uma pausa; seja como for, Vasily estava novamente acordado quando a filha chegou à frase final do Promotor Público, impressa em negrito:

**“Requeiro que todos esses cães raivosos sejam executados.”**

Em seguida os acusados tiveram permissão para dizer suas últimas palavras.

- “...O acusado Kieffer se voltou para os juízes e implorou que, em consideração à sua juventude, lhe poupassem a vida. Admitiu mais uma vez a baixeza de seu crime e tentou atribuir toda a responsabilidade a quem o havia instigado, Rubashov. Ao fazê-lo, começou a gaguejar nervosamente, provocando gargalhadas dos espectadores, que foram, porém, prontamente reprimidas pelo cidadão Presidente. Depois foi a vez de Rubashov falar...”

Aqui o repórter descreveu vividamente como o acusado Rubashov “examinou a plateia com olhos ansiosos e, sem encontrar um só rosto que lhe fosse simpático, baixou a cabeça desesperançado.”

A fala final de Rubashov foi curta, e só ratificou a desagradável impressão que seu comportamento no tribunal já havia deixado.

- “Cidadão Presidente - declarou o acusado Rubashov. - Falo aqui pela última vez na vida. A oposição está derrotada e destruída. Se hoje me pergunto: ‘Por que estou morrendo?’, deparo-me com o nada absoluto. Não existe nada por que alguém possa morrer, se ele morre sem ter se arrependido e se reconciliado com o Partido e o Movimento. Portanto, no limiar da minha última hora, ajoelho-me perante o país, as massas e todo o povo. A farsa política, a pantomima de querelas e conspiração, tudo isso está encerrado. Estávamos politicamente mortos muito antes de o cidadão Promotor requerer nossas cabeças. Pobres dos derrotados, que o pó da História recobre. Tenho uma única justificativa a oferecer aos senhores, cidadãos Magistrados: não procurei tornar as coisas fáceis para mim mesmo. A

vaidade e os últimos vestígios de orgulho me aconselharam: morra em silêncio, não diga nada; ou morra com um gesto de nobreza, com um canto do cisne nos lábios; abra seu coração e desafie quem o acusa. Isso teria sido mais fácil para um velho revoltoso, mas eu venci a tentação. Com isso minha tarefa está concluída. Paguei; minhas contas com a História estão saldadas. Pedir clemência seria um escárnio. Nada mais tenho a dizer.”

- “...Após uma breve deliberação, o Presidente leu a sentença. O Conselho do Supremo Tribunal de Justiça Revolucionária condenou os acusados em cada caso à pena máxima: morte por fuzilamento e confisco de todos os bens pessoais.”

O velho Vasily olhou para o prego enferrujado sobre sua cabeça e murmurou: “Seja feita a vossa vontade. Amém”, e virou para a parede.

## 2.

Agora, então, estava tudo terminado. Rubashov sabia que antes da meia-noite teria deixado de existir.

Andava pela cela, para a qual havia retornado após o tumulto do tribunal; seis passos e meio até a janela, seis passos e meio de volta. Quando parou, em silêncio, escutando, sobre a terceira lajota a partir da janela, o silêncio entre as paredes caiadas o alcançou, como se vindo do fundo de um poço. Ainda não compreendia por que tudo ficara tão calmo, aqui dentro e lá fora. Mas sabia que agora nada poderia mais perturbar essa paz.

Fazendo uma retrospectiva, até conseguia se lembrar do momento em que essa bendita calma se abatera sobre ele. Foi no tribunal, antes de iniciar sua última fala. Achava que havia incinerado da consciência os últimos vestígios de egoísmo e vaidade; no entanto, quando seus olhos buscaram as fisionomias do público presente e só encontraram indiferença e escárnio, naquele momento Rubashov se deixou levar pela última vez pela fome de um osso de piedade; tremendo de frio, pretendia se aquecer com as próprias palavras. Assaltou-o a tentação de falar do seu passado, de erguer a voz apenas uma vez e desatar a trama em que Ivanov e Gletkin o haviam enredado, gritar como Danton para seus acusadores: “Vocês puseram as mãos na minha vida inteira. Que ela se erga e os desafie...”. Ah, como conhecia bem o discurso de Danton perante o Tribunal Revolucionário... Era capaz de repeti-lo palavra por palavra. Quando garoto, o havia decorado: “Vocês querem afogar a República em sangue. Por quanto tempo mais os passos da liberdade serão lápides? A tirania é iminente; já rompeu o véu, traz a cabeça erguida, pisoteia nossos cadáveres.”

As palavras lhe queimavam a língua. Mas a tentação só durou um instante; e quando começou a pronunciar seu discurso final, o sino do silêncio dobrou sobre ele. Rubashov reconhecia que era tarde demais.

Tarde demais para de novo recuar pelo mesmo caminho, caminhar mais uma vez nas sepulturas das próprias pegadas. Palavras não podiam desfazer coisa alguma.

Tarde demais para todos. Quando chegou a hora de fazer a última aparição para o mundo, nenhum deles foi capaz de transformar o banco dos réus em tribuna, nenhum deles conseguiu descerrar o véu da verdade para o mundo e reverter a acusação para seus juízes, como o fizera Danton.

Alguns foram silenciados pelo medo físico, como Lábio Leporino; outros tinham esperança de salvar a própria pele; outros, ainda, de salvar ao menos as mulheres ou os filhos das garras dos Gletkins. Os melhores mantiveram silêncio como forma de prestar um último serviço ao Partido, deixando-se sacrificar como bodes expiatórios - e, além disso, mesmo os melhores tinham cada qual uma Arlova na consciência. Estavam profundamente enredados no próprio passado, presos na teia que eles próprios haviam urdido, segundo as leis de sua própria ética distorcida, de sua própria lógica distorcida; eram todos culpados, embora não pelos atos de que se acusavam. Não havia caminho de volta para eles. A saída do palco se dava estritamente de acordo com as regras de seu estranho jogo. O público não esperava deles um canto de cisne. Tinham que agir segundo o manual, e a parte que lhes cabia era o uivo dos lobos na noite...

Agora, então, estava tudo terminado. Rubashov não tinha mais nada a ver com isso. Não tinha mais que uivar com os lobos. Pagara, sua conta estava saldada. Era um homem que perdera a sombra, liberto de todo e qualquer vínculo. Havia seguido cada pensamento até sua conclusão e agido de acordo com ele até o final; as horas que lhe restavam pertenciam àquela parceira silenciosa cujo

reinado começava exatamente onde terminava o pensamento lógico. Ele a havia batizado como “ficção gramatical” com o mesmo pudor em relação à primeira pessoa do singular que o Partido inculcava em seus discípulos.

Rubashov deteve-se junto à parede que o separava do 406. A cela estava vazia desde a partida de Rip Van Winkle. Tirou o *pince-nez*, olhou em torno furtivamente e bateu:

1-5; 4-5...

Escutou, sentindo uma espécie de vergonha infantil, e então bateu novamente:

1-5; 4-5...

Escutou, e repetiu mais uma vez a mesma sequência de sinais. A parede permaneceu muda. Ele ainda não havia batido a palavra “EU”. Provavelmente nunca o fizera. Escutou. Os sons morreram sem ressonância.

Continuou andando pela cela. Desde que o sino do silêncio dobrara sobre ele que vinha quebrando a cabeça com determinadas perguntas para as quais gostaria de encontrar resposta antes que fosse tarde demais. Perguntas bem singelas, que diziam respeito ao sentido de sofrer, ou, mais exatamente, à diferença entre sofrimento com sentido e sofrimento sem sentido. Obviamente apenas o sofrimento inevitável faz sentido, uma vez que tem raízes na fatalidade biológica. Por outro lado, todo sofrer com origem social é acidental, daí ser inútil e sem sentido. O único objetivo da revolução consistia em eliminar o sofrimento sem sentido. Mas o que se verificou foi que a abolição desse segundo tipo de sofrimento só foi possível ao preço de uma enorme elevação temporária na quantidade total do primeiro. Assim, a pergunta agora era: tal operação se justificava? Evidentemente que sim, falando-se em “humanidade” no abstrato; porém, aplicado ao “homem” no singular, à sequência em código 1-5; 4-5, ao ser humano real, de carne, sangue e pele, esse princípio tendia ao absurdo. Quando garoto, Rubashov acreditava que trabalhando para

o Partido encontraria uma resposta a todas as perguntas desse tipo. O trabalho se estendera por quarenta anos, e já no início ele havia se esquecido da pergunta em nome da qual embarcara nele. Agora os quarenta anos haviam se passado, e ele retornava à perplexidade original de criança. O Partido havia tirado tudo o que tinha para dar e não lhe dera a resposta. E tampouco o parceiro silencioso, cujo nome mágico ele tamborilara na parede da cela vazia. Estava surdo a perguntas diretas, por mais que fossem urgentes e desesperadas.

E, no entanto, havia formas de se aproximar dele. Às vezes reagia inesperadamente a uma melodia, ou à lembrança de uma melodia, ou às mãos postas da *Pietá*, ou a certas passagens da infância. Como se um diapásão houvesse sido acionado, haveria vibrações de respostas, e uma vez começadas, elas produziram um estado que os místicos chamavam de “êxtase” e os santos de “contemplação”; os maiores e mais sérios psicólogos modernos reconhecem a efetiva existência de tal estado e o denominam “sentimento oceânico”. E de fato a personalidade se dissolve como um grão de sal no mar; ao mesmo tempo, contudo, o mar infinito parece estar contido num único grão de sal. O grão não pode mais ser localizado no tempo e no espaço. É um estado em que o pensamento perde o rumo e passa a girar em círculo, como a agulha da bússola junto ao polo magnético, até que finalmente se descola do eixo e viaja livremente no espaço, como um fecho de luz na noite; e dá a impressão de que todos os pensamentos e todas as sensações, inclusive a dor e a própria alegria, são tão-somente linhas do espectro do mesmo fecho de luz, desintegrando-se no prisma da consciência.

Rubashov perambulava pela cela. Outrora teria se recusado, coberto de vergonha, a esse tipo de reflexão infantil. Hoje não se sentia envergonhado. Diante da morte, o metafísico se torna real. Parou à janela e encostou a testa

na vidraça. Sobre a torre de artilharia podia-se ver um pedacinho de azul. Era claro, e fazia com que ele se lembrasse daquele céu especialmente azul que via sobre a cabeça quando era garoto e se deitava na grama dos jardins da casa do pai, vendo os galhos do álamo balançando devagar contra o céu. Aparentemente mesmo uma só nesguinha de azul era suficiente para provocar o “sentimento oceânico”. Ele lera que, segundo as mais recentes descobertas da astrofísica, o volume do mundo era finito – apesar de o espaço não ter limites, ele se auto-continha, como a superfície de uma esfera. Nunca fora capaz de entender isso; mas agora sentia uma vontade urgente de entender. Também se lembrava de onde havia lido a respeito: durante sua primeira prisão na Alemanha, uns camaradas contrabandearam para sua cela uma página do órgão do Partido impresso clandestinamente; no alto havia três colunas sobre a greve numa fiação; no final de uma das colunas, como tapa-buracos, vinha impressa em letras miúdas a notícia da descoberta de que o universo era finito, mas lá pelo meio da matéria a página fora rasgada. Rubashov nunca descobriu o que havia naquele pedaço de papel que faltava.

Rubashov parou à janela e bateu na parede vazia com o *pince-nez*. Quando era garoto ele tivera realmente a pretensão de estudar astronomia, e agora havia quarenta anos que fazia outra coisa. Por que o Promotor Público não lhe perguntara: “E o que me diz do infinito, réu Rubashov?” Não teria sido capaz de responder – e contudo era ali, ali que se achava a verdadeira fonte da sua culpa... E podia haver outra maior?

Após ler a notícia no jornal, também sozinho na cela, com as juntas ainda inchadas da última sessão de tortura, ele caíra num estranho estado de exaltação – o “sentimento oceânico” o havia arrastado para longe... Mais tarde sentiu vergonha de si mesmo. O Partido desaprovava esse tipo de coisas, chamando-as de misticismo pequeno burguês,

refúgio na torre de marfim. Dizia também que isso era “fugir à missão” e “desertar da luta de classes”. O “sentimento oceânico” era contrarrevolucionário...

Na luta, convém ter ambas as pernas firmemente plantadas na terra. O Partido ensinava como fazer. Enquanto o infinito era uma *quantidade* politicamente suspeita, o “Eu” era uma *qualidade* suspeita. O Partido não lhe reconhecia a existência. A definição de indivíduo era: uma multidão de um milhão dividido por um milhão.

O Partido rejeitava o livre arbítrio do indivíduo - mas ao mesmo tempo cobrava dele disposição para se autossacrificar. Rejeitava sua capacidade de escolher entre duas alternativas - e ao mesmo tempo exigia que escolhesse constantemente a correta. Rejeitava seu poder de distinguir bem e mal - e ao mesmo tempo falava pateticamente em culpa e traição. O indivíduo se punha sob o signo da fatalidade econômica, uma roda num mecanismo de relógio a que se dera corda para toda a eternidade e que não podia ser parado ou influenciado - e o Partido exigia que a roda se rebelasse contra o mecanismo e lhe alterasse o curso. Em algum ponto havia um erro de cálculo; a equação não fechava.

Durante quarenta anos Rubashov lutou contra a fatalidade econômica. Ela era a enfermidade central da humanidade, o câncer que estava corroendo suas entranhas. Era ali que se devia operar; o restante do processo curativo se seguiria. Tudo mais era diletantismo, romantismo, charlatanismo. Não se pode curar uma pessoa mortalmente doente por meio de exortações pias. A única solução era o bisturi do cirurgião e sua fria avaliação. No entanto, onde o bisturi fora aplicado, uma nova ferida surgira no lugar da antiga. E mais uma vez a equação não fechava.

Durante quarenta anos ele viveu estritamente segundo os mandamentos do Partido, obediente às regras de cálculo lógico. Queimou da consciência os resquícios da moralidade

velha e ilógica com o ácido da razão. Afastou-se das tentações do parceiro silencioso, e lutou com todas as forças contra o “sentimento oceânico”. E para onde tudo isso o havia levado? Premissas de uma verdade irreprochável produziram um resultado completamente absurdo; as irrefutáveis deduções de Ivanov e Gletkin o conduziram diretamente ao estranho e fantasmagórico jogo do julgamento público. Talvez não fosse apropriado para um homem pensar cada pensamento até sua conclusão lógica.

Rubashov olhava pelas barras da janela aquele pedacinho azul de céu sobre a torre de artilharia. Agora, revendo o passado, tinha a impressão de ter levado quarenta anos cometendo barbaridades – barbaridades da razão pura. Talvez não fosse interessante para o homem se ver completamente livre de antigas amarras, dos freios seguros do “Não deve” e do “Não pode”, e ter permissão para arremeter diretamente rumo ao alvo.

O azul começava a virar rosa, ia anoitecendo; em volta da torre um bando de pássaros pretos voava em círculos, batendo lenta e pausadamente as asas. Não, a equação não fechava. Obviamente que não bastava direcionar os olhos do homem para um alvo e pôr um bisturi em suas mãos; não era conveniente que ele fizesse experiências com um bisturi. Talvez mais tarde, algum dia... Por ora, ainda era jovem e inábil demais. Como se enfureceu no grande campo experimental da Pátria da Revolução, o Bastião da Liberdade! Gletkin justificava tudo que aconteceu recorrendo ao princípio de que o bastião devia ser protegido. Mas como ele era por dentro? Não, não se pode edificar o Paraíso com cimento armado. O bastião seria preservado, mas não tinha mais uma mensagem, nem um exemplo a dar ao mundo. O regime do Nº 1 conspurcara o ideal do Estado Social, tal como alguns papas medievais haviam conspurcado o ideal de um Império Cristão. A bandeira da Revolução se achava a meio mastro.

Rubashov perambulava pela cela silenciosa e quase às escuras. Não demoraria muito para que o viessem buscar. Havia um erro em algum ponto da equação, ou melhor, no sistema inteiro do pensamento matemático. Há muito tempo que ele já havia percebido isso, desde a história de Richard e da *Pietá*, mas nunca ousara admiti-lo inteiramente para si mesmo. Talvez a Revolução tivesse ocorrido cedo demais, um aborto com os membros monstruosos, deformados. Talvez tudo tivesse sido um grande erro de *timing*. A civilização romana também deu a impressão de haver fracassado ainda cedo, já no primeiro século a. C.; parecia podre até a medula, assim como a nossa hoje; à época, também, os melhores acreditavam que era chegado o momento para uma grande mudança; e, no entanto, o velho e cansado mundo resistiu por mais quinhentos anos... A História tem um ritmo lento; o homem conta o tempo em anos, e ela, em gerações. Talvez ainda fosse apenas o segundo dia da criação. Como ele gostaria de viver para elaborar sua teoria da maturidade relativa das massas!...

Estava tudo silencioso na cela. Rubashov ouvia somente o ranger dos próprios passos nas lajotas. Seis e meio até a porta, por onde entrariam para buscá-lo, seis e meio até a janela, atrás da qual a noite caía. Logo tudo estaria terminado. Mas quando se perguntava: Por que mesmo você está morrendo? Não achava resposta.

Era alguma falha no sistema; talvez ela se localizasse no preceito que até agora ele havia considerado incontestável, pelo qual sacrificara outras vidas e ele próprio estava sendo sacrificado: no preceito de que os fins justificam os meios. Era essa frase que estava matando a grande fraternidade da Revolução e fazendo com que eles cometessem barbaridades. O que ele escrevera certa vez em seu diário? “Jogamos ao mar todas as convenções, o único princípio que nos guia é o da lógica consequente; estamos navegando sem lastro ético.”

Talvez estivesse aí o coração do mal. Talvez não fosse conveniente a humanidade navegar sem lastro. E talvez a razão, por si só, fosse uma bússola defeituosa, que indica um caminho tão tortuoso e cheio de curvas que o alvo acaba sumindo em meio à névoa.

Talvez agora tenha chegado o tempo da grande treva.

Talvez mais tarde, bem mais tarde, um novo movimento possa surgir - com novas bandeiras, com um novo espírito cômico da fatalidade econômica e do "sentimento oceânico". Talvez os membros do novo partido usem capuzes de monges e saiam pregando que só a pureza de meios pode justificar os fins. Talvez ensinem que é errado o princípio segundo o qual o homem é o produto de um milhão dividido por um milhão, e introduzam um tipo novo de aritmética, baseado na multiplicação: na união de um milhão de indivíduos para formar uma nova entidade que, não mais mera massa amorfa, irá desenvolver uma consciência e uma individualidade próprias, com o "sentimento oceânico" ampliado um milhão de vezes, num espaço ilimitado mas autocontido.

Rubashov parou de caminhar e prestou atenção. O som abafado de um rufar de tambores soou pelo corredor.

### 3.

O rufar de tambores soava como se trazido de longe pelo vento; ainda distante, chegando mais perto. Rubashov não se mexeu. As pernas sobre as lajotas não mais se submetiam à sua vontade; sentia a força da gravidade da terra subindo lentamente por elas. Deu três passos para trás até a janela, sem tirar os olhos da vigia. Respirou fundo e acendeu um cigarro. Ouviu um barulho seco na parede ao lado do catre:

ESTÃO PEGANDO O LÁBIO LEPORINO. ELE LHE MANDA SAUDAÇÕES.

A sensação de peso nas pernas desapareceu. Rubashov foi até a porta e começou a bater rápida e ritmadamente na superfície metálica com as palmas das mãos. Transmitir a notícia ao 406 já não fazia sentido. A cela estava vazia; a corrente se partia ali. Rubashov bateu e colou o olho à vigia.

No corredor a luz elétrica mortiça ardia, como sempre. Ele via as portas de ferro das celas 401 a 407, como sempre. O rufar de tambores se avolumava. Passos vinham se arrastando devagar, podiam ser ouvidos nitidamente nas lajotas. De repente Lábio Leporino entrou no campo de visão da vigia. Ali estava ele, com os lábios tremendo, tal como sob a luz da lâmpada refletora na sala de Gletkin; com as mãos para trás, algemadas, numa posição particularmente torta. Não podia ver o olho de Rubashov colado à vigia e olhava para a porta com as pupilas dilatadas, como se a última esperança de salvação se achasse do outro lado dela. Então foi dada uma ordem, e Lábio Leporino se virou obedientemente para partir. Atrás dele vinha o gigante uniformizado de revólver na cinta. Os dois desapareceram do campo de visão de Rubashov, um após o outro.

O rufar de tambores cessou; tudo ficou em silêncio novamente. Da parede ao lado do catre veio o som de batidas leves:

ELE SE COMPORTOU MUITO BEM...

Desde o dia em que Rubashov informara o 402 de sua capitulação, os dois não se falavam. O 402 prosseguiu:

VOCÊ AINDA TEM UNS DEZ MINUTOS. COMO SE SENTE?

Rubashov entendeu que o 402 puxava conversa para tornar sua espera mais fácil. Era-lhe grato por isso. Sentou-se no catre e bateu de volta:

GOSTARIA QUE JÁ TIVESSE ACABADO...

NÃO VAI ARRIAR AS CALÇAS, bateu o 402. NÓS SABEMOS QUE VOCÊ É UM CARA DANADO... Fez uma pausa, e em seguida, rapidamente, repetiu as últimas palavras: UM CARA DANADO... Estava ansiosamente tentando não deixar morrer a conversa. LEMBRA?: SEIOS FEITO TAÇAS DE CHAMPANHE? HA-HA! CARA DANADO...

Rubashov escutou um som no corredor. Não se ouvia nada. O 402 pareceu adivinhar-lhe os pensamentos, pois imediatamente bateu de novo:

NÃO SE PREOCUPE. EU DIGO QUANDO ESTIVEREM VINDO... O QUE VOCÊ FARIA SE FOSSE PERDOADO?

Rubashov pensou um pouco. Depois bateu:

ESTUDARIA ASTRONOMIA.

HA-HA! EU TAMBÉM, QUEM SABE? DIZEM QUE TALVEZ OUTRAS ESTRELAS SEJAM HABITADAS... POSSO LHE DAR UM CONSELHO?

CLARO, respondeu Rubashov, meio surpreso.

MAS NÃO LEVE A MAL. SUGESTÕES TÉCNICAS DE UM SOLDADO. ESVAZIE A BEXIGA. É SEMPRE MELHOR NESSES CASOS. O ESPÍRITO ESTÁ PREPARADO, MAS A CARNE É FRACA. HA-HA!

Rubashov deu um sorriso e obedientemente foi até à latrina. Depois se sentou novamente no catre e bateu:

OBRIGADO, ÓTIMA IDEIA. E QUAIS AS SUAS EXPECTATIVAS?

O 402 ficou em silêncio durante alguns segundos. Depois bateu, bem mais devagar do que antes:

MAIS DEZOITO ANOS, NÃO É MUITA COISA, SÓ 6530 DIAS... Fez uma pausa e acrescentou:

TENHO MUITA INVEJA DE VOCÊ. E em seguida, após outra pausa: JÁ PENSOU? MAIS 6530 NOITES SEM MULHER...

Rubashov não respondeu. Em seguida bateu:

MAS VOCÊ PODE LER, ESTUDAR...

NÃO TENHO CABEÇA PARA ISSO, bateu o 402. E em seguida, alta e apressadamente: ESTÃO VINDO...

Parou, mas segundos depois acrescentou:

LAMENTO. NOSSO PAPO ESTAVA TÃO AGRADÁVEL...

Rubashov se levantou do catre. Pensou um momento e bateu:

VOCÊ ME AJUDOU MUITO. OBRIGADO.

A chave girou na fechadura. A porta se escancarou. Do lado de fora estavam o gigante uniformizado e um homem à paisana. O homem em trajes civis chamou Rubashov pelo nome e declamou o texto de um documento. Enquanto punham seus braços para trás e o algemavam, Rubashov ouviu as batidas apressadas do 402:

TENHO INVEJA DE VOCÊ. INVEJA. ADEUS.

Do lado de fora, no corredor, o rufar de tambores recomeçou. Acompanhou-os até chegarem ao salão do barbeiro. Rubashov sabia que por trás de cada porta de ferro um olho o mirava pela vigia, mas não virou a cabeça nem para a esquerda, nem para a direita. As algemas lhe estavam esfolando os pulsos; o gigante as apertara demais e forçara seus braços ao torcê-los para trás; estavam doendo.

A escada para o porão agora já estava à vista. Rubashov retardou as passadas. O civil parou no alto da escada. Era baixinho e tinha olhos ligeiramente protuberantes. Perguntou:

- Você tem algum outro desejo?

- Nenhum - disse Rubashov, e começou a descer os degraus. O civil permaneceu no alto da escada olhando-o com os olhos esbugalhados.

Os degraus eram estreitos e mal iluminados. Rubashov tinha que ter cuidado para não tropeçar, já que não podia segurar no corrimão. O rufar havia cessado. Ouviu o homem de uniforme descendo três degraus atrás dele.

A escada fazia uma espiral. Rubashov se curvou para diante para ver melhor; o *pince-nez* se despreendeu do seu rosto e caiu no chão dois degraus abaixo; estilhaçando-se, seguiu repicando até parar no último degrau. Rubashov hesitou por um instante; depois desceu meio às cegas o restante dos degraus. Ouviu o homem às suas costas se abaixar e pôr no bolso o *pince-nez* quebrado, mas não virou a cabeça.

Estava quase cego, mas agora tinha de novo chão firme sob os pés. Um longo corredor o recebeu; as paredes estavam fora de foco e ele não conseguia ver o final. O homem de uniforme mantinha-se sempre a três passos de distância. Rubashov sentiu seu olhar na nuca, mas não virou a cabeça. Cautelosamente, ia pondo um pé à frente do outro.

Teve a impressão de que já estavam caminhando por aquele corredor havia alguns minutos. Nada ainda acontecera. Provavelmente ouviria quando o homem de uniforme sacasse o revólver do coldre. Portanto até então havia tempo, ainda estava a salvo. Ou será que o homem às suas costas se comportava como os dentistas, que escondiam os instrumentos na manga ao se curvar sobre o paciente? Rubashov procurou pensar em outra coisa, mas precisou concentrar toda a atenção para não virar a cabeça.

Estranho a dor de dente ter passado no exato minuto em que aquele bendito silêncio se instalara à sua volta, durante o julgamento... Talvez o abscesso tivesse se rompido naquela hora. O que ele dissera ali? “Ajoelho-me perante o país, as massas e todo o povo...” E agora? O que seria das

massas, de todo esse povo? Durante quarenta anos fora conduzido através do deserto, com ameaças e promessas, com terrores imaginários e recompensas imaginárias. Mas onde afinal ficava a Terra Prometida?

Haveria mesmo algum objetivo para essa humanidade errante? Esta era uma questão para a qual ele gostaria de ter uma resposta antes que fosse tarde demais. Moisés também não tivera permissão para entrar na terra prometida. Mas foi-lhe permitido vê-la, do alto da montanha, estendida a seus pés. Assim era fácil morrer, com a certeza visível do objetivo alcançado diante dos olhos. Já ele, Nicolas Salmanovich Rubashov, não fora levado ao alto de uma montanha; e para qualquer ponto que olhasse, via apenas o deserto e a escuridão da noite.

Sentiu um golpe seco na nuca. Tanto tempo esperando por isso e, no entanto, ainda o pegava desprevenido... Surpreso, sentiu os joelhos bambos e o corpo dar meia-volta. "Teatral demais", pensou ao cair, "mas não estou sentindo nada." Desabou no chão, com o rosto nas lajotas frias. Tudo escureceu, o mar o levava boiando em sua superfície noturna. Via-se cortado por lembranças, como se fossem camadas de névoa sobre a água.

Do lado de fora, alguém estava batendo à porta da frente, ele sonhava que vinham prendê-lo; mas em que país estava?

Fez um esforço para passar o braço pela manga do roupão. Mas de quem seria aquele retrato colorido que olhava para ele, pendurado sobre sua cama?

Do Nº 1 ou do outro - o do sorriso irônico ou o de olhar inexpressivo?

Um vulto impreciso se debruçou sobre ele; sentiu o cheiro de couro novo do cinturão do revólver. Mas que insígnia era aquela que o vulto usava nas mangas e nos tirantes dos ombros do uniforme - e em cujo nome se erguera o cano da pistola escura?

Um segundo golpe, formidável, o atingiu no ouvido. Tudo então ficou em silêncio. Só o mar novamente com seus sons. Uma onda o ergueu lentamente. Vinha de longe, e serenamente seguiu seu curso, com a indiferença da eternidade.

Este livro — composto em Dante MT Std e  
DK PI no corpo 12/1 — foi impresso sobre papel  
Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup> pela Geográfica — SP, Brasil.